

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

FLORENTINA DAS NEVES SOUZA

O Jornal Nacional e as eleições presidenciais

2002 e 2006

**São Paulo
2007**

FLORENTINA DAS NEVES SOUZA

**O *JORNAL NACIONAL* E AS ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS**

2002 e 2006

Tese apresentada ao curso de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração – Estudo dos Meios e da Produção Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Laurindo Leal Filho

**São Paulo
2007**

Folha de Aprovação

Florentina das Neves Souza

O *Jornal Nacional* e as Eleições Presidenciais: 2002 e 2006

Tese apresentada ao curso de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração – Estudo dos Meios e da Produção Midiática

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

*Aos meus filhos
João Lucas e Ana Clara*

Agradecimentos

A Deus

A minha família, em especial ao João

Ao meu orientador Prof. Dr. Laurindo

Aos amigos Ivete, Paulo e Tânia

Aos amigos do Departamento de Comunicação da UEL

Ao José de Arimathéia

Ao NEAMP na pessoa da Prof^a Dra. Vera Chaia

Ao Luiz,

Noeli e Sérgio pelas gravações

RESUMO

SOUZA, Florentina das Neves. **O *Jornal Nacional* e as Eleições Presidenciais: 2002 e 2006.** 2007 - Tese (doutorado) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

Analisa o conteúdo do *Jornal Nacional* na cobertura das eleições presidenciais de 2002 e 2006. Verifica qual foi o papel do maior telejornal do Brasil nas duas eleições. A partir de conceitos e modelos de pesquisa desenvolvidos pelos principais Institutos de Mídia e Política do Brasil, reúne elementos quantitativos e qualitativos para identificar a construção pelo *Jornal Nacional* do cenário político das eleições. A pesquisa revelou um equilíbrio quantitativo na cobertura do telejornal em 2002 e em parte da campanha de 2006, mas mostrou também a desconstrução de candidatos por meio do noticiário. A discussão em torno do papel do *Jornal Nacional* começa necessariamente pela discussão do desempenho do noticiário e da Rede Globo durante outros momentos politicamente fortes desde a ditadura militar, portanto a pesquisa relata episódios e mostra aspectos do relacionamento entre televisão e o poder político no Brasil.

Palavras-chave: *Jornal Nacional*. Eleições. Televisão. Política

ABSTRACT

SOUZA, Florentina das Neves. The *Jornal Nacional* and The Presidential Elections: 2002 e 2006. 2007 – Thesis (doutorado)- Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2007.

It examines the contents of *Jornal Nacional* in covering the presidential elections from 2002 and 2006. It verifies the role of the major Brazilian TV broadcast news in both elections. It gathers quantitative and qualitative elements to identify the construction of the political scene of the elections made by *Jornal Nacional*, departing from concepts and research models developed by the main Brazilian institutes of media and politics. The research revealed a quantitative balance in the coverings of the TV broadcasting news in 2002, and part of 2006 campaign as well. However, it also depicted the disarticulation of the candidates' image throughout the news. The discussion about the role of *Jornal Nacional* necessarily starts by analyzing the performance by the broadcasting news and by *Rede Globo* during the other politically strong periods since the military dictatorship. Therefore the research reports episodes and aspects of the relationship between the television and the political power in Brazil.

Key-words: *Jornal Nacional*. Elections. Television. Politics

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos Candidatos à Presidência - 2002	75
Tabela 2 - Resultado da Eleição – 1º Turno - 2002	76
Tabela 3 - Resultado da Eleição – 2º Turno - 2002	76
Tabela 4 - Relação dos Candidatos à Presidência - 2006	88
Tabela 5 - Resultado da Eleição – 1º Turno - 2006	89
Tabela 6 - Resultado da Eleição – 2º Turno - 2006	89
Tabela 7 - Matérias Sobre os Candidatos – Eleições 2006 - nos Jornais	91
Tabela 8 - Número de Matérias em Jornais por Candidatos	91
Tabela 9 - Telejornais e Percentual da Amostra - 2002	101
Tabela 10 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 1º Período	104
Tabela 11 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 1º Período	105
Tabela 12 - Valência das Matérias por Candidato 1º Período	106
Tabela 13 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 2º Período	114
Tabela 14 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 2º Período	115
Tabela 15 - Valência das Matérias por Candidato 2º Período	116
Tabela 16 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 3º Período	130
Tabela 17 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 3º Período	130
Tabela 18 - Valência das Matérias por Candidato 3º Período	131
Tabela 19 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 4º Período	138
Tabela 20 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 4º Período	138
Tabela 21 - Valência das Matérias por Candidato 4º Período	139
Tabela 22 - Telejornais e o Percentual da Amostra -2006	145
Tabela 23 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 1º Período	146
Tabela 24 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 1º Período	148

Tabela 25 - Valência das Matérias por Candidato 1º Período	149
Tabela 26 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 2º Período	160
Tabela 27 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 2º Período	161
Tabela 28 - Valência das Matérias por Candidato 2º Período	162
Tabela 29 - Número e Tempo de Matérias por Candidato 3º Período	178
Tabela 30 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato 3º Período	179
Tabela 31 - Valência das Matérias por Candidato 3º Período	180
Tabela 32- Nº, Tempo e Valências de Matérias por Candidato -13 a 30/09	189
Tabela 33 - Número e Tempo de Matérias por Candidato - 4º Período	213
Tabela 34 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato - 4º Período	214
Tabela 35 - Valência das Matérias por Candidato - 4º Período	215

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 TELEVISÃO E PODER	19
2.1 Quadro Histórico Institucional	19
2.2 As Relações entre Televisão e a Política No Brasil	31
2.3 Rede Globo	41
2.3.1 O Início do Relacionamento Político	42
2.3.2 Time – Life	46
2.3.3 A Interferência Política	49
3 O JORNAL NACIONAL	53
3.1 O Jornal Nacional na Política	58
3.1.1 A Omissão na Cobertura Das <i>Diretas Já</i>	59
3.1.2 A Cobertura das Eleições De 1982	61
3.1.3 Eleições 1989	65
3.1.4 Queda de Collor	69
3.1.5 Eleições de 1994 E 1998	70
4 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2002	72
4.1 O Contexto Político	72
4.2 A Cobertura da Mídia	77
4.3 O Papel do Jornal Nacional nas Eleições 2002	80
5 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2006	83
5.1 O Contexto Político	83
5.2 A Cobertura da Mídia	90
5.3 O Papel do <i>Jornal Nacional</i> nas Eleições 2006	96
6 AMOSTRA 2002	101

6.1 Apresentação dos Dados	102
6. 1.1 - 1° Período - Pré-Convenção – abril – maio – junho	102
6.1.2 - 2° Período – Pós - Convenção - julho – agosto	113
6.1.3 - 3° Período –Horário Eleitoral - agosto - setembro - outubro	129
6.1.4 – 4° Período – 2° Turno	137
7 AMOSTRA 2006	144
7. 1 - Apresentação dos Dados	145
7. 1.1 - 1° Período - Pré-Convenção – abril – maio – junho	145
7. 1. 2 - 2° Período – Pós-Convenção - julho – agosto	158
7. 1. 3 - 3° Período – Horário Eleitoral e 1° Turno – agosto – setembro	177
7. 1. 4 - 4° Período - 2° Turno – outubro	213
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
Referências	231
Bibliografia Consultada	238
Anexos	243

1 INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais no Brasil são períodos importantes que envolvem toda a sociedade brasileira. É o momento no qual se evidencia o comportamento dos meios de comunicação na formação da opinião pública. Desde as eleições presidenciais de 1989, pesquisadores se dedicam a medir cientificamente o papel da imprensa em eleições.

Com o intuito também de dimensionar cientificamente o tratamento da imprensa em relação às eleições presidenciais de 2002 e 2006, foi desenvolvida esta pesquisa no âmbito do telejornalismo. O trabalho se propõe a investigar o papel do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo* de Televisão, o mais importante telejornal do país, nos referidos pleitos.

O objetivo é diagnosticar, em uma análise de conteúdo, como o *Jornal Nacional* enquadrou candidaturas, e avaliar sua possível contribuição para a formação da opinião pública e o seu respeito com os preceitos básicos da prática e da ética profissional.

A pesquisa examina a tônica da eleição presidencial no *Jornal Nacional*, tomando por base as matérias¹ exibidas pelo telejornal no período de abril a outubro de 2002 e 2006 que envolviam as palavras *eleição presidencial*, exibiam candidatos ou *falas*, mesmo que de terceiros sobre os presidentiáveis e suas ações. A investigação foi realizada em 199 telejornais, totalizando 874 matérias e cerca de 100 horas de gravação.

¹ Consideramos matérias, para efeito da análise, todas as entrevistas, reportagens e notas cobertas exibidas no período. Outros elementos como chamadas, manchetes e notas-retorno foram computadas junto as matérias, excluindo então apenas as notas ao vivo.

As hipóteses que norteiam o trabalho são:

- O *Jornal Nacional* enquadrou a eleição de acordo com o seu ponto de vista e sua linha editorial;
- O telejornal mostrou uma cobertura parcial, sendo importante no resultado das eleições;
- Antes mesmo do início da campanha, o *Jornal Nacional* já construía um cenário específico para beneficiar candidatos;
- O *Jornal Nacional* privilegiou candidatos levando interpretações de fatos ao telespectador;
- O *Jornal Nacional* marginalizou candidatos ao excluir pontos de vista importantes e valorizar momentos degradantes de cada um.

Em 1989, a cobertura das eleições presidenciais no Brasil, principalmente no segundo turno, passou a ser objeto de discussão pelos críticos da mídia no episódio envolvendo a edição do debate entre os dois candidatos no segundo turno, exibida no *Jornal Nacional* da *Rede Globo* na véspera da eleição e que teria favorecido o candidato Fernando Collor de Melo.

A cobertura da eleição presidencial de 1989 foi a primeira depois de 20 anos de existência do telejornal, já que o programa surgiu em pleno regime militar (1964 – 1985).

Esta gênese do telejornal e o passado de enquadramentos unilaterais em coberturas políticas favorecendo candidatos, aliados com o poder político em vigor, levantaram as hipóteses de que a partir de 1989 toda a cobertura eleitoral poderia ser enviesada. Antes mesmo do debate que culminou com o encerramento da cobertura de 1989, uma pesquisa do Instituto Datafolha já havia

detectado uma cobertura desigual entre os dois candidatos. "Enquanto Collor teve 21,5% do tempo no *Jornal Nacional*, entre 28 de agosto e 29 de novembro, Lula obteve apenas 9%".²

Em 1994, a abordagem do JN mostrou um governo fortalecido pelo "Plano Real", destacando matérias que favoreciam indiretamente a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, criador do Plano e da moeda.

No entanto, em 1998, em nome da "estabilidade", a mídia foi praticamente omissa quanto à eleição presidencial e a pouca cobertura do *Jornal Nacional* foi feita acerca de agendas de campanhas, matérias políticas e econômicas do governo. A idéia era enfraquecer o debate político e eleger um segundo mandato para Fernando Henrique Cardoso.³

A análise da cobertura da eleição presidencial de 2002 e 2006 pelo *Jornal Nacional* está baseada no conceito de enquadramento, grau de visibilidade e valência atribuída a cada candidato. Foi feito um levantamento do número de matérias; tempo de cada uma; tempo da *fala* do candidato; e uma verificação do conteúdo com a classificação como matéria positiva, negativa ou neutra.

A *amostra* representa 60 % das edições exibidas nas duas eleições no período de final de abril, antes das convenções, a outubro, após o segundo turno.

² Rubim, Antonio Canelas. *Comunicação Espaço Público e eleições presidenciais*. In: **Comunicação e Política**, vol 9. São Paulo: 1989, p.17

³ Pesquisas sobre as eleições de 1994 e 1998 que apontam tais hipóteses estão entre os estudos publicados na revista: *Textos de Cultura e Comunicação*. Salvador, 1995, nº 33 e em COLLING, Leandro. **Agendamento, enquadramento e silêncio no Jornal Nacional das eleições presidenciais de 1998**. Salvador, UFBA. (dissertação de mestrado) 2000.

A metodologia aplicada no desenvolvimento da investigação dos telejornais observa os trabalhos dos principais grupos que pesquisam a mídia e eleições no país. Destacamos:

O laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública – DOXA - do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) da Universidade Candido Mendes que trabalha com o conceito de valência;

Os Núcleos de Estudos em Artes, Mídia e Política - NEAMP - da PUC de São Paulo e Estudos de Mídia e Política - NEMP- da UNB, que utilizam, além das valências, o conceito de enquadramento.

Observamos ainda, para a pesquisa nas eleições de 2002, estudos do Centro de Estudos Avançados de Cultura - CULT - da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e, para a eleição de 2006, pesquisa do Observatório Brasileiro de Mídia, associado à *Media Watch Global*, que utiliza como referencial a metodologia dos núcleos de pesquisa já citados.

A definição de *enquadramento* da notícia, usado pelos pesquisadores dos núcleos de pesquisa é fundamentada no conceito de Robert Entman.⁴

Porto⁵ ainda divide framing ou enquadramento em: enquadramentos noticiosos e interpretativos.

⁴ No texto *Framing: Toward Clarification of a fractures paradigm*, in M. Levy and Gurevitch, eds, *Defining Media Studies*. New York: Oxford University, p.331. Entman define enquadramento como: enquadrar é selecionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação causal, de uma avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento para o tema descrito.

⁵ PORTO, Mauro. A Televisão e o Primeiro Turno das Eleições Presidenciais de 2002: Análise do *Jornal Nacional* e do Horário Eleitoral. Relatório do Projeto Mídia, Política e Eleições: A Produção e a Recepção dos Enquadramentos da Mídia. NEMP – UNB, Brasília, 2002.

O enquadramento noticioso se refere aos padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizada por jornalistas para organizar seus relatos. É comum, segundo Porto, identificar no telejornalismo o enquadramento interpretativo nas sonoras.⁶

O *enquadramento* é uma forma de avaliar como se dá a relação mídia e política, ou seja, como a televisão, no caso, é usada como instrumento de poder e não como transmissão de informação de forma objetiva e imparcial.

O modelo da valência é muito utilizado pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública - *DOXA*. O Laboratório do IUPERJ desenvolve pesquisas eleitorais em jornais. São estudos que acompanham a quantidade de vezes em que o nome de cada candidato aparece no noticiário e a valência atribuída a ele.

Os pesquisadores do *DOXA* classificam as valências de acordo com o seu potencial para a candidatura. Os critérios são:

Valência Positiva - Quando a matéria sobre determinado candidato reproduz suas promessas, programa de governo, declarações ou ataques a concorrentes. Inclui matérias que destacam os resultados favoráveis de pesquisas de intenção de voto;

Valência Negativa - Quando a matéria reproduz ressalvas, críticas ou ataques de candidatos concorrentes ou de terceiros ao candidato. Inclui matérias que destacam os resultados desfavoráveis de pesquisas de intenção de voto;

⁶ Sonora é um termo usado para designar uma fala da entrevista, segundo Vera Íris Paternostro no livro "O Texto na TV". São Paulo: Campus, 1999, p. 151.

Valência Neutra - Quando a matéria se restringe a apresentar a agenda do candidato ou citações sem avaliação moral, política ou pessoal sobre os candidatos.⁷

O estudo a partir de uma classificação de valência das matérias é uma forma de medir qual o espaço dado a um ou outro candidato, ou seja, qual o papel do telejornal e a quem ele está favorecendo.

Este tipo de avaliação de conteúdo, atribuindo valores possíveis (positivo, neutro, negativo), também foi desenvolvido no trabalho coordenado pelo professor José Coelho Sobrinho no projeto do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da USP.

Os critérios são um pouco mais generalizados daqueles apresentados anteriormente: positivo, se a matéria tem potencial de agregar votos; negativo, se tem potencial para retirar votos; neutro, se não conduz a nenhuma das situações anteriores.

Na análise de conteúdo buscamos subsídios nestas metodologias para identificar o espaço dado, pelo telejornal, para cada candidato e a valência das notícias a eles destinadas. Nossa pesquisa é um estudo diário do conteúdo das matérias utilizando métodos quantitativos e qualitativos. Entendemos que muitas vezes poderemos entrar em caminhos próximos à Análise de Discurso, mas fomos cautelosos para não desviar do nosso objetivo e metodologia.

Em cada eleição foram analisados telejornais a partir do mês de abril até o final do segundo turno em quatro períodos: antes do registro das

⁷ Dentro da sistemática de trabalho para o jornal impresso, o Laboratório ainda dá a seguinte orientação:

Quando uma matéria tem elementos positivos e negativos, prevalece: positiva, se há mais elementos positivos do que negativos; negativa, se há mais elementos negativos do que positivos; neutra, se há equilíbrio entre os elementos positivos e negativos. 2. Elementos editoriais de destaque, como títulos, subtítulos e legendas, por exemplo, prevalecem sobre o corpo da matéria Disponível em www.doxa.iuperj.br.

candidaturas, no período inicial da campanha até a entrada do horário eleitoral gratuito, da entrada do horário eleitoral até o final do primeiro turno e segundo turno. Os telejornais de cada período foram escolhidos aleatoriamente.

Antes da apresentação dos dados na *amostra*, buscou-se, a partir da análise de alguns fatos, a relação da política com a mídia no Brasil. O conteúdo compõe o primeiro capítulo. O capítulo seguinte relata um histórico de episódios envolvendo a TV *Globo* e eleições, o perfil do *Jornal Nacional*, suas atitudes e influências políticas ao longo da História.

Nos próximos capítulos são apresentadas as duas eleições; o contexto político, a participação da mídia e particularmente do *Jornal Nacional*. A parte seguinte sumaria a análise de conteúdo dos 98 telejornais estudados nas eleições de 2002 e, por fim, os dados referentes à amostra da eleição de 2006, seguindo-se uma conclusão em que, à luz da análise realizada, identifica como o *Jornal Nacional* se comportou e qual foi seu compromisso nas últimas eleições.

2 TELEVISÃO E PODER

2.1 Quadro Histórico Institucional

Para a apresentação dos dados e análise da cobertura do *JN* nas eleições presidenciais de 2002 e 2006 é necessário, em princípio, conhecer o perfil do noticiário mais assistido pelo telespectador brasileiro, além de observar seu comportamento em momentos decisivos da política brasileira. Para tal pesquisa, é necessário buscar de forma mais ampla como se dá a ligação da televisão com o poder. Este primeiro capítulo trata, então, das relações entre os meios de comunicação, com ênfase na televisão, o poder político e a democracia.

No quadro apresentado é possível perceber o quanto a televisão - na sua história e estrutura institucional - se torna, muitas vezes, o próprio poder. Se, por um lado, a mídia é um dos instrumentos de fortalecimento da democracia, por outro também pode ser aparelho de divulgação e manutenção da ideologia dominante.

A TV prevalece como a mídia com o maior poder de influência em todo o mundo, mas é no Brasil que ela se torna mais forte. A presença da televisão na vida das pessoas chega a ser desproporcional em relação a outros meios, atribuindo-lhe status de veículo monopolizador.

O IBGE apontou que em 2005 91,4% dos domicílios brasileiros possuíam pelo menos um aparelho de televisão, enquanto o rádio, existia em 88% dos domicílios e a internet em 13%. Uma pesquisa divulgada pelo Instituto Ipsos

Marplan revelou que 97% dos brasileiros acima de 10 anos assistem à televisão pelo menos uma vez por semana.⁸

O poder de penetração da TV no Brasil, onde 11% de habitantes não têm qualquer escolaridade pode transformá-la em agente controlador de idéias e responsável pelo *agendamento* do pensamento público.⁹

A força da televisão é tão acentuada que, em seu estudo, Ianni a denomina o *Príncipe Eletrônico*, comparando-a ao *Príncipe* de Maquiavel e *O Moderno Príncipe* de Gramsci.¹⁰ Se para Maquiavel o príncipe é uma pessoa, um líder ou um político, e para Gramsci é a organização política, o *Príncipe Eletrônico* “é como uma entidade que está presente em todos os níveis da sociedade. É o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder”.

É óbvio que o príncipe eletrônico não é nem homogêneo nem monolítico, tanto em âmbito nacional como mundial. Além da composição evidente ou implícita entre os meios de comunicação de massas, ocorrem freqüentes irrupções de fatos, situações, relatos, análises, interpretações e fabulações que pluralizam e democratizam a mídia. Sem esquecer que são inúmeros intelectuais de todos os tipos que diversificam e pluralizam, enriquecem e democratizam a mídia (Ianni, 2000, p.148).

Argumenta Ianni (2000, p.149-150) que a televisão é um meio de comunicação, informação e propaganda presente e ativo no cotidiano de indivíduos e coletividades, e em todo o mundo

⁸ Pesquisa disponibilizada pelo IBGE no endereço eletrônico <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/>. Acesso em 24 de abril de 2007 .

⁹ Dados coletados no site: www.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2006/Tabelas/

¹⁰ Análise dos dois pensadores sobre a teoria e prática da política e encontrada em: *Maquiavel. O Príncipe*, trad.de Mario Celestino da Silva, 2ª ed., Rio de Janeiro, Vecchi,1964; e *Maquiavel a Política e o Estado Moderno*, trad. de Luiz Mário Gazzaneo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser a realidade e o imaginário. Muitas vezes transforma a realidade, seja em algo encantado seja em algo escatológico, em geral virtualizando a realidade em tal escala que o real aparece como forma espúria do virtual.

As relações da imprensa escrita, rádio e televisão com o sistema político são conduzidas, em cada país, de acordo com a estrutura interna de seu sistema de mídia. No Brasil, o vínculo da televisão com o poder político é mais acentuado em função da origem e organização dos meios de comunicação eletrônicos. A dependência do Estado, por causa das concessões, torna os mais suscetíveis.

A História revela que os momentos mudam, há avanços, partidos e líderes que se revezam no poder, mas a televisão brasileira mantém sua dependência e sua característica governista. Não apenas pelas “amarras” provocadas pelo sistema de concessões, mas pelo atrelamento publicitário, no qual o maior investidor é o Governo. Kehl (1980, p.18) relata que

A televisão é o aparelho reproduzidor de ideologia por excelência, o mais ágil, o mais eficaz por suas próprias características como veículo e pela relação íntima que mantém com a produção e consumo e bens materiais na sociedade, pois sobrevive e enriquece exclusivamente da publicidade.

Esta condição de aparelho reproduzidor de ideologia já foi atribuída ao rádio, que serviu como instrumento de manutenção do Estado na Era Vargas. Para Capparelli e Lima, durante os 15 anos de regime autoritário (1930 - 1945), Getúlio Vargas utilizou-se do rádio como peça principal da engrenagem da propaganda política.

A principal emissora de rádio brasileira, a *Rádio Nacional*¹¹, era pública. Durante os anos 40 e 50 tinha a maior parte da audiência e chegava a todos os recantos do país. Era, antes de tudo, o resultado das preocupações do governo autoritário de Getúlio Vargas em dotar o país de um meio de comunicação capaz de atingir os lugares mais distantes para reforçar sua aliança com setores populares e foi com o favoritismo político no rádio que surgiram as licenças para exploração de canais sem regras (Capparelli e Lima, 2004, p.64).

O discurso do governo no Estado Novo era, segundo Ortiz (1994, p.53) de que a radiodifusão livre poderia ser prejudicial, mas, ao mesmo tempo, uma radiodifusão exclusivamente oficial era uma estratégia considerada precoce para a época.

[...] vamos descobrir agora razões econômicas que impedem o Estado de assumir gastos com uma operação que deveria possuir uma envergadura nacional. Talvez pudéssemos acrescentar ainda motivos de ordem política, pois o governo de Getúlio, apesar da sua tendência centralizadora, tinha que compor com as forças sociais existentes (neste caso, o capital privado, que possuía interesses concretos no setor de radiodifusão).

Leal Filho (2004, p.42) ressalta que a radiodifusão no Brasil nasceu “sob o ideal do serviço público, longe do Estado e da iniciativa privada”. No entanto, acabou comercial com o apoio direto do Estado, por meio de decreto presidencial em 1932. “Está aí a gênese das promíscuas relações Estado-televisão presentes até hoje na cena política brasileira e consolidadas durante os governos da ditadura militar” .

A *barganha*, moeda de troca ou rede de clientelismo hoje institucionalizada entre o poder público e os donos de emissoras de rádio e televisão, assinala Leal Filho, teve sua arrancada nos anos 30 com a colaboração do governo no desenvolvimento das empresas de comunicação privadas. Mas foi no período pós-64 que esse favoritismo atingiu seu apogeu.

¹¹ A Rádio Nacional foi inaugurada em 14 de setembro de 1936 no Rio de Janeiro e foi encampada pelo governo federal em 8 de março de 1940.

Se Vargas soube usar com eficiência o rádio e o cinema para subordinar as oligarquias regionais ao seu projeto, os generais de 64 vão montar uma sofisticada rede de telecomunicações capaz de servir como um dos principais sustentáculos para sua política autoritária e centralizadora (Leal Filho, 1988, p. 31,32).

Nos primeiros 15 anos do governo Getúlio Vargas¹² (1930 - 1945), foram estabelecidas as primeiras leis e regulamentações para a área de radiodifusão. No período do *Estado Novo* - entre 1937 e 1945 - a regulamentação do rádio permaneceu em vigor e durou mais de 20 anos. Até 1951 apenas dois textos legais regeram o setor da radiodifusão no país: o Decreto nº 20.047, de maio de 1931, que estabelecia novas normas para os serviços de Radiotelegrafia e Radiotelefonia, e o Decreto nº 21.111, de março de 1932, que estabelecia normas para os serviços de radiocomunicação no território nacional (Moreira, 1996, p.37).

Entre as novas diretrizes do regime adotado por Getúlio Vargas estava um decreto que trouxe dependência ao setor de radiodifusão e criava o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. O DIP tinha, entre suas funções, a obrigatoriedade de fazer a censura prévia de programas radiofônicos e organizar o programa *Voz do Brasil*, até hoje existente, e que mostrava o controle do rádio pelo governo.

Ainda como determinação do Decreto, o rádio deveria incentivar as relações do país com governos estrangeiros por meio de transmissões em vários idiomas e o governo deveria adquirir emissoras de rádio para reforçar a ligação do poder com a radiodifusão.

¹² Getúlio Vargas foi o líder civil da Revolução de 30 e presidente do Brasil de 1930 a 1945 no governo constitucional e no Estado Novo eleito pelo Congresso Nacional. Foi também presidente de 1951 a 1954, eleito pelo voto direto. Suicidou-se em 24 de agosto de 1954.

A chegada da televisão no Brasil, em 1950¹³, coincidiu com um intenso processo de industrialização que provocou um aumento da migração do campo para as zonas urbanas.

Em 1951, já com a televisão implantada e Getúlio Vargas novamente no poder, então pelo voto direto, estabeleciam-se alterações às leis implantadas em 1931. Moreira (1996, p.39) expõe que: “o Decreto 29.783, de julho de 1951, era restritivo, pois instituía um sistema que concedia ao governo o poder de rever as concessões a cada três anos, podendo cassá-las a qualquer momento mesmo que o prazo de concessão continuasse sendo de dez anos”. Esse decreto foi revogado em 1954, depois da morte de Getúlio Vargas.

Os Diários Associados formavam o grupo dominante quando foi aprovada, pelo Congresso, no governo de João Goulart, a Lei 4.117, que introduziu o Código Brasileiro de Telecomunicações, ainda em vigor. O Código, aprovado em 27 de agosto de 1962, regulamentava o sistema de concessões e dava esse poder total ao Executivo, deixando a distribuição de emissoras por conta do governo federal.

O projeto refletia a vontade dos proprietários das companhias de radiodifusão e do poder militar. Foi durante os debates para a criação do Código que os empresários se mobilizaram e, liderados pelo empresário João Calmon, fizeram *lobby* no Congresso. Os congressistas derrubaram os 41 vetos do governo João Goulart ao projeto e os empresários de radiodifusão acabaram formando a ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. Assim, a Associação nascia acoplada aos políticos e, como ela mesma reconhece: nos corredores do Congresso.

¹³ A televisão no Brasil foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, pelo jornalista Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados,.

O mês de novembro de 1962 representou um marco para a radiodifusão. A conquista de votos em número suficiente para a derrubada dos vetos em torno do Código Brasileiro de Telecomunicações foi árdua, até pela dificuldade de envolver os empresários nessa discussão. Pode-se dizer que os homens daquele momento histórico foram responsáveis não só pela derrubada dos vetos, como também pela formação da ABERT: (...) A ABERT nasceu nos corredores do Congresso, na luta combativa contra os vetos.¹⁴

Sobre a criação da ABERT, escreveu o professor Murilo César Ramos (2005, p.67). “Abriu-se ali o caminho para que o empresariado de radiodifusão brasileiro, que, três anos depois começaria a ganhar a liderança comercial e política das Organizações *Globo*, passasse a exercer uma hegemonia incontestada sobre o ambiente normativo do setor”.

Em 1967, em pleno regime militar, o governo de Costa e Silva anulou e substituiu artigos da lei para, além de ter controle sobre as concessões, dominar as atividades das emissoras criando o Ministério das Comunicações e o Dentel – Departamento Nacional de Telecomunicações, órgão fiscalizador do governo. Este período coincidiu com a concessão de 67 licenças para novas emissoras de TV em todo o país.

As leis que regiam as telecomunicações, até a Constituição de 1988, determinavam que as concessões de emissoras de rádio e televisão cabiam exclusivamente ao Poder Executivo. Nesta época, a troca de favores se dava diretamente entre o Presidente e o grupo interessado.

Prova disto é que só no mês que antecedeu a promulgação da Constituição, em setembro de 1988, foram negociadas 257 concessões. Costa

¹⁴ Informações disponíveis na homepage da entidade no endereço eletrônico www.abert.com.br, acesso em 24 de agosto 2006.

(2005, p.43) cita que o dia 29 daquele mês bateu recorde histórico: 59 concessões. De acordo com um levantamento da imprensa na época, 165 foram parar nas mãos de parlamentares constituintes. “O próprio presidente, na época, José Sarney se beneficiou com o esquema. Ele liberou 30 emissoras para o Maranhão, das quais 16 eram de pessoas ligadas à sua família” .

Hoje, além de permitir o “toma-lá-dá-cá” - já que as concessões são aprovadas pelo Congresso, onde boa parte dos seus membros são detentores das emissoras de rádio e televisão - o modelo brasileiro, no que tange à regulamentação do sistema, é totalmente vulnerável. Não existe um método de controle como em outros países e as concessões só podem ser cassadas ou não renovadas dependendo de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso, em votação nominal e o cancelamento da concessão antes de vencido o prazo depende de decisão judicial.¹⁵

Refletindo sobre essa questão, Vera Lopes afirma:

O resultado é que as concessões existentes ficam praticamente congeladas, gerando quase que direitos vitalícios aos concessionários da área de radiodifusão. Além disso, a exigência de votação nominal cria um fator evidente de constrangimento aos congressistas, na medida em que poderão estar contrariando interesses de empresas ou pessoas extremamente poderosas, capazes de arruinar a reputação de algum desafeto (2003, p.171).

Diante de tal quadro considera-se então que no Brasil o favorecimento é determinante na distribuição de canais. Se durante o regime militar inúmeros políticos conseguiram canais em todas as regiões do país, nos governos mais recentes as concessões serviram como moeda política na votação de emendas que favoreciam diretamente o Poder Executivo.

¹⁵ Art.223, §2º e §4º da Constituição Federal.

Além da votação da emenda constitucional, em 1988, aumentando de quatro, para cinco anos, a gestão de um presidente da República, a aprovação de outra emenda à Constituição, em 1997, que possibilitava a reeleição, foi objeto de troca. A moeda foram as estações retransmissoras: 87 políticos receberam autorização para instalar RTVs. As 268 retransmissoras foram entregues a empresas ou entidades controladas por deputados, senadores, governadores, prefeitos, ex-parlamentares e políticos sem mandatos (Brener e Costa, 1997).

As concessões não privilegiaram só congressistas. O ex-Ministro das Comunicações do governo Sarney, Antônio Carlos Magalhães, legislou em causa própria. Quando distribuiu 1.028 concessões para emissoras de rádio e televisão, em 1998, tinha oito emissoras espalhadas pelo estado da Bahia. Com este poder eletrônico conseguiu eleger governadores e deputados.

Muitos políticos, quando não são eleitos ou ajudam eleger governadores, influenciam diretamente a composição do Congresso, responsável pela aprovação das concessões. Esta teia formada pelo poder político detentor de emissoras está em pelo menos 13 estados brasileiros. Os outros se não possuem redes de emissoras de rádio e TV de propriedade de parlamentares, têm emissoras controladas por empresários que apóiam oligarquias políticas.

A concentração da mídia nas mãos de políticos e as leis impedem a democratização dos meios de comunicação e levam ao controle da informação pelo poder, mas nem a ABERT nem os detentores do poder político têm interesse em mudanças.

Em 1995, o governo de Fernando Henrique Cardoso enviou ao Congresso proposta de uma nova legislação para as telecomunicações. A Emenda

Constitucional substituiria o Código de 1962, mas a nova legislação apenas separou a radiodifusão das telecomunicações.

Outras mudanças no Código, para beneficiar os oligopólios de televisão, foram aprovadas nos últimos anos. Por exemplo, a entrada do capital estrangeiro nas empresas de comunicação ou a participação de pessoas jurídicas na direção das redes.

Ramos (2005, p. 71) lembra que em 1995 um parecer sobre a Emenda Constitucional propunha a admissão de pessoas jurídicas no controle de empresas jornalísticas de rádio e televisão. O objetivo, segundo ele, era atender à demanda do eleitorado evangélico: “Resolver a situação legal das concessões outorgadas a pastores, *testas-de-ferro* da Igreja Universal do Reino de Deus, controladora da *Rede Record* de Televisão”.¹⁶

Em 1997, o deputado Aloysio Nunes Ferreira (PSDB/SP) anexou à emenda uma outra, de sua autoria, mantendo o dispositivo de pessoa jurídica e acrescentando a possibilidade de até 30% de capital estrangeiro na composição do controle das empresas. A proposta foi aprovada em 28 de maio de 2002, alterando o § 1º do artigo 222 do capítulo da Comunicação Social que diz: “Em qualquer caso, pelo menos 70% do capital total e do capital votante das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens deverá pertencer, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos”.

¹⁶ A Rede Record de Televisão começou com a TV Record de São Paulo em 1953 e pertencia ao grupo de Paulo Machado de Carvalho. Desde 1990 a rede pertence à Igreja Universal do Reino de Deus.

O controle das concessões e as cassações por problemas políticos, como o fechamento da *TV Excelsior*¹⁷, e a cassação da pioneira *TV Tupi*¹⁸ exibem nitidamente o interesse do governo em emissoras e dos grupos econômicos em manter a situação política para se perpetuarem no poder da radiodifusão. Além disso, a forma como foi feita a distribuição do espólio da *Tupi* comprova a manipulação da distribuição de canais.

Quando a *TV Tupi* foi cassada, em 1980, segundo seus dirigentes, não foi por inoperância administrativa conforme anunciado, mas por interesse do governo João Baptista Figueiredo em distribuir um canal para outro grupo mais próximo, no caso o grupo *Abril*. Para o governo interessava buscar outra rede forte, já que a *Globo* era quase um monopólio e na época tentava se distanciar do regime e apagar a imagem de aliada dos militares.

Outras empresas entraram na concorrência e por conta de uma reportagem da revista *Veja* da editora *Abril* sobre o Presidente, este não teria permitido que a emissora fosse concedida ao grupo.¹⁹

A licença da rede *Tupi* acabou sendo entregue ao grupo de Adolfo Bloch, que montou a *TV Manchete*, e para Sílvio Santos - na época, amigo de um

¹⁷ A *TV Excelsior* de São Paulo foi inaugurada em 9 de julho de 1960 e foi a primeira emissora da Rede Excelsior extinta em 30 de setembro de 1970. Era de propriedade da Família Simonsen, dona também da Panair do Brasil, maior empresa de aviação do país.

¹⁸ A *TV Tupi*- Rede de televisão pioneira no Brasil e na América Latina, começou a ser construída por Assis Chateaubriand em 1950 quando da Inauguração da PRF3 *TV Tupi* de São Paulo em 18 de setembro. Teve a concessão cassada em 18 de julho de 1980.

¹⁹ Rubens Furtado em entrevista à autora. São Paulo, 1999. "Estive com o Sr Adolfo (Bloch) e ele disse que esteve com o Roberto Marinho e pediu uma ajuda porque o governo ia dar essa concessão para a *Abril* e se desse para a *Abril* eles quebrariam a *Manchete*. [...] O sr. Adolfo dizia: 'eu quero atrapalhar e na pior das hipóteses vou rachar'.[...] Aí a *Veja* publicou uma matéria muito desagradável sobre o Figueiredo dizendo que ele gostava mais de cavalos do que de gente, teve uma repercussão muito grande e tiraram da *Abril*."

sobrinho de Dona Dulce, mulher do presidente João Baptista Figueiredo - que montou o *SBT*.²⁰

A estruturação da televisão no Brasil, como rede nacional, por meio de microondas, deve-se ao sistema consolidado durante o período do regime militar, mais precisamente no final dos anos 60. Entretanto, o interesse do governo militar não era o progresso do país, como se pregava. Naquele momento se estruturava um sistema de poder das emissoras de TV e um controle do governo que perdura até hoje.

A televisão passava a ser peça chave na estrutura de manutenção do domínio. É neste capítulo da história da TV que a atuação do regime militar, até então discreta, indireta, torna-se completamente explícita e deixa claro que o governo tem um projeto. “A televisão tornou-se a partir da década de 60 o suporte dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. [...] Sem a televisão a integração nacional pretendida pelo regime militar jamais teria se cumprido” (Bucci, 2004, p.32).

Até agora, no governo Lula, não houve qualquer avanço na problemática de oligopólio da mídia. A tentativa frustrada de implantação do Conselho de Jornalismo, a oposição ao pré-projeto da Ancinav - Agência Nacional de Cinema e Vídeo e a escolha do padrão japonês de TV Digital, pelo contrário, demonstram que a concentração da mídia vai permanecer e que governo e as empresas que monopolizam a radiodifusão estão cada vez mais atrelados.

²⁰ A rede Manchete e o Sistema Brasileiro de Televisão foram estruturados, respectivamente, pelos grupos Bloch e Sílvio Santos a partir de 1980 com o espólio da Tupi. A Manchete foi inaugurada em 5 de junho de 1983 e fechou as portas em 1999. O SBT foi inaugurado em 1982 e é o segundo grupo de televisão do país, embora dispute a vice-liderança de audiência com a TV Record em alguns horários.

2.2 As Relações entre Televisão e a Política no Brasil

O primeiro oligopólio de comunicação já com emissoras de televisão foi montado pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que chegou a ter, na década de 60, 36 emissoras de rádio, 34 jornais, 18 canais de TV, 18 revistas e duas agências de notícias. Um império constituído à base de interesses e compromissos políticos, principalmente com o Estado.

As negociações políticas que Chateaubriand mantinha - por meio dos jornais e emissoras de rádio - para desenvolver seus projetos pessoais tomavam força então na televisão. Empresário e depois parlamentar, Chateaubriand exercia influência junto ao poder político, seja qual fosse o governo.

Morais (1997, p.494) conta que Assis Chateaubriand usou da força da cadeia de rádio e jornais de sua propriedade para recolocar Getúlio Vargas no poder em 1950, em uma eleição direta, depois de ajudar a derrubá-lo em 1945. “O retorno triunfal de Vargas acabaria acontecendo pelas páginas dos Associados, em episódio até hoje obscuro”.

As relações de troca também aconteciam entre o *magnata* da comunicação da época e os políticos estaduais e no Congresso. Foi assim quando quis se eleger Senador, forçando uma eleição fora do período eleitoral, foi assim na divulgação de matérias privilegiando presidentes e governadores. Durante um discurso Chateaubriand argumentou: “temos tribunas impressas, radiofônicas, e até as mágicas tribunas televisivas. O que falta ao time dos Associados é uma tribuna convencional onde eu possa falar em nome da nossa cadeia” (Morais, 1997, p.517).

Em 1961, determinou - sem nenhuma condição técnica, já que não existia o sistema de satélites - a transmissão de Brasília da posse de Jânio Quadros, para Minas, Rio e São Paulo.²¹

No segundo governo da ditadura militar, porém, a *TV Tupi* já sentia o desgaste e o afastamento do governo. Ao insistir em noticiar uma entrevista de Dona Yolanda, mulher do então presidente Costa e Silva²², sobre a doença e possível recuperação do marido, teve o sinal da emissora cortado. Foi suspensa a mando do comandante do Primeiro Exército, general Syseno Sarmiento. O telejornal *Repórter Esso* deu a notícia e a *rede Tupi* saiu do ar por 24 horas.²³

O primeiro político brasileiro que descobriu na televisão o poder de visibilidade imediata foi Juscelino Kubitschek.²⁴ Em 1956, logo após a posse, valeu-se do veículo para falar do plano de metas “50 anos em 5”. “JK usou cartazes, mapas e painéis diante da televisão para mostrar os projetos de estradas e hidrelétricas que pretendia fazer”²⁵

Mas, para Simões (2003, p. 67) foi Carlos Lacerda quem primeiro encontrou na TV uma potência capaz de atingir e manipular a opinião pública. Depois de quase impedir a posse de Juscelino em novembro de 55, por meio das ondas do rádio, em 1961 fez um pronunciamento nos estúdios da TV Excelsior

²¹ Saulo Gomes em entrevista a autora. São Paulo: 1999. O jornalista lembra que os técnicos amarrados em cordas e pendurados em helicópteros iam jogando bombas nas serras e abrindo clareiras para implantação de antenas e garantir a primeira transmissão à distância.

²² Artur da Costa e Silva foi presidente de 1967 a 1969. O segundo presidente do regime militar, instaurado em 1964, morreu em dezembro de 1969.

²³ Declarações do jornalista Carlos Chagas em depoimento à autora em fevereiro de 2006, em Brasília. Chagas foi assessor de comunicação de Costa e Silva: “a censura era exercida pelos comandantes dos quatro exércitos naquele período e no Rio era o Syseno Sarmiento que era também candidato a presidente. Suspendeu a TV Tupi do Rio e não suspendeu a de São Paulo. Veja a que ponto de horror o Brasil chegou. Os comandantes dos quatro exércitos eram donos de tudo, inclusive da imprensa”.

²⁴ Juscelino Kubitschek - presidente do Brasil de 1956 até 1960, morto em 1976.

²⁵ Saulo Gomes em entrevista à autora. São Paulo 1999.

acusando o então presidente Jânio Quadros de estar preparando um golpe de Estado.²⁶

Logo depois da saída de JK e a eleição de Jânio²⁷, as empresas de televisão controladas por grupos com os mais diferentes interesses, porém sempre voltados para o poder político e econômico, mudaram totalmente a abordagem dos discursos. Com a posse de Jânio Quadros, em 1961, houve uma guinada no País. O Governo não mantinha bom relacionamento com o empresariado e não fazia acordo com o Congresso.

Jânio Quadros, relata Lemos²⁸, ficou isolado e com esse isolamento tendeu sempre a atitudes consideradas menores, como proibir biquínis e escrever bilhetinhos. Em uma reunião com todos os chefes dos departamentos de jornalismo de rádio e televisão em São Paulo ficou acertado que Jânio Quadros não apareceria na televisão.

A primeira demonstração de força da televisão em um processo eleitoral no Brasil se deu em 1974. Políticos atribuem a ela a colaboração efetiva na vitória dos candidatos de oposição, muitos deles com seus direitos políticos cassados pelo regime militar em 1965.²⁹ “De um momento para outro, logo nos

²⁶ Carlos Lacerda – jornalista e político brasileiro, ex- governador do extinto estado da Guanabara, morto em 1977.

²⁷ Jânio Quadros foi Presidente da República de janeiro a agosto de 1961 quando renunciou. Morreu em 1992.

²⁸ João Batista Lemos em entrevista à autora. Brasília: 1999. “Nós não deixaríamos de dar notícias que fossem importantes do presidente ou do seu governo, mas o seu nome não seria citado e a sua imagem não apareceria na televisão. Mas nessa ocasião houve um batizado coletivo, 30 crianças batizadas na Igreja de Santa Cecília no centro de São Paulo e o Jânio era um padrinho. A *Tupi* ficou encarregada de fazer o filme e distribuir, [...] então eu recomendei ao *Sabu* (cinegravista) que fizesse o filme focalizando apenas as crianças e os braços do Jânio, mas que não aparecesse o rosto dele”.

²⁹ Na eleição de 1974 existia o bipartidarismo instituído pelo Ato Institucional nº 6 em abril de 1965. ARENA - Aliança Renovadora Nacional, fundada no dia 4 de abril de 1966, e transformada em PDS – Partido Democrático Nacional, em 1980; e MDB – Movimento Democrático Brasileiro fundado em 24 de março de 1966, e transformado em PMDB com o fim do bipartidarismo.

primeiros dias desses dois meses de campanha passaram a ser tão conhecidos em seus estados quanto astros de novelas ou seriados de TV” (Sem Prejuízos, VEJA, nº 324, p.35).

A televisão que obteve a maior audiência até então foi, segundo os senadores eleitos na época, uma das responsáveis pela vitória esmagadora do MDB em todo o Brasil. O partido conseguiu vitória em quase todos os estados na eleição para compor 1/3 do Congresso.

O descrédito do partido oposicionista e a supremacia da ARENA eram tantos, antes da eleição, que, na Bahia, segundo reportagens da época, os candidatos do governo consideravam a eleição ganha e nem quiseram utilizar o horário eleitoral. As TVs. de Salvador, Itapuã e Aratu ficaram fora do ar no horário reservado ao TRE. Os jornalistas também não previam o bom uso do veículo e apostavam na hegemonia do partido do governo como na eleição anterior. Anunciavam que a ARENA venceria as eleições por “confortável margem de votos” e [...] “nem o mais otimista militante da oposição acredita numa enxurrada de vitórias nas disputas pelo senado”.³⁰

Depois das eleições as análises das campanhas tomaram outro rumo. Os analistas diziam que os cabos eleitorais haviam sido aposentados pela televisão e que, provavelmente, seria aquele o momento de transição, em que os métodos tradicionais de fazer campanha eleitoral começavam ser abandonados em favor da televisão.

O candidato ao Senado em São Paulo soube fazer bom uso da TV e garantiu 70 por cento dos votos. Orestes Quércia preencheu seu horário com filmes em que aparecia na rua como um cidadão comum ou dava palestras em

³⁰ **Veja**, Abril, nº 319, 16 de outubro de 1974, p.20-27.

frente às câmeras sobre a saúde pública e a política nacional de habitação. Com sua habilidade e intimidade com o vídeo acabou conquistando o eleitor que se transformou em *fã* do candidato.

O publicitário Laércio Cavalcanti afirmou: “Nós entramos com o Quércia desconhecido e nunca vi na área política um produto ser promovido tão rapidamente” (A Oposição...VEJA, nº319, p.23). Quércia, ao invés de discurso distribuía autógrafos como um herói de televisão.

No Recife, a vitória foi de Marcos Freire que compôs o programa com filmes e uma boa dose de emoção; ao som de *Morte e Vida Severina* de Chico Buarque e cenas de corte de cana. Enquanto isso em Santa Catarina, a campanha eleitoral na televisão popularizou tanto a música da ARENA que ela começou a ser tocada nas boates.

Para o Senador Roberto Saturnino Braga, na época candidato ao senado pelo MDB do estado do Rio de Janeiro, a televisão alterou a campanha eleitoral. Até então ele nunca tinha montado uma máquina política para ganhar as eleições. O senador ficou conhecido pela televisão só dois meses antes da eleição e derrotou com 66 % dos votos o candidato Paulo Torres, da ARENA, que havia sido governador do Rio e era presidente do Senado.

Então eu tinha um tempo como candidato a Senador e aparecia todos os dias na televisão, só que eu tinha que ir ao estúdio e falar ao vivo, mais ou menos calcular o tempo. [...] e aí meu ibope começou a crescer. Paulo Torres, meu adversário no início não foi à televisão, ele desprezou, achou que aquilo era uma bobagem. Ao fim do primeiro mês ele viu que eu estava encostando, chegando perto dele, ele resolveu ir à televisão. [...] mas a televisão ao vivo, sem gravação é uma faca de dois gumes. Ele, em vez de ganhar, perdeu mais ainda. Não sabia se expressar corretamente. A televisão foi decisiva, essencial como é ainda hoje³¹.

³¹ Roberto Saturnino Braga em entrevista à autora. Brasília, fevereiro de 2006

A televisão também foi determinante para a eleição do desconhecido advogado do interior do Paraná, Francisco Leite Chaves. Lançado candidato em 1974, como *cobaia* conseguiu vencer a máquina do governo estadual que na época tinha um Ministro no governo Geisel. Para Chaves sem a televisão seria impossível sua a eleição e dos 15 senadores que obtiveram vitória no país. “O MDB era apenas uma proposta política, uma discussão, um movimento.[...] a ARENA era dominante em tudo, todos os quadros pertenciam à ARENA”.³²

O resultado da eleição de 1974 contribuiu para que o dono da emissora de televisão no Paraná, afiliada da *Rede Globo* perdesse a concessão. Paulo Pimentel pretendia ser o candidato a governador pela ARENA, mas um desentendimento com o Ministro e ex-governador do estado, Ney Braga, o impediu. O candidato escolhido perdeu e Pimentel é acusado de ter ajudado a oposição. Resultado: Ney Braga exigiu de Roberto Marinho, dono da *Rede Globo*, que as emissoras do grupo Paulo Pimentel fossem desligadas da rede. Borgerth (2003, p.151) relata “Armando Falcão, Ministro da Justiça do governo Geisel, foi o instrumento de pressão sobre o doutor Roberto para a exclusão de Paulo Pimentel da *Rede Globo*”.

Sobre a supremacia da televisão, Leal Filho (2002, p. 70), é quem destaca que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso já dizia, na década de 70, que mas do que um partido gostaria mesmo é de ter uma emissora de televisão. “Sabia o sociólogo que partidos, sindicatos e todas as demais organizações sociais que se constituíam depois da ditadura não teriam jamais uma força comparável à da televisão”.

³² Francisco Leite Chaves em entrevista à autora, Londrina, março de 2006.

A força e o domínio da televisão, especialmente em eleições, não é um privilégio do Brasil. Nos Estados Unidos, a fotogenia colaborou para a vitória de John Kennedy sobre Nixon no início da década de 60. A série de debates entre os dois candidatos mostrava pela televisão um futuro presidente simpático e com boa intimidade no vídeo e o - então - vice- presidente dos Estados Unidos sem preparo e até antipático diante das câmeras e para os telespectadores.

Na época as pesquisas não comprovaram que a televisão foi decisiva na opinião do eleitor, mas o veículo já chamava a atenção como aparelho de influência e a partir dali passou a ser a grande arma ideológica do Estado no país.

Durante os mil dias do governo, Kennedy continuou a explorar as vantagens – reais e aparentes – que sua bela imagem no vídeo lhe trazia. [...] O futuro imediato só comprovou as suspeitas de que aquele se tornara o mais poderoso instrumento político da história da humanidade. Quem determinasse o conteúdo das mensagens a serem por eles determinadas teria a capacidade de manipular as massas a seu bel prazer (Silva, 2004, p.80).

Chateaubriand foi o controlador da mídia no Brasil durante pelo menos duas décadas. Ele só não usou mais a televisão para controle político porque morreu antes da instalação - por meio do Ministério das Comunicações e da Embratel - da rede de microondas: um sistema nacional de televisão.

O projeto político de integração nacional dos militares foi realizado por Roberto Marinho, substituto de Chateaubriand. Lopes (2001, p.53) observa que o governo militar que se instalava no poder precisava fixar suas bases políticas em instrumentos de propaganda, escolhendo para isso as *Organizações Roberto Marinho*.

Como o golpe fora dado a pretexto de ‘salvar o Brasil das garras do comunismo internacional’, nada mais lógico que se associar a facções comprometidas direta e sistematicamente com a posição dos Estados Unidos na *guerra fria*. A escolha foi óbvia; [...] O grupo Roberto Marinho figurava na história pós-renúncia de Jânio Quadros como um dos críticos mais ferozes da política econômica esquerdizante (sic) de Jango.

Roberto Marinho montou um conglomerado e o usou para o exercício do poder. “Antes, Chateaubriand já havia exercido poder semelhante, mas foi Roberto Marinho quem deu uma racionalidade capitalista às suas empresas, algo desconhecido pelo dono dos Associados” (Leal Filho, 2003).

A televisão brasileira foi o “meio de comunicação escolhido para louvar as realizações da ditadura militar”, mas nos momentos que antecederiam o golpe de 64 ela pode ter sido peça-chave para expor a proximidade do governo com o partido comunista, argumento para o golpe. Uma entrevista de Luís Carlos Prestes³³ em um programa jornalístico da *TV Tupi* foi definitiva para a deflagração do processo.”Ele disse: ‘Nós já somos governo nos falta apenas o poder’. Muita gente usou essa frase logo depois”³⁴.

Estas atitudes demonstravam que as emissoras já preferiam o distanciamento do governo João Goulart³⁵. A maioria estava a favor dos militares e contra a iminência da “invasão dos comunistas”. Divulgavam reportagens de movimentos contra o governo como as grandes marchas ‘com Deus pela liberdade’.

A única televisão que, de certa forma, dava apoio ao Governo era a *TV Excelsior*, do grupo *Simonsen*. Ela era marcada como uma emissora *Janguista*

³³ Luís Carlos Prestes foi militar e político do partido comunista brasileiro. Morreu em 1990.

³⁴ O programa de televisão era o “Pinga Fogo” um programa de entrevistas e debates exibido na década de 60 e 70 pela Rede Tupi.
João Batista Lemos em entrevista à autora, Brasília, 1999.

³⁵ João Goulart, conhecido por Jango, foi presidente do Brasil de 1961 a 1964. Vice de Jânio Quadros assumiu após a sua renúncia e foi deposto pelo regime militar em 1964. Morreu em 1976 no exílio.

e recebia muita pressão do governador de São Paulo, na época, Ademar de Barros. O dono da emissora, lembra Lemos³⁶, tinha interesses pessoais. Era proprietário da maior exportadora de café do país, a Companhia Paulista Comercial de Café - COMAL – e da maior empresa de aviação brasileira, a Panair do Brasil. Por isso dava apoio às iniciativas do governo pelas reformas a serem feitas no país, buscando uma política nacionalista.

Quando, após a renúncia de Jânio, os militares se pronunciaram contra a posse do vice João Goulart, o empresário Simonsen foi o principal apoio da *campanha da legalidade* liderada por Leonel Brizola. Novis (2004, p. 346) conta que em São Paulo, no escritório de Mário Wallace Simonsen, a resistência ganhou força. “O empresário decide mandar o diretor de suas empresas no exterior, Max Reshulski, resgatar Jango em Pequim, num vôo especial e extraordinário da sua *Panair do Brasil*”.

Neste dia, iniciaram os acontecimentos que culminariam na cassação da emissora. Mas, primeiro, os outros negócios de Simonsen começavam ser minados: A COMAL e seu proprietário foram acusados de manter relações ilícitas e vantajosas com o governo federal e a companhia foi proibida de comercializar e teve cassada sua autorização para exportar.

A empresa aérea do grupo, *Panair do Brasil*, adquirida da Pan American por Simonsen e Celso da Rocha Miranda, única com vôos para a Europa, foi cassada em fevereiro de 1965. Um despacho do presidente Castello Branco³⁷ determinava, lembra Novis (2004, p.376), a imediata suspensão de todos os vôos da

³⁶ João Batista Lemos em entrevista à autora, Brasília, 1999.

³⁷ Primeiro presidente do regime militar instaurado pelo golpe de 1964.

*Panair*³⁸. “Enquanto os escritórios e hangares da companhia eram ocupados por militares, um Boeing 707 da *Varig* embarcava os passageiros que desciam do DC-8 da *Panair*, impedido de voar. Dois dias depois, veio a falência”.

A *Panair* era considerada a segunda maior empresa privada nacional e para Sasaki (2006, p.33, 34) ameaçava a hegemonia americana da qual a *Varig* era aliada, trazendo para o mercado brasileiro a tecnologia aeronáutica da Europa. Ele conta em detalhes o dia em que a empresa de aviação foi proibida de voar.

O dia 11 de fevereiro de 1965 iniciou-se abrindo um novo capítulo na história da aviação comercial brasileira. Pela primeira vez, saía do país um avião de outra bandeira, que não da Panair do Brasil para o Velho Continente. Pilotos, aeromoças, balconistas, repórteres, funcionários da limpeza, passageiros. O pensamento era o mesmo: algo de muito incomum estava acontecendo.

As outras empresas do grupo tiveram o mesmo destino. A TV *Excelsior*, criada em 1959, havia sido a única empresa de televisão a se opor ao regime militar de 1964, a emissora foi invadida e fechada logo após o golpe e os donos se exilaram em Paris. Em 1970 o governo cancelou a concessão da emissora.

Fernando Barbosa Lima aponta que o comprometimento de Simonsen, dono da TV *Excelsior*, era muito maior.

O primeiro homem que foi cassado era o Prestes e o segundo foi o homem do Simonsen.[...] É hoje o maior vendedor de café na Europa, o café africano na Europa. Pegaram esse homem porque a ditadura queria ser simpática com o Rockefeller e fecharam a Panair do Brasil que também era do Simonsen . Praticamente destruíram a Excelsior. Foram em cima da Excelsior para acabar mesmo. Foi uma fase triste da TV brasileira. O Simonsen se suicidando em Paris e o Chateaubriand agonizando em uma cadeira de rodas em São

³⁸ Conteúdo do despacho – Por determinação do Exmo.Sr. Presidente da República exarada na Exposição de motivos nº 26 de 10 de fevereiro de 1965, ficam, a partir desta data, suspensas as concessões de linhas nacionais e internacionais outorgadas à Panair do Brasil S/A a título precário, sendo estas últimas concedidas, nesta data, à Varig, também a título precário.

Paulo. Quando o Chateaubriand morre o grupo *Time - Life* já estava no Brasil e aí começa a *Rede Globo*.³⁹

O fechamento da *Panair* do Brasil e da *TV Excelsior* consistiu em um caso de abuso do poder militar em benefício de grupos empresariais e políticos mais próximos ao regime, como a *Varig* e a *Rede Globo*. Foi aproveitando a lacuna deixada por outras redes e sob o apoio do regime militar que a *Rede Globo* cresceu e se transformou na mais poderosa e lucrativa rede de televisão brasileira.

2.3 Rede Globo

As Organizações Roberto Marinho formam o maior conglomerado de comunicação do Brasil. Em 2005, o EPCOM - Instituto de Estudos e Pesquisa em Comunicação - apresentou um levantamento com o seguinte quadro: o grupo tem 26 emissoras de televisão no sistema VHS, 7 rádios AMs e 6 FMs, além de 4 jornais, uma editora com 11 títulos de revistas, 2 gravadoras, 5 canais de TV a cabo e mais 1 operadora de TV por assinatura e 1 provedor de Internet.⁴⁰

O domínio do mercado, segundo as pesquisas, não pára por aí: são 204 veículos afiliados à *Rede Globo* controlados por grupos e conglomerados familiares em pelo menos 11 estados, cobrindo 99,8 % do território brasileiro. A *Globo* detém 45 % de toda a verba publicitária destinada à mídia, sendo que 78 % da verba publicitária da TV aberta estão com a emissora do grupo Marinho.

Em 2005, a *Globo* diminuiu também sua participação na empresa de TV via satélite Sky Brasil, ficando com 28% das ações ordinárias. O restante foi vendido para Rupert Murdoch, australiano, proprietário da Fox, que assim passou a

³⁹ Fernando Barbosa Lima em entrevista à autora, Rio de Janeiro, agosto, 1999.

⁴⁰ Dados disponíveis no site: www.fndc.org.br/rquivos/donosdamidia > acesso em 30/03/06

deter cerca de 95% do mercado brasileiro de TV por assinatura via satélite (Gindre, 2006).

A superioridade da *Rede Globo* em relação às outras emissoras e mídias do país ainda é evidente. Em 2005 ela teve um faturamento de 4,3 bilhões de reais, quase três vezes o faturamento da Record e SBT juntos (Lima, 2006, p.102). Para Bucci,⁴¹ ainda é a *Globo* quem agenda os assuntos políticos da mídia em geral.

A *Rede Globo* tem uma presença hegemônica no espaço público brasileiro. Aquilo que é tematizado, organizado, nos suportes de comunicação da *Rede Globo* tende a ser um assunto predominante. [...] O espaço público tem na sua centralidade a *Rede Globo* ou, visto de outra maneira, a *Globo* assume uma centralidade nos debates em que tem lugar o espaço público brasileiro e aí a leitura, a hierarquia que é estabelecida na tela da *Globo* acaba tendo uma influência sobre os demais veículos de comunicação, independentemente do lado que é adotado ali.

2.3.1 O Início do Relacionamento Político

A concessão da *Rede Globo* foi aprovada em julho de 1957 pelo presidente Juscelino Kubitschek. O decreto concedendo o canal 4 do Rio de Janeiro foi publicado em dezembro do mesmo ano, porém a TV só foi implantada em 1965, no Rio de Janeiro e em 24 de março de 1966, em São Paulo.

O canal da *TV Globo* do Rio era destinado à maior emissora de rádio do país - a *Rádio Nacional* - e o presidente a concedeu à família Marinho para evitar que os veículos das organizações continuassem com as críticas ao seu governo.⁴²

⁴¹ Eugênio Bucci em entrevista a autora. Londrina, fevereiro de 2006.

⁴² “Quando Juscelino decidiu dar o canal para a *Rede Globo* foi para negociar e apanhar menos do jornal e rádio *Globo*. O Carlos Lacerda, ex-governador do Rio de Janeiro, considerado um grande líder, chamado de o derrubador (sic) de presidentes, pressentiu que o Juscelino seria eleito em 55 e em um programa da *rádio Globo* disse: ‘Juscelino e Jânio são ladrões e como tal não devem ser

A controvérsia na concessão e aquisição de emissoras não se restringiu à primeira TV do grupo - a compra da *TV Globo* de São Paulo pode ter sido ilegal. A *TV Paulista canal 5*, de São Paulo, pertencia ao grupo Victor Costa e à família Ortiz Monteiro. Os irmãos Ortiz Monteiro entraram na Justiça alegando que Marinho teria usado documentos falsos para assumir o controle da emissora.

A sentença da *Ação Declaratória de Inexistência de Ato Jurídico* em trâmite na 42ª Vara Cível da Comarca da Capital do Rio de Janeiro, declara que a transferência do controle acionário da emissora foi de modo fraudulento, com a utilização de documentos tidos como falsificados pelo laudo pericial do Instituto Del Picchia, confeccionado mediante solicitação dos autores.

O relatório da perícia do Instituto informa que os recibos e procurações, apesar de datadas de 1953 e 1964, foram produzidos em 1975, em uma mesma máquina de datilografia. A perícia concluiu que outros recibos, datados de 5 de dezembro de 1964, também teriam sido datilografados depois de 1971, visto que a máquina usada só foi lançada no Brasil naquele ano. O laudo também dizia que a família Marinho apresentou outros documentos falsos fotocopiados para abonar a ilegal transferência do controle acionário da emissora de São Paulo.

Em 2003 a Procuradora da República em São Paulo, Melissa Garcia Lagitz de Abreu e Silva, emitiu Parecer comprovando as falsificações de documentos e outras irregularidades cometidas.

O único veículo de imprensa que divulgou o fato foi a *Tribuna da Imprensa*. “Diante dessa constatação do Instituto Del Picchia, os autores da ação denunciaram formalmente a falsidade dos documentos, e a técnica

candidatos, se candidatos não devem ser eleitos, se eleitos não devem tomar posse, e se tomar posse os tirei do governo a tapas”. Saulo Gomes em entrevista à autora. São Paulo, 1999.

documentoscopista Denise Gonçalves Rivera foi então nomeada para atuar como perita judicial no processo”.⁴³

A compra da *TV Paulista* e de outras emissoras fez que, entre 1965 e 1982, o grupo de Roberto Marinho passasse de detentor de uma concessão à condição de quarta maior rede de TV do mundo - atrás apenas das três grandes norte-americanas: ABC, CBS e NBC (Ramos, 1988, p. 121).

A *Globo*, surgindo um ano depois do golpe militar, desempenhou papel fundamental na consolidação do autoritarismo no Brasil. Marinho disse, certa vez, que não acreditava ser o homem mais influente do país, mas admitia exercer influência. "O que faço sempre com vistas ao bem do meu país" (Roberto Marinho...Isto É, especial 8, p.2).

Bolaño (2005, p.41) observa que quando a *Globo* foi criada já estava em vigor o Código Brasileiro de Telecomunicações, aprovado em 62, e como o Código nada mais era que uma fonte de controle político, não conseguiu evitar as relações clientelistas da Rede. No entender de Bolaño, o CBT só proporcionou a ela "a energia necessária para se transformar em potência econômica e política que ostenta hoje".

Em 1966, e nos anos que se sucederam, após o golpe, o projeto de Roberto Marinho já estava sedimentado no capital estrangeiro. Então, houve a implantação definitiva da rede aliada ao projeto do Planalto de unir o país via televisão.

No final da década de 70 e início da década de 80, no prenúncio de um retorno ao poder civil, a *Globo* já procurava o distanciamento dos militares. Em 1983 na escolha de Paulo Maluf como candidato à presidência, nome que

⁴³ Juíza Decidirá Ação da *Globo*. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2005. Disponível no site www.consciencia.net acessado em 25 de agosto de 2006.

representava o regime, Marinho já demonstrava contrariedade à escolha, e como noticiou a revista *Isto É* na época, comunicou ao presidente João Baptista Figueiredo que não apoiaria Maluf.

No final do mesmo ano, como relata Lima (2006, p. 85), o *Jornal Nacional* cobriu em detalhes a brutal agressão cometida pelo comandante militar do Planalto Newton Cruz, contra o jornalista de uma emissora de rádio local em Brasília. “Foi a mais clara e evidente manifestação de desacordo entre a RGTV e o regime militar”.

Mas embora a Rede quisesse excluir o rótulo de oficialista, alguns episódios ainda mostravam a cumplicidade da *Rede Globo* com o regime militar. Um deles foi a não adesão à campanha das *Diretas Já*, em 1984 e, antes disso, a não divulgação da verdade sobre o caso conhecido como a bomba do Riocentro⁴⁴.

A primeira câmera que chegou no Riocentro, na explosão, foi uma câmera da *Globo* e gravou as imagens na hora próxima à explosão. Por pressão dos militares a emissora nunca liberou as imagens - elas nunca foram exibidas. Serra⁴⁵ confirma que a fita ficou escondida com Armando Nogueira durante muito tempo, mas quando da reabertura do caso ela não foi encontrada e uma cópia, inclusive com imagens da bomba que não explodiu, ficou com Roberto Marinho.

⁴⁴ O Atentado do Riocentro foi a pretensão de um ataque a bomba contra o Pavilhão Riocentro, no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 1981 onde se realizava um show em homenagem ao dia do Trabalho. Só que a bomba explodiu dentro de um carro com militares.

⁴⁵ Wilson Serra jornalista, editor do JN na época e chefe de jornalismo da Rede Paranaense de comunicação em entrevista à autora, Curitiba, 1999.

2.3.2 Time – Life

A *TV Globo* começou suas atividades em 1965. Porém, em 1962, Roberto Marinho já havia assinado o contrato de colaboração, financeira e técnica, com o grupo americano *Time-Life*. O acordo previa a participação nos lucros da emissora, contrariando o artigo 160 da Constituição, que não permitia a participação de companhias estrangeiras em empresas de comunicação brasileiras.

O contrato deu vantagens decisivas a Roberto Marinho. Vantagens da ordem de cinco milhões de dólares, um número muito superior em relação ao orçamento das outras emissoras. A melhor emissora do grupo Tupi, por exemplo, tinha sido montada com trezentos mil dólares. Além disso, na época, a *Globo* assinou um contrato pelo qual a empresa norte americana se comprometia a trazer para o Brasil os melhores técnicos, equipamentos e principalmente a publicidade das multinacionais.

O enviado da *Time-Life*, assegura Chagas⁴⁶, decidiu por um bom tempo o que ia ao ar, apesar de se apresentar com um cargo técnico. “A *Globo* mudou de cara. Passou a ser administrada pelo americano, que veio para mandar no Roberto Marinho, chamado Joseph Wallach. Ele veio em nome do *Time Life* e era ele quem mandava” .

O contrato principal também determinava que a *TV Globo* deveria fornecer balanços mensais e anuais e permitir que o grupo *Time* tivesse acesso a todos os assuntos financeiros e comerciais da emissora. No convênio constava que o grupo americano poderia visitar e inspecionar qualquer das propriedades da

⁴⁶ Carlos Chagas, jornalista e ex- secretário de comunicação do governo Costa e Silva em entrevista à autora, Brasília, fevereiro, 2006 .

sociedade, participar e examinar livros e arquivos. Pelo contrato a *Time- Life* tornava-se proprietária de 30% do patrimônio da *TV Globo*.

Logo depois do golpe militar em 64, alguns congressistas, principalmente os representantes de outras emissoras como João Calmon, presidente do condomínio dos *Diários Associados*, denunciaram o acordo no Congresso, o que culminou com a criação de uma CPI, mas com certa dificuldade.

A presidência da CPI coube ao, então deputado, do Rio de Janeiro, Roberto Saturnino Braga, que aceitou depois de impor condições, como a escolha do relator. Como era o seu primeiro mandato, o deputado se sentiu pressionado e na obrigação de assumir a presidência, já que uma CPI para investigar qualquer veículo da mídia sempre foi incômodo para os parlamentares. Para a função de relator foi escolhido o deputado Djalma Marinho do Rio Grande do Norte.

Na comissão havia o deputado Eurípedes Cardoso de Menezes, do então estado da Guanabara, ligado às organizações Roberto Marinho. Braga⁴⁷ relata que, no final dos trabalhos, o parlamentar começou a se valer de dispositivos regimentais para adiar a apresentação do resultado, pedindo vistas e chamando mais gente para depor para que a CPI perdesse o prazo de entrega do relatório, mas Saturnino Braga também usou de um artifício para concluir os trabalhos, apresentar e votar o relatório.

...um artifício, o que me valeu uma condenação anos mais tarde. Eu fui conversar com o Djalma Marinho e outros membros da comissão e convocamos uma reunião na sexta-feira, em um dia em que todo mundo vai para seus estados. Fizemos a reunião sem a presença do Eurípedes, mas com todos os outros e o relatório foi aprovado por unanimidade, condenando o contrato. Eu como presidente da CPI, enviei o relatório para o Ministério Público que iniciou o

⁴⁷ Roberto Saturnino Braga, em entrevista à autora. Brasília, fevereiro de 2006.

processo . O ano seguinte era eleitoral e tive a candidatura impugnada. Alegaram que o SNI impugnou, dizendo que eu era assessor técnico do partido comunista. Alegações muito levianas e falsas que o Tribunal Regional do Rio de Janeiro aceitou. Tive a represália da *Globo*.

No dia 15 de janeiro de 1965, *Globo* e a *Time - Life* firmaram em Nova Iorque um outro contrato que substituiu o principal, assinado em 62.

.na verdade, a *Globo* e seu sócio norte-americano perceberam a proximidade de dificuldades políticas à manutenção do vínculo entre as duas organizações. O contrato assinado em janeiro era uma solução de emergência para municiar a *Globo* na luta política que iria ocorrer. Era de arrendamento do prédio ocupado pela emissora no jardim botânico no Rio, sendo a *Time* locatária e a *Globo* locadora, com um detalhe: na data da assinatura do contrato, a *Rede Globo* ainda não havia vendido o prédio para o grupo *Time - Life*. Isto é, a *Globo* alugou do *Time* um prédio que ainda era da própria *Globo* (Herz, 1991, p.128).

Mesmo depois de encerrar o contrato com o grupo americano a emissora ainda teve benefícios, e aí do próprio governo, para liquidar a dívida. O benefício se baseou em um decreto que o Ministro Delfim Neto levou ao presidente Costa e Silva, em março de 1968, isentando as emissoras de rádio e televisão do pagamento de impostos sobre equipamentos importados. A maior beneficiada, afirma Gaspari (2002, p.215), foi a *Rede Globo*. “Financeiramente, além de reequipá-la ao dólar oficial, permitiu que a diferença cambial atenuasse o custo da liquidação de um contrato com o grupo americano rede ABC *Time-Life*”.

Outro episódio mais recente fez a *Globo* voltar ao Congresso Nacional. Dessa vez para pressionar deputados e senadores na votação da emenda constitucional que permitia a entrada de 30% do capital estrangeiro para as empresas de telecomunicações, alterando o artigo 222 da constituição. “Quando estourou a dívida da *holding Globopar*, oriunda de seus investimentos em televisão

por assinatura, a *Globo* mobilizou o Congresso Nacional e aprovou a Emenda Constitucional nº 36” (Ramos, 2005, p. 71).

Braga⁴⁸ relata que o único voto contrário foi o dele e que diretores da *Globo* estavam lá para tentar garantir a aprovação da emenda e havia dúvida se era conveniente colocar em votação naquele dia ou se era melhor esperar a garantia de *quorum*. “Mas quem decidiu foi esse diretor da *Globo* que estava na tribuna de imprensa, houve senadores que iam lá consultá-lo e disseram que podia colocar em votação que seria garantido”

2.3.3 A Interferência Política

O episódio da votação da emenda no Congresso Nacional mostrou que a mídia no Brasil ou ao menos as *Organizações Globo* ainda desfrutam de muita influência, mas em um passado recente não foi apenas influência. A direção do grupo - leia-se Roberto Marinho - já tomou medidas para si que eram prerrogativas do Presidente da República, como a escolha de Ministros de Estado.

A escolha do Ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, compadre de Roberto Marinho, ocorreu horas depois da eleição, no colégio eleitoral de Tancredo Neves em 1985⁴⁹. Tancredo almoçava com Roberto Marinho, numa conversa particular apenas noticiada por *O Globo*. Antônio Carlos Magalhães também participou do almoço. Ex-Governador da Bahia e aliado importantíssimo da vitória de Tancredo, Magalhães seria seu Ministro das Comunicações.

⁴⁸ Saturnino Braga em entrevista à autora, Brasília, fevereiro de 2006.

⁴⁹ Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil por um colégio eleitoral em 1985 mas não chegou a tomar posse, faleceu no dia 21 de abril de 1985.

Questionado pelo presidente do PMDB, Ulysses Guimarães⁵⁰, sobre o porquê da escolha de Magalhães para Ministro das Comunicações, a resposta foi: “eu brigo com o Papa, com a Igreja Católica, com o PMDB. Só não brigo com o doutor Roberto”.

Em 1985, José Sarney, depois da morte de Tancredo, teria ligado para Roberto Marinho para que o “ajudasse” na escolha do Ministro da Fazenda. Marinho teria escolhido Maílson da Nóbrega e Sarney ainda pediria que ele noticiasse no *Jornal Nacional*.

Nóbrega (Maílson... Playboy, nº 284 p. 48,52) relata que a *TV Globo*, por meio do telejornalismo, foi a responsável pela sua fama como candidato a Ministro e que depois foi o próprio Roberto Marinho quem *autorizou* sua nomeação e anunciou pela TV, antes mesmo que ele soubesse. Ele conta que, logo depois de negociar com exportadores a questão de isenção ou não de impostos nas exportações, foi chamado à *TV Globo* para uma entrevista com Paulo Henrique Amorim no *Jornal da Globo*. A entrevista teve boa repercussão e aí começaram as especulações de que seria efetivado.

Apesar do “bom desempenho” de Maílson, O presidente Sarney disse que ainda não podia anunciar seu nome, antes precisava “aparar algumas arestas” e pediu que ele fosse conversar com Roberto Marinho, já que o presidente das Organizações *Globo* preferia um outro funcionário de carreira do Banco do Brasil: Camilo Calazans. “Fui lá e fiquei mais de duas horas com o Dr. Roberto Marinho [...] parecia que eu estava sendo sabatinado. De volta ao Ministério, entro no gabinete e aparece a secretária. Parabéns! o senhor é o Ministro da Fazenda, deu no plantão da *Globo*”.

⁵⁰ Ulysses Guimarães – líder político no Brasil, foi deputado, um dos fundadores e presidente do PMDB e um dos destaques da campanha “Diretas Já”. Morreu em 1992.

O temor de políticos em relação a Roberto Marinho o fazia ainda mais poderoso. Conti (1999, p.494) relata que Fernando Collor - eleito presidente em 1989 - certa vez pediu ao seu Ministro da Saúde, Alceni Guerra, para abrir um canal de comunicação entre ele e Leonel Brizola, eleito governador do Rio, mas: “Alceni não queria ser o elo do Planalto com Leonel Brizola porque sabia que Roberto Marinho era inimigo de Brizola e não queria ser hostilizado pela *Rede Globo*”.

As greves de trabalhadores sempre foram um bom exemplo de alienação e descompromisso social da *Rede Globo*. Simões (2003, p. 85) aponta que a *TV Globo* sempre se mostrou favorável ao patronato, obrigando repórteres a esconder o logotipo da emissora sob risco de sofrer agressões nas ruas.

Na História mais recente, há uma prova de que a *Globo* não consegue ser simpática ao público mais crítico. Em 2001, durante uma manifestação de estudantes na avenida Paulista, em São Paulo, as equipes de reportagem da emissora escondiam seus crachás.

A *Globo*, líder de audiência há anos, não consegue traduzir os números do *Ibope* em simpatia e confiança como acontece com a *BBC* britânica. Porta - voz da ditadura por longos anos, a *Globo* começou a revelar melhor sua face durante as greves do ABC, quando participantes do movimento viam à noite, nos telejornais, uma realidade diferente daquela vivida por eles horas antes nas ruas (Leal Filho, 2001, p. 64).

Este noticiário enviesado da emissora engavetou muitas reportagens e documentários, como um sobre os metalúrgicos e o ABC, que destacava a figura de Lula. “As pessoas queriam apedrejar quando estávamos

fazendo esse documentário. Foi preciso o líder do sindicato dos metalúrgicos dizer que era tudo gente boa”.⁵¹

A influência da opinião pública pelas emissoras de televisão ocorre com mais ênfase em programas jornalísticos. No caso da *Rede Globo* a situação é mais grave, já que ela produz o principal telejornal brasileiro, com uma média de 45 pontos de audiência no Ibope⁵² - um dos programas jornalísticos de maior audiência da televisão brasileira de todos os tempos: o *Jornal Nacional*.

O telejornal é há quase 40 anos um dos agentes participantes da História política brasileira. O perfil do *Jornal Nacional* e sua interferência nos processos eleitorais são temas dos próximos capítulos.

⁵¹ Fernando Pacheco Jordão, jornalista , trabalhou na TV Excelsior, Cultura e Globo em entrevista à autora, São Paulo, 1999.

⁵² Dados divulgados pelo IBOPE em 2004.

3 O JORNAL NACIONAL

O *Jornal Nacional* é o telejornal mais antigo do Brasil com 38 anos e também o mais assistido. O Ibope registrava entre janeiro e agosto de 2004, 31 milhões de telespectadores por minuto em 68% dos televisores ligados (BONNER ...Veja, nº 1869).

Para medir a importância do *JN*, não só para o telespectador comum, basta repetir a *fala* do presidente do PFL Jorge Bournhausen. "É preciso mobilizar para entrar no Jornal Nacional. O Álvaro [Dias, senador do PSDB Paraná]⁵³ tem razão: nosso objetivo se chama *Jornal Nacional*. Quem ganhar no jornal Nacional ganha a eleição" (O Estado de S.Paulo, 20/07/2006)⁵⁴. Ou de Bucci um dia depois da eleição de 2002, quando Lula foi recebido para uma entrevista ao vivo no *JN*. "Na viagem que leva ao poder, o *Jornal Nacional* é escala obrigatória".

O *Jornal Nacional*, desde a sua inauguração, em 1969, sempre foi gerado do Rio de Janeiro e transmitido em rede nacional. Foi o primeiro programa a se utilizar do sistema de rede de microondas estruturado pelo governo militar na década de 60. Por isso, o jornal se tornou um porta-voz governamental, uma vez que conquistou sua hegemonia quando da implantação da rede nacional.

No início, o alvo do comando militar era bem claro: a possibilidade de exercer um controle por meio de um jornal de rede. "É por isso que quando foi criada a Embratel no Brasil, o que se queria era o controle da TV usando

⁵³ Álvaro Dias já foi governador do estado e está na terceira gestão como senador. Ele sempre faz parte das CPIs, principalmente em anos eleitorais como na CPI do futebol em 2002 e em 2005/ 2006 na do "mensalão", e constantemente dá entrevista para o *JN*. Não houve estudos comprobatórios, mas observamos nas gravações do telejornal, aparições e sonoras do senador a cada três dias.

⁵⁴ A conversa do senador (SC) e presidente do PFL, Jorge Bournhausen foi registrada no final da inauguração do comitê central da campanha de Alckmin à presidência, em Brasília, em julho de 2006.

Rio e São Paulo para isso. Todas as TVs locais praticamente desapareceram. O *Jornal Nacional* veio nesse bojo, nesse negócio da ditadura. Aquilo de você poder dar a notícia aqui e lá no Amazonas o cara ouvir a notícia que o General tal queria que saísse”.⁵⁵

Para os diretores do telejornal o objetivo na inauguração do *JN* também era o de desbancar o famoso Repórter Esso da Tupi. Assim se justifica a própria *Globo*:

O telejornal era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni, para transformar a *Globo* na primeira rede de televisão do Brasil. O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo o país, diluindo, assim, os custos de produção dos programas“(A notícia... 2004, p.28).

A vocação política governamental, pelo menos naquele momento, era clara: a primeira notícia foi o anúncio dos nomes que compunham a junta militar que comandava o país em consequência da doença de Costa e Silva.

O primeiro VT foi uma entrevista do então Ministro da Fazenda Delfim Netto. “A fala do Ministro da Fazenda, Delfim Netto, levou uma palavra de tranquilidade para todos os brasileiros, graças à formação da primeira rede nacional de informação jornalística” (Souza, 1984, p.16,17).

Estudos na primeira década do telejornal sugeriram que o seu papel era o de influenciar as "massas" e promover a manipulação de informações para servir a ideologia dominante. Carvalho (1980, p.31) afirma que “com o surgimento do *JN* coincidindo com o endurecimento do regime militar brasileiro, o

⁵⁵ Jornalista Fernando Barbosa Lima, em entrevista à autora, Rio de Janeiro, 1999.

noticiário configurava-se como a voz do Estado militar, seguindo uma linha editorial oficialista”.

A *Globo* - durante toda a ditadura militar - nunca noticiou tortura, prisão de estudantes, operários ou de jornalistas, pelo contrário, divulgou fotos e nomes de pessoas procuradas para que se facilitasse a prisão, como no depoimento sobre a prisão de Frei Beto, no auge da ditadura. Ele contou, que estava escondido em um convento em Santa Catarina e, pelo *Jornal Nacional*, viu sua foto como comunista procurado. Foi preso logo depois.⁵⁶

No período da ditadura o telejornal era pautado por notícias internacionais e do *milagre econômico*. É do presidente Médici a definição do que era então o *JN*, em 1973:⁵⁷

Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal [*JM*]. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho.

Foram muitos os assuntos ignorados pelo *JN*, como a vitória do MDB nas eleições de 1974. Destaca Carvalho (1980, p.33)

A notícia começava sempre com uma inexpressiva vantagem da ARENA numa cidade do interior. A morte do ex-presidente JK mereceu cobertura do *JN*, mas foi proibido dizer que era presidente com os direitos políticos cassados.

⁵⁶ Frei Beto- **Carlos Alberto Libânio Christo** nasceu em Belo Horizonte em 25 de agosto de 1944. É escritor e religioso dominicano. Militante de movimentos pastorais e sociais, foi assessor especial de Lula em 2003. Na época da ditadura militar ficou preso por 4 anos. Entrevista para o documentário “Ato de Fé”. Eclipse Produções, São Paulo: 2004.

⁵⁷ Emílio Garrastazu Médici foi o terceiro presidente da ditadura militar: governou o país de 1969 até 1974 .

A *Rede Globo* sempre inseriu o *Jornal Nacional* entre duas novelas, fazendo o famoso *sanduíche*. Só que muitas vezes ela usa das reportagens do telejornal para agendar sua própria programação e chega a fazer um trabalho híbrido entre realidade e ficção. Em 2002, por exemplo, o telejornal noticiou maciçamente o reencontro de Pedrinho, criança que havia sido seqüestrada e encontrada depois de 16 anos. O caso foi inserido em toda a programação e serviu de base para a novela “Senhora do Destino” da rede.

Bucci (2004, p.225) afirma que telejornalismo e telenovela pactuam entre si uma divisão de trabalho para a consolidação da realidade discursiva.

Enquanto certas formulações do telejornalismo governista mais pareciam peça de ficção, muitos dados da realidade bruta entraram para a pauta nacional a partir das telenovelas. Assuntos que eram tabu no noticiário ganharam o debate público pela porta da telenovela.

O *Jornal Nacional* já chegou a ter mais de 70% de audiência, mas na década de 90 teve a supremacia ameaçada por novelas mexicanas do *SBT*, pela novela *Pantanal* da *Rede Manchete* e por telejornais sensacionalistas como o *Aqui Agora*, também do *SBT*. A ameaça fez o jornal alterar horário e linha editorial.

A ordem foi para que as reportagens contivessem mais “emoção”. Para o telespectador, essa emoção se traduz numa novidade bem visível. As reportagens policiais ganharam mais espaço e passou-se a mostrar cenas mais cruas e violentas do que aquelas que antes o telejornal permitia (Garimpo... Veja, 1991, p. 86) .

O telejornal segue a mesma fórmula rígida, há quase 40 anos: o mesmo tom austero, reportagens curtas, repórteres treinados e específicos para o *padrão*. O estilo de dramatizar a apresentação só mudava na última matéria, em geral uma reportagem apelativa, cômica ou bizarra. Em 2002 o programa

apresentou, pela primeira vez, entrevistas ao vivo no estúdio, por ocasião da eleição presidencial. Foram doze minutos considerados valiosos para os candidatos.

No mesmo ano, inclusive, logo após a eleição do presidente Lula e até 2006 o telejornal passou a exibir charges, normalmente com sátiras políticas. Bonner⁵⁸ chegou a reconhecer que a charge destoava do formato e que não gostava do recurso, mas afirmou que não foi uma opção sua e que o público aprovou.

O telejornal é feito com matérias em geral das praças - emissoras de propriedade ou afiliadas da rede. As matérias são oferecidas pelos editores de rede das emissoras afiliadas. A discussão da *pauta* e do *espelho*⁵⁹ do jornal já começa pela manhã em um contato com os produtores da emissora. No início da tarde as reportagens são oferecidas e o editor - chefe dá a palavra final se vai ou não colocá-las no noticiário. Segundo Bonner, ele só não decide sozinho sobre as matérias de política. Nesse caso a consulta é feita ao diretor executivo Ali Kamel.

Em 2006, o formato do *JN* teve outra alteração: o telejornal foi “espelhado” com um primeiro bloco de 30 a 35 minutos sem intervalos. As matérias mais “quentes” que antes abriam o jornal foram colocadas no final. Nenhum estudo confirmou, mas tudo indica que as mudanças remetem aos mesmos objetivos dos anos 90: vencer a ameaça da novela do canal concorrente, no caso, a telenovela *Prova de Amor*, da *Record*. A Folha de S.Paulo divulgou que o Ibope apontava na quarta, 18 de janeiro, na Grande São Paulo, *Prova de Amor* com 25 pontos de audiência contra 21 do *JN*. Na seqüência a rede Record divulgou números do Ibope no Rio.

⁵⁸ Editor chefe do *JN* William Bonner, em 2004, durante uma reunião com alunos no projeto Globo e Universidade.

⁵⁹ Pauta – Roteiro dos temas que serão cobertos pela reportagem, segundo Vera Íris Paternostro no livro *Texto na TV* (Rio de Janeiro: Campus, 1999).
Espelho – relação e ordem de entrada das matérias no telejornal, segundo Heródoto Barbeiro no livro *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro:Campus, 2002.

Os dados consolidados do Ibope Grande Rio e Baixada da última quinta-feira, 19/01, apontaram vitória de Prova de Amor por 17 minutos, das 20h15 às 20h31, horário em que a TV *Globo* exibiu o *Jornal Nacional*. Nesta faixa, Prova de Amor assumiu a liderança com 22 pontos de média enquanto o *Jornal Nacional* ficou com 20. No horário total da exibição da novela (das 19h41 às 20h47) a Record registrou média de 20 pontos, pico de 23 e 38% de share.⁶⁰

É indiscutível a importância do *Jornal Nacional* como noticiário, mas houve muitos momentos de demonstração de irresponsabilidade com notícias deturpadas ou omissão de informação. Em agosto de 1998, o nascimento da filha da apresentadora Xuxa ocupou 10 minutos do telejornal. Foi a reportagem mais longa já vista até então no noticiário, enquanto outras notícias políticas ou de economia, como o leilão de uma estatal, no mesmo dia, não mereceu nem dois minutos (Cimino, 2004, p. c.5).

3.1 O Jornal Nacional na Política

A cobertura na campanha pelas eleições diretas, em 1984, campanhas eleitorais de 1982 para o governo do estado do Rio de Janeiro e de 1989 para presidente foram alguns dos momentos em que o papel tendencioso do *Jornal Nacional* foi mais evidente.

⁶⁰ O texto é de um comunicado à imprensa da Rede Record. São Paulo, 26 jan.2006. Disponível em www.entreinatv.zip.net acesso em 12/04/2006.

3.1.1 A Omissão na Cobertura das *Diretas Já*

A campanha pelas *Diretas Já* foi um movimento que atingiu todo o Brasil em 1984 pela aprovação da emenda Dante de Oliveira⁶¹ que restabelecia a eleição direta para presidente da República.

A *Rede Globo* praticamente ignorou a campanha que mobilizava o país e o *Jornal Nacional*, principal telejornal da rede, omitia qualquer evento da campanha e até distorcia os fatos.

Em São Paulo, entre 250 a 300 mil pessoas foram à *Praça da Sé* no dia 25 de janeiro de 1984, dia do aniversário da cidade, para um comício pelas diretas. Todos os órgãos da grande imprensa cobriram o ato público e foi a grande notícia do dia e da semana. Só o “*Jornal Nacional*” fez diferente: noticiou como se fosse uma festa comemorativa e mostrou mais a presença de artistas reduzindo a relevância da informação.

Para Bucci (2000, p.29), o *Jornal Nacional* enganou o telespectador naquela noite e prosseguiu enganando durante semanas. Ele lembra que a “chamada”⁶² do *JN* no dia 25 de janeiro de 1984 era um boicote explícito ao comício pelas diretas. O texto lido pelo apresentador Marcos Hummel dizia: “Festa em São Paulo, a cidade comemora seus 430 anos em mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na praça da Sé”. “Para quem só se inteirasse dos acontecimentos pelos noticiários da *Globo*, a campanha das *Diretas* não existia”.

⁶¹ Dante de Oliveira. Político do Mato Grosso, falecido em julho de 2006, foi o autor da emenda que propunha eleições diretas para presidente.

⁶² Chamada- texto sobre assuntos de destaque do telejornal, transmitido dentro da programação da emissora para chamar a atenção do telespectador sobre o que verá no telejornal. Vera Íris Paternostro. O Texto na TV. Rio de Janeiro: Campus 1999.

A *Globo* se chocou direto com seu público na cobertura da campanha das *Diretas*. A emissora ignorava a campanha e seus repórteres eram tratados como inimigos pelo povo na rua. Conti (1999, p.38) lembra que o Ministro da Casa Civil, Leitão de Abreu, havia convencido Roberto Marinho a ignorar a campanha, dizendo que era prejudicial para o governo.

A mesa de Roberto Marinho foi coberta por telex, telegramas e cartas de protesto contra distorções no noticiário, algumas delas assinadas por anunciantes e donos de agências de propaganda. 'Se a *Globo* continuar ignorando as diretas, corre o risco de perder verbas publicitárias', avisou o diretor de comercialização, Dionísio Poli, a Roberto Marinho – que relutava em deixar focalizar o povo nas ruas.

O boicote da *Globo* foi até quase o final do processo. Faltando duas semanas para a votação da emenda *Dante de Oliveira*, o grupo Marinho assumiu a campanha no comício no Rio de Janeiro. Na época, em uma entrevista para a revista *Veja*, Roberto Marinho disse que num primeiro momento a cobertura foi apenas por meio de reportagens regionais, mas “a paixão popular foi tamanha que resolvemos tratar o assunto em rede nacional” (Vitória...*Veja*, nº 845, p.54).

Armando Nogueira, na época, diretor de jornalismo da *Globo* justifica-se dizendo que pediram para que não cobrissem os primeiros comícios. Segundo ele, Roberto Marinho chegou à conclusão de que, naquele momento, mais importante para a sobrevivência da empresa seria refletir o pensamento da sociedade e não mais o do Estado.

...ele foi cauteloso e soube definir na hora certa. Digo isso porque o comício mais importante foi mesmo o da Candelária. E se tornou o mais importante por causa da *Rede Globo*. Portanto, afirmar que a *Globo* se omitiu na campanha das diretas é meia-verdade. A *Globo* tornou viável a campanha ao cobrir os comícios. Evidentemente, ninguém vai imaginar que a *Globo* cobriu o comício da Candelária

porque os militares pediram. Cobriu correndo um risco. Imagino que risco calculado (Silva, 2001, p.39).

A cobertura da campanha só apareceu no *Jornal Nacional* depois que a direção da rede percebeu que o regime militar estava ruindo e existia a possibilidade de um nome conciliador e conservador para assumir o país no novo regime democrático, no caso Tancredo Neves. “A EC não foi aprovada e as forças de oposição se dividiram entre aqueles que queriam continuar lutando por eleições diretas e imediatas e aqueles que queriam encontrar uma solução de compromisso” (Lima, 2005, p.113).

A revista *Isto é* chegou a noticiar, em março de 1984, um encontro entre Tancredo Neves e Roberto Marinho. Logo depois o *Jornal Nacional* aderiu à campanha pelas Diretas.

3.1.2 A cobertura das Eleições de 1982

Em 1982, na eleição para governador, a *Globo* previa uma apuração em ritmo de espetáculo. O diretor de jornalismo, Armando Nogueira, anunciava o *show* das eleições, mobilizando 25 mil pessoas. Na ocasião chegou a publicar um manual com 341 páginas para a eleição. A cobertura se transformou em caso polêmico que quase mudou os rumos da eleição do Rio de Janeiro (O espetáculo...Veja, 1982, p.74).

A candidatura de Brizola não agradava ao regime militar e muito menos a Roberto Marinho. O dono das Organizações *Globo* tentava prejudicar Leonel Brizola sistematicamente. Fernandes (2004) conta que Brizola ia ser

nomeado Ministro da Fazenda, em 1963, junto e garantido pelo Marechal Lott, que seria Ministro da Guerra, Marinho interferiu diretamente.

Roberto Marinho e o embaixador dos EUA, Lincoln Gordon, tinham total intimidade com Jango, entravam (sem bater) no próprio quarto particular do presidente, sentavam na sua cama. E foi dessa posição, suspeita mas privilegiada, que Gordon e Marinho, tranqüilamente, disseram ao presidente: "Jango, se você nomear Brizola Ministro da Fazenda, não terminará o mandato". Jango não nomeou e não terminou (Fernandes, 2004).

O esquema montado em 1982 consistia em iniciar a apuração pelo interior, onde Brizola perdia. Antes mesmo da votação, por causa da "vinculação de votos"; o eleitor tinha que votar no mesmo partido de governador a prefeito. O candidato do PDS já afirmava que Brizola perderia no interior, porque o eleitor dele não sabia votar.

A *Proconsult* - empresa responsável pelo sistema de apuração eletrônica para o Tribunal Regional Eleitoral também contratada da *Globo* e cujo programador era um ex-oficial do Exército - podia tirar votos de Brizola e dar para Moreira Franco, candidato do PDS. O *Jornal Nacional* divulgaria só números oficiais e daria falsos resultados. Como era uma empresa de credibilidade, dava a sustentar que era a verdade. Mas um serviço de apuração próprio do *Jornal do Brasil* e do PDT, liderado por César Maia, mostraria números contrários.

Saturnino Braga - eleito senador na época pelo PDT - acompanhou de perto o incidente da *Proconsult*. Ele conta que Brizola foi avisado pelo próprio diretor de pesquisas da *Rede Globo*, Homero Sanchez, de que poderia "ter tirada" sua eleição. Foi assim que o partido montou um esquema de

acompanhamento de apuração e com pesquisa durante a campanha e de boca de urna.

A pesquisa do dia já mostrou, ainda que rudimentar, que o Brizola tinha ganhado. Começou a apuração, o Brizola na frente e de repente passou a se distanciar. [...] Brizola pôs a *boca no trombone*, convocou a imprensa internacional. Procurou a empresa que tinha organizado o programa de computador. [...] nesse esquema de apuração havia uma diferença entre o resultado que chegava e a *Globo* acompanhava e o que o César Maia e a própria população percebia .⁶³

Amorim (2005, p.58) narra que, além do “diferencial Delta”, criado pela *Proconsult*, para justificar o esquema de fraude das apurações, era importante que, primeiro, entrassem no computador os votos de onde Moreira Franco era forte, para criar o clima de “já ganhou”, acostumando a opinião pública para a idéia de que Brizola ia perder.

O papel da *Globo*, por meio principalmente do *JN*, no caso *Proconsult* era preparar a opinião pública para o que ia acontecer. Cabral (1986, p.12), afirma que chegou a procurar Roberto Irineu Marinho e pedir para jogar mais votos da capital nos computadores da *Globo* porque as equipes de reportagem estavam sem condições de trabalhar na rua, o telespectador provocava repórteres com o slogan “O povo não é bobo abaixo a *Rede Globo*”.

A emissora teve um carro apedrejado e mais de três mil telefonemas por dia de protesto. Foi aí que o *Jornal Nacional* ofereceu uma entrevista a Brizola. A entrevista que deveria durar quinze minutos, durou mais de meia hora. O candidato começou a fazer acusações e Armando Nogueira que estava em São Paulo entrou no ar para se defender.

⁶³ Saturnino Braga em entrevista à autora, Brasília, fevereiro de 2006

Alberico da Sousa Cruz - editor na ocasião - reconhece, em depoimento no livro dos 35 anos do *Jornal Nacional*, que houve a tentativa de fraude, mas acaba inocentando o grupo. Segundo ele, a *Globo* nem tinha conhecimento do complô que existia contra Brizola.

Hoje, eu estou convencido de que existia um complô. Mas, a *Globo* não participou dele, porque a gente até nem tinha competência para isso. Podia ser que algumas pessoas da *Globo* tivessem conhecimento desse complô contra o Brizola, mas nós não tínhamos. Nós, os profissionais, não tínhamos conhecimento nenhum. A *Globo* nunca participou de nenhum complô, a *Globo* que eu digo, os profissionais da *Globo*, nunca participaram de nenhum complô contra Brizola (A Notícia...,2004, p.116).

O processo foi arquivado em 1987 pelo juiz Roberto Wider da 1ª zona eleitoral do Rio, a pedido do promotor Ângelo Gliocche Lima. Os programas de computador estavam escondidos com os tenentes coronéis Haroldo Lobão Barroso e Manoel Carvalho, responsáveis pela concepção do programa utilizado pelo *Proconsut* (Amorim, 2005, p. 204).

As eleições de 1982 causaram mudanças internas na *Globo* com a saída de Homero Icaza Sanches, responsável pela Divisão de Análise e Pesquisa, e demitido pelo proprietário das Organizações Roberto Marinho por causa da sua manifestação advertindo Brizola sobre a fraude.

Brizola foi eleito em 1982 e voltou ao governo do Rio de Janeiro em 1990. Foi um período em que o JN procurava divulgar apenas matérias que denegrissem a imagem do governo. Em 6 de fevereiro de 1992, por exemplo, o telejornal apresentou um texto com trechos que Roberto Marinho publicaria no editorial do jornal o *Globo* no dia seguinte. O governador, que queria impedir a *Globo* de transmitir os desfiles das escolas de samba daquele ano, foi acusado pelo editorial de sofrer de “declínio da saúde mental”.

O então governador do Rio pediu direito de resposta, e no dia 15 de março de 1994 o *Jornal Nacional* viveu um momento inusitado na sua História: foi obrigado a colocar no ar um texto produzido por Leonel Brizola.

O texto, de três minutos, lido pelo apresentador Cid Moreira, continha ataques ao presidente das Organizações Roberto Marinho. Para os telespectadores, foi surpreendente e curioso ver o apresentador do *Jornal Nacional*, de preto, e com um tom fúnebre, ler: “tudo na *Globo* é tendencioso e manipulado, a *Globo* tem uma longa e cordial convivência com os regimes autoritários e com a ditadura de vinte anos que dominou o país”. Cid Moreira terminaria dizendo que o povo brasileiro deveria julgar “quem são os servis, gananciosos e interesseiros” (Sá,1994).

Para o *JN* foi um fato jamais repetido. Em outros momentos como por ocasião da morte do jornalista Tim Lopes e de Roberto Marinho, o *Jornal Nacional* também divulgou editoriais no mesmo tom, mas nada se compara àquele momento.

3.1.3 ELEIÇÕES 1989

Em 1989, a campanha do futuro presidente Fernando Collor de Melo ⁶⁴ foi favorecida pela construção dia-a-dia de um cenário pelo *Jornal Nacional*. Conti (1999, p. 410) destaca que Alberico Souza Cruz, diretor de telejornais da rede, que se relacionava bem com políticos em geral, foi conhecer Collor em março de 1987.

⁶⁴ Fernando Collor de Melo foi eleito presidente da República em 1989 pelo PRN - Partido da Reconstrução Nacional - e sofreu processo de impeachment em dezembro de 1992. É senador eleito em 2006 por Alagoas.

A afinação de Souza Cruz com o modo de pensar, agir e reagir de Roberto Marinho era total. Como Collor tinha jeito de que poderia crescer, o jornalista considerou que era sua obrigação profissional conhecê-lo e depois dizer a Roberto Marinho

Foi a partir dessa conversa que se montou o *Globo Repórter* sobre os *marajás*⁶⁵, sem fazer alusão ao governo federal. O programa foi ao ar duas semanas depois da posse de Collor no governo do estado de Alagoas. A partir dali começou uma maratona de palestras, visitas e entrevistas de Collor por todo o país. Em Londrina, no Paraná, como em diversos locais, ele foi aplaudido pelos estudantes universitários, sempre acompanhado pela cobertura da *Globo*.

Pouco tempo antes das eleições, a *Globo* colocou no ar duas novelas: *Que Rei Sou Eu* e o *Salvador da Pátria*. Embora não haja pesquisa que comprove tal fato, foi perceptível que as novelas faziam alusões aos dois candidatos, prestigiando Collor e comprometendo a imagem de Lula.

Em novembro, a três semanas do 17 de dezembro, data do segundo turno entre Fernando Collor de Melo e Lula, a revista *Veja* trazia na capa o título: *Lula e o capitalismo*, e exibia uma reportagem dizendo, em outras palavras, que Lula era sinônimo de desordem e agressividade. A reportagem foi utilizada amplamente pelo telejornal.

Francisco Vianey Pinheiro⁶⁶, então responsável pela edição de política da *Globo* em São Paulo, dizia que sempre que se começa a preparar um eleição já fica claro dentro da redação para onde “está indo a cabeça” do grupo proprietário. Portanto, antes de começar a campanha de 89, já se desconfiava de que o apoio era para Collor.

⁶⁵ Foram chamados de *marajás* os funcionários públicos do governo de Alagoas que ganhavam altos salários. O ex – presidente Collor, quando governador, prometeu baixar os proventos e acabou ficando conhecido como o *Caçador de Marajás*.

⁶⁶ Francisco Vianey Pinheiro em entrevista à autora, São Paulo, outubro de 2005.

Mas o que pode ter decidido mesmo a eleição de 1989 foi a considerada "manipulação" na edição do *Jornal Nacional* do dia 16 de dezembro, véspera do segundo turno da eleição. O que a maioria dos telespectadores viu pela televisão não foi o debate, e sim a forma como os editores do *Jornal Nacional* colocaram no último telejornal antes das eleições as imagens e discursos de Lula e Collor.

Antes, afirma Conti (1999, p.271) Leopoldo Collor - irmão do candidato - telefonou para a *Globo* pedindo-lhe para dar informações sobre a relação do seqüestro do empresário Abílio Diniz⁶⁷ e o Partido dos Trabalhadores, dizendo que a eleição do Collor dependia disso.

Os episódios paralelos, como o seqüestro do empresário, também faziam o diferencial da cobertura. Pinheiro relata que as autoridades tentavam relacionar os casos com as campanhas. Ele, inclusive, recebeu telefonemas até do Secretário da Justiça de São Paulo, dizendo que havia indícios de participação do PT no seqüestro. Mas foi no sábado, véspera da eleição, na hora da edição para o *Jornal Hoje*, que começou a *pressão*

:

Ele [Alberico] me ligou e disse que estava em São Paulo. Citou duas ou três coisas: você está botando isso, botando aquilo. Eu não gostei porque pela primeira vez ele estava interferindo. Nós usávamos na *Globo*, naquela época só dois institutos de pesquisas, o Ibope tradicional e o Datafolha e apareceu na minha mesa, na redação, uma pesquisa *Vox populi*, uma pesquisa por telefone e dava que o Collor arrasou no debate. Recebo um segundo telefonema do Alberico: 'você recebeu aí a pesquisa', eu disse: 'recebi, não olhei, joguei no lixo'. 'Não, não faça isso, é importante, dar um registro' eu disse, 'Alberico uma pesquisa por telefone'... Ele não impôs, mas me pressionou na edição final ali com o jornal já no ar.

⁶⁷ Abílio Diniz, empresário, presidente da Empresa Brasileira de Distribuição.

O Jornal foi exibido e quando Pinheiro retornou à redação havia um telefonema de Armando Nogueira pedindo que ele repetisse a mesma edição no *JN*. No entanto, a edição foi refeita. “Encontrei o Otavio Tostes e disse: ‘o que houve?’ ele disse: ‘é que desceu aqui o Ronald de Carvalho mandou mexer em tudo”.⁶⁸

A mudança no material editado para o *Jornal Nacional* ocorreu no tempo e na escolha das *falas* de cada candidato. Se no *Jornal Hoje*, com a dificuldade de corte das entrevistas, Collor ficou com 22 segundos a mais que Lula, na edição do *JN*, porém, a diferença foi maior. Lula falou sete vezes e Collor oito e teve direito a um minuto e 12 segundos a mais que Lula. A edição mostrava ainda os piores momentos de Lula, inclusive gaguejando e trocando palavras.

A viúva de Roberto Marinho revelou em 2005 que o presidente Fernando Collor era íntimo da família e foi mesmo o Grupo Marinho que o elegeu. Collor passava finais de semana com o casal em Angra dos Reis. "O Roberto colocou ele [na Presidência] e depois tirou", diz Lily. "Durou pouco. Ele se enganou" (Bergamo, 2005. ilustrada, E2).

Com Fernando Henrique foi diferente. ‘Nada de decepções’. Dona Lily conta que Roberto Marinho tinha um telefone em casa só para falar com o então presidente. Era um telefone criptografado, que mistura as vozes e torna incompreensível a conversação para terceiros. Com o fim do governo FHC, o telefone foi aposentado.

⁶⁸Vianey Pinheiro em entrevista à autora, São Paulo, 2005.

3.1.4 Queda de Collor

Em 29 de dezembro de 1992, o presidente Fernando Collor de Melo renunciou ao mandato e foi considerado inabilitado politicamente pelo Senado por acusação de corrupção. Como na época das *Diretas*, o *Jornal Nacional* demorou em reconhecer o movimento da população brasileira que pedia o impedimento de Collor já no primeiro semestre de 1992. Porto (1994, p.142) revelou que o *Jornal Nacional*, na época, exibia o discurso de fontes e versões governistas, evitando referências aos vínculos entre Paulo César Farias e o presidente.

Bucci (2004, p.215) também acredita que a *Globo* demorou a inserir matérias das passeatas que pediam o *impeachment* e evitava dar ênfase à indignação de jovens nas ruas, *os caras pintadas*⁶⁹, como ficaram conhecidos. Algum tempo depois, o próprio telejornal passou a apoiar, por meio de reportagens, o impedimento do presidente que ajudou a eleger. “Antes de divulgar a campanha pelos telejornais, exibiu a série *Anos Rebeldes*, mostrando a ‘saga’ de jovens guerrilheiros e houve quem associasse a apresentação da minissérie ao engajamento da juventude na campanha”.

Mas o movimento “caras pintadas”, na afirmação de Machado foi criado pela própria *Rede Globo* com um golpe de sorte. Ele afirma que o ex-presidente depois de eleito retirou toda a propaganda governamental da emissora com a intenção de quebrar a *Globo*, além de ter seqüestrado a poupança e que, por isso, a emissora tinha interesse em derrubá-lo.

(...) os estudantes do Rio de Janeiro foram para a rua protestar pela meia-entrada e pela carteira de estudante (liderados pelo então

⁶⁹ Movimento de jovens, pelas ruas, principalmente estudantes, com os rostos pintados, que pediam o impeachment do presidente.

vereador do Rio de Janeiro, Edson Santos), quando então a *Globo*, aproveitando-se do fato, em novo estelionato de mídia, em plano fechado, passou a mostrar estudantes protestando como se fosse contra o governo Collor, trocando a história do protesto dos estudantes pela carteirinha, criando o "Fora Collor". No dia seguinte, e nos dias que se sucederam, a *Globo* deu grande destaque ao Lindinho (Lindberg Farias), líder estudantil da UNE e a estudantada, alienada e querendo aparecer na televisão, saiu bradando pelas ruas, o "Fora Collor" (Machado, 2006)

Lopes⁷⁰ considera que Collor foi perseguido pelas Organizações *Globo* e afirma que a *perseguição* foi motivada pela suspensão de privilégios concedidos pelo governo Sarney.

Eu vi o que estava acontecendo no Ministério das Comunicações. Grandes concessões à *Rede Globo*. Vi que logo depois que o Collor chegou lá eles quiseram continuar com a mesma linha, e Collor sustou todos os processos que davam privilégios a *Globo* dentro do Ministério das Comunicações. Então a *Globo* derrubou através da maciça audiência, forçando denúncias e aquilo ia penetrando na mente das pessoas.

3.1.5 Eleições de 1994 e 1998

A cobertura e participação do *JN* nas eleições de 1994 foi muito pequena. A ênfase política do noticiário na época era em torno das mudanças econômicas pelas quais o país passava. O noticiário destacava o Plano Real dando espaço apenas ao Ministro e candidato Fernando Henrique Cardoso, retirando de pauta qualquer crítica em relação a problemas da sua gestão. Um marketing perfeito, como lembra Rubim (1994)

Estabilizar a moeda e baixar a inflação, ainda que momentaneamente, foram sem dúvida componentes deste "sucesso", mas sem a atuação afinada dos media, o plano de modo algum seria tão eficaz politicamente. [...] Uma orquestra afinada

⁷⁰ Genésio Lopes, em entrevista à autora – São Paulo 2006

repele facilmente algum desafinado descontente. O Brasil em uma corrente pra frente torna-se Real [...]nos materiais noticiosos; nas telenovelas; nos musicais e nos shows de variedades, quando apresentadores de televisão bastante populares foram pagos pelo governo para fazer propaganda não declarada .

Nas eleições de 1998, o telejornal praticamente ignorou a eleição presidencial e fez uma cobertura, como toda a mídia, bem inferior em relação a outros eventos. Miguel (2004, p.94) apontou que o *JN* dedicou, de 13 de julho a 3 de outubro, data da votação, apenas 4,6% de seu tempo às eleições. Além disso, apresentava uma eleição já decidida. O estudo demonstrou que o *Jornal Nacional* realizou um *agendamento* de temas marcadamente favoráveis ao candidato à reeleição e um silêncio profundo sobre questões problemáticas e a própria competição.

Também analisando a participação da mídia na eleição de 1998, Rubim (1999) declara que. “A tradição ‘oficialista’ e governista da mídia outra vez se realizou, mais que isso ficou patente uma afinidade ideológica entre setores dominantes na política e boa parte da mídia em torno do Plano Real”.

O *Jornal Nacional* se omitiu até de acompanhar a agenda das candidaturas, conforme Miguel (2004, p.93). Ele demonstra que não foram realizadas nem a cobertura sobre as eleições nem a discussão de temas que pudessem ser prejudiciais ao candidato-presidente. “A *Rede Globo* colaborou para a reeleição de Fernando Henrique eliminando a campanha de seus noticiários.”

Nos próximos capítulos tratamos especificamente das eleições de 2002 e 2006 e como elas foram enquadradas pelo *Jornal Nacional*.

4 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2002

No capítulo anterior, foi apresentado um retrospecto de como o *Jornal Nacional* tratou fatos políticos importantes da História do Brasil e, especificamente, como foi o seu comportamento em eleições presidenciais. Neste capítulo pretende-se demonstrar a importância e o papel desempenhado pelo telejornal nas eleições presidenciais de 2002.

4.1 O Contexto Político

A disputa presidencial de 2002 evidenciou o discurso da mudança. Ao contrário de 1994 e 1998, quando - apesar de uma conjuntura econômica ruim - o governo FHC alcançou um balanço satisfatório na campanha, percebia-se o descontentamento da população frente às situações de desemprego, insegurança e instabilidade da economia.

Mesmo José Serra, candidato do governo, chegou a afirmar ter sido sempre crítico da política econômica de Fernando Henrique Cardoso. Mas a tensão por que passava o governo FHC dificultou a sua campanha tornando. Almeida (2003, p.7) relata:

[...] Há, portanto, um agravamento da crise econômica, social e política do país, numa situação em que o governo não conseguiu enfrentá-la nem com medidas macro (como foi o Plano Real) nem com uma diversidade de paliativos que resultassem num impacto global sobre o cenário de representação da política, que expressasse um ambiente mais favorável ao candidato da situação e preferido do Bloco de Poder. Assim, Serra ficou com a marca de um candidato pesado.

No começo de 2002, o cenário eleitoral começou se projetar. De um lado o governo precisava manter unidos os partidos e as propostas que

reelegeram Fernando Henrique; do outro, a oposição, representada, principalmente pelo Partido dos Trabalhadores, tentava pela quarta vez eleger Luiz Inácio Lula da Silva.

Já eram consideradas certas as candidaturas de Lula; a do ex-governador do Ceará Ciro Gomes, do Partido Popular Socialista; a do então governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho, do Partido Socialista Brasileiro; da governadora do Maranhão Roseana Sarney, do Partido da Frente Liberal; do governador de Minas Gerais Itamar Franco, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro; e de José Serra, pelo Partido da Social Democracia Brasileira.

As pesquisas eleitorais no começo do ano apontavam a liderança de Lula e destacavam em segundo lugar Roseana Sarney, grande esperança do PFL, que apostou todas as fichas na candidata com uma expressiva propaganda eleitoral na televisão.

Em setembro de 2001, Roseana começava a aparecer nos comerciais do partido com a imagem de uma mulher moderna, sensível aos problemas sociais, e com alta aprovação da população maranhense à sua gestão.

Bucci, na época, criticou a forma como a campanha de Roseana invadia o espaço jornalístico.

Sem publicidade, não há democracia. Pelo menos, não há eleição. O tal 'fator' Roseana está aí para comprovar. Algumas centenas de inserções de comerciais do PFL na TV transformaram a governadora do Maranhão na nova marca registrada da campanha presidencial. Não que ela seja uma liderança carismática. Todos sabem que o feito de sua própria marca não é dela, mas dos filminhos publicitários (BUCCI, 2001, p.2).

O eleitorado começou se manifestar pela preferência à candidata Roseana que apresentava altos índices de intenção de voto e era cotada para compor a chapa governista com José Serra. Em fevereiro de 2002, pesquisas mostravam que Roseana tinha melhores chances que Serra e pela primeira vez existia a possibilidade de o país ter uma mulher na presidência.

No entanto, dias depois do “auge” nas pesquisas, no dia 1º de março, agentes da Polícia Federal, ao investigar suspeitas de irregularidades na extinta SUDAM, descobriram 1,34 milhão de reais em dinheiro num cofre da empresa do Secretário do Governo do estado do Maranhão e marido de Roseana, Jorge Murad.

A candidatura de Roseana Sarney começou a naufragar, as imagens do dinheiro na empresa Lunnus e as acusações passaram a dominar a cobertura da mídia durante quase dois meses, aumentando a visibilidade da candidata, embora com valência negativa em todos os jornais e televisão.

O escândalo e os rumores de que o PSDB tenha sido responsável pela ação da PF e desestruturado a campanha de Roseana, levaram o PFL a romper a coligação já quase certa com o partido do governo e acabaram forçando a renúncia da pré-candidata.

Carvalho (2004, p.159) aponta como uma das causas da desconstrução da candidatura a própria dimensão que tomou a campanha levando o PFL a se empolgar a ponto de não aceitar mais figurar com um candidato a vice em uma possível coligação com o PSDB.

Pode - se dizer que o *fenômeno Roseana* subverteu a lógica e a prática política tradicional do PFL que, ao descobrir ter uma candidata ao estrelato via-se na obrigação de recusar lugares subalternos em uma esperada (e até desejada) coligação com o PSDB e PMDB (aliança política de sustentação ao governo FHC).

Itamar Franco também desistiu depois que o partido não quis indicá-lo à convenção. Em junho, as convenções partidárias definiram os candidatos. Foram confirmadas no final do mês as candidaturas de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, representando uma coligação formada por cinco partidos; José Serra do PSDB; Anthony Matheus Garotinho do PSB; Ciro Ferreira Gomes do PPS; José Maria de Almeida pelo PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – e pelo PCO - Partido da Causa Operária - Rui Costa Pimenta.

Tabela 1 – Relação dos Candidatos à Presidência – 2002

Candidato	Partido	Coligação
Lula	PT	PT, PL, PC do B, PMN, PCB
José Serra	PSDB	PSDB, PMDB
Anthony Garotinho	PSB	PSB, PGT, PTC
Ciro Gomes	PPS	PPS, PDT, PTB
Jose Maria de Almeida	PSTU	
Rui Costa Pimenta	PCO	

Fonte: TSE

A campanha oficial começou a partir de julho e as pesquisas assinalavam vitória de Lula já no primeiro turno. Mas, Ciro Gomes cresceu e chegou a empatar tecnicamente com o candidato do PT. Os outros dois principais candidatos Serra e Garotinho, pareciam estar estacionados. Depois da entrada do horário eleitoral em 20 de agosto e da inserção diária das campanhas na mídia, Ciro caiu até terminar o primeiro turno em quarto lugar.

O Horário Eleitoral Gratuito foi veiculado em dois períodos: de 20 de agosto a 3 de outubro, antes do 1º turno, e de 14 a 25 de outubro, antes do 2º

turno. O critério para a divisão do tempo de cada candidatura na TV foi o da representação das coligações na Câmara dos Deputados; por isso, José Serra (PSDB) acabou ficando com mais tempo, quase a metade do horário destinado aos candidatos.

Na votação em primeiro turno, no dia seis de outubro, os mais votados foram Luiz Inácio Lula da Silva, com mais de 39 milhões de votos (44%) e José Serra, com 19,705 milhões (23%). Como nenhum dos candidatos recebeu 50% dos votos mais um, foi realizado o segundo turno em 27 de outubro. Lula teve 52.772.475 votos contra 33.356.860 votos de Serra, ou seja, 61.3% dos votos.

Tabela 2 – Resultado da Eleição - 1º Turno - 2002

Candidato	Partido	Votação Nominal	% Votos válidos
Luiz Inácio Lula da Silva	PT	39.455,223	46,44
José Serra	PSDB	19. 705.445	23,19
Anthony Garotinho	PSB	15. 180.097	17,86
Ciro Gomes	PPS	10.170.882	11,97
José Maria Almeida	PSTU	402.236	0,47
Rui Costa Pimenta	PCO	38.619	0,04

Fonte: TSE

Tabela 3 – Resultado da Eleição- 2º Turno - 2002

Candidato	Votação Nominal	% Votos válidos
Luiz Inácio Lula da Silva	52.793.364	61,27
José Serra	33.370.739	38,72

Fonte: TSE

4.2 A Cobertura da Mídia

Se compararmos com as eleições de 1994 e 1998, o processo eleitoral de 2002 foi marcado por uma exibição excessiva dos candidatos e da campanha nos meios de comunicação.

Um dos fenômenos foi a elaboração e divulgação de pesquisas. Nunca em uma eleição se divulgou tanta pesquisa. Entre janeiro e início de outubro, foram divulgados cerca de 70 resultados de pesquisas para a corrida presidencial. Só a *Globo* divulgou 23 resultados do Ibope, 15 do Datafolha e 20 do Instituto Vox Populi.

Já no início do ano era possível perceber que as eleições de 2002 seriam enfatizadas pela mídia com uma cobertura extraordinária, mesmo antes das convenções partidárias. De acordo com Aldé (2004, p.107) a eleição presidencial de 2002 tornou-se assunto relevante nas páginas de política dos principais jornais e ganhou progressivamente mais espaço. Nos últimos dois meses da disputa, cadernos especiais mobilizavam positivamente o noticiário, contribuindo para o envolvimento eleitoral em geral.

O restante da imprensa também realizou a maior cobertura de todas as eleições presidenciais brasileiras. Miguel (2004, p. 95) aponta que a participação de todos os principais candidatos em debates e em entrevistas ao vivo nas emissoras de televisão durante o primeiro turno foi um dos indicadores destas mudanças na afinidade entre mídia e eleições. “A Rede Bandeirantes inovou e, além de um debate com os presidentiáveis, realizou outro debate com os candidatos a vice” .

A cobertura relevante da mídia foi considerada essencial para o processo e um sinal de profunda alteração no seu papel em relação às outras últimas duas eleições presidenciais. Chaia (2004, p. 39) demonstra que:

Esta mudança de atitude dos meios de comunicação se deveu a alguns fatores: o candidato da oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, sempre esteve em primeiro lugar nas pesquisas eleitorais que expressavam a tendência do eleitorado brasileiro. (...) Os outros candidatos que disputaram a presidência precisavam ser conhecidos pelo eleitorado para se tornarem alternativas à candidatura Lula, já que a mídia sempre se posicionou contrária a ela.

No entanto, a construção da imagem dos candidatos, proporcionada pela mídia no período, nem sempre os beneficiou. Em março, como já citamos, a mídia contribuiu para a visibilidade negativa da então pré-candidata do PFL Roseana Sarney, levando-a à renúncia.

Se a imagem de Roseana candidata foi construída nos programas do partido com a marca da engenhosidade do publicitário Ninzan Guanaes, a desconstrução, ao contrário, resultou de uma ação articulada que envolveu instituições públicas na produção do flagrante, e os *media*, que o fizeram acontecer para todos os eleitores (Carvalho, 2004, p.156).

O candidato do Partido Popular Socialista, Ciro Gomes tornou-se o possível adversário de Lula. As pesquisas mostravam o crescimento das intenções de voto para Ciro ao mesmo tempo que crescia sua superexposição, mas a própria mídia passou a pautar episódios negativos em relação ao candidato. Ciro acabou em quarto lugar.

Começa a associação à imagem do ex-presidente Collor e a ênfase nas *mentiras* de Ciro. Este, por sua vez, parece contribuir para a sua própria imagem negativa, protagonizando diálogos, entrevistas e situações recheadas de frases infelizes (Aldé, 2002, p. 15).

Além de Anthony Garotinho, destacado inúmeras vezes negativamente pela imprensa, restavam como importantes concorrentes no pleito o candidato do governo contra a oposição de Luiz Inácio Lula da Silva.

Na construção da imagem de José Serra e de Luiz Inácio Lula da Silva prevaleceram elementos de destaque da gestão da época a favor do candidato do PSDB - a possibilidade de uma alternativa mais coerente ao candidato do PT, embora Serra também tenha adotado como discurso, a mudança. Almeida (2004, p. 140) destaca: “Serra concentrou seu discurso na mudança (...) procurando afastar a sua imagem do governo Fernando Henrique. Mas no olhar do receptor-eleitor, o lugar de fala de Serra era o da continuidade”.

No início da campanha, a tática do medo, usada nas campanhas desde 1989, prevaleceu para Lula. O discurso de Serra, de políticos e membros do governo apontando que o Brasil poderia se transformar em uma “Venezuela” ou “Argentina” caso o novo governo tomasse outros rumos foi maciço. O “FMI” exigindo garantias de que o novo governo honraria com os compromissos e o aumento do “risco Brasil” foram os destaques das matérias da mídia e principalmente do *Jornal Nacional*, que veremos a seguir.

A mídia só começou a mudar o rumo do discurso depois que o PT divulgou que teria uma carta de compromisso e esclarecimento da posição do partido em relação às medidas econômicas. A existência da carta e a posição moderada do PT foram acentuadas para milhões de brasileiros na entrevista ao vivo no estúdio do *JN* em julho.

4.3 O Papel do Jornal Nacional nas Eleições 2002

O investimento nas eleições presidenciais de 2002 pela mídia teve maior peso na *Rede Globo*. A mudança na cobertura foi destacada por Bucci como uma das melhores coberturas do processo eleitoral já vistas no Brasil. “Se você comparar o procedimento e o comportamento da *Rede Globo* em 1989 com o comportamento em 2002, você vai notar sinais expressivos de uma grande melhora, de um excelente desenvolvimento” (Bucci, 2006).⁷¹

A maior rede de televisão do país apostou todas as fichas na cobertura do pleito, inclusive tomando decisões inéditas, como as *entrevistas ao vivo* realizadas pelo *Jornal Nacional*.

Os principais presidenciáveis, com mais de 1% das intenções de votos - Luiz Inácio Lula da Silva (PT); José Serra (PSDB); Anthony Garotinho (PSB) e Ciro Gomes (PPS) - foram entrevistados ao vivo, por duas vezes, no *Jornal Nacional*, em julho, logo após os registros das candidaturas, e em setembro, a menos de duas semanas do primeiro turno. Foi a primeira vez, na história do *JN*, que o programa realizou uma entrevista ao vivo no estúdio do *JN*, segundo o editor chefe William Bonner⁷².

A intensa cobertura da eleição também ocorreu nos demais telejornais da Rede. Foram realizados dois debates, um no primeiro turno e outro no segundo. Para o pesquisador Miguel (2004, p. 94), se em 1998 o *JN* destinou apenas 4,6% do seu tempo total às eleições presidenciais nos momentos de maior destaque da campanha, em 2002 o telejornal dedicou cerca de sete vezes mais

⁷¹ Bucci, em entrevista à autora. Londrina, março de 2006

⁷² Bonner, em entrevista, Rio de Janeiro, 8 de julho de 2002

espaço, ou seja, 31,2% do tempo total. “Em 2002, foram 14 semanas entre o fim da Copa e o primeiro turno; as eleições presidenciais receberam 12 horas, 55 minutos e 50 segundos do noticiário, isto é, 29,4% do total”.

O pesquisador assinalou também que os dois candidatos com menos de 1% das intenções de votos, José Maria e Rui Pimenta, obtiveram mais inserções do que Fernando Henrique, Lula ou Ciro nas eleições de 1998.

Além da divulgação das pesquisas, agenda dos candidatos e entrevistas ao vivo, o *Jornal Nacional* exibiu, dentro do debate eleitoral, três séries de reportagens especiais: sobre os problemas brasileiros com o objetivo de buscar do candidato respostas para as situações mostradas nas matérias, sobre o “Brasil” - exemplos que deram certo no país - e sobre o “poder do presidente” - matérias sobre as atribuições de um Presidente da República.

Outro destaque da cobertura do *Jornal Nacional* foi o enfoque dado pelo telejornal na tentativa de mostrar imparcialidade. Observa-se tal preocupação ao tentar justificar as regras das entrevistas ao vivo, ao número menor das matérias do governo federal e a opção de não colocar versões editadas dos debates no telejornal.

Porto (2004, p.87) afirma que no primeiro turno ficou evidente o total equilíbrio no número de aparições dos principais candidatos. Ele avaliou que o posicionamento do *Jornal Nacional* veio ao encontro de uma postura mais comprometida adotada pela própria direção a partir de 1999 para desfazer erros anteriores.

O tratamento equilibrado das diversas candidaturas parece indicar um esforço consciente dos responsáveis pela produção de notícias no *Jornal Nacional* para superar a parcialidade que, em diversos momentos históricos, caracterizou a cobertura noticiosa da Rede Globo.

Para Guazina (2006, p.151), a combinação de três fatores resultou na valorizada cobertura: “de ordem econômica, a crise financeira da mídia; de ordem política, as negociações realizadas pela equipe de Lula com a mídia; e de ordem jornalístico-editorial e também empresarial, o novo compromisso com a ‘responsabilidade social’”.

A maior cobertura da Rede *Globo* nas eleições presidenciais de 2002 não significa, no entanto, que ela foi imparcial. As pesquisas apontam um equilíbrio no tempo dedicado para cada candidato. No entanto, a qualidade da informação e a imparcialidade vão além de dar uma cobertura equilibrada para os candidatos em termos de tempo ou número de matérias; é preciso também manter o equilíbrio no conteúdo.

5 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2006

5.1 O Contexto Político

Nas eleições de 2006 quase, 126 mil eleitores estavam aptos a votar. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral aproximadamente 10 % a mais que nas eleições de 2002. O pleito majoritário também foi mais amplo que em 2002, com mais candidatos e mais partidos menores e com candidatura própria. Logo no início do ano já surgiram discussões em torno de novas regras para a propaganda eleitoral e coligações.

A verticalização, por exemplo - regra pela qual os partidos não podem fazer alianças eleitorais na disputa pelos governos estaduais diferentes daquelas feitas em nível nacional, causou muita polêmica e embate entre o TSE e o Congresso.

Em 3 de março de 2006 a Justiça Eleitoral aprovou a manutenção da verticalização, inserida nas eleições de 2002. Cinco dias depois o Congresso Nacional votou uma Emenda Constitucional pelo fim da norma. Muitos congressistas e partidos acreditavam que a afinidade política nos estados poderia ser diferente daquelas coligações em nível nacional. No entanto, como pela legislação eleitoral as regras para as eleições só podem ser mudadas com pelo menos um ano de antecedência ao dia da votação, o Supremo Tribunal Federal manteve a verticalização e o TSE acabou por deixar a regra como em 2002, ou seja, as coligações regionais ficaram livres para os partidos que não tiveram candidatos à presidência.

O fim da verticalização e a possibilidade de coligações independentes em estados foi o argumento usado pelo Partido do Movimento

Democrático Brasileiro para não lançar candidato à Presidência. A decisão foi tomada no dia 12 de junho, porém as discussões em torno da candidatura própria no partido começaram no início do ano e acabaram provocando uma ruptura no PMDB.

O partido foi dividido em pelo menos dois grupos: um liderado pelo ex - Presidente da República José Sarney e pelo presidente do Senado Renan Calheiros, considerada a ala governista e que era contra a candidatura própria; e o outro, tendo à frente pré-candidatos como o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho; o Senador pelo Rio Grande do Sul, Pedro Simon; o ex governador do Rio Grande do Sul Germano Rigotto; e o ex - presidente Itamar Franco.

Garotinho foi escolhido no dia 19 de março, vencendo Rigotto em uma consulta informal, uma vez que o partido estava impedido judicialmente de realizar prévias, em uma ação movida pela parte governista. A decisão sobre a candidatura própria e escolha de candidatos ficou para a convenção, 3 meses depois. Como a convenção não se realizou e o PMDB decidiu que não teria candidato, Anthony Garotinho, desgastado por acusações e pela divisão no partido, acabou desistindo.

O PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira também esteve envolvido em debates internos para a escolha do seu candidato. No páreo o então governador de São Paulo Geraldo Alckmin, o prefeito José Serra e se ventilava o nome do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Prevaleceu o diálogo, aparentemente não tão amistoso e o partido decidiu pela candidatura Alckmin, ficando Serra para a disputa do governo de São Paulo. A convenção que oficializou o nome de Alckmin foi em 11 de junho.

O Partido da Frente Liberal - PFL - mais uma vez não teve candidatura própria e acabou por firmar aliança com o PSDB na chamada: "Coligação por um Brasil Decente", composta apenas pelos dois partidos. A senadora Roseana Sarney, nome forte do partido das eleições de 2002, foi contra a decisão do partido e apoiou publicamente a reeleição do presidente Lula. Depois de ser ameaçada com processo disciplinar e perder a eleição para o governo do Maranhão desfilou - se do partido.

Roberto Freire era apontado como o candidato do PPS - Partido Popular Socialista (PPS). Porém o partido decidiu apoiar informalmente o PSDB e se coligar oficialmente com o partido em alguns estados.

O único candidato tido como certo, no início do ano de 2006, era o presidente Lula, embora nem ele e nem o partido fizesse qualquer declaração sobre a candidatura. Além disso, o PT passava por um momento de crise, desencadeada já no início do mandato, com a divisão do partido.

No final da eleição de 2002, o governo foi obrigado a fazer alianças políticas para garantir a governabilidade, já que não alcançou a maioria no Congresso. Além disso, a adoção de uma política econômica parecida com a do governo Fernando Henrique e tão criticada pelo Partido dos Trabalhadores gerou críticas de membros do PT resultando no afastamento de militantes e expulsões de parlamentares.

Em maio de 2005 começaram a vir à tona denúncias, feitas pelo presidente do PTB - Partido Trabalhista Brasileiro, Roberto Jefferson, contra o governo federal. Entre as denúncias, a compra de votos de parlamentares em favor de projetos do governo. Na verdade, o que parecia ficar nítido é que, para manter as boas relações com os parlamentares da base aliada, não bastava manter os

cargos públicos para membros dos partidos. A possível manobra, liderada, segundo as denúncias, pelo então Ministro da Casa Civil, José Dirceu, foi chamada pela imprensa de *mensalão*, numa referência a um possível pagamento mensal a deputados.

Apesar da descrença de antigos setores da esquerda brasileira no PT e das denúncias divulgadas exaustivamente pela imprensa, no final do ano de 2005 pesquisas assinalavam que o governo resistia e apontavam uma vitória tranqüila de Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição.

Além disso, ao contrário de 2002, a economia não representava risco. A política econômica do governo dava certo e o mercado internacional confiava no país fazendo o risco Brasil registrar alguns dos seus menores índices.

Lula era concebido como o candidato da classe mais baixa, não só pela estabilidade da economia, mas principalmente por conta de programas sociais. Apesar da crise ética dos partidos envolvidos pela corrupção, inclusive no partido do governo, e da violência urbana, a eleição poderia ser decidida no primeiro turno.

A candidatura à reeleição foi lançada em 24 de junho de 2006. O partido se aliou com o Partido Republicano Brasileiro (PRB), do vice José Alencar, e com o Partido Comunista do Brasil (PC do B), formando a coligação "A Força do Povo". Recebeu o apoio informal do Partido Liberal (PL), do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e de setores do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) além de grupos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Uma das vozes discordantes do PT em 2003 era a da senadora Heloísa Helena que, mais tarde, depois de se mostrar explicitamente contrária às medidas tomadas pelo governo - inclusive a nomeação do presidente do Banco Central, Henrique Meireles - foi expulsa e fundou o P-SOL, Partido Socialismo e

Liberdade. O nome de Heloísa Helena foi oficializado pelo P-SOL no dia 28 de maio. A coligação “Frente de Esquerda” teve ainda o Partido Comunista Brasileiro e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU).

O Partido Democrático Trabalhista (PDT) lançou como candidato o senador Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal e ex- Ministro da Educação do governo Lula, então filiado ao PT.

Os partidos considerados pequenos e sem representatividade preferiram a candidatura própria à coligação. O Partido Republicano Progressista (PRP) lançou a cientista política Ana Maria Rangel em uma convenção no dia 29 de junho, mas a candidatura se envolveu em uma polêmica e a candidata foi expulsa do partido tendo seu registro impugnado.

A cientista política foi expulsa do partido ao divulgar pelo *Jornal Nacional*, no dia 30 de junho, uma possível extorsão que teria sofrido pelo presidente do PRP, Ovasco Rezende para ser o nome do partido à presidência.

Ana Maria recorreu e conseguiu se manter na disputa só às vésperas da eleição, no dia 19 de setembro. Mesmo assim ficou em quinto lugar no geral e em primeiro entre os candidatos de partidos "nanicos".

O Partido Social Democrata Cristão (PSDC) anunciou a candidatura do ex-deputado José Maria Eymael e o Partido Social Liberal (PSL) Lançou como candidato o empresário Luciano Bivar.

Rui Costa Pimenta foi candidato pelo Partido da Causa Operária – PCO, a exemplo de 2002, mas teve o pedido de registro da candidatura indeferido por ausência de prestação de contas relativa à campanha presidencial anterior. O partido recorreu e o processo se arrastou até o final da campanha eleitoral.

Como forma de protesto, o PCO passou a usar o espaço da propaganda eleitoral gratuita contra o TSE. O programa foi tirado do ar sob alegação de "desvirtuamento da propaganda eleitoral"⁷³.

O deputado federal Enéas Carneiro foi lançado como pré-candidato do Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) em dezembro de 2005, mas, em função de problemas de saúde, em junho de 2006, desistiu de concorrer.

Até o dia 5 de julho, último dia para registro das coligações, oito candidatos se registraram.

Tabela 4 – Relação dos Candidatos à Presidência – eleições 2006

Candidato	Partido	Coligação
Luiz Inácio Lula da Silva	PT	PT / PRB / PC DO B
Geraldo Alckmin	PSDB	PSDB / PFL
Heloísa Helena	P-SOL	P -SOL / PSTU /PCB
Cristovam Buarque	PDT	
Ana Maria Rangel	PRP	
José Maria Eymael	PSDC	
Luciano Bivar	PSL	
Rui Costa Pimenta	PCO	

Fonte: TSE

A votação foi no dia 1º de outubro, mas as eleições não foram decididas em primeiro turno. Até a segunda quinzena de setembro as pesquisas mostravam que o presidente Lula seria reeleito em primeiro turno, no entanto, em função de acusações de tentativa de compra de um dossiê por membros do PT e

⁷³ Decisão liminar do Ministro Marcelo Ribeiro do Tribunal Superior Eleitoral

prisão destas pessoas, as pesquisas realizadas a cada três dias mostravam a redução da diferença entre ele e o segundo colocado, Geraldo Alckmin.

Tabela 5 – Resultado da Eleição - 1º Turno

Candidato	Partido	Votação Nominal	% votos válidos
Luiz Inácio Lula da Silva	PT	46.662.365	48,61
Geraldo Alckmin	PSDB	39.968.369	41,64
Heloísa Helena	PSOL	6.575.393	6,85
Cristovam Buarque	PDT	2.538.844	2,64
Ana Maria Rangel	PRP	126.404	0,13
José Maria Eymael	PSDC	63.294	0,07
Luciano Bivar	PSL	62.064	0,06

Fonte: TSE

As eleições de 2006 foram encerradas com segundo turno no dia 29 de outubro. O presidente Lula continuou em primeiro lugar, no entanto, com uma diferença maior daquela obtida em primeiro turno. Ele conseguiu 58.295.042 votos (60,83%). O candidato Geraldo Alckmin teve uma votação inferior à do primeiro turno 37.543.178 votos (39,17%) . Ao todo foram 95.838.220 votos válidos.

Tabela 6 – Resultado da Eleição - 2º Turno

Candidato	Votação	Percentual
Luiz Inácio Lula da Silva	58.295.042	60,38
Geraldo Alckmin	37.543.178	39,17

5.2 A Cobertura da Mídia

O trabalho da mídia foi um dos destaques das eleições de 2006, embora em 2002 tenha sido maior em tempo e em número de entrevistas e debates. Em 2002 a cobertura esteve centrada nas propostas, nos riscos e no debate econômico. Em 2006 a abordagem foi dirigida para as denúncias, envolvendo governo e parlamentares, que começaram em maio de 2005 e que levaram a discussões sobre o papel da própria mídia em torno da chamada “crise política”.

No acompanhamento aos candidatos, nas entrevistas, sabatinas e debates, falou-se da segurança pública e de alguns problemas localizados, mas a ênfase foi a corrupção, falta de ética de parlamentares, governo e partidos. Mesmo assim se considera que foi uma grande cobertura: “Os debates pela TV, as entrevistas às rádios, as sabatinas nos jornais ofereceram ao eleitorado mais subsídios do que os horários de propaganda comandados pelo TSE” (Dines, 2006).

As instituições de ensino e projetos ligados à pesquisa sobre Mídia e Política puderam acompanhar dia-a-dia a veiculação de notícias de eleições pelos jornais. O DOXA ⁷⁴ constatou que de fevereiro até outubro de 2006 os quatro maiores jornais do Brasil: *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo* divulgaram mais de 28 mil matérias sobre os candidatos.⁷⁵

O levantamento do Instituto revelou também que só a *Folha de S. Paulo* veiculou, sobre candidatos, mais de 9 mil matérias, representando 32.7%; o *Jornal O Globo* quase 8 mil; com 27.98%.

⁷⁴ Doxa – Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro ligado a Universidade Cândido Mendes.

⁷⁵ Números distribuídos por jornais, candidatos e divulgados a cada quinze dias no site: www.doxa.iuperj.br, acesso em 10/01/2007. Até a data da pesquisa os números por jornais e os percentuais ainda não estavam disponíveis, a somatória e interpretação foram feitas pela autora.

A tabela abaixo mostra o número de reportagens sobre os candidatos em cada um dos quatro jornais e o percentual dentro das 28.378 matérias veiculadas.

Tabela 7 – Matérias Sobre os Candidatos à Presidência em 2006 nos Jornais.

Jornal	Número de Matérias	% de matérias
Folha de S. Paulo	9.296	32.757
O Globo	7.941	27.982
O Estado de São Paulo	6.144	21.650
Jornal do Brasil	4.997	17.608S

Fonte: DOXA

Os dados preliminares da pesquisa revelam ainda que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva foi o que teve maior nível de visibilidade. Ele foi contemplado com 13.700 matérias, seguido por Geraldo Alckmin com 11.003. No jornal *O Globo* é que a diferença foi menor entre os dois primeiros colocados, com menos de 500 matérias a mais para Lula. Nos outros periódicos a diferença foi de cerca de mil matérias.

Tabela 8 – Número de Matérias em Jornais por Candidatos

Candidato	Número de matérias
Lula	13.700
Alckmin	11.003
Heloisa Helena	2.206
Cristovam Buarque	963
José Maria Eymael	179
Luciano Bivar	165
Rui Pimenta	111
Ana Maria Rangel	51

Entre os jornais, a Folha de S. Paulo se sobressaiu, mesmo antes da definição de candidaturas, não só por ter feito uma cobertura maior que seus concorrentes, mas por passar a criticar o governo e se fundamentar nas denúncias, a partir do “mensalão”, como a base da sua cobertura. Colling (2006) indica que não só a Folha de S. Paulo, mas parte da imprensa deixou o seu lado governista como vinha fazendo nas últimas eleições para se dedicar a posições contrárias e críticas ao governo.

Nesta perspectiva, deve ser registrada a tendência de uma busca desenfreada pelo escândalo na cobertura jornalística da política no Brasil recente e, por certo, em outros países. Tal busca envolve, principalmente, temas como corrupção e deslizes de variadas espécies na vida pessoal. Ou seja, uma atitude que reduz, em notável medida, a política a uma dimensão puramente moralizante, sob o pretexto da busca de uma política conjugada com a ética.

Colling fez um levantamento da mídia nas coberturas eleitorais e sobre a “crise política em 2005” constatou que não só a *Folha de S. Paulo* mas a Revista *Veja* da editora *Abril* foram os veículos explicitamente contra o governo e o candidato Lula.

De 32 capas de *Veja* após a edição de 18 de maio de 2005, que deflagra a crise através de sua reportagem sobre o flagrante de um funcionário dos Correios recebendo propina, pelo menos 20 delas trouxeram a crise no governo ou no PT como tema principal. Embora as investigações não conseguissem comprovar a vinculação de Lula com os casos de corrupção e esquemas de caixa dois do PT, a revista insistia em relacionar o presidente com os escândalos (Colling, 2006).

O que ocorreu no *agendamento* dos meios de comunicação em geral é que estes se concentraram nos assuntos da crise ao longo de todo o ano. A

cobertura se reduziu às CPIs do *mensalão*, *valerioduto*, *sanguessuga* e mais perto do primeiro turno, *dossiê contra tucanos*. A forma como foram feitas as denúncias oficializaram no Brasil os *escândalos políticos midiáticos* (EPM). No conceito desenvolvido por J.B Thompson,⁷⁶ utilizado por Lima (2006, p.13) o EPM é a divulgação de fatos previamente ocultados e moralmente desonrosos, desencadeando uma seqüência de ocorrências posteriores.

O controle e a dinâmica de todo o processo deslocam-se dos atores inicialmente envolvidos para os jornalistas e para a mídia. (...) A crise política não existiria se ela não fosse *na e pela mídia*. É o que pretendemos examinar, para além da missão investigativa do jornalismo é como, muitas vezes, a exacerbação dessa missão por jornalistas e empresas de mídia provocou sérios desvios não só das regras elementares do exercício profissional - vale dizer, do “bom jornalismo” - mas sobretudo dos princípios éticos básicos da profissão.

As redes de televisão anunciaram grandes coberturas para as eleições com entrevistas ao vivo, sabatinas e debate com os principais candidatos. A maior delas a *Rede Globo*, procurou uma cobertura intensa como em 2002, porém com menos entrevistas ao vivo e reportagens especiais. O *Jornal Nacional* teve apenas uma rodada de entrevistas no primeiro turno e não realizou a entrevista ao vivo do segundo turno conforme anunciado anteriormente. O *Jornal Hoje* também não fez entrevistas ao vivo nos estúdios. O destaque da emissora foi o projeto da *Caravana do JN*.

Em 2006, a *Rede Globo* divulgou menos pesquisas eleitorais que em 2002, fechou contrato com as empresas de pesquisa *Datafolha* do grupo *Folha de S. Paulo*, e *Ibope*. De abril até o final do segundo turno o noticiário divulgou 33

⁷⁶ Sociólogo inglês que trabalha com a relação mídia e política e desenvolveu o conceito de EPM

resultados de pesquisas sobre a eleição presidencial. Foram 17 pesquisas *Datafolha* e 16 do Ibope, não entrando na contagem as pesquisas de *boca de urna*.⁷⁷

Na análise de Colling (2006), a emissora foi um dos veículos que procurou a neutralidade na cobertura da “crise” e das eleições. No entanto, sabe-se dos seus comprometidos com o governo, seja por meio da dependência da publicidade ou de acordos como a ajuda financeira à TV por assinatura, além do benefício do governo ao optar pelo padrão japonês de *TV Digital*⁷⁸.

Só que, mesmo assim, em meio a crise política, em maio de 2005 um encontro entre os políticos do PFL - Jorge Bornhausen e José Agripino Maia - e o principal executivo das Organizações Globo, João Roberto Marinho, revelava a intenção da maior emissora do Brasil.

A conversa foi relatada por Scolese e Nossa: "O dirigente da poderosa TV Globo afirma aos líderes do PFL que um segundo mandato de Lula poderá levar o país a uma situação caótica. E admite que prefere Geraldo Alckmin a José Serra na cabeça de chapa da oposição" (2005, p. 214 e 215).

Antes do registro definitivo dos candidatos, no início da campanha eleitoral o “alvo” da rede foi a possível candidatura própria do PMDB e principalmente o pré-candidato Anthony Garotinho, que ainda move processo na Justiça contra a emissora e a revista *Veja*.

⁷⁷ Contagem feita na observação diária do telejornal e com dados disponíveis nos sites dos Institutos de Pesquisas.

⁷⁸ O modelo de TV Digital que começou a ser implantado no Brasil é o padrão japonês. A transmissão e modulação em digital permite a alta qualidade técnica de imagens e sons, interatividade e multiplicidade de canais. “O presidente levou em conta o lobby das grandes emissoras de TV do Brasil a favor do padrão japonês. ‘Não seria inteligente do ponto de vista político’, avalia Lula, contrariar essas empresas no ano em que disputará a eleição”. Kennedy Alencar. Folha de S. Paulo. São Paulo, 8 de mar. 2006. Disponível em: www.folha.uol.com.br/folha/dinheiro. acesso em 16 de maio, 2006.

No final do primeiro turno, nas últimas duas semanas, a cobertura da emissora foi voltada para o episódio do *dossiê*.⁷⁹ Vianna⁸⁰ afirma que o projeto de cobertura mudou depois do dia 18 de setembro e a recomendação em relação a entrevistas e abordagens passou a ser outra.

‘Vamos perguntar sobre o dossiê para todos os candidatos’. Todo dia passou a ser a pergunta para Cristovam, Heloísa Helena, Alckmin. Vão falar sobre o dossiê e vão cobrar da candidatura Lula, do governo e da PF porque esses caras estavam com o dinheiro lá. O coordenador aqui em São Paulo fazia isso, mas era uma pessoa que simplesmente repassava a orientação do Rio de Janeiro. A orientação que passou a imperar foi esta.

A cobertura da *Globo* no final do primeiro turno causou protestos de jornalistas, críticas em revistas, na Internet e resultou em um abaixo assinado liderado pela direção da *Globo*, pouco antes do 2º turno, contra as críticas. Sobre o documento Vianna relata:

veio pelo computador e ele foi passando de mesa em mesa. Foi o chefe de redação que veio trazer pedindo para assinar em defesa dos colegas. (...) O texto era muito safado porque toda a defesa da *Globo* era feita dentro do episódio do avião. (...) No último parágrafo falavam, em função disso é inadmissível que queiram atacar nossa cobertura que foi isenta.. ou seja, você pega parte para fazer a defesa do todo, você tenta desmontar o argumento de que a *Globo* deixou de dar o episódio do avião e supostamente ao fazer esta defesa e faz a defesa de toda cobertura. (...) O abaixo assinado serviu para demarcar território.

O documento não surtiu efeito e os repórteres da *Globo* voltaram a sofrer constrangimentos na rua como em outras ocasiões. No dia 29 de outubro após a apuração final das eleições, durante o primeiro discurso do presidente

⁷⁹ Denúncias em relação à tentativa de compra - por pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores - de um dossiê contra José Serra e Alckmin. No capítulo da amostra a pesquisa relata o dia - a - dia da abordagem do episódio.

⁸⁰ Rodrigo Vianna, ex - repórter da Rede Globo, em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007.

reeleito na avenida Paulista em São Paulo o repórter da emissora não conseguia gravar a passagem por causa dos gritos de protesto “fora *Rede Globo*”.⁸¹

Para Lima (2006) a cobertura enviesada da mídia desde a “crise política” em 2005 não afetava a opinião da maioria dos brasileiros, mas a situação se alterou às vésperas do primeiro turno, levando a votação para o segundo. Para o pesquisador, “o que está em jogo é o direito do cidadão de ser bem informado”.

Que jornais e revistas e concessionários de emissoras de rádio e televisão tenham posição editorial político –partidária é apenas normal. Que essas posições deliberadamente contaminem a cobertura política – sem serem explicitadas – é violar o direito fundamental dos cidadãos de serem corretamente informados.

A versão própria de fatos divulgados pela mídia no período da campanha eleitoral foi, sem dúvida, o grande debate em torno das eleições 2006. “As eleições de 2006 sinalizam um importante avanço histórico em nosso país: a grande mídia entrou - finalmente - na agenda da discussão pública” (Lima, 2006a).

5.3 O Papel do *Jornal Nacional* nas Eleições 2006

Antes de analisar, por meio da amostra do *Jornal Nacional*, qual foi o comportamento da *Rede Globo*, vamos relembrar os destaques da cobertura no telejornal. A *Globo* tentou inovar e, além de dar espaço sistematicamente para todos os candidatos, inclusive os de partidos pequenos, criou o projeto *Caravana JN*.

Em julho, ao final da Copa do Mundo, a emissora já divulgava em campanha publicitária como seria a *maior cobertura de eleições*. As outras

⁸¹ Episódio relatado por Rodrigo Vianna e divulgado em sites na Internet. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12733&editoria_id=4. em 1/11/2006. Acesso em 6/11/2006.

emissoras respondiam criticando a falta de isenção da concorrente e o *show* na qual ela pretendia transformar o *fato jornalístico*, referindo-se a *Caravana*.

A *Caravana do JN* foi considerada grande estratégia de cobertura para a emissora. O projeto previa uma viagem de 15 mil quilômetros durante dois meses a bordo de um *motorhome* e oito dias num barco atravessando parte da Região Norte. Além do jornalista Pedro Bial a *Caravana* era composta por mais 12 pessoas, incluindo 3 seguranças. Seis profissionais, técnicos e produtores se revezariam nos dois meses.

As primeiras informações sobre a caravana diziam que a apresentação do *JN* seria a cada quinze dias de uma região diferente e que os apresentadores oficiais do telejornal se revezariam na viagem, mas Fátima Bernardes só ancorou o jornal do local onde estava a *Caravana* em uma oportunidade no dia 14 de agosto na Região Sudeste.

O telejornal fez reportagens especiais para apresentar o próprio trabalho: o *motorhome* e os bastidores da ancoragem externa dando chance para que o público, presente no local, se visse na TV no dia seguinte. Nas apresentações externas do *JN* o público “participava” como se estivesse no próprio *Big Brother* ou no extinto programa *Você Decide*. Para a rede era tecnologicamente o maior projeto especial já feito para uma eleição.

Durante os dois meses de projeto, de 31 de julho a 30 de setembro, o Jornal Nacional vai exibir, de segunda a sábado, a série *Desejos do Brasil*. Com reportagem de Pedro Bial, as matérias serão produzidas, realizadas e editadas pela equipe da *Caravana JN*. Motivada pelas eleições, a série vai traçar um panorama dos anseios dos brasileiros, captando os contrastes do território nacional (..) O *motorhome* vai transportar um sistema *fly away* que permite transmissão via satélite de qualquer ponto do Brasil (...) o técnico alinhará a antena com um dos satélites e enviará os dados para a emissora no Rio de Janeiro.⁸² (...)

⁸² Informações enviadas por e-mail pela responsável pelo apoio a pesquisas acadêmicas da Rede Globo., Viviane Tanner, no dia 28/07/2006, às 14h18.

Se para a emissora a “Caravana JN” representava o trunfo da cobertura da eleição 2006, para alguns jornalistas de política da emissora a forma como o projeto foi conduzido representou uma grande decepção.

a gente estranhou, porque você faz um esforço danado para tentar mostrar que o jornalismo na televisão não é show, é jornalismo e aí na hora que vão entrar as matérias de jornalismo político você escolhe como figura para ancorar as matérias e fazer as matérias um personagem que está vinculado à linha de shows da emissora que é o Big Brother. Então isso desagradou um pouco e a própria linha da cobertura das matérias, que foram feitas, na minha opinião, privilegiou uma coisa mais de show do que de discussão efetiva: então vai para o Sul do país e mostram os japoneses que sabem artes marciais.[...] Foi para o Nordeste, foi para uma cidade e fizeram uma metáfora com o jogo de futebol.⁸³

A *Caravana JN* foi ao ar pela primeira vez em 31 de julho de 2006.

Começou em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul. A proposta levantou muitas críticas em relação à fidelidade jornalística, coerência com o projeto do *JN* e quanto às reais intenções dos diretores globais. Montuori (2006) apontou que os produtores escolheram os lugares mais pobres com o objetivo de observar de perto o desempenho dos projetos sociais, neste caso avaliando o governo Lula.

Assim, adentrar nesse espaço, de forma legítima, colocando seus apresentadores para confirmar a veracidade dos fatos, lado a lado com a população, pode representar para o *Jornal Nacional* uma estratégia correta e sutil de influenciar o eleitor que comprou o discurso da aproximação, do governo do povo, fórmula marcante e bem-sucedida do presidente Lula durante seus quatro anos de mandato. Estar ao lado do povo, falando diretamente para ele, fez reacender inclusive os debates sobre a possibilidade de um novo populismo, representado na figura de Lula.

⁸³ Rodrigo Vianna, em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007.

Silva (2006, p. A10) comparou o projeto a um *espetáculo* circense fazendo alusão à Caravana Rolidei, nome do circo mambembe que rodava o país em "Bye Bye Brasil", filme de Cacá Diegues.

Mais de 25 anos depois, o que faz a "Caravana JN"? Recria o circo, mas o leva para dentro da TV e das casas. O ônibus da "Globo" é um simulacro tardio da descoberta do Brasil profundo e do reencontro com os anseios do povo. Há uma espécie de pasteurização da vida popular, uma nova "poética da miséria" disposta a nos revelar as riquezas singelas do brasileiro pobre. Nesse pastiche de circo itinerante há números cívicos, truques de entretenimento, malabarismos retóricos.

Ao contrário de 2002, quando os candidatos de partidos pequenos e sem expressão, chamados *nanicos*, praticamente não apareceram, em 2006 a Globo decidiu divulgar diariamente os candidatos e ainda divulgar duas vezes por semana, matérias com tempos iguais aos candidatos de partidos pequenos.

O diretor executivo da *Central Globo de Jornalismo*, Ali Kamel contou que houve um acordo entre a *Globo* e os partidos para que os candidatos com menos de 5% nas pesquisas eleitorais ou que fossem de partidos com menos de cinco deputados federais tivessem cobertura igual no *JN*. Rui Costa Pimenta não foi beneficiado com a proposta porque seu partido, PSTU, não elegeu um deputado federal em 2002, e Ana Maria Rangel estava com a candidatura suspensa pelo TRE.

A visibilidade dada pelo *JN* aos presidenciaíveis *nanicos* Luciano Bivar e José Maria Eymael foi tão importante que eles apenas se importavam em estar aparecendo no *JN* e serem reconhecidos em todo o Brasil. Foi o que conseguiram em um período de um mês.

Eymael e Bivar precisaram, inclusive, simular campanhas pelas ruas e até usar figurantes como adeptos. Tudo era orientado para entrar no telejornal conforme o acordo. Houve até instrução de cinegrafistas para os coadjuvantes: “Não olha para a câmera, amigo, conversa com o candidato”. Na campanha de Bivar moças foram contratadas para balançar bandeiras para as lentes do *JN*. O presidenciável José Maria Eymael também teve que procurar ajuda de figurantes que se disfarçaram de correligionários. Um assessor tinha, entre outras funções, a de recrutar pessoas na rua para Eymael cumprimentar (Oliveira, Folha de S. Paulo, 2006, p. A10).

O acordo de visibilidade no *Jornal Nacional* foi para que os candidatos não participassem do debate que a emissora realizou no dia 28 de setembro, no entanto, a “Globo”, no meio da campanha, desistiu da cobertura. Como o TSE decidiu que Bivar e Eymael não teriam mesmo direito de participar dos debates, porque seus partidos não possuíam representação na Câmara, à época das convenções, a emissora se viu liberada.

Para as candidaturas *nanicos* perder a cota de participação no *JN* foi um *balde de água fria* nas campanhas. A assessoria do candidato Eymael revelou, na época, que “o número de e-mails enviados diariamente ao candidato despencou de 400 para menos da metade” (Bergamo, 2006, ilustrada, p. E 2). Os dois candidatos chegaram a divulgar que entrariam com recurso no TSE contra a *TV Globo*.

6 AMOSTRA 2002

Em 2002, o estudo foi realizado com uma coleta de dados que abrangeu o período entre 23 de abril e 27 de outubro. No total, foram gravados 166 telejornais e obtido um resultado quantitativo em cada mês.

Para a interpretação foram selecionados telejornais em 4 períodos do ano eleitoral:

No 1º período: Pré-convenções - de 23 a 26 de abril, 07 a 17 de maio e 05 a 14 de junho, foram analisados 22 telejornais;

No 2º período: Pós-registro de candidaturas e primeira rodada de entrevistas ao vivo com candidatos até a entrada do Horário Eleitoral de 08 a 31 de julho e 5 a 10 de agosto, foram estudados 28 telejornais;

No 3º período: Entrada do Horário Eleitoral até final do primeiro turno de 20 de agosto até 5 de outubro - foram analisados 34 telejornais

No 4º período: foram analisados 14 telejornais do 2º turno, conforme tabela a seguir.

Tabela 9 - Telejornais e o Percentual da Amostra 2002

	1º período	2º Período	3º Período	4º Período	Total %
Telejornais Exibidos	60	43	40	23	166
Telejornais Analisados	22	28	34	14	98
Nºde Matérias	66 Matérias	148 Matérias	160 Matérias	30 Matérias	404

A análise buscou, como já foi dito, telejornais em períodos distintos e que tinham alguma representação no cenário eleitoral de 2002. O número de telejornais depende do grau de importância de cada período e a crescente cobertura pelo telejornal analisado. Foram inseridos programas de todos os meses pesquisados, de abril até o segundo turno.

6. 1 Apresentação dos Dados

6. 1. 1 - 1º Período: Pré- Convenção – abril – maio – junho

O primeiro momento analisado se refere ao período em que as candidaturas ainda não estavam homologadas, porém definidas. Foi marcado pela definição de chapas, candidatos a vice e coligações. No começo da análise, no mês de abril, a ex-governadora Roseana Sarney, considerada uma forte candidata, foi obrigada a desistir da candidatura por causa de denúncias contra ela e o marido que tiveram muita visibilidade no *Jornal Nacional*. O seu partido, o PFL, ficou dividido no apoio.⁸⁴

No mês de abril, o telejornal divulgou reportagens diárias sobre denúncias de desvio de dinheiro e corrupção. Algumas resgatavam episódios como o caso “Lalau” e a “máfia do INSS”.⁸⁵ As matérias periódicas sobre a crise econômica na Argentina destacavam situação de pobreza, mudanças e decadências do país. No Brasil, as matérias eram otimistas e de valorização da economia, mas as

⁸⁴ Um relato sobre os acontecimentos em torno da candidatura de Roseana Sarney foi pormenorizado no capítulo sobre as eleições de 2002.

⁸⁵ Nicolau dos Santos Neto, conhecido como Lalau, juiz e ex presidente da comissão de obras do TRT de São Paulo. Condenado por irregularidades e desvio de dinheiro da obra do prédio do TRT. Ficou conhecida como a *Máfia do INSS* a quadrilha que desviou milhões de Reais do INSS. A *quadrilha* era comandada pela advogada Georgina de Freitas, condenada em 1992.

insinuações eram de que o Brasil, dependendo do próximo presidente, poderia virar uma “Argentina”.

Repórter: Um jeitinho de ganhar tempo. Não se vê ainda uma saída para a crise argentina, um pacto político não resolve a situação. Aos governantes, estão acabando não só as alternativas no campo econômico. Está acabando tempo para que encontrem uma saída que não signifique mais caos social e destruição política(...).

Repórter: (...) Dona Lícia não tem dinheiro no banco e nem fé no governo. Ainda mora na mesma casa de alta classe média, mas nos últimos dois anos sofreu uma brutal redução no padrão de consumo (25/04/02).

Repórter: (...) A Argentina trocou de Ministro da economia seis vezes no último ano. E nenhum conseguiu frear o crescimento da miséria e da pobreza absoluta. Comunidades carentes estão aumentando depressa, concentrando gente que não tem emprego e para comer precisam de caridade. (26/04/02)

Comentarista : Aqui vai a receita para virarmos Argentina: Eleja um presidente que se ache acima do Congresso, ou um presidente abaixo do Congresso, sem maioria para governar. Ou um presidente machinho: "Eu boto pra quebrar". Ou que diga: "Dane-se o mundo; só existe o Brasil". Ou então: "Dane-se o Brasil, só existe o mundo". Ou um populista: "Eu prometo tudo a todos, pois Deus me mandou". Ou então: "Democracia é coisa de burguês e ajuste fiscal é bobagem" (26/04/06).

Apresentador: Os indicadores divulgados hoje pelo IBGE mostram as transformações do país entre os anos de 91 e 2000. O presidente Fernando Henrique Cardoso, que assumiu o cargo no meio da década, analisou o resultado da pesquisa. O presidente Fernando Henrique destacou os pontos que achou mais importantes do Censo 2000. Quase todas as crianças de sete a 14 anos na escola; mais casas com rede de esgoto, água e coleta de lixo. Queda na mortalidade infantil (08/05).

Neste período, os candidatos começaram a aparecer quase que diariamente em matérias no *Jornal Nacional*, entretanto eram chamados de pré-candidatos e tinham os nomes inseridos em matérias relacionadas com ajustes em partidos para a costura das coligações, além de serem chamados a dar opiniões sobre assuntos polêmicos como a votação da CPMF, Lei de Responsabilidade Fiscal e alíquotas do IR.

Junho foi o mês da *Copa do Mundo*, portanto o número de matérias sobre eleições e o tempo dedicado a elas no *JN* diminuiu . Além da divulgação das pesquisas, os candidatos apareceram em matérias de economia.

A tabela 10, a seguir, demonstra o nível de visibilidade dos pré-candidatos, nesse momento. Além dos quatro principais candidatos, confirmados após a convenção, aparece ainda o pré-candidato do PRONA. A Tabela apresenta a participação dos presidenciáveis no telejornal, evidenciando o número de matérias sobre eleições ou candidaturas e qual o percentual de inserção de cada candidato.

Tabela 10 – Número e Tempo de Matérias por Candidato – 1º período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Ciro	15	22.73	19m 55s
Garotinho	15	22.73	17m 36s
Lula	16	24.24	16m 22s
Serra	19	28.79	18m 33s
Enéas	1	1.51	1m
Total de matérias	66	100	

A análise do primeiro período demonstra que houve um certo equilíbrio no número de matérias e tempo de presença dos pré-candidatos no telejornal. José Serra (PSDB) é o que esteve em um maior número de matérias. Foram três a mais do que Luiz Inácio Lula da Silva e quatro a mais que os outros dois principais pré-candidatos. Isso não significa, no entanto, que ele teve mais visibilidade. Ciro Gomes (PPS), apesar de ter quatro matérias a menos, esteve mais

tempo em evidência, com 1 minuto e 22 segundos a mais que Serra, portanto mais visível.

Embora o pré-candidato do PPS tenha ficado mais tempo em exibição em relação aos outros, José Serra e Garotinho foram os que mais falaram, por meio de entrevistas ou dentro dos VTs⁸⁶. O número de *falas* dos dois foi o mesmo: três sonoras⁸⁷ a mais que Ciro e Lula. No tempo total Garotinho foi, de certa forma, beneficiado com um minuto a mais que outros candidatos. Mas se Serra teve mais sonoras ele acabou falando menos tempo que Lula, por exemplo.

A tabela traz estes parâmetros e anota também o percentual da sonora dentro das matérias destinadas a cada candidato. Garotinho, por exemplo, teve 64 por cento de sonoras nas reportagens.

Tabela 11 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato – 1º período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Ciro	15	6	40	2m 10	10.89
Garotinho	15	9	64	3m40	20.85
Lula	16	6	37	2m 31	15.44
Serra	19	9	52	2m 27	13.26
Enéas	1	0			

No estudo do primeiro período percebe-se que o tempo e o número de sonoras e reportagens destinadas a cada candidato manteve-se equilibrado já que, se por um lado um candidato teve mais matérias, por outro, pode ter perdido em tempo ou em número de *falas*. Mas para ter uma análise melhor é

⁸⁶ VT – Vídeo-Tape: equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera e usado também para indicar a fita onde está gravada a matéria. Mas a Globo convencionou também usar a palavra VT para designar uma reportagem com narração e passagem do repórter.

⁸⁷ A Sonora ou entrevista já foi conceituada na introdução.

preciso verificar os temas abordados, porque um candidato pode não ter sido privilegiado apesar de ter tido mais tempo ou mais espaço de “falas” se as matérias sobre ele foram negativas.

Tabela 12 – Valência das Matérias por Candidato – 1º período

Candidato	Valência das Matérias / Porcentagem					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Ciro	4	26.60%	5	33.30%	6	40.00%
Garotinho	2	13.33%	6	40.00%	7	46.60%
Lula	3	18.75%	7	43.75%	6	37.50%
Serra	8	42.10%	3	15.78%	8	42.10%

A tabela 12 demonstrou que no primeiro período analisado os candidatos considerados de oposição receberam mais valências negativas nas matérias apresentadas que o candidato do governo. Entre Lula e Serra foram exatamente os opostos, enquanto Serra teve 8 matérias consideradas positivas, Lula teve 7 consideradas negativas. As matérias negativas de Lula corresponderam a quase 44 % de todas as matérias apresentadas no período, enquanto para Serra as negativas representaram quase 16 por cento. Em relação aos outros dois candidatos, Ciro e Garotinho, prevaleceram as matérias com valência neutra, embora as positivas para Garotinho, por exemplo, não tenham passado dos 13.33% do total.

Pelo critério adotado, em que a valência positiva é considerada para o candidato que tem destaque em sua fala, ou reportagem, planos de governo, promessas e avanços em pesquisas, percebe-se que o *Jornal Nacional*

privilegiou muito mais o candidato do governo colocando em destaque tais assuntos nas matérias sobre Serra.

Relacionamos aqui uma série de assuntos que se destacaram no *Jornal Nacional* nesse período e como eles contribuíram ou não para a visibilidade positiva das candidaturas.

No começo do período analisado o *JN* destacava as alianças de candidatos com outros partidos e apoio de políticos. Neste momento, observa-se que a valência variava de acordo com o apoio recebido. José Serra teve destacado o apoio recebido do PFL, citado duas vezes em uma mesma matéria. Para Garotinho o apoio de Maluf, destacado pelo *JN*, não teve a mesma valência positiva que Serra, porque ligava seu nome a um político que já teve problemas com a Justiça.

Pelo critério, a valência negativa se dá quando a matéria faz ressalvas a candidatos, reproduz críticas e ataques de concorrentes. Vejamos abaixo como o *Jornal Nacional* deu ênfase aos ataques.

As matérias de economia sobre a crise na Argentina, aumento do dólar e do risco Brasil, foram invariavelmente de destaque negativo para os candidatos, já que apontavam que o risco Brasil, por exemplo, poderia aumentar em função de depoimentos entendidos como ameaçadores à estabilidade econômica.

Em dois telejornais, Armínio Fraga, presidente do Banco Central, deu entrevista fazendo estas ressalvas. O Ministro da Fazenda Pedro Malan apareceu em três telejornais relacionando a crise aos candidatos de oposição. Em quase todos os telejornais do mês de maio apareceram matérias sobre a Argentina e falas de Malan e Serra destacando que o Brasil poderia se transformar “na

Argentina”. Serra destacou várias vezes “é preciso ter a casa arrumada se não vira a Argentina”.

Estes enquadramentos negativos para os candidatos de oposição tiveram seu “auge” no dia 13/05, quando o *JN* exibiu uma entrevista do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, no Bom Dia Brasil.

Apresentador: O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, comentou, hoje, as oscilações dos últimos dias no mercado financeiro - e os relatórios de bancos estrangeiros recomendando aos clientes que reduzam investimentos no Brasil por causa de pesquisas eleitorais. Numa entrevista ao Bom Dia Brasil, ele disse que ainda não está claro nos programas de oposição que não haverá mudança radical nos rumos da economia.

A parte editada da entrevista para o *JN* teve mais de dois minutos e uma repercussão negativa para os candidatos de oposição. O Ministro dizia que: “não devíamos esquecer o passado”, insinuava que se houvesse mudança na direção do governo tudo poderia mudar e a estabilidade estaria ameaçada. “É comum os candidatos prometerem e dizerem que tudo é viável ao mesmo tempo e já. O medo é que por falta de entendimento você entra em uma trajetória e vai dando vários passos na direção errada”. A entrevista destacada pelo telejornal suscita o medo da mudança.

O tempo destacado para a matéria e “falas” do presidente do BC já teve um tom parcial; dois minutos é considerado um tempo grande em telejornalismo - o tempo médio de matérias do telejornal é de um minuto e meio. Além disso, na “cabeça” da matéria,⁸⁸ Bonner foi interpretativo ao dizer que Fraga ainda não tinha claro que os candidatos de oposição não iriam mudar a economia

⁸⁸ Cabeça da Matéria. O Lead. É sempre lida pelo apresentador e dá gancho de matéria. Vera Íris Paternostro: **O texto na TV**. Rio de Janeiro Campus, 1999

e na nota coberta⁸⁹ em que repercutiu a entrevista com os candidatos, afirmou que: “Ciro Gomes, pré-candidato do PPS, disse que haverá mudanças na economia se ele for eleito”.

Outro assunto que gerou polêmica pelo telejornal foi a discussão da Lei de Responsabilidade Fiscal, questionada no STF pelos partidos de oposição. Pedro Malan deu uma entrevista em tom de ameaça dizendo que se não cumprissem a lei, a inflação voltaria.

A volta da inflação é uma possibilidade se não houver uma atenção da sociedade, do debate público nos próximos meses, o respeito à Lei de Responsabilidade Fiscal, que alguns querem modificar radicalmente com ações na Justiça e posições dessa natureza, é uma possibilidade que não pode ser eliminada(16/05).

A matéria foi negativa para os candidatos oposicionistas, porque a entrevista insinuou que eles queriam a volta da inflação por estarem questionando a LRF, embora Lula e Garotinho tenham dado opinião contrária ao próprio partido e tenham defendido a Lei de Responsabilidade.

O *Jornal Nacional* exibiu, quase que diariamente no mês de junho matérias demonstrando o mercado financeiro nervoso com o aumento do dólar e risco Brasil. Armínio Fraga declarou que o medo dos investidores pela proximidade das eleições estava fazendo o risco Brasil subir. Na matéria em que ouviu Lula, Bonner disse que o candidato criticou a entrevista de Armínio.

Apresentador: O pré-candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, criticou hoje a declaração do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, de que a incerteza dos investidores em relação ao futuro político do país está contribuindo para o nervosismo do mercado financeiro.

Lula: Esse cenário da subida do dólar e da desvalorização dos juros

⁸⁹Um dos elementos do telejornal. Texto feito pelo editor e lido pelo apresentador.

se deveu, única e exclusivamente, ao próprio Banco Central que, ao mexer no fundo, criou desconfiança. Eu acho que o presidente da República devia assumir a seguinte responsabilidade: nenhum funcionário do governo deveria comentar qualquer bobagem que pudesse criar mais embaraço para o mercado (05/06).

Os candidatos Lula e Ciro contra-atacaram devolvendo a responsabilidade para o governo. Garotinho não quis falar sobre o assunto, preferiu ficar neutro.

Se o *JN* tinha a intenção de colocar em evidência o candidato Serra - quando ele deixou claro que sua vitória seria o melhor para o país e a única forma de acalmar o mercado - conseguiu, mas conseguiu também destacar o perfil crítico e de discurso direto de Ciro.

Apresentador: Ele acha que o pano de fundo dos problemas econômicos atuais é a questão eleitoral, mas discorda da análise dos investidores.

Serra: Acho que é uma análise errada que fazem os investidores. Estamos há muito tempo das eleições. Os resultados da eleição vão ser bons para a economia e não se justifica introduzir nas análises de risco, hoje, as pesquisas, porque ainda falta muito tempo para a eleição. Portanto, o pano de fundo realmente é a questão eleitoral, mas ao meu ver injustificadamente (05/06).

O candidato do PPS disse que a culpa era das autoridades e deu dados sobre o aumento da dívida externa e interna. Ciro teve o maior tempo de fala. Foi bem destacado. E com isso recebeu valência positiva.

Apresentador: Para Ciro Gomes, do PPS, a responsabilidade é das autoridades brasileiras.

Ciro: Eu acho, inclusive, que as autoridades brasileiras têm, nervosas ou oportunistas, ajudado a criar esse clima de especulação. O que está de fato ficando flagrante no Brasil é que eles explodiram a dívida interna de R\$ 61 bilhões para R\$ 640 bilhões, em sete anos. Eles arrebentaram a dívida externa de US\$ 128 bilhões para US\$ 250 bilhões. A consequência prática disso é que o mundo inteiro, que não é vítima da propaganda que aqui tenta desviar a atenção da população, sabe que o Brasil vai ter dificuldades sérias para manejar suas dívidas (05/06).

Neste momento, o *Jornal Nacional* já vinha realçando o “jeito explosivo” de Ciro, destacando suas críticas e relacionando-o com denúncias. Em 15 de maio começou uma série de matérias negativas sobre Ciro Gomes. Neste dia, o *JN* apresentou reportagem sobre o acordo entre a “frente” que apoiava Ciro e o partido de Collor em Alagoas e mostrou o filho de Collor em uma reunião, destacando sua imagem com um recurso gráfico.

Apresentador :Confusão na frente trabalhista que apóia o pré-candidato do PPS à presidência, Ciro Gomes. O desentendimento foi provocado pelo anúncio da aliança, formada em Alagoas, que inclui o partido do ex-presidente Fernando Collor, candidato ao Senado.

O acordo foi assinado numa reunião onde estavam os representantes do PTB, PDT e PPS. Os três acertaram a aliança com o PFL, PTB e PRTB. Estavam presentes o filho do ex-presidente Fernando Collor, Arnon Afonso, e o deputado Augusto Farias. O compromisso tem a assinatura de todos os presidentes regionais dos seis partidos(15/05).

Um outro VT mostrou Ciro saindo irritado, sem dar a entrevista que havia combinado para a repórter da *Globo*, *Delis Ortiz*. As cenas tornaram Ciro mais antipático para o público e ele reagiu aos ataques dizendo que estavam tentando relacionar a imagem dele a de Collor. A matéria foi encerrada com a narração da repórter. “Em nota, Ciro Gomes reagiu à associação da imagem dele com Collor. Disse que o objetivo é criar intrigas. O pré-candidato do PPS acabou desistindo de gravar entrevista” (15/05).

Neste período analisado, o telejornal também colocou críticas de Lula à economia. Na edição de 26/04 o telejornal polemizou mostrando uma sonora de Lula sobre o aumento da alíquota de imposto de renda. A matéria foi interpretativa quando a edição selecionou a *fala* e incitou os outros pré-candidatos a comentarem.

Apresentador: Uma declaração do pré-candidato do PT à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, acabou provocando comentários dos outros pré-candidatos.

Lula disse ontem na Assembléia legislativa de Salvador que a alíquota do Imposto de Renda para quem ganha muito deveria aumentar, chegando até a 50%.

Lula: um cidadão que ganha R\$ 3 mil, R\$ 4 mil já tem que pagar 27,5%. Depois se ganhar um pouco mais vai para 35%, quando você poderia ter uma escala de 5%, 10%, 15% até chegar a 50% nos altos salários. Mas deveria diminuir na base da pirâmide.

Para Serra, a valência negativa no período se deu principalmente em uma matéria de denúncia contra o diretor do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio, assessor da sua campanha em 1994. Ele foi acusado de receber propina no processo de privatização da Companhia Siderúrgica Vale do Rio Doce. A denúncia teve validade negativa para o candidato, embora, no final da matéria, tivesse uma *fala* do Ministro da Educação, Paulo Renato Souza afirmando que as denúncias eram infundadas e que Serra era o melhor para dirigir o país, ficando essa imagem final.

Apresentador: O ex-diretor do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio, divulgou hoje nota em que nega as denúncias publicadas pela "Revista Veja", de que teria pedido R\$ 15 milhões de propina ao empresário Benjamin Steinbruch, durante o processo de privatização da Vale do Rio Doce.

Na nota, Ricardo Sérgio diz que se trata de uma mentira sórdida. Afirma que nunca pediu nada a Benjamin Steinbruch. E que está à disposição da Justiça para qualquer esclarecimento. Ricardo Sérgio, que foi um dos arrecadadores de dinheiro de campanhas eleitorais do senador José Serra, diz ainda que considera Serra um homem público preparado para conduzir os destinos do país. E que recusa a compactuar com o que chama de trama de baixo nível que claramente visa atingir a candidatura de Serra.

Repórter: Em Nova York, onde foi participar de uma conferência das Nações Unidas, o Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, que confirmou à revista ter ouvido a denúncia de Steinbruch, disse que a conversa entre os dois foi rápida. E surgiu enquanto tratavam de outro assunto. Para o Ministro, a história voltou à tona por causa do momento eleitoral.

Entrevistado: Isto é uma armação para tentar desestabilizar a candidatura do senador José Serra. Não começou o debate político ainda. Infelizmente esta todo mundo preocupado apenas com questões menores, com pesquisa, que neste momento final não tem nenhum valor. Ninguém está discutindo propostas para o país. Admiro o senador José Serra, tenho respeito por ele e sei da sua honestidade, e sei que o candidato mais capacitado“ (07/05).

Para Garotinho, ex-governador do Rio, e Lula, candidato do PT, o destaque negativo ficou para as matérias de violência no Rio onde o repórter da *Rede Globo*, Tim Lopes foi assassinado. As matérias acusavam a polícia e secretários de segurança da gestão de Garotinho e da governadora Benedita da Silva, do PT.

A edição do *JN*, no primeiro período analisado, é muito questionável porque “sugere” parcialidade ao selecionar e enquadrar depoimentos polêmicos e que poderiam contribuir negativamente para as candidaturas. O telejornal também se presta à descredibilidade fazendo edições tendenciosas e usando textos interpretativos e de deboche. Ao falar de Itamar Franco, que se desfilou do PMDB e anunciou apoio ao PT, por exemplo, Bonner debochou do ex-presidente quando ressaltou com um sorriso de desrespeito. “Ele já saiu do PMDB três vezes e dessa vez disse que é para sempre”.

6.1.2 - 2º Período: Pós - Convenção - julho - agosto

O segundo período analisado destaca os candidatos com as coligações definidas, registradas e em plena campanha. O momento antecede o horário eleitoral e a análise começa em um período forte para o *Jornal Nacional*: as

entrevistas ao vivo no estúdio. Foi a primeira vez em 33 anos. “Nós estamos vivendo hoje um marco na história do *Jornal Nacional*” - dizia William Bonner⁹⁰.

Da quantificação do conteúdo não constam resultados referentes às entrevistas “ao vivo”, por considerar que elas já estavam com o tempo previamente definidos. No entanto a análise foi feita e os resultados são apresentados.

A pesquisa, como no primeiro período, buscou quantificar o espaço dedicado pelo telejornal para cada candidato. Lembramos que a partir do início de julho, logo após o registro das candidaturas, o *Jornal Nacional* apresentou diariamente as agendas, por isso é perceptivo novamente um equilíbrio quanto ao espaço para cada presidenciável.

Ao contrário do período anterior, apareceram também os outros dois candidatos à presidência: José Maria Almeida (PSTU) e Rui Pimenta (PCO) e o telejornal passou a divulgar sistematicamente pesquisa da corrida eleitoral para presidente de três institutos de pesquisas: IBOPE, Datafolha e Vox Populi.

Tabela 13 – Número e Tempo de Matérias por Candidato - 2º período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Ciro	41	27.70	32m 24s
Garotinho	33	22.30	29m 31s
Lula	34	22.97	25m 43s
Serra	34	22.97	28m 43s
Almeida	3	2.03	2m 50s
Pimenta	3	2.03	2m 48s
Total de matérias	148		

⁹⁰ BONNER. William. Em entrevista a um grupo de alunos e à autora. Rio de Janeiro, 08 de julho de 2002.

A pesquisa revela que os quatro principais candidatos tiveram quase a mesma quantidade de VTs. Novamente, Lula e Serra empataram no número de matérias e Garotinho teve apenas uma reportagem a menos. O destaque ficou para Ciro Gomes, que teve uma visibilidade maior, com 27% das matérias de eleições do período. A superior visibilidade de Ciro o fez crescer nas pesquisas até que, no final do período analisado, empatou tecnicamente com Luiz Inácio Lula da Silva, o primeiro colocado.

A tabela 14 exibe o total e o tempo das sonoras e o percentual que elas ocupam no número e tempo das matérias.

Tabela 14 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato - 2º período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Ciro	41	25	60.98	7m13	22,25
Garotinho	33	19	57.58	6m21	21,51
Lula	34	19	55.88	8m25	32,75
Serra	34	26	76.47	7m16	25,35
Almeida	3	2	66,66	23s	13.52
Pimenta	3	2	66,66	19s	11,31

Na análise do número de sonoras ficou evidente que Serra - em relação ao segundo candidato mais exposto - teve apenas uma entrevista a mais, com praticamente o mesmo tempo em uma diferença de três segundos. Relacionando as duas tabelas, percebe-se que o número de matérias de Ciro foi maior, mas ele não teve sua *fala* privilegiada. Isto prova que as matérias foram sobre e não com ele.

Os candidatos do PSTU e PCO tiveram uma visibilidade bem mais baixa: foram três aparições e só em dois casos cada um teve a oportunidade da sonora. Além de pouca exibição, nas sonoras eram escolhidas idéias consideradas radicais e promessas difíceis de serem cumpridas, como o salário mínimo de mais de mil reais.

A tabela abaixo mostra a valência das matérias e é possível perceber que se os principais candidatos tiveram uma cobertura equivalente, no que diz respeito ao número, tempo de matérias e sonoras, o mesmo não é possível dizer em relação às abordagens para com os candidatos.

Tabela 15 - Valência das Matérias por Candidato – 2º Período

Candidato	Valência das Matérias / Porcentagem					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Ciro	11	26.83%	22	53.66%	8	19.51%
Garotinho	7	21,21%	12	36,36%	14	42,42%
Lula	17	50,00%	7	20,59%	10	29,41%
Serra	19	55,88%	6	17,65%	9	26,47%
Almeida			1	33,33%	2	66,66%
Pimenta			1	33,33%	2	66,66%

Como já havíamos observado, o elevado número de matérias para Ciro Gomes não significou uma valência positiva, muito pelo contrário: mais de 50% das matérias sobre Ciro Gomes do PPS tiveram valência negativa e apenas 26.83% com valência positiva. A valência negativa de Lula do primeiro período já diminuiu consideravelmente. Esse espaço foi ocupado pelo candidato do PPS. Lula ganhou mais visibilidade e valência positiva em função da elevação das pesquisas

de junho e julho e da entrevista ao vivo na qual foi considerado o melhor, junto com
Ciro, pela pesquisa da própria *Rede Globo*.

O candidato do PSB, Anthony Garotinho, teve baixa valência
positiva - pouco mais de 21 -, mas, em compensação, também não ganharam
destaque as valências negativas. A impressão que se tem é que Garotinho não
progredia na campanha.

Serra, como aconteceu no primeiro período analisado, foi o que
menos teve valência negativa: 17,65% contra 55,88% de positividade. Fazemos a
seguir as justificativas para as valências atribuídas.

Em julho e início de agosto, os candidatos já estavam em plena
campanha. As entrevistas ao vivo (8 a 11/8) eram os destaques do *JN*. Todos os
candidatos tiveram o mesmo tempo: 10 minutos, mais 30 segundos de tolerância. A
entrevista ao vivo de José Serra, por exemplo, durou 10m32 segundos,
ultrapassando também o tempo máximo, mas não teve avaliação positiva. As
perguntas demoraram mais tempo do que para outros candidatos.

No primeiro dia de entrevista, em 08 de julho, com *Ciro Gomes*,
os apresentadores pareciam inseguros, mas preferiram falar da personalidade do
candidato do que perguntar sobre projetos.

Fátima: Como é que o senhor pretende negociar e ao mesmo tempo
controlar uma forma que o senhor tem, de temperamento explosivo,
ou como se diz popularmente, a fama de pavio curto?

Bonner: O senhor sente no ambiente político e mesmo no
empresariado brasileiro um clima receptivo às negociações com o
senhor. O senhor não enxerga essa imagem que é atribuída ao
senhor de uma pessoa de temperamento difícil, como disse a

Fátima: o senhor não enxerga isso?

O tempo ultrapassou o limite e *Ciro* teve que ser interrompido. A
apresentadora *Fátima Bernardes* fez uma pergunta já com o tempo estourado e

William Bonner demonstrou estar apreensivo tentando cancelar a questão. Fátima foi avisada para não fazer mais perguntas só que o seu “ponto”⁹¹ não estava funcionando.⁹²

Na entrevista com Garotinho, os apresentadores reforçavam, nas perguntas, promessas consideradas demagógicas e discutiram a exibição de denúncias proibida pela Justiça. Não deram chance para o candidato encerrar a entrevista falando de suas propostas, foram interpretativos na oportunidade:

Fátima: O senhor censurou a exibição de algumas gravações feitas de conversas telefônicas suas que seriam usadas provavelmente contra o senhor. Por que a censura?

Garotinho: Depois liberei, elas foram liberadas.

Bonner: A Globo pode usar?

Garotinho: Eu liberei aquelas que não continham nada de caráter pessoal das pessoas que foram gravadas.

Bonner: Isso vale para a TV Globo também?

Garotinho: Isso vale para todos aqueles que mostrarem o conteúdo das gravações. E se elas não tiverem nada de pessoal, terei o maior prazer de liberar. O que houve é que esse cidadão, que responde a 39 processos, inclusive duas condenações por sonegação fiscal e falsificação de notas frias, gravou conversas íntimas de colaboradores meus, conversando assuntos pessoais.

Bonner: Longe dos nossos interesses utilizar essas partes. Então está assumindo um compromisso e nós vamos mostrar.

Fátima: Para encerrar, eu gostaria que senhor dissesse **o que o senhor não pôde fazer no Rio de Janeiro e gostaria de fazer assumindo a presidência do Brasil.**

Garotinho: Eu quero construir um amplo programa de casas populares, usando o dinheiro da caderneta de poupança e do fundo de garantia. Nós precisamos ter uma política habitacional firme no nosso país. E quero fazer um amplo programa educacional para os nossos jovens.

O candidato José Serra teve um momento difícil no telejornal. Os apresentadores também questionaram sua personalidade, partidos e falaram de denúncias.

⁹¹ Ponto Eletrônico: receptor auricular com comunicação direta entre o controle mestre, no estúdio, rua ou outro local. In Olga Curado. **A Notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002. p.188.

⁹² Fato presenciado pela autora na sala de corte do telejornal.

Apresentadora: O senhor teve dificuldades de sair candidato pelo PSDB, a sua indicação acabou rachando a base do governo com o veto do PFL, o senhor é considerado uma pessoa centralizadora e por alguns opositores uma pessoa que não agrega. Como é que o senhor pretende mudar sua imagem em uma função que exige tanto poder de negociação?

Apresentador: Por que nesse processo eleitoral toda vez que surge um dossiê sobre algum candidato, o senhor é apontado pelos seus adversários como suspeito número 1. Aconteceu mais de uma vez...

Apresentadora: Qual a sua relação com o ex-diretor do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio, acusado de cobrar propina para ajudar na formação de consórcios durante o período de privatização?

O senhor não acha antiético que um ex-tesoureiro, um ex-arrecadador de fundos venha a ocupar no governo uma função num banco estatal, uma função tão importante? Não foi o senhor quem indicou?

Lula acabou sendo beneficiado porque ficou por último no sorteio das duas etapas de entrevistas ao vivo e foi mais simpático. Além disso, os apresentadores, apesar de firmes, permitiram que ele usasse um discurso que o aproximava do povo.

Bonner: Agora, candidato, há entre os brasileiros muitos que conhecem o Brasil na palma da mão, ou porque viajaram ou porque estudaram in loco geografia, história, e nem por isso se julgam em condição de disputar a presidência. Daí a pergunta.

Lula: Acontece, meu caro, que você lendo ou vendo televisão, você não conhece nada. Você tem que ver, sentir, ouvir o palpitar do coração das pessoas, ver os olhos das pessoas para poder sentir como é fácil a gente encontrar soluções para os problemas brasileiros. Eu estou nessa vida me preparando há mais 30 anos, estou convencido que o PT precisa dessa chance, estou convencido que o povo brasileiro precisa da experiência do PT para que a gente possa sair dessa situação de empobrecimento que está o nosso país.

(...) Eu tenho um sonho de garantir a cada criança brasileira, a cada mulher e a cada homem no mínimo comer três refeições por dia. E do jeito que está essa política econômica vai ficar mais fácil as pessoas passarem três dias sem comer. É apenas isso o que eu quero para o Brasil.

Depois da primeira série de entrevistas ao vivo do JN, o Ibope deu como vencedores Lula e Ciro. Ciro subiu nas pesquisas e superou Serra, que até então, esteve em segundo lugar. O candidato do PPS apareceu em uma

pesquisa como o único capaz de derrubar Lula em um eventual segundo turno. A manchete informou: “Ciro cresce no Ibope” e apresentou a evolução dos números. Lula tinha 39% caiu para 38, 34 e depois 33. Mostrou também que Ciro saiu de 9% para 22 e Serra caiu de 19 para 15%.

O Ibope fez também simulações para o segundo turno. Pela primeira vez, um candidato aparece com mais pontos do que Luiz Inácio Lula da Silva. O candidato do PT fica tecnicamente empatado com Ciro Gomes, do PPS. Numa simulação entre Lula e Ciro: Ciro: 44% e Lula: 43% (16/07).

No dia 25 de julho uma nova pesquisa mostrou que Ciro subiu ainda mais e ultrapassou Lula em um eventual segundo turno. Logo depois o *JN* intensificou as matérias de denúncias contra o candidato do PPS.

Na pesquisa divulgada hoje, a diferença diminuiu entre Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e Ciro Gomes, do PPS, que subiu quatro pontos. O Ibope fez também simulações de segundo turno. O candidato Ciro Gomes abre sete pontos de vantagem numa disputa com Luiz Inácio Lula da Silva.

Nesta fase, o *JN* passou a divulgar diariamente as agendas dos principais candidatos com praticamente o mesmo tempo para cada um, além de procurar ouvir cada candidato em assuntos polêmicos e de destaque. O tempo das matérias e das sonoras foram equânimes, porém os enquadramentos foram diferentes.

No período antes da entrada do Horário Eleitoral Gratuito as matérias de eleições normalmente eram espelhadas no quarto bloco do *JN*, logo após as matérias de economia. Uma vez por semana o telejornal apresentava as pesquisas do Ibope, Datafolha e Vox Populi. As pesquisas eram exibidas separadamente num quadro gravado pelo apresentador Márcio Gomes.

Outro destaque dos telejornais, no período, foi a Economia. Passada a euforia da Copa do Mundo, os problemas econômicos afloraram. O dólar e o risco Brasil explodiram. O dólar teve a maior alta desde a implantação do Plano Real e o FMI foi convocado para novo empréstimo. Entre outras controvérsias levantadas pela mídia houve a suposta vinda do presidente do FMI para trazer uma carta de intenções que deveria ser assinada pelos candidatos e pela qual eles deveriam manter o acordo já firmado com o fundo.

O *Jornal Nacional* destacou o assunto mesmo se tratando de uma suposição. Na chamada da entrevista de Lula o repórter foi interpretativo: disse que ele teria usado palavras fortes e chamou a equipe do governo de agiotas e que não assinaria a carta de intenções:

Repórter: Hoje, em discurso em São Paulo, o candidato do PT Luiz Inácio Lula da Silva, usou palavras fortes e chamou de agiotas os integrantes da equipe econômica do governo. Lula disse ainda que não assina carta de intenções com o FMI:

Porém, na entrevista, Lula disse:

Primeiro, o FMI não tem porque me chamar. Não tem. Não dá para fazer política na base da suposição. O FMI tem que sentar com o governo brasileiro que é o governo. Porque se a moda pega, para quê governo então?

Ciro não polemizou. Apenas disse que não assinaria a carta. O *JN*, então, não deu muito destaque; preferiu usar uma fala mais forte de Garotinho que dizia querer ver os termos antes e que a carta poderia “ser o atestado de óbito do Brasil, dependendo do que tiver contido”.

Como todos os candidatos de oposição apenas criticaram e o candidato do governo foi bem ameno e demonstrou segurança, ele teve valência positiva. O *JN* destacou na seguinte entrevista de Serra:

Eu acho positivo se assinar uma extensão do acordo do Brasil com o Fundo Monetário. Não traz maiores constrangimentos nem restrições à economia brasileira e representa o elemento maior de segurança econômica pro (sic) futuro.

O presidente Fernando Henrique Cardoso apareceu muito pouco, não teve nenhuma exibição nos momentos de crise. Mas no período analisado ele e o candidato do PSDB tiveram visibilidade positiva na matéria da divulgação do relatório da ONU, em 23 de julho, e na manifestação direta e pública de apoio do presidente ao candidato.

Apresentador : José Serra falou sobre a demonstração pública de apoio que recebeu ontem do presidente Fernando Henrique.

José Serra: Ele sempre tem dito que tem muita confiança na minha candidatura e na minha capacidade para exercer a Presidência e deu esse testemunho ao país “.

O *Jornal Nacional*, segundo os critérios já apresentados, proporcionou uma valência positiva ao candidato do PSDB quando o exibiu como candidato “sério”, mas amistoso. Em um telejornal, Serra deu entrevista dizendo que é quieto porque é tímido. Em outros dois dias o candidato comparou sua campanha à da seleção de futebol campeã do mundo. Ele ainda apareceu dirigindo trator, dançando na carroceria de caminhões e sempre com a visibilidade positiva e simpatia da candidata à vice-presidência, Rita Camata.

Repórter: no fim da manhã deste sábado, José Serra saiu do hotel para um passeio.

José Serra: "às vezes, o sujeito diz que o Serra é muito quieto. É porque eu tenho um aspecto de timidez na minha personalidade. Só que eu acho que os tímidos também têm vez na vida pública. Você pode ter um tímido presidente da República". (13/07)

Repórter:: à tarde, o candidato do PSDB visitou um posto de saúde da periferia de São Paulo. De acordo com Serra, sua campanha vai seguir a tática do futebol.

José Serra: "a campanha vai acelerando normalmente, como a seleção brasileira. Como a seleção do Felipão, nós vamos manter a estratégia e essa estratégia nos levará ao segundo turno" (22/07).

Repórter: hoje pela manhã, participou de uma caminhada no centro da cidade com a candidata a vice, Rita Camata, e o governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos. Ao som do frevo, percorreu as ruas do comércio popular. E confirmou os compromissos com o Nordeste.

"Desenvolver o Brasil exige desenvolver o Brasil como um todo. Exige desenvolver a Região Nordeste, gerar mais oportunidades de trabalho, mais segurança para todos que vivem no Nordeste" (09/08)

Repórter: o candidato do PSDB, José Serra, foi conhecer a Vila Olímpica da Mangueira, na zona norte do Rio. Ele foi recebido com uma apresentação de ginástica rítmica. José Serra sambou ao som da bateria. Ele assistiu ainda a um balé e foi para o gramado ...(10/08).

Na exibição de projetos, José Serra prometia "fazer para a sociedade brasileira o que o Plano Real fez para a economia"; apareceu fazendo promessas de apelo popular como a construção de seis milhões de moradias, acabar com os crimes hediondos e implantar cursinhos populares.

Repórter: José Serra disse que, se eleito, pretende incentivar as exportações, o turismo, a agricultura, a educação e a saúde para criar empregos. O candidato reafirmou que é favorável ao acordo do Brasil com o FMI, mesmo que em duas fases, uma com o atual governo e outra com o presidente que for eleito.

José Serra: Evidentemente, a responsabilidade pela condução do assunto todo é do governo. Não há outro governo. É o atual governo que está tocando, e que teve a idéia de fazer a negociação. Só a idéia já teve resultados no sentido de que o dólar retrocedeu, mas precisa retroceder ainda mais, e eu, como candidato, fico acompanhando e as minhas opiniões são expressas sempre publicamente (04/08).

José Serra: "Nós vamos garantir a pré-escola pra todas as crianças brasileiras, no Brasil inteiro. Segundo, para aqueles jovens que estudam em escolas públicas e têm desvantagem no vestibular da universidade pública nós vamos proporcionar cursinho pré-vestibular gratuito"(15/07).

Repórter: José Serra disse que se for eleito vai priorizar a geração de empregos:

"Nós vamos multiplicar as oportunidades para os jovens. No ensino médio no ensino profissionalizante e no emprego, e pra isto nós vamos oferecer incentivo fiscal pra todo o Brasil, para as empresas que contratarem jovens estagiários de segundo grau. Pra dar um destino melhor para toda a nossa juventude. Afastar muitos setores dela do crime, da droga, da marginalidade" (03/08).

No final de julho e começo de agosto, a partir do momento que a candidatura de Ciro Gomes começou a crescer, o *JN* iniciou a exibição de

inúmeras matérias desqualificando o candidato: a aliança do partido com o partido de Collor em Alagoas; denúncias contra o coordenador da campanha José Carlos Martinês; o apoio de Antonio Carlos Magalhães, ex-inimigo político; além de denúncias contra o candidato a vice, Paulinho da Força Sindical.

O *Jornal Nacional* contribuiu enfatizando os problemas de Ciro. No texto de abertura das matérias o apresentador já falava em crise, questionava os rumos da campanha e usava invariavelmente a frase “Ciro criticou”.

Foram nove matérias em que Ciro apareceu com a imagem aliada à do ex-presidente Fernando Collor. O próprio editor do *JN* já destacava o discurso negativo. A “cabeça” da matéria já começava falando em crise: “crise no palanque de Ciro Gomes, do PPS. O partido selou aliança em Alagoas com o PRTB de Fernando Collor de Mello”. Outras frases e palavras negativas foram destacadas ao longo dos telejornais: “Ciro protestou irritado”.

Repórter: Ciro Gomes disse que não pretende mudar a linha de trabalho por causa das pesquisas, que o apontam em segundo lugar. Falou também sobre as comparações entre ele e o ex-presidente Fernando Collor de Mello.

Ciro Gomes :isso é forçar a barra. É quem não tem nada para dizer. Eu acho que erra grave quem pensa que o povo é bobo e usa o argumento da desqualificação, da tentativa de lançar suspeitas sem fundamento sobre os adversários” (22/07).

A polêmica em torno da aliança com o partido de Collor ganhou mais elementos. Surgiram denúncias contra José Carlos Martinez e a ligação de todos com o ex-tesoureiro de Collor Paulo César Farias. O coordenador da campanha já foi do PRN que elegeu Collor, em 1989 e, além disso, a mídia apontava denúncias de desvio de dinheiro. A pressão fez Martinez sair da coordenação da campanha, o que não evitou as matérias negativas. Em poucos

dias vieram outras denúncias, como o empréstimo de dinheiro do ex-tesoureiro de Collor para a compra de uma emissora de TV no Paraná.

Repórter: O coordenador da campanha de Ciro Gomes disse que recebeu o empréstimo de Paulo César Farias no início dos anos 90. O dinheiro, segundo ele, foi usado para montar uma rede de televisão com sede no Paraná.

Martinez: "Fiz o empréstimo, declarei no Imposto de Renda, paguei ao Paulo e declarei o pagamento".

"De quanto que foi esse empréstimo"?

"Não me recordo mais".

Repórter: PC Farias foi tesoureiro da campanha de Fernando Collor à Presidência da República. Depois, ele foi alvo de investigações de uma CPI, que acabou levando ao impeachment do presidente. Martinez chefiava, no Paraná, o PRN, que era o partido de Collor (23/07).

Repórter: O comando da campanha do candidato do PPS, Ciro Gomes, decidiu que o presidente do PTB, deputado José Carlos Martinez, que deve dinheiro à família de Paulo César Farias, fica na coordenação geral da campanha.

A reunião do candidato do PPS Ciro Gomes com as lideranças dos partidos que apóiam a sua candidatura foi na casa do deputado José Carlos Martinez e a portas fechadas. Na saída, Ciro Gomes abriu o vidro do carro para falar com os jornalistas.

Mas diante da pergunta se o deputado Martinez se afastaria da coordenação da campanha por causa de dívidas que tem com a família de PC Farias, Ciro Gomes foi adiante sem dar resposta. Logo em seguida, saiu o deputado Martinez também em silêncio (25/07).

Repórter: o deputado José Carlos Martinez, coordenador da campanha de Ciro Gomes, falou hoje sobre o empréstimo que recebeu de Paulo César Farias - o tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor. Mas o deputado não deu explicações sobre o pagamento da dívida (29/07).

Apresentador: surgem novas acusações contra o presidente do PTB, José Carlos Martinez .

Negócios do presidente do PTB, deputado José Carlos Martinez, provocaram um prejuízo de mais de R\$ 80 milhões aos cofres públicos. Documentos do processo contra o deputado mostram como ele enriqueceu no governo Collor (02/08).

No caso da discordância ao apoio de Antônio Carlos Magalhães a
Ciro, o *Jornal Nacional* repercutiu usando falas de políticos e destacou as
controvérsias entre o presidente do PPS, Roberto Freire, e ACM.

Repórter: Ontem à noite, *Ciro Gomes* e *Antônio Carlos Magalhães* se encontraram em São Paulo. Para o ex-senador, as brigas entre os dois antigos inimigos foram circunstanciais. Já o candidato do PPS disse que o apoio de ACM será importante.

"Para que esse governo não seja várias promessas de campanha, seja coisas concretas, eu preciso que o governo tenha base no Congresso Nacional porque nós precisamos de três em cada cinco deputados e senadores" (30/07).

Repórter: Hoje, *Ciro Gomes* fez a sua primeira visita à Bahia como candidato do PPS. Ex-inimigo de *Antônio Carlos Magalhães*, com quem já trocou acusações, *Ciro* foi recebido no aeroporto de Salvador pelo ex-senador e por candidatos do PFL na Bahia. O PDT, que faz parte da coligação da Frente Trabalhista, não participou da recepção. A direção do partido na Bahia não concorda com o apoio do PFL (02/08).

Repórter: Sobre os desentendimentos entre o presidente do PPS, senador *Roberto Freire* e o ex-senador *Antonio Carlos Magalhães*, *Ciro Gomes* disse que não vai interferir.

"Eu não vou administrar isso não. Eu estou no meu palanque, todos que me apóiam são bem-vindos. E os que não quiserem ir também não vão" (10/08).

Apareceram ainda, em 5 telejornais, no período, denúncias de irregularidades contra *Paulo Pereira da Silva*, vice de *Ciro*, na compra de uma fazenda para assentamento e desvio do Fundo de Amparo ao Trabalhador pela Força Sindical. Só em um telejornal foram 4 matérias de denúncias relacionadas à candidatura de *Ciro*. A denúncia do FAT foi esclarecida pelo Ministério do Trabalho apontando um erro no sistema. Mas o *JN* deu apenas uma nota ao vivo sobre o assunto com bem menos ênfase que a denúncia de mais de um minuto.

Repórter: o candidato a vice na chapa de *Ciro Gomes*, *Paulo Pereira da Silva*, fez campanha na porta de fábricas da região de São Paulo. Ele não compareceu hoje para depor numa investigação do Ministério Público, que apura se houve irregularidades na compra de uma fazenda em Piraju, interior do estado (02/08).

Repórter: Ciro Gomes, candidato do PPS, defendeu hoje o companheiro de chapa, Paulo Pereira da Silva, acusado de irregularidades na administração de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador.

“Meu vice é o Paulinho e não tem força no mundo que derrube o Paulinho. Fique logo sabendo, isso aqui é uma coisa ao Brasil, porque ta todo mundo catando essa especulação, mas Paulinho é limpo e já me deu todas as demonstrações disso. É um homem simples. Não tem patrimônio, não tem sigilo bancário e ta a disposição de investigação de qualquer pessoa. Não tem responsabilidade nenhuma com nenhum tipo de coisa irregular. E faz-se isso como um esforço realmente não dentro do meu esquema, mas como um esforço de me enquadrar. Estão fazendo um esforço de me domesticar. E eu quero dizer que não estou disposto a vender minha alma para ser presidente do Brasil” (03/08).

O candidato do PSB, Anthony Garotinho, foi exibido em meio a populares divulgando bônus de um real para a campanha e fazendo promessas apelativas. Os textos do *JN* enfatizaram sua relação com as igrejas evangélicas em um tom de crítica e deboche.

A cobertura negativa foi mais forte a partir do momento em que Garotinho, logo no começo de julho, conseguiu, na Justiça, impedir a *Globo* de divulgar fitas com gravações de denúncias contra ele.

Na entrevista ao vivo no *Jornal Nacional*, ele concordou em liberar a fita desde que a ouvisse antes, mas gravou uma *fala* fazendo insinuações contra os candidatos Serra e Lula para ser divulgada junto. O *Jornal Nacional* não acatou a exigência e fez um editorial de 1m e 25 segundos, metade do tempo total dado a todos os outros candidatos, criticando Garotinho.

Apresentador: a TV Globo não está divulgando hoje a reportagem com o conteúdo das fitas que envolvem o candidato do PSB, Anthony Garotinho, com denúncias de pagamento de propina a fiscais da Receita Federal.

Garotinho prometeu, durante sua entrevista ao *Jornal Nacional*, que suspenderia a censura que obteve na Justiça, desde que tivesse acesso aos trechos que seriam exibidos. Alegou que gostaria apenas de se certificar de que não havia nada sobre a vida íntima de seus assessores.

Após certificar-se de que as fitas nada continham a esse respeito, ele gravou depoimento sobre o assunto: em vez de apenas se

defender das denúncias, como seria legítimo, ele também atacou os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e José Serra, do PSDB, com insinuações sem provas. E exigiu que a sua declaração fosse exibida na íntegra como condição para a divulgação das fitas.

Em nome do bom jornalismo, a TV Globo não veicula insinuações sem provas contra quem quer que seja. Em face disso, o candidato Garotinho manteve a censura às fitas, quebrando a promessa que tinha feito nesta mesma mesa diante de milhões de telespectadores brasileiros (12/07).

Nesta fase, Garotinho passou a não mais responder perguntas e só falava o que queria. O *Jornal Nacional* insistia e o enquadrava como uma pessoa antipática e demagoga. Em um telejornal ele permaneceu quase 1 minuto falando da campanha, quando as perguntas eram outras.

Apresentador: o candidato do PSB, Anthony Garotinho, gravou hoje no Rio programas para o horário eleitoral. Com os jornalistas, Garotinho manteve a estratégia, adotada nos últimos dias. Não importa a pergunta que seja feita. Ele sempre responde o que quer que seja divulgado.

Repórter: A saída dos candidatos da Bahia e de São Paulo, de certa forma, preocupam a sua candidatura?

Garotinho: Olha, nos estamos gravando hoje nossos programas de televisão.

Repórter: Quais são as opções que o partido tem no momento para substituir essas candidaturas?

Garotinho: Nós vamos mostrar no nosso programa de televisão o drama do desemprego, da fome, da desigualdade.

Repórter: O senhor vai ter participação na escolha desses candidatos ou vai ser uma escolha exclusiva dos diretórios regionais?

Garotinho: Bem, os programas, eles vão obedecer mais ou menos a um modelo padrão.

Repórter: Essas perguntas incomodam o senhor?

Garotinho: Eu queria dizer que o programa vai ter em média dois minutos e 14, dois minutos e 15.

Repórter: A gente não consegue uma resposta do senhor a uma pergunta da gente.

Garotinho: O programa, ele é um programa simples, não vai ter a sofisticação dos demais programas de televisão.

Ao longo do período analisado, tanto Lula quanto Ciro Gomes tiveram outros momentos negativos. Lula tinha contra si o caso da suposta propina

na Prefeitura petista de Santo André e a divisão do partido em relação ao candidato a vice José Alencar.

6. 1. 3 - 3º Período: Horário Eleitoral – agosto – setembro – outubro

O terceiro período analisado começa em 20 de agosto, com a entrada do horário eleitoral gratuito até o final do primeiro turno. É um período marcado por agressões entre os candidatos na televisão e pesquisas diárias. Lula permaneceu em primeiro lugar e Ciro Gomes, que ficou por mais de um mês na segunda posição, começou a cair gradativamente. Foram 11 telejornais analisados em agosto, 19 em setembro e 4 em outubro.

A tabela a seguir mostra que os quatro principais candidatos mantiveram a média de uma matéria por telejornal, o que demonstra um grau de equilíbrio. Ciro Gomes e Lula foram contemplados com 37 matérias cada e Garotinho e Serra com 38, embora este tenha tido mais visibilidade, com 2 minutos e 24 segundos a mais que Garotinho. Os outros dois candidatos do PCO e PSTU, considerados *nanicos*, tiveram mais visibilidade neste que nos outros momentos. No período, eles estiveram em 5 reportagens.

Tabela 16 - Número e Tempo de Matérias por candidato - 3º período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Ciro	37	22,98%	19m 59s
Garotinho	38	23.60%	19m 33s
Lula	37	22.98 %	19m06s
Serra	38	23.60 %	21m 57s
Almeida	5	3.11%	2m 07s
Pimenta	5	3.11%	2m 10s
Total de matérias	160		

Tabela 17 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato 3º Período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Ciro	37	28	73,68	4m54s	23.18
Garotinho	38	32	84,21	5m39s	27.88
Lula	37	28	75.68	5m36s	28.12
Serra	38	29	76.32	5m39s	24.99
Almeida	5	4	80,00	36s	17.39
Pimenta	5	4	80,00	49s	23.33

Na tabela 17 podemos perceber que a quantidade de sonoras também foi quase a mesma. Garotinho teve mais *falas* embora com o mesmo grau de visibilidade que Serra. O candidato do PSDB teve três depoimentos a menos, mas ficou o mesmo tempo no ar.

Ao contrário dos outros períodos, *Ciro* apareceu menos, teve o mesmo número de matérias e sonoras que *Lula*, só que com o tempo menor.

Mas, como visto anteriormente, nem sempre a visibilidade é sinônimo de cobertura positiva.

A tabela 18 apresenta os resultados das valências. Eles demonstram que houve diferenças significativas, mas que prevaleceu o cenário construído desde o primeiro período analisado. Ciro teve menos da metade de valência positiva que Serra e 52% de valência negativa. Lula e Garotinho se mantiveram com mais valências neutras. Mas Lula teve um período muito positivo, pois, apesar de receber 62 por cento de valência neutra, teve bem menos valência negativa, apenas duas matérias.

Tabela 18 – Valência das Matérias por Candidato – 3º Período

Candidato	Valência das Matérias / Porcentagem					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Ciro	6	15.79%	20	52.63%	12	31.58 %
Garotinho	10	26.32%	7	18.42%	21	55.26 %
Lula	12	32.43%	2	5,41%	23	62.16 %
Serra	15	39.47%	6	15.79%	17	44.74 %
Almeida	2	40%	1	20%	2	40%
Pimenta	2	40%			3	60%

Começou no dia 23 de setembro a segunda rodada de entrevistas ao vivo. O tempo da entrevista era de 10 minutos com um intervalo. As entrevistas foram feitas em links⁹³ e não no estúdio como na rodada de junho. Houve um destaque negativo para Ciro porque já foi dito logo de início que ele tinha o *pavio curto*.

⁹³ Link- em inglês: enlace. É o equipamento para transmissão de sinais de imagem à distância. No telejornalismo virou um jargão para designar uma transmissão ao vivo.

Durante o período, o telejornal procurou ouvir os candidatos diariamente sobre o mesmo tema - os mais variados possíveis. Na pergunta sobre Fernandinho Beira Mar, todos os candidatos tiveram valência positiva, embora Serra tenha sido mais categórico e falado pela segunda vez sobre a necessidade de presídios federais.

No mês de setembro foram exibidas várias matérias especiais sobre eleições. Foi um período com divulgação diária de pesquisas. No período analisado, percebe-se que Lula e Serra foram beneficiados e receberam poucas valências negativas na cobertura. As abordagens eram diferentes daquelas destinadas a outros candidatos.

As imagens de Serra e Lula eram de pessoas alegres e sem conflitos e tiveram oportunidade de falar de propostas. Serra apareceu fazendo promessas e Lula discutiu a necessidade e os projetos para a região onde estava, ao contrário de Ciro e Garotinho, provocados com perguntas irônicas. Garotinho foi exibido se irritando ao ser perguntado sobre o calote da dívida externa e Ciro foi mostrado agredindo uma equipe que o filmava.

Repórter: Serra falou do projeto que pretende melhorar rodovias federais: "Primeiro terminar a rodovia norte-sul que é fundamental para Goiás pra escoar a produção, e para o Brasil. Segundo, terminar a duplicação que vai do Rio de Janeiro, passa por Goiânia e vai até Brasília" (20/08).

Apresentador: Os números divulgados pela atual equipe econômica do governo do Rio foram levantados por uma empresa especializada em consultoria tributária, com sede na Suíça e escritórios em 140 países. A auditoria revelou a situação das contas públicas, nos primeiros meses do ano.

Dois dias antes de deixar o governo para se candidatar à presidência, Garotinho disse que o caixa do estado tinha mais de R\$ 700 milhões. Segundo o que foi apurado pela auditoria, o valor em caixa era bem menor: R\$ 28 milhões em 5 de abril, o último dia de Garotinho no governo (22/08).

Repórter: Anthony Garotinho se irritou quando o repórter de um jornal perguntou se um novo acordo significaria calote da dívida. "Você entendeu bem, mas tem que fazer o papel do seu patrão aqui

e pergunta coisa séria. Você está aqui para fazer o papel do seu patrão, que paga o seu salário. Eu já respondi a essa pergunta dez vezes, caloteiro é o governo” (28/08).

Repórter: O candidato do PPS, Ciro Gomes, fez caminhada e comício nesta quinta-feira, no centro de Fortaleza. Durante a visita a uma escola de saúde pública, o candidato se irritou com uma equipe que gravava imagens dele(22/08).

Repórter: O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva fez comício na noite de quinta-feira em Porto Velho. De Rondônia, foi para Manaus, onde participou de uma carreata até o centro da cidade. Depois, visitou uma empresa do pólo industrial, onde defendeu propostas para a Amazônia.

"Nós queremos o modelo do desenvolvimento na Amazônia, que leve em consideração a necessidade de gerar empregos, de gerar riquezas, gerar renda. Mas, ao mesmo tempo, preservar o meio ambiente que significa melhor qualidade de vida para todos nós” (23/08).

A emissão de opinião pelo *Jornal Nacional* ficou clara ao analisar a imagem, movimentos, gestos e ênfase nas palavras dos apresentadores. O estudo não tem esta proposta mas cabe observar que muitos textos não precisam de acompanhamento da imagem para reunir elementos opinativos.

Em muitos telejornais estes tipos de textos predominaram, como no exemplo a seguir. “E faltando apenas oito dias para a eleição Ciro Gomes apresentou hoje em São Paulo seu programa de governo”. A palavra **apenas** denota que ele quer dizer: “só agora, às vésperas da eleição, Ciro apresenta seu plano de governo”, o que soa negativamente. Poucos dias antes Garotinho havia entregue seu “plano” no estúdio do *JN*, durante a entrevista “ao vivo”, no entanto o fato passou despercebido.

Outro exemplo: em um mesmo telejornal, o VT mostrou imagens parecidas de Serra e Garotinho - os dois cumprimentando pessoas na rua. No texto de Serra o repórter dizia que ele cumprimentou comerciantes e de Garotinho que o candidato fez “corpo a corpo” e distribuiu folhetos. A reflexão que se faz destas situações é que o telejornal não elabora um texto neutro para os candidatos, mas emite opinião: são dois pesos e duas medidas.

Em setembro, Ciro - que se manteve em segundo lugar a partir de julho - caiu e foi ultrapassado por Serra e Garotinho, ficando na quarta colocação.

A candidata a vice de Serra, Rita Camata, foi destaque nas edições do *JN*. Foi uma tática de visibilidade que gerou valência positiva, já que Serra parecia sisudo e, como ele mesmo disse no *JN*, “tenho cara séria, mas sou um homem de uma cara só e não de duas caras”.

Os repórteres foram tendenciosos quando insistiam em perguntar se Garotinho e Ciro não iriam mudar a estratégia de campanha. O objetivo é reforçar a idéia de crise nas campanhas. Os repórteres também enfatizavam o direcionamento da campanha de Garotinho, insinuando que ele só estava fazendo campanha para Evangélicos.

Repórter:O candidato do PSB Anthony Garotinho fez comício ontem à noite no centro do Rio de Janeiro. Hoje, em Pernambuco, fez caminhadas e comícios em cidades do Grande Recife. (...) **Depois teve encontro com evangélicos** (01/10).

Repórter: O candidato do PSB, Anthony Garotinho, participou de um comício ontem à noite na região metropolitana do Recife. Hoje fez campanha em Minas Gerais. **Na capital se encontrou com evangélicos** (2/10).

Repórter:O candidato do PSB, Anthony Garotinho, **se reuniu pela manhã em São Paulo com evangélicos**. Ele falou sobre a expectativa da votação no domingo (4/10)

O período após a entrada do horário eleitoral foi um momento de muitas controvérsias entre Ciro e Serra e o *Jornal Nacional* repercutia diariamente as penalidades do TSE como valências negativas dos dois candidatos. Lula procurava ficar alheio a qualquer ataque. Quando o telejornal destacou matéria negativa de Serra e tentou repercutir com ele, o candidato do PT não opinou.

Dos telejornais estudados, em apenas dois a valência negativa foi explícita para Serra. A primeira foi uma matéria da prisão de pessoas fazendo propaganda irregular, e a segunda falou da acusação de ex-sócios de Serra de

improbidade administrativa. Foram quase dois minutos de matéria. Lula foi entrevistado com o objetivo de polemizar.

Apresentador: O procurador da República Luiz Francisco de Souza anunciou que vai entrar amanhã com uma ação na Justiça Federal contra seis pessoas, entre elas dois ex-sócios do candidato do PSDB, José Serra, e o ex-diretor do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio de Oliveira - que foi também arrecadador da campanha de José Serra para o Senado, em 1994. Luiz Francisco disse que Serra não é réu na ação, mas lançou suspeitas sobre ele, apesar de dizer que não há provas contra o candidato.

O candidato José Serra rebateu as declarações do procurador.

"Isso é apenas um rumor eleitoral para beneficiar o candidato do PT. O Luiz Francisco é militante do PT. Foi, durante quatro anos, filiado de carteirinha. É uma jogada eleitoral. Ele é uma pessoa reconhecidamente parcial no seu trabalho. Me admiro que se dê qualquer credibilidade a isso".

Repórter: Em Aracaju, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, disse que não vai julgar nem o comportamento do procurador nem o do candidato adversário (16/09).

Um dos momentos mais difíceis para Ciro - que coincidiu com sua queda nas pesquisas - foi quando ele faz uma declaração infeliz em tom de brincadeira, mas repercutida muito mal pelo *JN* no Brasil inteiro. Mais da metade do tempo do VT foi usado para a *fala* de Ciro sobre a atriz Patrícia Pilar. "A minha companheira tem um dos papéis mais importantes, que é dormir comigo. Dormir comigo é um papel fundamental. Evidentemente eu estou brincando" (30/08).

Além desta, outras matérias negativas continuaram prevalecendo na agenda de Ciro. Foram matérias que destacaram apenas as críticas, denúncias e o mau humor do candidato. Voltou a merecer manchete a acusação de compra ilegal de uma fazenda pelo candidato a vice.

Apresentador: O candidato a vice-presidente na chapa de Ciro Gomes, Paulo Pereira da Silva, faltou hoje ao segundo depoimento marcado pelo Ministério Público Federal, sobre a compra de uma fazenda no interior de São Paulo. Paulinho vai ser intimado novamente e poderá até ser levado por força policial. Em nota, Paulinho disse que não foi notificado, embora a assinatura do advogado dele esteja na intimação.

O advogado Antônio Rosella é representante legal de Paulinho, como mostra a procuração apresentada pelo Ministério Público (02/09).

Repórter: Candidato a vice-presidente da Frente Trabalhista, Paulo Pereira da Silva, disse que vai processar a ministra-chefe da Controladoria Geral da União por causa das acusações de desvio de dinheiro público pela Força Sindical. Paulinho também ofereceu quebra de sigilo fiscal e bancário ao Ministério Público Federal, que investiga a suspeita de superfaturamento na compra de uma fazenda.

Paulo Pereira da Silva entregou cópia da declaração do imposto de renda e um documento oferecendo a quebra do sigilo bancário e fiscal. Atitude que, segundo o texto, serviria para apuração de denúncias infundadas (04/09).

A palavra *crítica* também continuou em evidência na introdução das entrevistas de Ciro. O *JN* usou três vezes consecutivas: “o candidato voltou a criticar”; “O candidato voltou a criticar o TSE, parte da imprensa e os institutos de pesquisas”; “Pesquisa no Brasil é tudo comprada, há milhões de recursos. É preciso ter firmeza e tranqüilidade pra mostrar que o rumo da mudança segura ta conosco” (19/09).

Até a eleição no primeiro turno, o destaque foi a queda de Ciro Gomes e a possibilidade de uma disputa em segundo turno entre Serra e Lula.

Apresentador: Segundo o jornal paulista, Luiz Inácio Lula da Silva tem 37%, Ciro Gomes tem 20%, José Serra, 19%, e Anthony Garotinho tem 10% das intenções de voto (31/08).

Apresentador: Pesquisa Vox Populi Ciro Gomes, do PPS, tinha 27. Passou para 26. Caiu para 21. E agora está com 17, empatando com José Serra do PSDB (02/09).

Apresentador: José Serra, do PSDB, tinha 11%. Subiu para 17%. Manteve o índice e agora subiu para 19%. Ciro Gomes, do PPS, tinha 26%. Caiu para 21%, para 17% e agora para 15%. (09/09)

No período o candidato do PT foi beneficiado com valências neutras que mostravam apenas a agenda e positivas que apresentavam projetos.

Repórter: O candidato do PT disse que vai cobrar da equipe do governo uma explicação para a crise econômica. Ele elogiou a polícia do Rio por prender Elias Maluco e apresentou propostas para a segurança.

"Temos que ter um grande investimento para evitar que outros adentrem na criminalidade. Investimento na geração de emprego, em educação, na cultura, no lazer, nos esportes", disse Lula.

Repórter: O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, gravou programas eleitorais e, à tarde, na Ordem dos Advogados do Brasil, lançou seu programa de combate à corrupção. Lula defendeu uma reforma do judiciário(25/09).

Repórter: O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, passou a manhã no Rio de Janeiro. No saguão do hotel foi cercado por eleitores. Recebeu cumprimentos e pedidos de autógrafos. Depois, acompanhado da mulher Marisa seguiu para o aeroporto para voltar a São Paulo. À tarde no comitê de campanha, ele se reuniu com assessores e falou da expectativa sobre as eleições a menos de 40 horas da votação.

"Eu quero no dia 6 colher todos os votos possíveis para o PT e para a minha candidatura. E espero que seja 50% dos votos. Se não for, vamos trabalhar com a mesma força, com o mesmo afinco para o dia 27" (04/10).

A análise do final do 3º período demonstrou que foi um momento de mais tranqüilidade nas coberturas. Os candidatos se estabilizaram nas pesquisas: Serra se fixa na 2ª colocação, e Garotinho ultrapassa Ciro. Além disso, já era evidente a decisão em segundo turno. As matérias se restringiram às agendas e os assuntos polêmicos saíram de pauta.

6. 1. 4 - 4º Período - 2º Turno

No segundo turno, os telejornais dedicaram mais tempo para as eleições. As matérias sempre tiveram cerca de 2 minutos e as *falas* se restringiram às opiniões sobre economia. Foi um período com cotação do dólar em alta. O mercado induziu o debate e os dois candidatos ao segundo turno trocavam acusações mesmo que sutilmente. Lula acusava o governo e Serra alegava que o medo do mercado era em relação à mudança à qual a oposição se propunha.

Em uma análise quantitativa, mais uma vez se percebe o equilíbrio entre os candidatos, como mostram os resultados das tabelas.

Tabela 19 - Número e Tempo das Matérias por Candidato – 4º Período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Lula	15	50%	19m 37s
Serra	15	50%	19m 39s
Total de matérias	30		

Tabela 20 - Tempo e Número das Sonoras por Candidato – 4º Período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Lula	15	12	80%	4m 54	23.17%
Serra	15	12	80%	5m 39	27.88%

Tanto no número de matérias, número de sonoras e tempo das reportagens, o telejornal foi rigorosamente equilibrado. No tempo das “falas”, Serra teve poucos segundos a mais de visibilidade, demonstrando que o telejornal mantinha a postura de cobertura equânime.

Se o telejornal quis manter um compromisso de imparcialidade na eleição, pelo menos no critério estudado de valência das matérias, ele não conseguiu.

Vamos verificar na tabela a seguir que as matérias dedicadas ao candidato do PT foram de ênfase mais negativa do que positiva: mais da metade. Das 15 matérias que deram visibilidade para o candidato, só três apresentaram característica positiva. Serra, ao contrário, teve só duas consideradas negativas e 10 positivas, ou seja 66.66 %.

Tabela 21 – Valência das Matérias por Candidatos – 4º Período

Candidato	Valência das Matérias					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Lula	3	20.00%	8	53.30%	4	26.60%
Serra	10	66.66%	2	13.33%	3	20.00%

Por meio do critério já explicado na Metodologia, podemos fazer a seguinte análise: O momento era muito difícil para a economia brasileira, mas o discurso de Serra pregava que a mudança poderia ser pior e o mercado se assustava. A visibilidade deste discurso era inserida pelo telejornal, tanto que Serra subiu nas pesquisas. No final da campanha os três institutos divulgados pela *Globo* apontavam a pesquisa com a subida de Serra. No Ibope, Lula permanecia igual, mas nos outros havia caído. Além disso, o presidente Fernando Henrique Cardoso entrou na campanha para defender a estabilidade que, para ele, representava a vitória de Serra. A visibilidade do presidente era muito grande no *JN*.

Os problemas econômicos e o debate político começaram a aparecer no final da primeira semana de campanha no segundo turno. Logo nos primeiros dias, foi veiculada uma longa matéria de economia sobre a crise cambial. A matéria teve valência positiva para Serra já que, apesar do problema, uma entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso dava total aval a ele.

Apresentador: O presidente Fernando Henrique Cardoso, que participou hoje da inauguração de uma obra rodoviária em São Paulo, atrelou a crise cambial à situação internacional e ao momento eleitoral.

"Não se sabe quem vai ser o próximo presidente e, sobretudo, que política vai tomar. Então, os tomadores de recursos, que são os que decidem a rolagem dos títulos, têm uma margem para fazer um

certo jogo. Eles dizem 'bom, por que eu vou rolar a dívida hoje se eu não sei o ano que vem vai ser pago?' Agora, não é uma situação permanente, isso termina, haverá eleição, haverá um vencedor. O vencedor dirá o que vai fazer. Eu espero que, seja quem for o vencedor, tenha sensibilidade e responsabilidade perante o Brasil para dizer as coisas sensatas, que possa mostrar ao mundo que a situação do Brasil é perfeitamente administrável" (11/10).

O Ministro da Fazenda Pedro Malan também afirmou que faltava compromisso de estabilidade, dizendo que o PT não tinha esse compromisso.

Não basta dizer que houve um documento lido há meses, e que deveria ser mais do que suficiente. Estamos hoje numa situação em que isso precisa ser dito, repetido de maneira convincente o bastante, não pra mim, mas para aqueles que estão assoberbados por dúvidas olhando a cena brasileira (11/10).

Neste dia, o telejornal também destacou Lula, embora com menos tempo, e selecionou a *fala* positiva quando ele respondeu dizendo que o PT assinou uma carta de compromisso com a sociedade em relação à estabilidade, mas enfatizou que o candidato criticou o presidente quando disse que ele estava fazendo terrorismo.

O PT, no mês de junho deste ano, apresentou um documento à sociedade brasileira chamado Carta ao Povo Brasileiro, em que está delineada (sic) ali o comportamento do PT com relação à situação econômica. A gente não pode permitir que o dólar continue assustando a sociedade brasileira. O que não pode é o governo ficar brincando de fazer terrorismo com a economia. A economia brasileira é frágil, o Brasil tem potencial, mas não se pode brincar com coisa séria (11/10).

Outra matéria de economia, no dia 14/10) sobre os juros altos foi de valência negativa para Lula, dizendo que ele fez críticas ao então governo, embora não mostrasse uma entrevista com o candidato. Para Serra, a valência foi positiva quando mostrou a presença de políticos, apoios, inclusive do vice-presidente

Marco Maciel. O destaque foi a sonora em que Serra disse que seu governo não seria surpresa para ninguém.

No dia 17/10 o *JN* exibiu críticas de Lula e tentou polemizar ouvindo o Ministro Pedro Malan. Ele disse que as críticas de Lula poderiam aumentar as turbulências da economia. Só a entrevista de Malan foi de 57 segundos, quase o mesmo tempo da entrevista de Lula. O presidente, por meio do porta-voz, também falou de Lula. A entrevista durou 15 segundos e destacou que o candidato não tinha competência para opinar.

Repórter: Pela manhã, Lula foi à São Bernardo do Campo, na região do ABC, onde começou como sindicalista. No encontro com amigos e comerciantes criticou a equipe econômica do governo e a decisão do Banco Central de aumentar a taxa baixa de juros.

"Lamentavelmente nós estamos subordinados à especulação desse país. E o governo acaba de dar de presente ao povo brasileiro mais um aumento da taxa de juros passando de 18% para 21%, fazendo com que haja uma contenção ainda maior da demanda, do consumo, do povo brasileiro. A explicação do governo é de que era preciso aumentar os juros para conter a inflação. E é importante que vocês saibam que é um ledo engano do governo. O povo ganha salário irreal e paga a conta da luz, a gasolina e o gás que consome subordinado ao preço do dólar. É ironia uma equipe econômica que subordinou os interesses da oitava economia mundial à especulação e à ganância de meia dúzia de banqueiros".

Apresentador: Em resposta às declarações de Lula, o Ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse que esse tipo de crítica alimenta as turbulências na economia brasileira.

Apresentador: O presidente Fernando Henrique também respondeu, de forma dura, às críticas do candidato do PT.

Alexandre Parola – porta-voz da Presidência. A esse respeito, o presidente sublinha que é muito ruim a atitude de colocar sapato alto antes da hora, sobretudo para falar de assunto sobre o qual não se tem domínio pleno (17/10).

Outros momentos de valência positiva a Serra foram observados nos apoios recebidos das Igrejas. Pelo menos em três telejornais Serra apareceu em encontro com evangélicos.

O *JN* também realizou entrevistas ao vivo no segundo turno. Lula foi beneficiado por ser o último a dar entrevista e ter 19 segundos a mais.

Na entrevista ao vivo, Serra insinuou que se o Brasil tivesse Lula como presidente ficaria como a Venezuela. No dia seguinte o *JN* repercutiu a declaração e Serra acabou tendo valência negativa, pois teve que se explicar.

Repórter: A última visita da campanha ao estado teve jeito de Carnaval, com maracatu, frevo e bonecos gigantes. No começo da noite, os fogos anunciaram o comício com a participação de prefeitos e políticos.

"Obrigado a todos vocês por esta acolhida, por este entusiasmo, por esta energia. Nós vamos promover neste país a mudança pra melhor, países vizinhos têm mostrado: às vezes as eleições produzem mudança, mas muitas vezes produzem mudança pra pior".

O *JN* voltou a enfatizar o discurso de Serra sobre a mudança de governo, que poderia ser pior referindo-se à Venezuela.

No último telejornal, antes do debate dos candidatos, a valência positiva foi para Serra, uma vez que ele chegou antes e falou durante um minuto no telejornal. Lula não teve visibilidade neste dia.

Na análise da cobertura dada pelo *Jornal Nacional* na eleição presidencial de 2002, podemos concluir que o telejornal exerceu um papel fundamental no processo eleitoral ao suscitar debates, exibir matérias pertinentes e levantar problemas. Além disso, o destaque balanceado demonstrou interesse na isenção e em apagar a imagem parcial a qual o telejornal carrega. Porém pudemos perceber que os candidatos não tiveram o mesmo tratamento e os editores destacaram suas preferências fazendo uma cobertura parcial nos níveis de valência.

A coleta de dados demonstrou que o *Jornal Nacional* começou o ano eleitoral derrubando pré-candidatos e colaborando para as valências negativas do candidato do PT. As aparições de Ciro Gomes, candidato do PPS, cresceram

juntamente com as pesquisas e a *Globo* passou a se preocupar com o candidato que ameaçava o segundo turno de José Serra (PSDB). O candidato do PPS recebeu valências negativas durante quase todo o período de cobertura, destacando - se como um homem truculento de, *pavio curto* que fala o que pensa e só sabe criticar, além de estar envolvido com os políticos corruptos.

Em toda a análise confirma-se que as valências para Garotinho (PSB) ficaram entre as negativas e ou com neutralidade, já que ele era lembrado muitas vezes como demagogo, descredibilizando-o. No segundo turno o candidato Lula ainda teve uma cobertura negativa e chegou a cair nas pesquisas à medida que Serra subia.

No entanto, a campanha no segundo turno foi um período curto e como não houve qualquer motivação para mudança a cobertura se manteve na agenda dos candidatos, procurando pontuar o mesmo número de falas de Lula e Serra, mas com momentos ruins de Lula e momentos bons de Serra, só que de forma tênue, sem causar alteração brusca no quadro eleitoral.

7 AMOSTRA 2006

Na pesquisa realizada nas eleições em 2006 foi utilizado o mesmo critério que em 2002, embora a amostragem tenha sido maior no segundo turno em comparação com 2002 por causa de um período também superior e com mais telejornais. Abaixo, informações e tabela da análise.

No 1º período: Pré-convenções - de 21 a 28 de abril, 3 a 26 de maio e 1º a 28 de junho, foram analisados 22 telejornais;

No 2º período: Pós-registro de candidaturas - de 3 a 31 de julho, e 1º a 17 de agosto. Foram estudados 28 telejornais;

No 3º período: Entrada do Horário Eleitoral até final do primeiro turno - 18 de agosto até 30 de setembro. Foram analisados 34 telejornais;

No 4º período: 2º Turno - A análise compreendeu 17 telejornais.

O estudo buscou telejornais, aleatoriamente, dentro dos períodos pré-selecionados. Procurou-se examinar o mesmo número de telejornais da pesquisa anterior, no entanto, como o período de campanha do segundo turno foi maior que em 2002, o número de telejornais estudado também foi maior. No 3º período, momento final da campanha no primeiro turno, a investigação foi realizada em quase 90% dos telejornais. Ao todo, foram 470 matérias analisadas em 101 telejornais, dos 163 exibidos, representando 61% dos programas.

Tabela 22 - Telejornais e Percentual da Amostra - 2006

	1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	Total
Telejornais Exibidos	61	40	38	24	163
Telejornais Analisados	22	28	34	17	101
Número de Matérias	86	144	185	52	470

7.1 - Apresentação dos Dados

O *JN* apresentou, em 2006, no seu formato, algumas características diferentes em relação aos outros anos. As reportagens em geral tiveram com um tempo maior, e a ênfase foi para as reportagens de política e economia. O telejornal passou a ser *paginado* misturando matérias factuais com matérias de *gaveta*⁹⁴, notícias de impacto com notícias mais leves. Em 2006 o telejornal deixou de exibir o quadro com a charge.

Em relação à cobertura das eleições, procurou expor a agenda diária dos candidatos nas ruas, inclusive dos candidatos de partidos pequenos, conforme revela a análise. Os candidatos a vice praticamente não foram apresentados e as companheiras dos candidatos não apareceram como em 2002.

7.1 .1 - 1º Período: Pré- Convenção – abril – maio – junho

O primeiro período analisado foi a época em que os partidos discutiram coligações, possíveis nomes de candidatos e definiram estes nomes em

⁹⁴ Matérias de Gaveta, no jargão jornalístico, são matérias que não perdem a atualidade, não factuais, “frias”, normalmente preparadas e guardadas para serem utilizadas em qualquer oportunidade.

convenções. O prazo para a realização das convenções foi de 10 a 30 de junho e o último prazo para registro de candidaturas, 5 de julho, portanto a cobertura eleitoral nos telejornais se deu em torno de especulações em relação a nomes e coligações.

Neste período, principalmente nos meses de abril e maio, muitos dos nomes que apareceram como pré-candidatos acabaram não se consolidando. Os possíveis candidatos que mais apareceram no telejornal foram do presidente Lula, do PT, de Geraldo Alckmin do PSDB e do ex -governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, do PMDB.

Os outros candidatos acabaram tendo visibilidade após as convenções, mas ainda sem aparecer diariamente e com tempos iguais. O telejornal destacou também, no período, matérias de economia, política governamental e manteve as matérias de denúncias levantadas desde 2005.

Tabela 23 - Número e Tempo de Matérias por Candidato – 1º Período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Alckmin	14	16,28	16m 21
Cristovam	4	4,65	8m 25
Garotinho	11	12,79	15m 43
H.Helena	9	10,47	13m 12
Itamar	2	2,33	1m 48
Eymael	1	1,16	23s
Luciano Bivar	1	1,16	1m 7s
Lula	39	45,35	83m 26s
Pedro Simon	2	2,33	3m19s
Roberto Freire	3	3,49	23s
Total de matérias	86		

Como é possível perceber, por meio da tabela, as aparições de Lula são em número muito superior em relação aos outros pré-candidatos, embora ele apareça em ações do governo e não como pré-candidato. São 39 matérias sobre a pessoa ou governo Lula, quase 50% de todas as matérias relacionadas com eleições ou candidatos no período analisado.

Esta é uma variável para a análise desta eleição, já que foi a única vez em que houve uma reeleição com uma cobertura tão efetiva da mídia. Em 2002 embora houvesse o candidato do governo, nem sempre foi possível considerar as matérias sobre ações do governo e do então presidente Fernando Henrique Cardoso como matéria de campanha. Nesta eleição foi preciso analisar o tratamento dado ao candidato à reeleição, mesmo nas ações governamentais, uma vez que não há desincompatibilização do cargo.⁹⁵

Os pré-candidatos do PSDB, Geraldo Alckmin; do P-Sol Heloisa Helena e Anthony Garotinho, do PMDB, aparecem na seqüência com 16,12 e 10% respectivamente. Alckmin e Heloísa Helena já estavam definidos como candidatos enquanto Garotinho apareceu em 11 matérias, apenas 3 a menos que o candidato do PSDB, sem ao menos o PMDB definir se teria ou não candidato próprio.

Foi observado também que os outros dois possíveis candidatos do PMDB: Pedro Simon e Itamar Franco embora aparecessem em menos matérias que Roberto Freire, do PPS - que acabou não concorrendo - tiveram mais visibilidade. O pré-candidato do PPS apareceu em 3 matérias, mas em apenas 23 segundos.

⁹⁵ Constituição Federal, art.14, §6º

O telejornal dedicou 144 minutos de reportagens sobre campanhas, eleições e candidatos no período analisado e mais da metade do tempo, 83 minutos, exibiu o presidente Lula.

A visibilidade do presidente candidato foi maior que de todos os outros neste período. Garotinho foi o terceiro em número de aparições, no entanto esta visibilidade não significou vantagem - é o que podemos observar na análise do número de sonoras. Garotinho apareceu ou teve seu nome citado em 11 matérias, mas só deu entrevista em 4 oportunidades. O presidente Lula apareceu em 39 matérias, mas falou em menos da metade delas, enquanto Geraldo Alckmin falou em 12 das 14 vezes em que apareceu, cerca de 94 %.

O telejornal também deu voz a Heloísa Helena em quase 90% das matérias em que apareceu - das 9 em apenas uma ela não teve visibilidade. Pedro Simon, pré-candidato do PMDB, falou nas duas oportunidades citadas pelo *JN* no período, e Cristovam Buarque deu entrevista em todas as reportagens e chegou a ter duas sonoras em uma mesma matéria.

Tabela 24 - Número e Tempo de Sonoras por Candidato

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas matérias	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Alckmin	14	12	85,71	3m26	21
Cristovam	4	5	125	1m30s	10
Garotinho	11	4	36,36	1m	8
H.Helena	9	8	88,89	2m14s	16
Itamar	2	1	50	6s	2
Eymael	1	1	100	13s	2
Luciano Bivar	1	1	100	11s	2
Lula	39	15	38,46	5m12s	30
Pedro Simon	2	2	100	24s	4
Roberto Freire	3	1	33,33	20s	2

Observa-se também que os principais candidatos tiveram o tempo equilibrado. Todos com 30 segundos de *fala* em cada uma. De qualquer forma percebe-se que o telejornal preferiu deixar as reportagens nas narrações dos repórteres deixando pouco tempo para as entrevistas. É possível notar que Lula - de 83 minutos de matéria - só falou pouco mais de 5 minutos. Nesta comparação, os outros candidatos tiveram mais oportunidades.

O estudo do tempo das entrevistas se explica pelo enquadramento necessário para a lei eleitoral. Na exibição das matérias de economia, política e governo, nas quais, era mostrado e citado o presidente Lula, nem sempre era possível gravar entrevista para não caracterizar propaganda.

Em relação às valências das matérias (tabela 25), foi possível perceber que os candidatos com menor visibilidade não tiveram matérias negativas e a valência positiva foi em 50 % das matérias, em média, incluindo nesta amostra Heloísa Helena e Cristovam Buarque. Alckmin também teve 50% de matérias positivas; no entanto, foi apresentado em pelo menos 2 matérias negativamente.

Tabela 25 – Valência das Matérias por Candidato – 1º Período

Candidato	Valência das Matérias					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Alckmin	7	50%	2	14,29%	5	35,71%
Cristovam	2	50%	0		2	50%
Garotinho	0		11	100%	0	
H.Helena	5	55%	0		4	44,94%
Itamar	0		0		2	100%
José Maria Eymael	0		0		1	100%
Luciano Bivar	0		0		1	100%
Lula	14	35,90%	24	61,54%	1	2,56%
Pedro Simon	2	100%	0		0	
Roberto Freire	1	33,33%	0		2	66,67%

A pesquisa demonstrou que o enfoque negativo foi para o pré-candidato Anthony Garotinho. Todas as matérias em que apareceu, ou foi citado, foram com conteúdo relacionado a denúncias, ecoando negativamente para a campanha.

No dia 24 de abril, quando o PMDB ainda discutia a candidatura própria, o *Jornal Nacional* começou a veicular suspeitas de que empresas que colaboravam financeiramente na campanha de Garotinho eram falsas. A matéria durou 2 minutos e oito segundos. No dia seguinte outra reportagem com mais dois minutos e uma nota ao vivo com 22 segundos. Começou o efeito cascata e toda a imprensa passou a fazer a mesma cobertura. No *Jornal Nacional* foram 12 dias com matérias de mais de 2 minutos sobre denúncias de irregularidades nas doações para a campanha. Houve dias em que as matérias se repetiram e as denúncias se estenderam para a então governadora do Rio de Janeiro, mulher do pré-candidato, Rosinha Mateus.

A Polícia Federal abriu hoje inquérito para investigar as quatro empresas que doaram dinheiro para o PMDB, usado na pré-candidatura de Anthony Garotinho à presidência. (...) documentos levantam suspeita de ligações entre sócios dessas empresas e o governo do estado do Rio. (...) Ontem, o pré-candidato Anthony Garotinho informou que vai devolver os R\$ 650 mil doados pelas quatro empresas. Hoje, o partido divulgou nota dizendo que a devolução será feita por cheque nominal, com recursos obtidos em campanhas de arrecadação entre militantes, filiados e empresas” (26/04).

Na sexta feira, 28 de abril, a matéria foi de denúncias contra ONGS que supostamente estariam contribuindo na campanha de Garotinho. O candidato foi ouvido em uma entrevista, mas a fala foi selecionada para que o

repórter pudesse completar e enfatizar que o candidato admitiu ter empresas que colaboraram com ele e que trabalharam para o governo do Rio.

Apresentador: O Ministério Público do Trabalho está investigando as ONGs que têm, como associados, os donos de empresas que doaram dinheiro para a pré-candidatura de Anthony Garotinho à presidência.

Repórter: Hoje, no Recife, Anthony Garotinho disse que o PMDB criou uma comissão para arrecadar recursos para a pré-campanha dele e que fez três exigências aos doadores que, segundo ele, foram cumpridas: pagamento em cheque nominal, depositado em conta específica para prestação de contas; certidão negativa nas receitas Federal, Estadual e Previdência Social e ainda ao CNPJ”.

Garotinho: Por exigência minha eu pedi que o nome das empresas e todos os gastos fossem colocados na Internet. Ora, alguém que esta querendo esconder alguma coisa errada que tenha feito vai mandar colocar na Internet. Não há nenhuma irregularidade.

Repórter: Depois admitiu que sócios de empresas que fizeram doações para ele têm relação com o governo do estado, mas disse que nada é ilegal” .

Garotinho: “As firmas têm proprietários que têm outras firmas e que trabalham para o governo, trabalham honestamente. Então tudo isso é perseguição”.

A série de matérias negativas com Garotinho relembra a campanha em 2002, quando houve o mesmo procedimento com a pré-candidata do PFL, Roseana Sarney, com uma cobertura predominantemente negativa que culminou com sua desistência.

No domingo, 30 de abril, Garotinho iniciou uma greve de fome por causa das denúncias que considerava como uma campanha negativa da *Rede Globo* e *revista Veja*. A greve de fome foi do dia 30 de abril a 11 de maio. Mesmo neste período as matérias negativas continuaram, além da própria greve ser tratada com deboche pelo *JN*. No dia 01/05 o telejornal acentuou as críticas a Garotinho. A matéria teve cerca de 3 minutos.

Repórter : O pré-candidato fez exigências para suspender a greve de fome, pediu uma supervisão internacional no processo político eleitoral brasileiro. Quer que os veículos de comunicação cedam a ele o mesmo espaço que têm dado às denúncias. (...) Em nota, a emissora lembrou que as denúncias sobre a pré-candidatura de

Anthony Garotinho foram publicadas por diferentes veículos de comunicação, pertencentes a empresas diferentes, que competem entre si pela preferência do público. E que o fato de que veículos tão diversos estejam revelando denúncias que se complementam é apenas mais uma demonstração de que num país livre a verdade sempre aparece.

Apresentador: A nota ressaltou que nas reportagens Anthony Garotinho foi sempre ouvido: ele negou irregularidades, prometeu devolver o dinheiro das doações mencionadas pela imprensa, mas não apresentou documentos que desmentissem as denúncias. O espaço para que ele apresente tais documentos continuará aberto. Por fim, a nota afirmou que homens públicos já deveriam estar acostumados a serenamente prestar contas à população, mas que o anúncio da greve de fome e o pedido de supervisão internacional do processo eleitoral, num país como o nosso, com uma Justiça Eleitoral operante e elogiada por todos os partidos, parecem indicar que este não é o caso de Anthony Garotinho. O pré-candidato deve se conscientizar que mais efetivo do que polemizar com a imprensa ou atacá-la é explicar-se ao povo brasileiro, de modo convincente (01/05).

O texto da nota do *Jornal Nacional* era uma justificativa pelas matérias que atingiam o candidato. O editor informava que Garotinho era sempre ouvido, no entanto, o estudo demonstra que, se ele foi ouvido, as entrevistas não foram exibidas (conforme verificação na tabela sobre as sonoras).

O que chama a atenção também é que em 2002, quando candidato à presidência pelo PSB, Garotinho também tomou uma atitude de protesto contra a *Globo* por causa, segundo ele, do tratamento inferiorizado dado à candidatura. Na época, o candidato não respondia às perguntas dos repórteres da emissora.

A análise evidenciou que em relação aos outros candidatos e mesmo pré-candidatos do PMDB e do PPS, as “cabeças” das matérias e as reportagens traziam outros enfoques mostrando a campanha, depoimentos sobre economia e políticas do governo, além de críticas ao presidente Lula, enquanto com Garotinho ficava clara a campanha para que a candidatura não se efetivasse.

Em relação à cobertura do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, é perceptível uma atuação ruim em termos de agenda do seu governo. Como praticamente não houve matéria diretamente sobre a campanha à reeleição, subentende - se nas matérias de governo que a própria candidatura estava sendo avaliada.

O estudo das Valências comprovou que das 39 matérias em que o candidato apareceu, em 24 a abordagem foi negativa, 10 a mais que as positivas.

A pesquisa exibiu o *JN* também destacando o momento de crise entre Brasil e Bolívia em relação à Petrobrás e à comercialização do Gás. Foi um período em que se afloraram as denúncias de licitações irregulares em compra de ambulâncias, chamada pela Polícia Federal de *Operação Sanguessuga*⁹⁶ - e mais tarde, pela imprensa, de *máfia das sanguessugas* - e o depoimento do ex-secretário geral do PT Sílvio Pereira nas CPIs que investigavam a compra de votos no Congresso: o “mensalão”. Constantemente, o *JN* enfatizava a repercussão do assunto ouvindo membros de partidos de oposição.

O *JN* divulgou diariamente estas matérias que, de certa forma, contribuíam para desqualificar o atual governo, mas também apregoavam qualidades em relação ao crescimento do PIB, sucesso dos projetos sociais e redução do trabalho infantil. Entretanto, diante de cada matéria de cunho otimista, um analista fechava a reportagem com ressalvas. Houve também a discussão em torno da análise, pela OAB, de um possível *impeachment* de Lula.

Nos telejornais do final de abril e começo de maio a negatividade para o governo Lula ficou por conta da confusão criada por ele ao polemizar com o

⁹⁶ Grupo que operava em nível nacional para desviar dinheiro público destinado à compra de ambulâncias. Em 4 de maio de 2006 a PF deflagrou a Operação Sanguessuga para desarticular o esquema. Segundo a PF havia a participação de deputados que apresentavam emendas individuais para conseguir recursos na compra de ambulâncias para municípios. As licitações eram fraudadas e a compra superfaturada dividindo o lucro entre os participantes da fraude.

Presidente da Petrobrás, que recusou novas negociações com a Bolívia na comercialização do gás e nacionalização da produção. No dia 4 de maio o *JN* repetiu a entrevista do presidente da Petrobrás do dia anterior e colocou um trecho de Lula em contradição.

Repórter: Ontem, o presidente da empresa, Sérgio Gabrielli, tinha declarado que os novos investimentos estavam suspensos “Estamos cancelando nossa proposta de expansão de 15 milhões de metros cúbicos de gás vindos da Bolívia” .

Repórter: Hoje, o presidente Lula mudou o tom: É uma decisão de uma empresa que tem autonomia para investir e que vai continuar investindo no estrangeiro, inclusive na Bolívia (...). E o Brasil pretende, além do gás, estabelecer extraordinários acordos com a Bolívia e com os outros países da América do Sul.

A cabeça da matéria foi contundente e o apresentador mudou de câmera para dar mais ênfase. A emissora polemizou fazendo perguntas sobre a atitude do presidente Lula a políticos e diplomatas.

Repórter: Os presidentes, Lula e Evo Morales discutiram hoje o impasse criado com a nacionalização da indústria do petróleo e do gás na Bolívia. Hugo Chávez, da Venezuela, e Néstor Kirchner, da Argentina, também participaram. Morales, que tinha acusado a Petrobrás de chantagem por suspender novos investimentos, mudou o tom. Disse que quer negociar o aumento de preços. E a ameaça do presidente da Petrobrás acabou esvaziada pelo próprio presidente Lula. (JN 04/05)

A pesquisa mostrou, por meio da tabela nº 25 que na maioria das matérias não há um retorno com entrevista do presidente e nem resposta do próprio governo, representado por Ministros, por exemplo, ficando apenas uma versão dos fatos como na mostra a seguir. Em outras ainda o presidente é ouvido, mas a última resposta fica por conta da oposição ao governo.

Repórter: Foi o presidente Lula quem primeiro deu um tom político. Logo na chegada ao Supremo disse que, graças ao seu governo, os trabalhadores terão o melhor primeiro de maio dos últimos 20 anos. “O salário-mínimo foi acima da inflação e bem acima da inflação. E os aposentados receberam aumento real de salário que há muito tempo não recebia, então parece que vai ser um primeiro de maio bom”.

A oposição, que também chegava para a posse, reagiu.

“O presidente Lula está convencido que inventou o Brasil, a história do Brasil. Eu acho que o que ele inventou mesmo foi o Mensalão”, (27/04)

Repórter: No Brasil, 12,4 mil escolas públicas não têm banheiro, segundo o Ministério da Educação e 26 mil não têm energia.

O governo investe em educação 4% do PIB, o total das riquezas do país, e diz que o percentual é o mesmo de países ricos, como a Alemanha.

Mas preste atenção: o PIB da Alemanha é mais alto e o país tem menos alunos que o Brasil.

O Ministro da Educação reconhece o problema e acha que não basta apenas liberar mais dinheiro.

“Eu penso que a combinação virtuosa é financiamento adequado, formação de professor e famílias comprometidas com o desempenho da criança na escola”.

Para um especialista em educação, é hora de os pais exigirem mais do que a matrícula dos filhos.

“A sociedade brasileira tem que entender que a situação é muito pior que parece e há um problema sério na qualidade e que ela não pode se conformar com a qualidade que está sendo oferecida atualmente nas escolas”. (28/04)

No dia 8 de maio, cinco matérias do telejornal fizeram críticas ao governo - três só em torno da convocação para o depoimento de Silvio Pereira. O telejornal destacou também uma entrevista do ex-secretário do PT ao jornal *O Globo*. Na forma como são usadas as palavras pelos editores e apresentadores, é possível associar o candidato do PT como mandante do crime “mensalão”. Em nenhuma das oportunidades Lula foi ouvido.

Apresentador: O ex-secretário-geral do PT, Silvio Pereira, foi intimado hoje pela Polícia Federal para prestar depoimento na CPI dos Bingos na quarta-feira.

Repórter: A intimação foi feita por fax, no fim da tarde. (...) Nesse domingo, em entrevista à repórter Soraya Aggege, de O Globo, Silvio Pereira revelou que Marcos Valério tinha planos para faturar R\$ 1 bilhão em negócios com os bancos Econômico, Mercantil de Pernambuco e Opportunity, que acabaram não dando certo. (...) Silvio Pereira negou que procurasse empresários para arrecadar fundos para campanhas eleitorais e disse que quem mandava no partido eram Lula, José Genoíno, Aloísio Mercadante e José Dirceu. Para a oposição, a entrevista de Silvio Pereira traz fatos novos, como a revelação de que Marcos Valério pretendia arrecadar R\$ 1 bilhão. (...) “É um fato muito grave, um indício fortíssimo de crime de responsabilidade”.

“É grave porque é a primeira vez que alguém do governo e do PT confessa a existência desse esquema de corrupção” (8/05).

O telejornal repercutiu a entrevista de Silvio Pereira também com os candidatos à presidência, orientando os repórteres a fazerem perguntas oportunas: “Os candidatos à presidência afirmaram hoje que as declarações de Silvio Pereira reacenderam a crise causada pelo escândalo do *mensalão*. Eles cobraram explicações do governo; a candidata do P-Sol, Heloísa Helena, disse que os petistas deveriam apoiar novas investigações”.

Heloísa Helena: Ao invés de dizer não li ou não sei do que se trata ou agredir o “Silvinho”, eles tinham de convocá-lo, na Comissão Parlamentar de Inquérito, para que ele pudesse provar o que estava dizendo e se explicar através de um depoimento formal das acusações gravíssimas que estavam fazendo.

Repórter: Em Belo Horizonte, o candidato do PPS, Roberto Freire, afirmou que a entrevista de Silvio Pereira reforça a tese de que por trás do valerioduto havia um projeto de poder. “Ele apenas reafirma que tinha realmente uma quadrilha de criminosos assaltando e que tentava se perpetuar no poder”.

Repórter: Em São Paulo, o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, disse que o presidente Lula tem que se manifestar publicamente sobre o assunto. “Tudo isso se fez numa mistura indevida entre partido e governo, que são coisas que devem ser separadas. O presidente tem o dever de prestar contas à sociedade” (8/05).

O estudo confirmou que no final de maio o *JN* mudou a “paginação” e amenizou o discurso político. Começava com as matérias da “Copa do Mundo,” deixando a política em segundo plano. Os destaques políticos e de

campanha deste período foram as alianças. O telejornal destacou que PSDB e PT seriam os “dois principais partidos” para as eleições de 2006, já lançando uma possível vitória de um dos dois. Alckmin confirmou a candidatura.

Em comparação com o mesmo período analisado em 2002, é possível perceber que na eleição anterior, falava - se na crise da Argentina, na crise econômica brasileira e no “Risco Brasil”. O Brasil poderia se tornar uma Argentina caso não se mantivesse o projeto econômico do governo anterior. Em 2006 se falou na crise de relacionamento do Brasil com a Bolívia e a falta de punição de parlamentares, corrupção e, ao contrário, destacou -se o governo como incentivador da “crise política”.

Na campanha de 2002 a proliferação da dengue em 2001 e 2002 foi o “mal” que afetou a candidatura do partido do governo, enquanto no início de 2006 foi falado na proliferação da “aftosa” como inimiga da campanha de Lula, principalmente entre os agricultores.

Dentre as matérias que deram 50% de visibilidade positiva a Geraldo Alckmin estão as que destacaram projetos da campanha e a pesquisa divulgada no telejornal de 30/06 que começou “na cabeça” dando vantagem para o candidato: “O Datafolha divulgou mais uma pesquisa sobre as eleições presidenciais deste ano. O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, subiu sete pontos percentuais em relação à pesquisa divulgada no mês passado e caiu a diferença entre ele e o presidente Lula”.

A chamada destacou uma informação que causava expectativas e movimentava a campanha de Alckmin. Só no conteúdo da nota coberta é que os apresentadores explicam: “O Datafolha esclareceu que não é possível fazer comparação entre as duas pesquisas porque houve mudança na lista de candidatos

apresentada aos eleitores”. Mesmo fazendo o alerta, a própria “nota” faz a comparação. “A diferença entre Lula e Alckmin, que era de 23 pontos percentuais em maio, caiu para 17 pontos percentuais”.

7. 1. 2 - 2º Período – Pós-Convenção - julho – agosto

O 2º período seletivo com 28 telejornais se refere à ocasião em que os candidatos tiveram suas candidaturas confirmadas e com os registros encaminhados ao TSE. As eleições de 2006, particularmente, ainda eram um momento conturbado para os candidatos Ana Maria Rangel e Rui Costa Pimenta, que estavam com as candidaturas impugnadas e lutavam na Justiça pela possibilidade de disputa.

Com o número de candidatos maior que em 2002 e candidaturas isoladas de partidos pequenos, o *JN* acabou por fazer um acordo, já citado no capítulo anterior, comprometendo-se a dar espaço aos candidatos “nanicos”. Portanto, começava a época de acompanhamento diário das agendas. Sete candidatos estavam autorizados, até então, a fazer campanha e puderam ser contemplados.

O momento analisado antecede o início do Horário Eleitoral pelo rádio e pela televisão e mostrou o espaço dado pelo telejornal nas entrevistas “ao vivo” que em 2006 foram exibidas no começo de agosto, quase um mês depois, comparado a 2002. Desta vez os candidatos não foram sabatinados duas vezes como ocorreu na eleição presidencial anterior. A divulgação de pesquisas passou a ser semanal e tiveram início as matérias sobre o dia dos candidatos. Entre os assuntos de política o destaque foi a CPI da *máfia das ambulâncias*.

Cristovam Buarque - que até então não aparecia, já que pouco se cogitava sobre sua candidatura teve a disputa confirmada e apareceu com o tratamento igual aos dos outros principais candidatos já que o seu partido, o PDT, tem boa representatividade no Congresso.

A pesquisa do 2º período incluiu igualmente as reportagens especiais veiculadas no projeto *Caravana JN* e observou que o projeto em muitas oportunidades destacou mais a própria cobertura do que os problemas brasileiros. Fez uma espécie de *espetáculo* enfatizando matérias de bastidores e repercutindo com candidatos as matérias levantadas pela produção.

No primeiro dia da *Caravana* (31/08), o telejornal mostrou centenas de pessoas que acompanharam a apresentação de William Bonner em São Miguel das Missões. O programa foi um misto de telejornal e variedades.

Deste dia até o final da eleição, no primeiro turno, as matérias especiais *Os Desejos do Brasil* com Pedro Bial, direto da *Caravana JN*, foram apresentadas diariamente. A cada 15 dias os apresentadores saíam do estúdio para acompanhar a *Caravana*. Nos momentos das apresentações externas o noticiário se assemelhava a um programa de entretenimento, utilizando um linguajar informal e interatividade com público presente nos locais de apresentação do noticiário.

Criavam um espetáculo, quer dizer, mais importante que a matéria era a presença do *JN*. Era uma tentativa de aproximar o *JN* da população. O meio acaba sendo mais importante do que a notícia, privilegiando o espetáculo era a auto-promoção da *Globo*.....”olha como nós somos presentes no Brasil”, isso me parece uma escolha de privilegiar o show.⁹⁷

⁹⁷ Rodrigo Vianna, em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007.

A *caravana do JN* mostrou em cada dia alguns dos problemas vividos pela população. Algumas matérias foram negativas para o presidente que tentava se reeleger. Foram veiculadas matérias sobre a dificuldade de assistência à saúde e os desafios para levar água potável e rede de esgoto às regiões Norte e Nordeste. Os problemas, apesar de serem antigos, representavam a face negativa do governo.

A pesquisa do segundo período confirmou a predominância no noticiário de um equilíbrio no tratamento dos candidatos no que diz respeito ao número de matérias. A tabela a seguir revela que os principais candidatos tiveram uma diferença de duas ou três reportagens apenas.

Tabela 26 - Número e Tempo de Matérias por Candidato – 2º período

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	tempo das matérias
Alckmin	30	20,83	35 m 40s
Cristovam	26	18,06	20 m 27s
H.Helena	28	19,44	30 m 48s
José Maria Eymael	13	9,03	12 m 06s
Luciano Bivar	12	8,33	8 m 57s
Lula	30	20,83	42 m 05s
Rui Costa Pimenta	5	3,47	5 m 25s
Total de Matérias	144		

O resultado demonstra que Lula e Alckmin foram os mais beneficiados quantitativamente. Eles tiveram exibidas 30 matérias cada um com quase 60 % do tempo dedicado as campanhas. Heloísa Helena não ficou muito

atrás com 28 e Cristovam Buarque teve 26. No entanto números iguais não significaram tempos iguais. Com a responsabilidade de dar o mesmo espaço para todos, o *Jornal Nacional* tentou observar também os tempos, mas a diferença já aumentou. De Lula para Alckmin a diferença foi de 7 minutos, 5 entre Alckmin e Heloísa Helena e 10 minutos entre ela e Buarque.

É uma diferença acentuada em pró de Lula se considerarmos que ele teve 12 minutos a mais que o quarto candidato com uma média de 1 minuto e meio para cada telejornal analisado. Em compensação a visibilidade em torno do candidato do PT pode ter sido bem inferior já que ele teve o mesmo número de reportagens que Alckmin, mas com menos da metade de depoimentos conforme mostra a tabela que quantifica as sonoras.

Tabela 27 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato- 2º Período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas matérias	tempo das sonoras	% do tempo total nas matérias
Alckmin	30	26	86,67	6m 23s	17,90
Cristovam	26	25	96,15	6m 03s	29,58
H.Helena	28	24	85,71	5m 56s	19,26
José Maria Eymael	13	7	53,85	1m 53s	15,56
Luciano Bivar	12	6	50,00	1m 30s	16,76
Lula	30	11	36,67	2m 47s	6,61
Rui Costa Pimenta	5	2	40,00	27s	8,31

Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque tiveram praticamente o mesmo número de entrevistas. Os dados demonstram, por exemplo, que Buarque só não deu entrevista em uma reportagem e Heloísa Helena e Alckmin

foram ouvidos em cerca de 86 % das matérias. Mas o que chamou a atenção foi o número reduzido de sonoras para Lula em relação ao número de matérias. Das 30 matérias ele só deu entrevista em 11, com menos de 3 minutos de espaço, enquanto os outros candidatos tiveram o dobro do tempo nas sonoras.

Embora tenha tido elevada exibição nas reportagens, o presidente não deu entrevista na maioria das vezes. Lula teve apenas um minuto a mais que os candidatos de partidos pequenos como Luciano Bivar e José Maria Eymael. A diferença pode ser explicada pela abordagem das matérias em torno do governo e não da candidatura Lula.

No estudo das valências observamos que o candidato do PT obteve um equilíbrio, mas ainda com predominância de reportagens negativas. Alckmin esteve em situação inversa com 63 % de matérias positivas (19 de 30) e as negativas representaram 20 %. Situação mais confortável foi a de Heloísa Helena, que no período teve bem menos matérias negativas que Buarque e Alckmin. José Maria Eymael, do PSDC, teve ao todo 13 matérias e nenhuma negativa.

Tabela 28 – Valência das Matérias por Candidato - 2º Período

Candidato	Valência das matérias					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Alckmin	19	63,33%	6	20%	5	16,67%
Cristovam	8	30,77%	10	38,46%	8	30,77%
H.Helena	17	60,71%	5	17,86%	6	21,43%
José Maria Eymael	5	38,46%	0		8	61,54%
Luciano Bivar	2	16,67%	1	8,33%	9	75,00%
Lula	14	46,67%	12	40%	4	13,33%
Rui Costa Pimenta	0		3	60%	2	40%

A tabela 26 demonstrou também que os candidatos de partidos menores, se não tiveram tanta visibilidade positiva, também não tiveram negativa e o

destaque foi sua própria exibição, mesmo em uma abordagem neutra. A exceção ficou por conta de Rui Costa Pimenta que teve a candidatura impugnada no meio do período, portanto, com poucas aparições e ainda negativamente.

O que chamou atenção na análise do período é que os quatro principais candidatos tiveram enquadramentos diferentes no Jornal Nacional. O candidato à reeleição, embora tivesse o mesmo número de aparições que o candidato do PSDB, teve o dobro de valências negativas. A candidata Heloísa Helena viveu um momento privilegiado com aparições e sonoras que elevaram sua positividade em quase 70% das matérias e o candidato Cristovam Buarque teve um momento de equilíbrio entre as matérias positivas e neutras.

Na linguagem, seleção, edição de imagens e de *falas* destes 28 telejornais é possível perceber a cobertura com enquadramentos diferentes que levam a uma percepção também díspar por parte do público eleitor. Nos exemplos que se seguem é possível confirmar o estudo que quantificou as valências negativas e positivas.

Cristovam Buarque, por exemplo, aparecia constantemente em Brasília e falando sobre Educação. Existia uma predisposição em questionar isso dele, insinuando repetição e desinteresse: "Antes de deixar a região, Cristovam Buarque disse **mais uma vez** (grifo nosso) como pretende federalizar a educação".

A forma como os repórteres e apresentadores enfatizavam os depoimentos de Buarque soavam negativamente. É como se os editores utilizassem dois pesos e duas medidas usando as mesmas imagens de cunho popular dele e de Heloísa Helena, mas com desdém para ele.

No dia 05 de agosto, ambos tiveram as mesmas atitudes, porém foram usados termos na narração da agenda do candidato em um tom que deixava transparecer que as atitudes do candidato eram banais e demagógicas.

Repórter: Cristovam Buarque, do PDT, fez campanha nas ruas do comércio popular de Paulista, cidade de 260 mil habitantes, na região metropolitana do Recife. Cercado por militantes, o candidato cumprimentou eleitores, carregou crianças, distribuiu folhetos, foi saudado por uma Drag Queen e tomou caldinho de feijão.

Repórter: Heloísa Helena continuou o dia de campanha com uma visita a Delmiro Gouveia, cidade de 43 mil habitantes, também no sertão de Alagoas. Ela aproveitou para percorrer o mercado público. Num clube da cidade, ela ganhou um cocar e participou do *Toré*, uma dança festiva.

Os destaques do Jornal Nacional:

Buarque: Comércio popular, cercado por militantes, carregou crianças, distribuiu folhetos, saudado por drag queen, tomou caldinho de feijão.

H.H: visita a Delmiro Gouveia, mercado Público, num clube da cidade, ganhou um cocar, participou do *Toré*, uma dança festiva.

Os dados da pesquisa mostraram que a valência negativa para Buarque se dava no uso de frases questionadoras em relação às propostas do candidato. Eram frases como: "... só não explicou de onde viriam as verbas".

Cristovam disse que os recursos para que as Forças Armadas invistam na formação de jovens seriam do orçamento. Mas não especificou de que área sairia o dinheiro nem detalhou como ele seria aplicado". (...) O candidato quer também aumentar em R\$ 7 bilhões o orçamento da educação. Só não soube explicar como conseguiria o dinheiro (21/07).

Novamente dois pesos e duas medidas: se Alckmin ou Lula falavam em propostas ou promessas, a reportagem não exigia satisfação como no caso de Buarque.

O candidato do PSDB, no segundo período analisado, alterou sua estratégia de campanha procurando as aparições em meio ao povo na rua. O telejornal mostrou esta fase de Alckmin e o exibiu comendo sanduíche, tomando café com leite na rua, tomando chuva, andando no meio de populares, cumprimentando eleitores no mercado municipal e andando de caminhão.

Nos textos, os repórteres não deixavam de mostrar o cotidiano, mas enfatizavam também as propostas do candidato “Depois do corpo-a-corpo, subiu num caminhão e defendeu projetos de desenvolvimento” (05/08). Alckmin foi mostrado apresentando projetos e fazendo promessas: prometeu água para o Nordeste, e um projeto de distribuição de remédio gratuito para todos os usuários do SUS.

Os dados que demonstram 63% de valência positiva para Alckmin têm base também nos textos de cobertura da agenda. Observou-se a diferença no tratamento do discurso. Os textos usaram termos como: “Planos de Geraldo Alckmin”, “vai investir no transporte coletivo”: “Alckmin disse que se eleito quer reduzir juros e dar incentivos aos produtores rurais e aos assentamentos”.

A pesquisa demonstrou também que outras palavras usadas para caracterizar as promessas do candidato do PSDB assinalaram positivamente: Incentivos, vai investir, vai combater a informalidade, falou do combate ao crime organizado, orçamento total para a segurança, planos para a política externa, reforma tributária: “Nós vamos melhorar a saúde, nós vamos melhorar a renda, nós vamos recuperar..., educação e criação de empregos e reforma política, e é menos Brasília e mais Brasil” - foram algumas das frases exibidas pelo *JN*.

A coleta de dados privilegiou as sonoras, como já explicamos na metodologia e utilizamos na mostra de 2002, porque é um momento forte do

candidato. É onde ele se expõe, inserindo uma fala que pode ter um peso importante na sua campanha. Além disso, as sonoras exibem a credibilidade do entrevistado. No entanto também podem ser passivas de manipulação através do “corte” da edição e podem ter interpretação positiva ou negativa.

No 2º período as valências positivas de Geraldo Alckmin também se devem ao discurso bem colocado das sonoras. Abaixo, algumas das sonoras selecionadas pelos editores e que foram exibidas.

(...) comigo presidente não vai ter moleza pra bandido não. Nós vamos ser muito duros no enfrentamento com o crime organizado.

(...) com a irrigação nós vamos melhorar a renda do produtor rural, do pequeno agricultor. E vamos também com irrigação aumentar postos de trabalho. Cada dois hectares irrigados vamos ter dois, três empregos a mais na região .

(...) Nós vamos recuperar a capacidade de investimento do governo, órgãos de financiamento, políticas sociais e de inovação tecnológica e infra-estrutura para a região. O Brasil vai crescer e o nordeste vai crescer mais.

(...) É preciso garantir o remédio de graça para todos os pacientes do SUS e nós podemos fazê-lo com economia sem gastar absurdo de dinheiro através dos genéricos e utilizando a ociosidade hoje do parque fabril.

A pesquisa indicou que a candidata Heloísa Helena foi a que menos teve valências negativas, apesar de ainda estar em desvantagem em relação Alckmin, que teve mais visibilidade com um número superior de reportagens. No início da campanha de rua, no começo de julho, a candidata viveu um momento muito positivo no *Jornal Nacional*, com um enquadramento exibindo imagens simpáticas, contato direto com o povo, passeatas, carreatas e frases contundentes, porém sem promessas ou demagogia - ao menos esta foi a seleção do *JN*.

O momento coincidiu com o aumento do seu índice nas pesquisas. No dia 8 de agosto, dia da entrevista “ao vivo” com a candidata, as pesquisas apontavam um aumento de 6 pontos para Heloisa Helena. Os observadores da

mídia chegaram a discutir a possibilidade de a *Rede Globo* estar apostando na sua candidatura para forçar um segundo turno entre Lula e Alckmin.

Logo no primeiro dia de campanha nas ruas, a candidata já foi exibida fazendo caminhadas, recebendo flores e abraços de pessoas humildes. A edição do dia 6 de julho privilegiou um depoimento de Heloísa Helena no qual ela dizia que seria a primeira mulher na presidência e que não toleraria a vigarice e a traição.

No início da campanha na rua, quando Heloisa Helena aparecia *no corpo a corpo* com eleitores, ao falar da candidata o *JN* usava constantemente verbos como: *defender, pretender, falar, esclarecer, afirmar*, sem questioná-la. Depois de alguns dias, no final de julho e culminando com a entrevista ao vivo no começo de agosto, o noticiário mudou a retórica e passou a questionar a candidata ou apontar demagogia nas “falas”. Em uma das sonoras chegou a enfatizar sua irritação dela, tornando a visibilidade negativa.

Repórter:A candidata do P-SOL, Heloisa Helena, foi à região sul e defendeu uma melhor distribuição de renda (17/07).

Repórter :A candidata do P-SOL afirmou que, se eleita, pretende fazer uma reforma tributária para acelerar a criação de empregos. Ela falou em desenvolvimento econômico e inclusão e social. A senadora Heloisa Helena defendeu as propostas de campanha na área econômica, como a redução imediata da taxa de juros (18/07).

Repórter Heloísa Helena fez comício em Campina Grande e afirmou que é possível reduzir os juros (21/07).

Repórter À tarde, Heloísa Helena fez campanha em João Pessoa. A candidata explicou porque votou contra o PROUNI, que dá bolsas em universidades particulares. Disse que pretende criar um milhão de vagas nas instituições públicas, **mas não esclareceu como conseguiria triplicar** o número de alunos das universidades federais. **Ela se irritou perguntada se poderia baixar os juros por decreto.** . “Meu amor, olha, quem não é imbecil intelectualmente sabe que até poderia ser por decreto presidencial, mas não será preciso um decreto presidencial, porque o conselho monetário nacional será composto de homens ou mulheres que não são moleques de recado do capital financeiro” (24/07).

Repórter: (...) Disse que quer assentar um milhão de famílias. Para isso, falou que usaria o orçamento e títulos da dívida agrária, **mas não deu detalhes de como conseguiria os recursos** (01/08).

Heloísa Helena aproveitou a visita ao acampamento para lançar o programa habitacional que ela pretende desenvolver se for eleita. “É muito importante a construção de mais de 7 milhões de moradias populares que dinamizaram a economia local gerando emprego na indústria e no comércio, e possibilitando a melhoria da dignidade de vida dessas pessoas”. **“Mas e os recursos, candidata?”** “Do orçamento, claro. Absolutamente previsível no orçamento” (03/08).

No período analisado, segundo a pesquisa, o *JN* continuou mostrando as ações do governo, porém, repercutindo junto aos outros candidatos cada *fala* ou decisão do presidente. Esta forma de edição resultou, pelos critérios observados, em valência negativa para o candidato Lula. A palavra mais utilizada foi a **crítica** (grifo nosso) ao presidente.

No dia 2 de agosto, em uma reportagem sobre a reforma política, o telejornal polemizou e confundiu ao dizer que o presidente “poderá propor a convocação de uma Constituinte”. As perguntas do repórter foram como se ele já estivesse convocando-a. Não deu voz a Lula, apenas ao Ministro, e ouviu os outros candidatos, direcionando o enfoque sem ouvir “os dois lados”.

Apresentador – “O presidente Lula apoiou hoje a proposta de convocar uma constituinte para votar a reforma política e uma outra mudança nas regras eleitorais foi aprovada numa comissão do Senado: o fim da reeleição”.

Repórter – “A proposta foi aprovada por unanimidade, em votação simbólica, na Comissão de Constituição e Justiça do Senado. Mas ainda precisa passar por mais duas votações no plenário do Senado e outras duas na Câmara. A mudança acaba com a reeleição a partir de 2010, para presidente, governadores e prefeitos. Já no Palácio do Planalto, o presidente Lula se reuniu com um grupo de juristas. Recebeu um documento com propostas que, segundo eles, vão disciplinar o trabalho das CPIs”.

O coordenador político, Ministro Tarso Genro, disse que Lula vai agora enviar o documento para os presidentes do Senado, da Câmara e da OAB. Mas segundo ele, a discussão não deve se limitar apenas às CPIs. O objetivo do governo é discutir a reforma política e, por isso, decidiu encaminhar uma outra proposta dos juristas. Independentemente do resultado da eleição, o presidente poderá pedir ao Congresso que convoque uma assembléia nacional constituinte só para fazer a reforma política.

A matéria era sobre o fim da reeleição mas o foco foi desviado para uma “possível proposta anunciada por um Ministro”. Em seguida veio a repercussão instigada pelos repórteres junto aos candidatos.

Repórter: O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, passou o dia em Brasília e criticou a idéia de uma nova constituinte.

“Nós precisamos ter estabilidade das regras, preservar a constituição. Reforma política. A primeira coisa é aprovar a fidelidade partidária, a outra é restituir o respeito entre os poderes, espírito público. Não vejo menor sentido nisso”.

Repórter: O candidato do PDT, Cristovam Buarque não fez campanha hoje e também criticou a proposta do presidente.

“Se o Congresso quiser convocar a constituinte, com 3/4 dos votos, tudo bem. É o povo que tá convocando, mas o presidente da República fazer isso é uma temeridade. É um passo em direção ao autoritarismo. Outros governos da América Latina fizeram assim”.

Repórter : Heloisa Helena, do P-SOL, passou o dia no Senado, sem nenhuma atividade de campanha. Ela também não gostou da proposta de convocação de uma constituinte.

“Não existe nenhuma lógica, para viabilizar uma reforma política ter que convocar uma assembléia constituinte. A reforma política, a alteração da metodologia de CPI, tudo pode ser feito sem convocação de uma assembléia constituinte”.

No dia 7 de julho, segundo dia de campanha nas ruas, a matéria negativa do candidato Luiz Inácio Lula da Silva foi uma crítica à nomeação pelo Ministério das Comunicações para a direção dos correios. Mas a matéria era sobre a agenda do candidato e a liberação de dinheiro da operação **Tapa Buracos**, no entanto desde a “cabeça” já tomou outro rumo.

Apresentador - A oposição criticou hoje as nomeações do Ministério das Comunicações para a diretoria dos Correios. Exatamente a estatal que deu origem à pior crise do governo Lula. Os cargos serão preenchidos por técnicos indicados pela ala governista do PMDB.

Repórter - No Palácio do Planalto, o presidente Lula manteve a agenda oficial. Para o presidente, a campanha de rua só começa no próximo dia 13, em São Bernardo.

O último compromisso do presidente Lula foi no final da tarde. Uma reunião no Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, o Dnit, para discutir os resultados da Operação Tapa Buracos.

Segundo o Ministro dos Transportes, foram recapeados 20 mil quilômetros.

O presidente não fez qualquer comentário sobre a decisão de entregar ao PMDB o comando dos Correios. Foram nomeados o presidente e três diretores, todos indicados pela ala do partido que apóia o governo.

No ano passado, um flagrante de corrupção. O então chefe dos Correios, Mauricio Marinho, indicado pelo PTB do ex-deputado Roberto Jefferson, recebendo uma propina de R\$ 3 mil provocou a maior crise do governo Lula. Toda a diretoria da estatal foi trocada. A CPI dos Correios investigou as denúncias de corrupção, o uso de caixa dois e a compra de votos de deputados. Hoje no Congresso, a oposição criticou as nomeações.

A entrevista do candidato ficou em segundo plano e a matéria para qual a imprensa foi chamada também. O *JN* exibiu novamente as imagens do funcionário do correio recebendo propina, o estopim da crise que começou em 2005, e ouviu o senador Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado. “O presidente Lula está tentando arranjar, graças à máquina pública - e isso pra mim é crime - está tentando arranjar votos”.

No dia 10 de julho o telejornal exibiu duas matérias com 3 minutos, sem visibilidade para o candidato Lula e sem entrevista. Os outros candidatos tiveram divulgadas as agendas normalmente. A pesquisa revela que as matérias foram consideradas negativas porque usavam argumentos antipáticos para o trabalhador doméstico e aposentados.

Apresentador: O governo deve vetar a medida provisória que dá a empregados domésticos o direito ao Fundo de Garantia. O temor é que a informalidade aumente ainda mais. A decisão tem que ser tomada até o dia 20.

(...) O presidente Lula vetou o aumento de 16,6% para os aposentados do INSS que recebem mais de um salário-mínimo. O reajuste teria impacto de R\$ 7 bilhões nos cofres do Governo.

A matéria foi tendenciosa porque deu como única informação a de que o governo deveria vetar o Fundo de Garantia. As explicações do repórter e do Ministro que falavam de outros benefícios ficaram dissolvidas no meio da matéria e sem ênfase.

Na reportagem sobre o veto do aumento de 16 % para os aposentados, o *JN* apresentou a justificativa do presidente, embora na fala do repórter e destacou o discurso da oposição. Na seqüência uma matéria otimista do governo exemplificou bem esse período de equilíbrio nas valências e a repercussão com a oposição e candidatos.

Repórter: O presidente Lula passou a manhã no Palácio do Planalto. Com os Ministros da Coordenação Política discutiu a crise de violência em São Paulo. Em seguida, recebeu o presidente de Gana. No discurso, defendeu a política de aproximação do Brasil com a África e confirmou que vai mesmo instalar um escritório da Embrapa naquele país, para desenvolver alternativas energéticas. “O combustível do futuro será baseado em fontes limpas e renováveis. Ele já existe e tem nomes: etanol, biodiesel e H-bio. Esse projeto tem forte impacto social, cria renda e fixa o homem na terra” (10/07).

As entrevistas de estúdio *ao vivo* com os quatro principais candidatos também marcaram o período. Em 2006 foi só uma série no primeiro turno (7 a 10 de agosto) e não houve entrevista no segundo turno, como em 2002. A ordem das entrevistas foi escolhida por sorteio. As entrevistas foram de 7 a 10 de agosto. Todos tiveram 11 minutos e meio e mais prorrogação de 30 minutos. A princípio eram 10 minutos, mas como a primeira entrevista extrapolou, os outros candidatos tiveram direito ao mesmo tempo.

Os entrevistados foram, na seqüência: Geraldo Alckmin; Heloísa Helena; Cristovam Buarque e Luiz Inácio Lula da Silva. A computação do tempo das

entrevistas e a avaliação das valências foram introduzidas na análise. O tempo foi contado como um VT, já que não havia esta modalidade no quadro.

A primeira entrevista com Geraldo Alckmin foi considerada de valência negativa para o candidato. Os entrevistadores discutiram assuntos que não apareciam diariamente no telejornal. As perguntas sobre segurança, escândalo do banco *Nossa Caixa*, envolvimento do PSDB com o caso do *mensalão* em 1998, foram contundentes. Não houve perguntas sobre programa de governo; apenas denúncias.

Os apresentadores perguntaram sobre a segurança em São Paulo. Alckmin tentou rebater as acusações dizendo que o problema da segurança era em todo o Brasil e um problema do presidente da República. Foram 2m e 49s de respostas sobre a segurança.

A segunda discussão foi sobre o início do “mensalão” em 1998 com o senador Eduardo Azeredo, do PSDB

Apresentador: Candidato, o senhor defende um banho de ética na política brasileira. Mas, em 1998 o senador Eduardo Azeredo, do seu partido, beneficiou-se do “Valerioduto”. Por que o PSDB não teve com ele a mesma firmeza que acabou cobrando do governo Lula em relação ao “mensalão”?

O apresentador William Bonner perguntou também sobre as CPIs de acusação no governo de São Paulo que não foram levadas à frente.

Alckmin : O governador não manda na assembléia. Aliás, os nossos Secretários do Estado, ao longo de 12 anos do mandato do Mário Covas e meu, sempre prestaram contas à sociedade paulista. Agora, esses sessenta e tantos pedidos de CPI, você tem quatro, cinco para a mesma coisa...

Os apresentadores do telejornal pareciam sair em defesa do atual governo na questão do veto da aposentadoria.

Apresentador: E com relação à aposentadoria? O seu partido aprovou aí um aumento para todos os aposentados, que significaria um rombo de R\$ 7 bilhões nas contas públicas, porque aquilo não estava previsto em orçamento. Quando o PSDB era governo, ele não agia dessa forma e tanto o senhor quanto o seu partido condenaram o veto que o presidente Lula se viu obrigado a fazer, nesse caso. Por que isso? Qual é a explicação para isso?

“Eu faria tudo para pagar esse reajuste, tudo o que eu pudesse. Veja bem, o governo gastou R\$ 20 bilhões, 1% do PIB, com todo mundo. Deu aumento para funcionário, fez convênios, liberou recursos para municípios. Depois que ele gastou R\$ 20 bilhões, ele virou para os aposentados e disse: olha, eu não tenho dinheiro para vocês. Não tem R\$ 7 bilhões para os aposentados que ganham dois salários mínimos, em média, do INSS. Mas acabou de aprovar R\$ 9,5 bilhões da Petrobrás para o fundo de pensão da Petrobrás. O acionista majoritário da Petrobrás é o governo. Então usa dois pesos e duas medidas”.

Apresentador : E por que nos oito anos anteriores do governo do PSDB isso não chegou a ser feito, um aumento significativo como esse não chegou a ser dado?

Falou-se em corrupção na Caixa Econômica do Estado de São Paulo - *Nossa Caixa* e índices negativos da Educação em São Paulo, o que causou controvérsia de dados e informação e superou o tempo da entrevista.

A segunda entrevista ao vivo no estúdio, com Heloísa Helena, foi polêmica e teve um tom irônico tanto por parte da candidata quanto dos apresentadores. A primeira questão foi sobre os ataques aos Ministros do governo Lula.

Apresentador : Candidata, no mês passado, a senhora disse que não discutiria com o Ministro das Relações Institucionais, Tarso Genro, porque ele era um empregadinho do presidente Lula. A senhora considera essa expressão ofensiva aos brasileiros, já que a maioria deles também é formada por empregados?

Além dessa expressão empregadinho, que a senhora até há de considerar meio preconceituosa, a senhora usou outras expressões como safados, lacaios, imbecis. Essas expressões não mostram uma certa falta de tranqüilidade?

A presidenciável começou a falar e não se deixava mais ser interrompida; foi perceptível a incompatibilidade e até agressividade na bancada do telejornal. Heloísa Helena chamou os apresentadores de “meu amor”, “minha flor”, “danadinha” e disse que a apresentadora deveria entender mais de reforma agrária do que ela.

Apesar das *farpas* trocadas a candidata ainda conseguiu apresentar mais propostas que o candidato Alckmin, mas foi incoerente quando respondeu que não seria tão radical quanto o seu programa de governo, transmitindo descredibilidade.

Apresentador: O programa de seu partido falando de reforma agrária diz que não existe saída para o campo brasileiro sem a expropriação das grandes fazendas, sejam elas produtivas ou não. A senhora vai tomar terras de proprietários rurais que produzem e empregam?

H. Helena: Eu não posso meu amor, porque a Constituição proíbe. ...Programa de partido se trata de objetivos estratégicos do partido. Não tem nada a ver com programa de governo. Seria impossível fazer a expropriação de terra, a não ser que tenha trabalho escravo ou plantação de maconha.

Apresentadora: Não seria incoerente candidata, ter visto no programa, quer dizer, não pode levar o eleitor a pensar o seguinte: que outros itens do seu programa, do partido que a senhora ajudou a fundar, a senhora poderia dizer que não pretende cumprir?

H. Helena: Não. Veja só uma coisa. Talvez quem não é militante de partido, não entenda muito isto. Os objetivos estratégicos de um partido. Por exemplo, eu sou uma socialista por convicção, eu digo sempre que aprendi na Bíblia antes de ler os clássicos da história socialista a ser uma socialista. Acho que nada de mais belo existe, a mais bela declaração de amor à Humanidade de cada um conforme suas possibilidades e para cada um conforme sua necessidade. Objetivo estratégico é algo que você pensa em implementar em 30 anos, 40 anos.

Meu amor, olha, a transposição mecânica de experiências históricas é uma fraude política e desonestidade intelectual que eu jamais poderia compartilhar.

Apresentadora: Mas na vida prática não há um modelo em vigor? Meu amor, deixa eu dizer uma coisa. Não há no planeta Terra nenhuma experiência socialista.

Na pesquisa divulgada no dia da entrevista Heloisa Helena apresentou um aumento de seis pontos nos índices de intenção de votos, mas logo depois começou a cair e se estabilizou. Na pesquisa sobre a entrevista a audiência de Heloisa Helena foi menor que a de com Alckmin.

Cristovam Buarque deu uma entrevista enfática, na qual os jornalistas queriam demonstrar toda sua superioridade com perguntas rápidas sem esperar a conclusão da resposta, exibindo impaciência com o candidato. Os entrevistadores foram até mal educados e demonstraram sarcasmo.

Apresentador: O senhor já teve duas oportunidades de executar, de pôr em prática as suas idéias. Como governador do Distrito Federal e como Ministro da Educação do presidente Lula. Como governador o senhor não conseguiu se reeleger, não passou na prova das urnas no fim do mandato. Como Ministro, o senhor foi demitido pelo presidente Lula. Como é que o senhor se credencia à Presidência?

Buarque: Porque nos dois cargos eu cumpri tudo o que prometi.

Apresentador: Tudo? E perdeu. Por quê? O senhor não encara isso como uma demonstração de que o senhor foi reprovado pelos seus eleitores?

Buarque: Não, porque até o último momento as pesquisas me davam como vitorioso. E eu não menti. Mas na hora da contagem...

As perguntas sobre propostas giraram em torno da Educação e foram tantas questões com respostas repetitivas que no final parecia uma sabatina cansativa.

O candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva, foi triplamente privilegiado na série de entrevistas “ao vivo”. Além de ser, pelo sorteio, o último entrevistado, ainda se manteve no ambiente de trabalho, sem precisar se deslocar para os estúdios da *Globo* no Rio, e acabou tendo mais tempo - 12 minutos e 17 segundos - embora as perguntas tenham sido maiores e os entrevistadores tenham usado mais tempo nas questões.

Os entrevistadores se mostraram mais receptivos nas “falas” e gesticulações. Na primeira pergunta Bonner falou da “quadrilha dos quarenta”, mas se retratou dizendo que era a palavra do Procurador. Com os outros candidatos ele foi mais ríspido, mas com o presidente falou mais. Só na primeira pergunta foi gasto um minuto e o apresentador chegou a ler um trecho.

Candidato, o Ministério Público denunciou o que ele chamou de uma quadrilha de 40 integrantes, que teria como núcleo central, nas palavras do procurador, o seu ex-Ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu e dirigentes do PT, José Genuíno, Silvío Pereira, Delúbio Soares. Segundo a denúncia, eu vou ler um trechinho...

O candidato mostrou intimidade chamando os apresentadores pelo primeiro nome, mas demonstrou também nervosismo. As primeiras perguntas foram sobre as denúncias do Promotor Público e as investigações e CPIs. Foram 12 perguntas sobre o assunto e duas pessoais, sobre Paulo Okamoto e uma dívida que Lula teria com o PT. As outras duas foram sobre Segurança Pública e não houve discussão ou apresentação de propostas, tornando a entrevista mais neutra entre as quatro realizadas.

Os candidatos Luciano Bivar e José Maria Eymael não deram entrevistas *ao vivo* no noticiário, mas participaram de entrevistas gravadas pelo repórter Tônico Ferreira, com pouco mais de 2 minutos cada. Bivar destacou o que falava em todas as outras sonoras: a proposta do imposto único. Eymael também teve a oportunidade de apresentar seu programa de governo. As entrevistas foram na sexta e no sábado da segunda semana de agosto. No período das entrevistas as candidaturas de Ana Maria Rangel do PRP e Rui Costa Pimenta do PCO estavam suspensas pelo TSE.

7. 1. 3 - 3º Período: Horário Eleitoral e 1º Turno – agosto – setembro

Da entrada do horário eleitoral - na segunda quinzena de agosto - até o final do primeiro turno foram analisados 34 telejornais, quase 90 por cento dos exibidos no período. No mês de setembro praticamente todas as edições foram estudadas. Os principais destaques foram: a entrada da propaganda eleitoral na televisão, e, faltando 15 dias para o encerramento do primeiro turno, a “enxurrada” de matérias sobre a tentativa de compra de um dossiê com denúncias contra candidatos do PSDB.

Neste período, o telejornal foi mais curto e a exibição de pesquisas começou a ser mais assídua. O *Jornal Nacional* passou a divulgá-las a cada quinze dias e depois a cada três e dois dias. As campanhas foram intensificadas e o *JN* enfatizou somente os candidatos de partidos maiores. Ana Maria Rangel e Rui Costa Pimenta mantiveram a candidatura e reapareceram no noticiário.

No final de agosto, depois da entrada do horário eleitoral, o telejornal destacou também matérias de economia negativas sobre o desemprego, aumento dos impostos e demissões; informava o crescimento pequeno, abaixo da expectativa. O *JN* reforçava a idéia de 2002 de repercutir uma situação junto aos candidatos - a diferença é que eram assuntos diversos em 2002, em 2006 foram assuntos ligados ao governo.

A tabela 29 revela que os candidatos “nanicos” tiveram no máximo 4 aparições em 34 telejornais. Os outros candidatos, com exceção de Lula, apresentaram participação equilibrada com 34 ou 35 vezes. Conforme os critérios já citados na Metodologia, cada vez que o candidato é citado ou relacionado na

matéria, mesmo que não apareça na imagem ou não dê entrevistas é contada uma valência.

Foi por meio deste critério que se verificou uma visibilidade para Lula bem superior aos outros candidatos com uma média de mais de 2 aparições por telejornal. Na inserção ainda não se levou em conta as *notas ao vivo* somente as notas cobertas por imagem, reportagens ou entrevistas. De acordo com os números descritos na tabela a seguir, Lula teve 73 momentos de exibição nos telejornais analisados, mais que o dobro do segundo colocado.

Tabela 29 - Número e Tempo de Matérias por Candidato- 3º Período

Candidato	Número de matérias	Percentual do Total	Tempo das matérias
Alckmin	35	18,91%	18min 51s
Ana Maria Rangel	2	1,08%	9s
Cristovam	34	18,37%	16min 22s
H.Helena	34	18,37%	16min 55s
José Maria Eymael	4	2,16%	16s
Luciano Bivar	2	1,08%	15s
Lula	73	39,45%	127min 5s
Rui Costa Pimenta	1	0,54%	6s
Total de Matérias	185		

As reportagens ou notas cobertas que apresentavam o nome ou relacionavam o candidato Lula representaram quase 40 por cento do total de matérias e o tempo de exibição também foi elevado, com 70 % do tempo total das matérias. Foram computados os tempos totais das reportagens com enfoques e repórteres diferentes embora sobre o mesmo assunto.

No início do período, o número de matérias e os tempos ficaram equilibrados, mostrando o governo positivamente e os outros candidatos falando de projetos. Porém na segunda quinzena de setembro, o destaque sobre Lula foi bem superior. Foram várias matérias sobre as denúncias de um dossiê contra o candidato do PSDB ao governo de São Paulo, José Serra. Todas as matérias relacionavam o candidato à presidência do PT, embora o assunto fosse regionalizado e a maioria não apresentasse a imagem ou não usasse a sonora do candidato, como mostra a tabela 30.

Tabela 30 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato – 3º período

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	Tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Alckmin	35	28	80	7m 6s	37,67
Ana Maria Rangel	2	0			
Cristovam	34	27	79,41	6m 39s	40,63
H.Helena	34	27	79,41	6m 26s	38,03
José Maria Eymael	4	0			
Luciano Bivar	2	0			
Lula	73	15	20,54	5min 10s	4,07
Rui Costa Pimenta	1	0			
	185				

O número de sonoras exibido na tabela demonstra o total equilíbrio entre os candidatos Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque. Mais uma vez Alckmin teve um momento a mais de visibilidade com uma sonora de vantagem em relação aos dois candidatos. A exemplo das matérias -teve 35, enquanto os candidatos do P-Sol e do PDT tiveram 34.

O desequilíbrio está no candidato Lula que, apesar de ter tido o nome apresentado em 73 matérias, somente em 20% delas deu entrevista. Os outros candidatos deram entrevista em cerca de 80 por cento das matérias. O tempo das sonorais é que foi equânime para todos, com uma média de pouco mais de 6 minutos.

A tabela 31 evidencia a desvantagem do candidato à reeleição por meio dos resultados das valências. A diferença foi expressiva principalmente antes do primeiro turno, na segunda quinzena de setembro.

Tabela 31 – Valência das Matérias por Candidato – 3º Período

Candidato	Valência das matérias					
	Positiva		Negativa		Neutra	
Alckmin	24	68,57%	3	8,33%	8	22,22%
Ana Maria Rangel	2	100%	0		0	
Cristovam	18	52,94%	4	11,76%	12	35,29%
H.Helena	21	61,76%	2	5,88%	11	32,35%
José Maria Eymael	0		0		4	100%
Luciano Bivar	1	50%	0		1	50%
Lula	12	16,43%	51	69,86%	10	13,69%
Rui Costa Pimenta	0		0		1	100%

Lula teve um período muito ruim, com 51 valências negativas contra apenas 3 de Alckmin, 2 de Heloísa Helena e 4 de Cristovam Buarque. O desequilíbrio prevaleceu também na valência positiva, pois, o candidato do PSDB teve exatamente o dobro de matérias consideradas positivas em relação ao do PT.

A pesquisa aponta que houve uma construção desfavorável do cenário eleitoral pelo *Jornal Nacional* no 3º período. Esta unilateralidade fica evidente na interpretação do resultado quantitativo exibido antes.

Nos primeiros telejornais analisados no período – final de agosto e começo de setembro - o panorama era bem diferente daquele que foi surgindo com matérias que mostravam apenas o dia-a-dia dos candidatos e ações do governo. Neste período Luiz Inácio Lula da Silva acumulou valências equiparadas com outros candidatos com muitas matérias sugerindo neutralidade - basta observar que os quatro principais candidatos tiveram, conforme a tabela, quase o mesmo número de valências neutras, embora algumas matérias sobre os problemas do Brasil como as da *Caravana* evidenciassem a negatividade para o governo.

Um exemplo foi o dia 24 de agosto. O telejornal exibiu três matérias negativas sobre o governo. A primeira com mais de três minutos foi a matéria da série *Desejos do Brasil* sobre segurança pública. O repórter destacou que o Brasil é “o país com medo e com motivos para isto. A primeira razão de ser do estado é deter o monopólio da violência para impor a ordem. O Estado brasileiro perdeu esse monopólio. Perdemos”.

O telejornal transferiu a responsabilidade da acusação para o sargento da cidade de Arapiraca em Alagoas: “se a gente prende, amanhã está solto. É um país sem lei, sem governante, e sem nada. Um país entregue ao caos”.

O segundo VT foi sobre o peso dos impostos. A narração do repórter destacou:

no ano passado, de cada R\$ 100 que o brasileiro ganhou, mais de R\$ 37 foram para o governo, em impostos e contribuições federais, estaduais e municipais. Essa é a chamada carga tributária brasileira: 37,37% do PIB, toda a riqueza que o país produziu em 2005.

O repórter disse ainda que: os empresários reclamam que este dinheiro não está sendo usado para fazer o país crescer e sim para financiar gastos do próprio governo, que se defende. O VT teve 1 minuto, inseriu a defesa do governo e por último apresentou a fala de Paulo Skaf, da Fiesp: “Não se pode pagar 38% do PIB de impostos. É necessário se criar um cenário não hostil ao crescimento, um cenário que estimule o crescimento”. Em geral, no fechamento deste tipo de matéria o telejornal inseria uma crítica, porque era o momento mais forte e o texto final é o que fica registrado.

Na terceira matéria negativa do dia o telejornal tentou polemizar colocando entrevistas do Ministro do Trabalho, Luiz Marinho e do presidente do IBGE, Eduardo Nunes. A matéria foi sobre uma pesquisa que apontava o aumento do desemprego nas maiores regiões metropolitanas, mas a “cabeça” chamou a atenção sobre o desemprego em geral.

Apresentador: O IBGE divulgou hoje uma pesquisa que mostra aumento na taxa de desemprego em julho. Os dados provocaram críticas do Ministro do Trabalho”.

Repórter: Os números são da pesquisa mensal de emprego. Em julho, 2,4 milhões de pessoas estavam sem trabalho nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil. Representam 10,7% da população ativa - é a maior taxa desde abril do ano passado.

Ministro: Não sei de onde o IBGE tirou esses números. É uma realidade das regiões metropolitanas, algumas regiões metropolitanas. A pesquisa não cobre o território nacional como um todo. É uma falha das nossas estatísticas. Não estou dizendo que é mal feita, não disse isso.

Presidente do IBGE : Não há polêmica, todo cidadão tem direito de fazer a avaliação sobre os resultados de uma pesquisa, fazemos uma visita a 40 mil domicílios no país, que o resultado é absolutamente normal.

Ainda no final de agosto, no dia 31, duas matérias tiveram valência negativa para a candidatura de Lula. As matérias eram de economia e política - divulgação e interpretação dos números do PIB:

A economia brasileira provocou uma decepção no segundo trimestre. Um crescimento muito pequeno. Segundo o IBGE, principalmente por causa da indústria. A economia está crescendo menos. O PIB, soma de tudo que é produzido o país, cresceu apenas 0,5% no segundo trimestre em relação ao primeiro. Número bem abaixo do alcançado no período anterior, que foi de 1,3%.

No mesmo dia em que se divulgou esse resultado do PIB, (grifo nosso) o governo enviou ao Congresso a proposta de orçamento de 2007, **com aumento de gastos e do peso dos impostos**,(grifo nosso). Os números foram anunciados pelo Ministro do Planejamento. O governo afirma que em 2007 o PIB vai crescer 4,75% e que o peso de **todos os impostos** para os brasileiros vai subir de novo, para 26,24% do PIB. Para este ano, a previsão era de 26,14%. Para o salário mínimo o governo **vai dar apenas** o que prevê a lei, passando de R\$ 350 para R\$ 375. **O governo desistiu de reduzir os gastos com a administração pública**. O corte está previsto na lei de diretrizes orçamentárias que ainda não foi votada pelo Congresso. Assim, essas despesas, como o pagamento de servidores, devem fechar 2007 em R\$ 353 bilhões. R\$ 30 bilhões a mais que este ano.

O texto, além de repetir palavras como “peso dos impostos” reforçou a idéia negativa com palavras como: “vai dar apenas” e “desistiu de reduzir os gastos”.

No quadro do dia do candidato, o *JN* buscou as críticas dos outros candidatos à presidência em relação ao crescimento do país. Vale lembrar que o repórter designado para cobrir o candidato recebe - da pauta responsável pela praça⁹⁸- uma, orientação das perguntas que deve fazer ou assunto que deve repercutir.

Os assuntos que estavam em pauta eram repercutidos no dia-a-dia. Muitas vezes o candidato nem sabia do assunto e era informado pelo repórter.

Apresentador: Os candidatos à presidência comentaram o resultado do PIB do segundo trimestre, divulgado hoje.

⁹⁸ Praça – termo usado pela Rede Globo para definir uma emissora afiliada.

H Helena: Infelizmente o crescimento pífio é o retrato da escolha da política econômica feita pelo governo. Qualquer pessoa que vinha fazendo análises técnicas, claramente apontava para isso.;

Alckmin : O país não cresce desse jeito. Nós vamos fazer o contrário. Agenda do crescimento. Agenda do crescimento é qualidade do gasto público. É investimento, é infra-estrutura, é educação. É recuperar a saúde.

Buarque Nós temos um PIB baseado em produtos que não representam a modernidade que precisam dar um salto na produção de bens de alta tecnologia e a gente não vai fazer isso se não fizer a revolução da educação”.

Ainda no final de agosto as pesquisas revelaram a queda da candidata Heloísa Helena. Ela - que no final de julho e começo de agosto conseguiu subir cerca de 4 pontos - teve queda depois do início do horário eleitoral. Mesmo assim, apresentou valência positiva em mais de 61% das matérias. Diariamente, no quadro “agenda do candidato”, Heloísa Helena foi exibida sorrindo, “fazendo festa”, abraçando e beijando as pessoas, tocando pandeiro e muito afetiva, com uma faceta carismática, ao contrário de alguns adversários.

Para Alckmin, as valências positivas se deram no dia-a-dia, já que a maioria das matérias mostrava uma imagem otimista do candidato. Ele foi exibido com uma postura firme, como se já tivesse sido eleito - a mesma de José Serra em 2002. Ao contrário de Heloísa Helena, destacada no meio do povo, Alckmin falava em entidades, instituições e até fora do país em tom austero usando verbos como pretendo: “Esse pólo todo, industrial, ele pode crescer. **Pretendo liberar** rapidamente os recursos da Suframa, para a infra-estrutura na região” (25-08); Vou: **Eu vou mexer no código penal, código do processo, lei de execuções penais**, que é tudo federal (30-08). O país não cresce desse jeito. **Nós vamos fazer o contrário** (31/08). Simplificando, desburocratizando e apoiando o pequeno, o micro e pequeno empresário. **É isso que nós vamos fazer** (21/08).

As pesquisas ainda mantinham Alckmin abaixo de Lula, em final de agosto. No dia 29, o Instituto *Datafolha* divulgou que Lula apresentava 50 % das intenções de voto e Alckmin 17%. As informações das pesquisas eram divulgadas sem qualquer destaque, por *notas cobertas* e sem chamadas, como aconteceu em julho quando houve ascensão de Alckmin em 30 de junho.

Ainda no dia 29 de agosto houve uma edição negativa para Lula embora neutra para Alckmin, já que não estimulou positividade à sua candidatura. O *JN* deu espaço para o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como se ele fosse o candidato do PSDB. A matéria era sobre um encontro com almoço por adesão para arrecadar dinheiro para a campanha de Alckmin. A *fala* do ex-presidente durou 32 segundos e foi destacada a frase repetida por Fernando Henrique por várias vezes. “Eu não sou igual a ele” (Lula).

Apresentador: o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso elevou o tom das críticas. Acusou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de ter sido brando com auxiliares acusados de corrupção. “Me dói ver agora o próprio presidente da república dizer: não, todos são iguais. Iguais não. **Eu não sou igual a ele. Eu não sou igual a ele. Eu não sou igual a ele.** Eu queria ter sido igual a ele quando ele foi líder operário aqui e eu o acompanhei nas greves. Eu queria ter sido igual a ele naquele tempo, mas ele mudou”.

O *JN* destacou o áudio com o discurso apesar da imagem deficiente. A cena foi gravada de longe e aparecia o garçom em primeiro plano. Na edição a prioridade foi o discurso por isso, a imagem é mostrada mesmo precariamente.

No período analisado, o candidato Cristovam Buarque foi mostrado, na maioria das vezes, com grupos pequenos e em ambientes fechados. Em todas as entrevistas ele manteve a proposta voltada para a educação. Nos dois primeiros períodos analisados chegou a ser tratado com ironia por causa disso; no

terceiro Buarque teve a campanha mais estagnada dentre os principais candidatos, tanto que as exibições foram consideradas neutras em quase 40% das matérias.

Nos primeiros quinze dias de setembro as matérias do *Jornal Nacional* mantiveram o mesmo ritmo de agosto. Diariamente eram apresentadas as reportagens da *Caravana* percorrendo o Brasil e a cada quinze dias o *JN* era exibido em parte do lugar onde estava a *Caravana*. Nestes dias, a agenda dos principais candidatos foi apresentada em forma de nota coberta.

Neste período a presidenciável Heloisa Helena foi exibida distribuindo beijos, no contato com o povo e em caminhada com militantes. Na maioria dos dias com valências positivas, embora ainda sendo questionada sobre os recursos para desenvolvimento de projetos. Tratamento diferenciado foi dado a Alckmin, que falava em projetos, e não era questionado sobre como viabilizaria a verba.

Ele também foi exibido mais próximo do povo como no dia em que distribuiu paçoca para as crianças, jogou sinuca em um bar e visitou Dona Dodô, primeira porta bandeira da escola de samba Portela. O telejornal continuou destacando as propostas mesmo que representassem promessas sem consistência. “Nós vamos fazer um amplo plano de obras, pra gerar emprego e renda”; “Nós vamos trabalhar muito a questão habitacional...”.

O candidato Lula começou o período estabilizado nas pesquisas e logo no começo de setembro ampliou a vantagem, embora a visibilidade do seu governo no *Jornal Nacional* não contribuísse para tal.

As matérias da *Caravana* exibiam o lado negativo do governo: estradas destruídas, escolas e agentes de saúde sem condições de trabalho. No dia 7 de setembro a *Caravana do JN* começou um série de 3 matérias sobre “a pior

estrada do Brasil”: a BR 316 no Maranhão e Pará. A reportagem, com 1m 16s, exibiu crateras e sugeriu que os candidatos passassem por lá.

No dia seguinte, o telejornal repetiu parte da matéria anterior enfatizando as entrevistas colhidas: “mostra a vergonha do Brasil, mostra onde foram parar nossos impostos, olha as placas de sinalização, os olhos de gato, as faixas no asfalto. Olha o asfalto. Olha a única estrada federal que liga o Maranhão ao Pará!”.

No mesmo telejornal, uma outra reportagem aproveitou o *gancho* e abordou os impostos pagos para a manutenção das estradas e o desvio da verba. O apresentador do telejornal mostrou sua indignação apontando erros do governo e do candidato à reeleição.

No dia 9, o *JN* repercutiu a reportagem com os candidatos à presidência. Os repórteres indicavam o assunto e os editores tentaram usar trechos das entrevistas, mas algumas respostas foram desconexas. Todos falaram de seus planos e não criticaram o governo, enquanto Lula tentou uma justificativa.

Repórter: O presidente comentou a reportagem da Caravana JN sobre o péssimo estado da BR-316. “Ela foi licitada em abril de 2006, ela faz parte daquela operação que tomamos em janeiro e lamentavelmente ela foi licitada e demorou para começar a obra. Mas eu fui informado que já tem 120 pessoas trabalhando na obra”.

Geraldo Alckmin, tomou café da manhã com assessores num hotel em Fortaleza. Ele seguiu para Cascavel, no litoral do Ceará, onde percorreu a Feira de São Bento na região central da cidade e comentou a situação da BR-316, no Maranhão, que visitou depois de ver a reportagem do Jornal Nacional.

“Eu vi o estado de abandono da estrada. Graves riscos para os usuários, risco para os caminhoneiros, aumento do custo do frete. Nós vamos fazer um amplo plano de obras, pra gerar emprego e renda”.

Heloísa Helena falou sobre a importância do combate ao narcotráfico na região de fronteira e também sobre o estado das rodovias brasileiras. “É muito importante fazer investimentos em transporte porque dinamiza a economia, gerando emprego e renda na indústria e

na construção civil. E viabilizar outras alternativas além do transporte rodoviário”.

O candidato do PDT, Cristovam Buarque, fez campanha em Samambaia, cidade a 30 quilômetros de Brasília. Entrou em lojas para distribuir panfletos e participou de um comício. O candidato também comentou a situação das estradas do país, como a da BR-316 mostrada na Caravana JN. Disse que em seu programa de governo defende, não só a recuperação como a duplicação das principais rodovias. “Sem estrada o país emperra. Da mesma forma que sem energia o país emperra. Então é preciso fazer, não só a recuperação dessa malha viária que está destruída, como também alargar o sistema viário brasileiro”.

Dentre as matérias consideradas negativas para o candidato Lula, estava também uma sobre uma pesquisa do Banco Mundial que relatava que o Brasil era um dos piores países para se abrir negócio.

No período analisado podemos considerar que os últimos quinze dias antes do primeiro turno foram os mais significativos. O destaque da mídia e em particular do *JN* na cobertura de denúncias da compra de um suposto dossiê por membros do PT desestabilizou as campanhas e atingiu o candidato do PT, que até então estava com a eleição garantida no primeiro turno, segundo as pesquisas.

A mostra da cobertura do *Jornal Nacional* no período revela o aumento das valências negativas para o governo culminando com a alteração no quadro das pesquisas eleitorais e a realização do segundo turno. Como os dados coletados nesses últimos quinze dias foram bem diferentes dos dados apresentados no início do período, eles foram distribuídos em tabelas específicas para uma melhor explanação.

O período de denúncias e matérias negativas começou com intensidade no dia 13 de setembro, quarta-feira. Do dia 13 até o dia 30, foram 43 matérias sobre Lula, contra 17 de cada um dos outros 3 principais candidatos.

Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque mantiveram a média de uma matéria por dia e estiveram entre a positividade e a neutralidade.

Tabela 32 - Número, e Valências de Matérias por Candidato
Período – 13 a 30 de setembro - 2006

Principais Candidatos	Número de matérias	Valências		
		Positiva	Negativa	Neutra
Alckmin	17	12	1	4
Cristovam	17	11	0	6
H.Helena	17	13	0	4
Lula	43	4	37	2

A partir do dia 13 de setembro os editores passaram a inserir no noticiário matérias de denúncias que envolviam diretamente o partido do governo. Foram produzidas reportagens de no mínimo 1 minuto e meio e de até 7 minutos sobre as denúncias. Eram no mínimo duas matérias por telejornal e os editores chegaram a formatá-lo de maneira inédita com uma “cabeça” para várias reportagens sobre o mesmo assunto, repetindo imagens, mas buscando abordagens diferentes.

O telejornal começou a ser pautado pelo denunciismo a ponto de deixar temas relevantes como cobertura de CPIs e assuntos econômicos de lado, até o “furo” de não noticiar a queda do avião da Gol que matou 154 pessoas. Houve dia em que as matérias sobre as denúncias tomaram quase 80 por cento do telejornal - é como se não acontecesse mais nada no país.

Os editores passaram a empregar na narrativa um vocabulário usado na intimidade ou em programas policiais e criaram, em quinze dias, um rótulo como fez toda a mídia em 2005 e início de 2006 ao tratar da crise política.

Já não falavam mais “presidente Lula” e sim “Lula”, “os amigos de Lula”, “máfia do Planalto”, “centro do escândalo”, “o escândalo do dossiê”, “a máfia do dossiê”, “dinheiro sujo”, “lavagem de dinheiro”, “submundo do crime”, “explosão da máfia”, “personagens obscuros” e “emissários do PT”. A cobertura mudou também para pessoas que estavam supostamente envolvidas: aquelas ligadas ao PT eram chamadas de petistas; as ligadas a outros partidos, de empresários.

Em quase todos os noticiários do período o assunto do dia foram as denúncias e suas repercussões com os demais candidatos. Para Lula houve 4 matérias positivas, segundo o critério adotado, já identificado na Metodologia. Foram matérias sobre ações do governo. Dois exemplos:

Repórter: Em Brasília, o presidente Lula, candidato à reeleição, deu entrevista ao Bom Dia Brasil. Depois, recebeu o manifesto pela valorização do livro. E foi elogiado, por ter dado, segundo participantes, passos decisivos para o futuro do livro. Lula defendeu a aprovação do Fundeb - o fundo que destinará mais recursos para o ensino básico.

“Representará um enorme salto de qualidade em nosso ensino e uma oportunidade ímpar para popularizar, para a popularização do livro e da leitura” (13/09).

Repórter: A Fundação Getúlio Vargas divulgou, hoje, um estudo baseado em números do IBGE, que mostra a queda do nível de pobreza no Brasil nos três primeiros anos do governo Lula. A Fundação Getúlio Vargas se baseou nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios. Pelos cálculos da fundação, o percentual de brasileiros que vivem abaixo da linha da miséria caiu de 28,17% em 2003 para 22,77% em 2005. Uma queda de 19,18%. Foi a maior redução desde 1992, quando o estudo começou a ser feito (21/09).

As matérias negativas para o candidato do PT começaram com a denúncia de irregularidades na produção de uma revista que teria sido paga com dinheiro público. A matéria teve 1 minuto e 22 segundos.

Apresentador: O Tribunal de Contas da União aprovou o relatório que denuncia irregularidades na impressão de revistas de propaganda do governo. O material teria sido distribuído pelo PT.

Repórter : O relatório foi aprovado por unanimidade. Os auditores do TCU concluíram que as cartilhas encomendadas pela Secretaria de Comunicação da Presidência foram compradas acima do preço e muitas – 2 milhões- não chegaram a ser confeccionadas pelas empresas contratadas: duas agências de publicidade e cinco gráficas.

A Secretaria de Comunicação disse, em sua defesa, que as cartilhas tinham sido entregues diretamente aos diretórios municipais do PT o que , para o TCU, piorou a situação. Mostrou confusão entre a ação do governo e a ação partidária, para promover o PT.

Segundo o relatório, as agências Duda Mendonça e Matisse receberam dinheiro sem ter efetuado o serviço (13/09).

15 e 16- 09

No dia 15 foi veiculada uma única matéria sobre o dossiê e sobre a prisão dos acusados. A matéria durou 1m33. Não foi citada qualquer ligação com o candidato à reeleição a não ser por que um dos detidos, Waldebran Padilha, segundo a reportagem, era filiado ao PT no Mato Grosso. Quem fez a primeira matéria para o *JN* foi Rodrigo Vianna. Ele conta que a partir dali a cobertura começou a ficar “estranha “.

Chego na PF naquela sexta feira.. Eu estava indo embora quando o chefe de reportagem me disse: “Olha vão para a federal porque parece que prenderam alguém aqui em São Paulo relacionado ao Vedoin”. O parente do Vedoin, Trevisan. O Vedoin já tinha sido preso em Cuiabá na quinta feira a noite. “Vamos pra lá porque parece que prenderam alguém aqui em São Paulo relacionado aos caras”. Quando eu cheguei me estranhei porque tinham duas peruas da produtora da GW parada na frente da Federal . (...) No fim de semana o noticiário já começa ser um pouquinho para bater na

candidatura do Lula e dando como certo que aqueles caras tinham cometido um crime. Até hoje não se sabe o crime que eles cometeram porque comprar informação não é crime, mesmo que tivesse comprado, não é proibido comprar informação. De qualquer forma uma campanha presidencial, alguém querendo comprar informação sobre outro candidato tem interesse jornalístico, não tenha dúvida.⁹⁹

No sábado, 16, o tempo destinado à cobertura do caso dobrou e foram duas matérias que apresentaram negatividade para Lula e Alckmin. O dossiê foi a primeira matéria e, com mais impacto, destacou a imagem dos homens dizendo que: “são filiados ao PT do MT e arrecadadores de recursos do partido para o candidato a prefeitura de Cuiabá, em 2004”. A matéria se referiu a respostas e sugestões do PT e PSDB, mas deu voz apenas a José Serra, candidato ao governo de São Paulo pelo PSDB.

Foi organizada uma baixaria contra a minha campanha, porque eu estou bastante à frente nas pesquisas aqui em São Paulo. Então os adversários organizaram uma grande baixaria. Essa baixaria agora ta sendo investigada pela Polícia Federal e pela Justiça, que realmente representa o caminho adequado para isso. Existe aí já R\$ 1,7 milhão que apareceram transportados por gente ligada a partidos políticos e a eles vai caber explicar de onde veio esse dinheiro e qual era a finalidade (16/7).

Foram duas matérias na seqüência, com dois repórteres, sem a “cabeça” de formato normal do JN. O assunto começou a ser repercutido entre os candidatos. O candidato do PSDB acusou o PT com uma sonora de 17 segundos. O presidente Lula foi beneficiado com 35 segundos de sonora, mas sem explicações ou comprometimentos. “Candidatos à Presidência comentaram a tentativa de venda do dossiê contra o ex-Ministro José Serra”.

Alckmin: É inacreditável que a política brasileira se converta nisso e o PT sempre por trás desse submundo do crime. Então é preciso

⁹⁹ Rodrigo Vianna em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007.

mostrar o dinheiro, de onde veio isso, mostrar os criminosos, quem é o corruptor, e a quem serve isso.

Lula: Eu acho que o dossiê contra o Serra é um dossiê igual a tantos dossiês que circulam por esse país, o que eu acho abominável as pessoas tentarem comprar notícias. Tem gente que acha que pode ser melhor que o outro se tiver uma denúncia maior do que a que ele foi vítima. Eu acho isso uma coisa absurda na política brasileira. Isso não ajuda o eleitorado a decidir no dia primeiro de outubro, pelo contrário, vai deixando a sociedade com nojo da política, vai deixando a sociedade afastada das pessoas. Eu não conheço o teor do depoimento das pessoas, ou seja, e essa coisa quando se trata de investigação da Polícia Federal eu acho que um pouco de cautela e caldo de galinha não faz mal ninguém esperar o resultado para ver o que acontece.

Vianna revelou como foram estes dias de cobertura às vésperas da eleição.

(...) Cuiabá já tinha um repórter fixo lá da TV de lá. Aí mandaram um repórter aqui de São Paulo para reforçar a cobertura da investigação. Aqui ficou um outro repórter com produtor, o Tralli com o produtor Robson Ceranto, designados para fazer o acompanhamento na PF. O Rodrigo Bocato foi para Cuiabá para acompanhar a investigação em Cuiabá. A cobertura começou a entrar nesta linha. Segunda-feira à noite um grupo de jornalistas aqui da *Globo* em São Paulo entrou na sala do diretor e perguntou: “e aí não vamos cobrir o outro lado? Não vamos mostrar o dossiê? Não vamos mostrar o Serra entregando ambulâncias? Porque não repercutimos a matéria da *Isto É*”. Aí veio a resposta: “a *Isto É* é uma revista suspeita ela está sob suspeita de ter sido comprada para esta matéria do Vedoin”. “Esta sob suspeita, mas já houve julgamento alguém condenou a *Isto É*? Porque quando a *Veja* dá a matéria no dia seguinte nós colocamos no *JN*. Para a *Isto É* então tem outro critério? *Isto É* não se repercute, repercute a *Veja*? “Não, não vamos mexer nisso”.

(...) Então a cobertura nestes quinze dias é de um lado cobrir a história do dossiê unilateralmente, quer dizer, condenado os alopados e não mostrando o que era o dossiê de outro lado, fazendo a cobertura dos candidatos de maneira que todos eles voltassem seus canhões contra a candidatura Lula e se esquecendo aquela regra de que não poderia haver crítica a candidatura nas entrevistas da cobertura do dia a dia.

18-09

O *Jornal Nacional* começou com 5 manchetes do caso do dossiê.

William Bonner mudou totalmente o aspecto daquele que fazia a apresentação da

Caravana. Os textos também passam a ser mais bruscos. “Os homens do presidente Lula estão no centro do escândalo da compra dos dossiês”, numa referência ao filme *Todos os Homens do Presidente*, que relatava o caso Watergate nos Estados Unidos. O caso provocou a renúncia do presidente Richard Nixon em 8 de agosto de 1974¹⁰⁰.

A primeira matéria causou impacto, mostrou o assessor do presidente, Freud Godoy, como o maior suspeito de encomendar a compra do dossiê. Foram dois textos como *cabeças* em que o apresentador mudou de câmera (um recurso para o texto longo não ficar cansativo e chamar mais a atenção) antes de chamar a reportagem. Depois o mesmo recurso foi utilizado para outras notas e *cabeças* longas.

Apresentador: Um assessor especial do presidente Lula e um homem contratado pelo PT para a campanha do presidente à reeleição estão no centro do escândalo da compra de dossiês.

Repórter: O depoimento de Gedimar Passos, preso com o dinheiro que seria usado na negociata, transformou o assessor presidencial Freud Godoy no maior suspeito de encomendar a compra do material.

O escândalo dos dossiês explodiu na semana passada, com a prisão do chefe da Máfia das Sanguessugas, Luiz Antônio Vedoin, e de mais três pessoas.

Em todas as matérias, as imagens das fotos espalhadas foram repetidas e os textos reproduziram palavras como “**escândalo**” e “**negociata**”. As duas primeiras matérias duraram 7m42 e não foram usadas as palavras “Partido dos Trabalhadores” como usavam antes. Nestes dias passaram a usar “PT” em tom de descaso. O texto ainda dizia que o material serviria para **atacar** o candidato

¹⁰⁰ Watergate, um dos maiores escândalos políticos dos Estados Unidos, foi o caso de escuta ilegal na sede do partido democrata, no edifício Watergate em Washington por pessoas ligadas ao governo Nixon e denunciado pelos jornalistas o Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein.

do PSDB e: “o dossiê contra José Serra, contra o PSDB”. Diferenciou o tratamento aos dois partidos.

A entrevista de Freud Godoy foi antes de seu depoimento na PF e da forma como o repórter questionou era como se o acusado prestasse depoimento a ele.

Repórter :O material que acabou apreendido seria negociado com o Partido dos Trabalhadores e serviria para atacar o candidato do PSDB ao governo de São Paulo, José Serra.

O dossiê seria entregue em São Paulo a Valdebran Padilha, filiado ao PT e arrecadador de campanha em Mato Grosso.

A missão de Valdebran era se certificar da existência do dinheiro que pagaria as informações de Vedoin.

O outro preso, Gedimar Passos, disse que foi contratado pela executiva nacional do PT para fazer uma análise jurídica da documentação que seria negociada com os Vedoin (18/09) .

Na narração, um dos repórteres falou que Freud confessou que conhecia um dos detidos e que já se encontrou com ele por quatro vezes, mas na entrevista não aparecem tais afirmações. As reportagens também parecem incoerentes quando uma mostra que: “Na secretaria particular da presidência da República, em Brasília, trabalha um Freud Godoy, que, como disse Gedimar no depoimento, tem uma empresa de segurança”.

Outra já tem como afirmação que o Freud Godoy assessor do presidente é o acusado: “Freud Godoy, acusado de mandar entregar quase R\$ 2 milhões pela entrevista e pela montagem de um dossiê contra José Serra, se apresentou à Polícia Federal no meio da tarde, em São Paulo”.

O *JN* ainda enfatizou as relações do assessor diretamente com o presidente.

Godoy: Eu estou vindo por livre e espontânea vontade.

Repórter: Antes, numa longa entrevista, Freud confirmou que conhece Gedimar Pereira passos e que se encontrou com ele ao

menos quatro vezes. Mas negou envolvimento na compra do material.

"Nem tenho conhecimento desse dinheiro, não tenho conhecimento da ação de Gedimar e fiquei sabendo desta história hoje de manhã",

Repórter: Freud relatou que o primeiro encontro foi há um mês, em Brasília, no diretório nacional do PT.

"Ele foi apresentado como funcionário do diretório nacional do Partido dos Trabalhadores".

Repórter: Segundo Freud, quem o apresentou a Gedimar foi Jorge Lorenzetti, **funcionário** da campanha de Lula, fundador do PT e diretor administrativo do Besc - Banco do Estado de Santa Catarina.

"O Jorge Lorenzetti pegou e me chamou para dar uma orientação a nível da (sic) segurança do comitê que tinha acabado de ser montado".

Repórter: Freud diz que ele e Gedimar foram ao comitê da campanha de Lula à reeleição para fazer uma varredura nas linhas telefônicas e contrataram a empresa Cazo, que é da mulher de Freud e que presta serviços ao PT.

Repórter: Depois disso, segundo Freud, houve mais dois encontros para tratar do mesmo assunto.

"Nunca mais tive contato com essa pessoa. Não tenho relação anterior, nem vínculo de amizade com ele, de nada".

Freud é filiado ao PT desde 1989. Trabalhou em todas as campanhas do presidente Lula e hoje é assessor especial da presidência da República, lotado na secretaria particular da Presidência. Ele tem uma sala no Palácio do Planalto, no mesmo andar do gabinete de Lula.

No mesmo dia ainda foram exibidas reportagens repercutindo o dossiê com o TSE, com os partidos de oposição e com os candidatos. Todos pediram para investigar se havia envolvimento do presidente Lula. O *JN* ainda expôs o presidente do PFL Jorge Bornhausen dizendo que não confiava na imparcialidade do Ministro da Justiça, Márcio Thomás Bastos.

Repórter : A oposição quer que a Justiça Eleitoral investigue se há envolvimento do presidente Lula no caso do material que tenta incriminar Geraldo Alckmin, candidato à Presidência, e José Serra, candidato ao governo de São Paulo.

Tasso Jereissati - De onde vem R\$ 1,8 milhão, quase R\$ 2 milhões, essa é a questão. Se tem envolvido ou não pessoas da intimidade da Presidência da República nesse ato ilegal, absolutamente ilegal e clandestino, coisa de submundo de crime que liga-se a todo tipo de jogo sujo, que é lavagem de dinheiro.

O senador Jorge Bornhausen foi mais duro e questionou a isenção da Polícia Federal. Ele quer que o TSE comande toda a investigação do caso.

“É muito grave a acusação, vem portanto do Palácio do Planalto a pista e nós queremos que o Tribunal Superior Eleitoral que é obrigado a zelar pela vigilância do pleito, faça a investigação criminal, já que não confiamos na imparcialidade do Ministro da Justiça. Porque ele já tem demonstrado que ele é o advogado criminalista do presidente da República.”

Em outra matéria o apresentador chamou o assessor de funcionário. Foi a primeira vez que se ouviu falar em funcionário de presidente. É um termo que demonstra um relacionamento mais íntimo e cumplicidade e foi usado como forma de fortalecer o envolvimento entre Godoy e Lula.

Apresentador: Os outros candidatos à Presidência comentaram o escândalo provocado pela suspeita de que o dossiê contra candidatos do PSDB teria sido pago por **um funcionário do presidente Lula**.

Alckmin :É suspeito agora um assessor direto do presidente da República. Claro que precisa ser investigado e é gravíssimo.

Heloísa Helena: Nós temos que identificar a origem do dinheiro para identificar quem são os criminosos que estão viabilizando esse tipo de dossiê.

Cristovam Buarque: Em 2002, por menos que isso, o Sarney propôs observadores internacionais para fiscalizar a eleição. A gente tá chegando quase nesse ponto.

A palavra “funcionário” e outras que descaracterizaram o episódio e os envolvidos talvez não estivesse nos textos originais dos editores ou repórteres. Ela pode ter sido inserida no fechamento ou durante a apresentação do telejornal, já que situações de ordem e de mudanças assim, já ocorreram. Em 5 de abril de 2004, por exemplo, o editor-chefe do telejornal William Bonner exigiu que a repórter Beatriz

Castro, repórter nacional da emissora de Recife, regravasse uma passagem¹⁰¹ em uma matéria sobre “sem terra” trocando a palavra “ocupantes” por “invasores”. A reportagem não foi exibida naquele dia, só no dia seguinte como uma nota coberta.¹⁰²

Outra situação que pode demonstrar a interferência direta do apresentador e editor chefe é o fato dos apresentadores mudarem “a cabeça” da matéria, muitas vezes um texto de outro editor, no momento ou durante a apresentação do noticiário. Scripts à disposição em arquivos ou na página do telejornal foram modificados.

O telejornal do dia 18 de setembro teve, sem comerciais, 24 minutos e 15 segundos. Foram 12 minutos e 44 segundos sobre o dossiê, ou seja, mais de 50% do telejornal. De todos os telejornais analisados, só na entrevista ao vivo o tempo foi superior a 10 minutos. Não havia existido no *Jornal Nacional* até então, matérias que durassem tanto tempo. As imagens repetidas das fotos que seriam usadas no dossiê lembravam os papéis do PT espalhados no cativo de Abílio Diniz em 1989 e as imagens do dinheiro encontrado pela PF no escritório de Jorge Murad, marido de Roseana Sarney, em 2002.

19 – 09

O telejornal deste dia teve 24m e 42s e foi praticamente todo sobre o dossiê. Nas manchetes foram 21 segundos de chamadas sobre o dossiê e 9 segundos sobre outros assuntos. O primeiro bloco do jornal teve 15m 59s e

¹⁰¹ Passagem do repórter. Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento.

¹⁰² Fato presenciado pela pesquisadora e um grupo de alunos de jornalismo durante a reunião de pauta do JN na redação da TV Globo no Rio.

apresentou 6 matérias sobre o dossiê sem contar as notas ao vivo. O telejornal teve mais 3 blocos com 3m59, 2m26, 2m18. Ao todo, as matérias sobre o dossiê representaram 65 % do telejornal. Além das matérias do dossiê e a repercussão com os candidatos houve apenas uma nota da pesquisa *do Datafolha*, o *VT* diário do tempo, a *caravana do JN* e um bloco com notas internacionais incluindo a Petrobrás e a Bolívia. Ou seja, fora o que já era obrigatório no telejornal: pesquisa, tempo e *Caravana*, foi um telejornal sobre as denúncias. É possível comparar a cobertura deste dia só com a do dia 15 de maio de 2006, em que quase todo o telejornal apresentou matérias relacionadas aos os ataques em São Paulo e rebeliões em presídios pelo Brasil.

Nas matérias do dia 19 as informações foram as mesmas dos outros dias e acabaram se repetindo juntamente com as imagens, mas o viés procurado pelo noticiário no dia foi as pessoas ligadas ao presidente que estariam envolvidas. O noticiário falou em “pessoas ligadas à campanha de Lula”, “**Amigo de Lula**”, Jorge Lorenzetti e Osvaldo Bargas, “**ligações estreitas**”; “Mais uma pessoa ligada na **intriga**”. Disse ainda que “o caso esta revelando ao Brasil uma lista de personagens **obscuros** da política nacional”.

A revista “*Época*” revelou hoje que foi procurada por dois integrantes da equipe de campanha do presidente Lula à reeleição que ofereceram um dossiê contra políticos do PSDB.

Jorge Lorenzetti é analista de risco e mídia da campanha - e amigo do presidente Lula. Osvaldo Bargas é responsável pelo capítulo de trabalho e emprego do plano de governo. Os dois têm ligação estreita com o presidente nacional do PT e coordenador da campanha, Ricardo Berzoini.

O escândalo da venda do dossiê contra o PSDB está revelando ao Brasil um lista de personagens obscuros da política nacional.

O enquadramento do telejornal revelou um exagero na cobertura das matérias. Nem durante todas as denúncias contra políticos exibidas durante 2005 e 2006 tais palavras foram usadas e com tanta ênfase.

20 -09

As manchetes do telejornal do dia 20 de setembro duraram 29 segundos - foram 5 chamadas sobre o dossiê e uma sobre a CPI das ambulâncias. O primeiro bloco inteiro (13m 13s) tratou do dossiê. Foram 7 matérias, variando de 56 segundos até 3 minutos. Os outros 3 blocos tiveram ao todo 9m e 17 segundos, isto significa que mais da metade do noticiário foi novamente sobre o dossiê. Mais uma vez o telejornal apresentou além das matérias sobre o dossiê somente notas internacionais, tempo, o dia dos candidatos, a *Caravana* e o último bloco com 1m e 13s, só sobre o basquete brasileiro na semifinal do campeonato mundial.

As matérias do dossiê tornaram-se repetitivas, sem muita novidade. Nesse dia o telejornal foi pautado por matérias que mostraram que os envolvidos tinham alguma relação qualquer com o governo: uma matéria de uma Fundação ligada ao Ministério do Trabalho que teria como sócio um dos acusados; a demissão do diretor do Banco do Brasil, Expedito Afonso Veloso, acusado de envolvimento, e a saída de Ricardo Berzoini da coordenação da campanha de Lula.

Apresentador: Uma Fundação ligada a um dos envolvidos no escândalo dos dossiês teve um aumento de mais de 20 vezes nos repasses de recursos federais durante o governo Lula.

Repórter: Na campanha do presidente Lula à reeleição Jorge Lorenzetti fazia a análise de riscos e mídia e apurava denúncias contra os adversários. Lorenzetti ajudou ainda a criar e foi um dos coordenadores da Fundação Unitrabalho, uma rede de universidades que desde 1996 faz estudos e pesquisas sobre o trabalho.

Um dos parceiros da fundação é o Ministério do Trabalho. Hoje, a Polícia Federal informou que está investigando repasses de recursos públicos para a Unitrabalho.

O site Contas Abertas, uma ONG que acompanha os gastos públicos, comparou quanto a Unitrabalho recebeu nos governos Fernando Henrique e Lula. De 1996 a 2002, a fundação recebeu R\$ 840 mil. De 2003 até agora, foram R\$ 18,5 milhões: 22 vezes mais do que na gestão FHC. A maior parte dos convênios firmada com o Ministério do Trabalho. Só na última quinta-feira, o governo repassou para a fundação R\$ 4,1 milhões.

A reportagem sobre a Fundação do Trabalho deu números errados e teve que ser retificada no dia seguinte. Só que a correção já não teve o mesmo impacto porque foi em uma nota ao vivo e de menos de 30 segundos.

O Ministro disse que os repasses de verbas federais para a fundação não aumentaram 20 vezes, durante o governo Lula. Segundo o Ministro, no governo passado, a fundação recebeu R\$ 7 milhões - e não R\$ 800 mil, como tinha divulgado a organização não-governamental contas abertas.

Da mesma forma, o governo Lula contesta que tenha repassado R\$ 18 milhões. Afirma que foram R\$ 14 milhões de reais. Ou seja: em menos de quatro anos, o dobro do que tinha sido destinado à fundação num período de sete anos(21/09).

Além de dar números e fazer afirmações as reportagens ouviram políticos e candidatos e as entrevistas não esclareceram.

Repórter: O escândalo da compra de um dossiê contra José Serra provocou hoje uma reunião de emergência no Palácio da Alvorada, em Brasília. Entre os participantes, o presidente do PT, Ricardo Berzoini, ligado diretamente aos principais envolvidos no escândalo.

Apresentador: O escândalo provocou hoje a demissão de um diretor do Banco do Brasil. Expedito Afonso Veloso foi apontado com um dos responsáveis pela elaboração do dossiê.

A casa, em clima de campanha, é de Expedito Afonso Veloso. Ele não foi encontrado. Funcionário de carreira do Banco do Brasil, até hoje ocupava o cargo de diretor de gestão de risco do banco. Expedito é filiado ao PT há dois anos e tirou férias para se dedicar à campanha do candidato à reeleição, Luiz Inácio Lula da Silva.

A edição do *JN* deu voz ao candidato ao governo de São Paulo pelo PT, Aloízio Mercadante, apontado como o responsável na tentativa de compra do dossiê, mas sutilmente o telejornal acabou favorecendo o candidato adversário, já que deixou por último e destacou o argumento dele. Mercadante afirmou que se deveria investigar também o conteúdo do dossiê, mas como a entrevista foi anterior à do candidato José Serra, do PSDB, ficou diluída, sendo esquecida pelo telespectador.

Repórter: O candidato do PT ao governo de São Paulo, Aloízio Mercadante, voltou a defender uma apuração rigorosa sobre os autores do dossiê que tentaria incriminar os candidatos tucanos. Mas disse que também é preciso investigar o conteúdo do material apreendido.

“As denúncias e os indícios, as eventuais provas documentais de envolvimento da administração anterior com a máfia dos sanguessugas, não pode ser jogado pra baixo do tapete. Uma coisa não substitui a outra, as duas investigações precisam acontecer na CPI das Sanguessugas, no Ministério Público e na Polícia Federal”.

Repórter: José Serra, candidato do PSDB ao governo de São Paulo, diz que o dossiê é munição eleitoral. E que o PT precisa se explicar.

“Tratou-se de uma baixaria eleitoral, mais imediatamente pra beneficiar o candidato do PT em São Paulo. É algo que envolve dinheiro, R\$ 1,7 milhão, cuja origem tem que ser explicada. Esse é o fator fundamental agora no nosso país”.

No encerramento do bloco sobre o dossiê foi lida uma nota sobre o mercado financeiro, com o dólar em alta e queda na Bolsa. a jornalista informou que, “segundo analistas”, foi por causa do dossiê.

Nesse dia o *Jornal Nacional* deu valência positiva a Alckmin quando mencionou seu programa de governo, que previa investimento na saúde, na educação, baixa de juros e uma forma de recuperar o dinheiro público roubado. O

tempo da matéria foi bem superior aos outros com 1m 29s, contra 18 e 29 segundos de Cristovam Buarque e Heloísa Helena respectivamente.

Repórter:...no discurso disse que se for eleito vai criar um grupo especializado em recuperar dinheiro público roubado. O candidato pediu rapidez na investigação das denúncias sobre a compra de dossiês pelo PT - e criticou:

“Essa é a pergunta que todos os brasileiros fazem. Como é que pode o presidente da República não saber do que se passa no seu andar, no seu prédio, no seu gabinete - como é que pode ele não saber? Mas que presidente da república é esse”?

Repórter: Outros candidatos à Presidência voltaram a cobrar explicações sobre o dossiê.(grifo nosso)

Em São Paulo, a candidata do P-SOL defendeu mudanças na política econômica. Na sede da Força Sindical, disse que a reforma trabalhista não pode mexer em direitos adquiridos. Em entrevista, Heloísa Helena afirmou que a atual crise política tem que ser resolvida pelo eleitor.

“O povo brasileiro tem o direito de decidir quem fica ou não. Como mãe de família que ensina os meus filhos que é proibido roubar, eu espero não ver a vitória do banditismo político”.

O candidato do PDT, Cristovam Buarque, fez campanha em Brasília. Andou pela rodoviária, distribuiu panfletos e pediu votos. No contato com eleitores o candidato Cristovam Buarque defendeu medidas de combate à corrupção. São pontos que estão no programa de governo dele.

“Tratar a corrupção como crime hediondo, sem direito a nenhuma regalia, nenhuma prerrogativa. Acabar com a reeleição. A reeleição é um instrumento que induz a corrupção. É preciso que cada um que está indignado reaja”.

Observamos que na *fala* do repórter, ao chamar as entrevistas, ele disse que os candidatos voltaram a cobrar explicações sobre o dossiê, mas nada foi dito sobre o dossiê nas entrevistas.

21-09

Neste dia as matérias sobre o dossiê somaram 13m13s e foram 5, um número menor comparado aos outros dias. O destaque foi a reportagem sobre as pessoas ligadas ao governo e que foram afastadas. O tom do texto é pejorativo, sem a famosa seriedade histórica do telejornal. É uma narrativa que lembra um filme de ficção.

Apresentador: A operação para a venda do dossiê já derrubou sete pessoas ligadas ao PT e às campanhas do presidente Lula à reeleição e do senador Aloizio Mercadante ao governo de São Paulo. É uma história policial recheada de personagens com nomes curiosos e atividades suspeitas

Repórter : Três prisões desencadearam a divulgação do escândalo. (...)Gedimar é analista de riscos e mídia do Partido dos Trabalhadores e foi o primeiro a cair. Nos depoimentos apareceu o nome de Freud Godoy, assessor especial da presidência da República. **Na versão de Gedimar, Freud teria encomendado a compra do dossiê. Ele nega, mas foi demitido.**

Freud deu mais um nome: **Jorge Lorenzetti, amigo do presidente Lula e um dos chefes do comitê de reeleição foi quem o apresentou a Gedimar. Lorenzetti teria sido o mentor da operação. Mais um que perdeu o cargo na campanha.**

O próximo a cair: Expedito Afonso Veloso. Diretor de gestão e risco do Banco do Brasil. Ele teria participado da negociação para a compra do dossiê.

Novos personagens entraram em cena.(...) Bargas caiu.

Segundo a revista, Ricardo Berzoini, ex-Ministro e coordenador-geral da campanha de Lula, sabia do encontro entre Bargas e o repórter embora não soubesse do conteúdo. **Berzoini não resistiu.**

O último a cair foi do PT de São Paulo (...) Hamilton Lacerda, coordenador de comunicação da campanha de Aloizio Mercadante em São Paulo(...)

A matéria de Pedro Bial na *Caravana* também foi negativa para o candidato à reeleição, mostrou crise na agricultura com juros altos e dólar baixo nos últimos 4 anos.

Agricultor : “De 1996 até 2002, o agronegócio, a agricultura como um todo viveu uma época muito boa, uma fase muito boa. Nós, como os funcionários, a gente começou a ter condições melhores de trabalho, melhores salários e melhor qualidade de vida”.

Repórter: A falta de infra-estrutura para escoar os produtos, a carga tributária abusiva, a concorrência dos transgênicos e o dólar baixo levaram à crise.

Agora, depois de quatro anos de crise, a saída está na diversificação. Além da soja, gado, milho e muito, muito algodão.

22-09

Na sexta feira, 22 de setembro, o telejornal - pela quinta vez consecutiva - colocou as manchetes em torno do dossiê. O primeiro bloco foi sobre o episódio, com 3 VTs tendo ao todo 9m20. As matérias tinham de 2m10 a 3 minutos e apareceram acusações também contra o PSDB em depoimentos. No entanto, a forma como o telejornal tratou de nomes fala de nomes como Abel Pereira e o ex- Ministro da saúde, Barjas Negri que substituiu Serra em 2002, não foi de forma vulgar, como se referia a outros envolvidos.

Repórter :(...) Lorenzetti mandou o ex-diretor do Banco do Brasil, Expedito Veloso, e o ex-funcionário do comitê de reeleição do presidente Lula, Gedimar Passos, para analisar os documentos.

Na versão dele, Gedimar e Expedito disseram que **o empresário Abel Pereira** também teria ido a Cuiabá para comprar o dossiê de Vedoin. Segundo Lorenzetti, Abel seria o interlocutor de José Serra e de Barjas Negri, ex-Ministro da Saúde.

Rodrigo Maia - (PFL-RJ) A forma de atuação desse governo foi diferente do governo anterior. Nesse governo, se **transportou para Brasília as piores práticas de se fazer política**. Foi criado o mensalão e a Máfia das Sanguessugas nada mais foi, no governo Lula, do que uma variável do mensalão.

Neste telejornal houve ainda uma matéria positiva para o candidato Lula que durou 1m 25: “A Fundação Getúlio Vargas divulgou, hoje, um estudo baseado em números do IBGE, que mostra a queda do nível de pobreza no Brasil nos três primeiros anos do governo Lula”.

Em pelo menos três telejornais seguidos os repórteres que cobriram os candidatos colocaram nos “offs”¹⁰³ a frase “o candidato voltou a cobrar” mas, muitas vezes quem incitava o candidato era o repórter.

Repórter: Nesta sexta-feira, os principais candidatos opositoristas à presidência **voltaram a cobrar** a investigação do escândalo do dossiê. Geraldo Alckmin falou sobre o escândalo do dossiê contra candidatos do PSDB. Disse que espera rapidez nas investigações. (...) ela recebeu flores e voltou a falar sobre o escândalo do dossiê. (...) Cristovam Buarque voltou a falar da crise provocada pelo dossiê.

25 -09

A edição do dia 25 o editor chefe William Bonner foi encerrar a *Caravana* no Centro - Oeste, estado de Goiás, mas o caso do dossiê ainda foi destaque. O telejornal repercutiu uma palavra usada por Lula em 38 segundos de entrevista - foi quando ele falou em *bando de alopados*.

A frase foi usada durante uma semana em evidência no JN. Percebe-se aqui o poder da edição, seleção e enquadramento. Ficou marcado que o presidente chamou os ex - companheiros de *alopados*, mas a frase: “esse dossiê deve ter coisa do *arco da velha*”, inserida na mesma entrevista não foi mencionada nas chamadas.

Apresentador: O presidente Lula chamou de alopados os que se envolveram no escândalo da compra do dossiê contra políticos.

“O que eu quero saber não é apenas de onde veio o dinheiro. Eu quero saber quem é que montou a engenharia política para essa barbárie que foi feita. Veja, porque **se um bando de alopados resolveu comprar um dossiê, é porque alguém vendeu pra eles que esse dossiê deve ter coisas do arco da velha**”.

¹⁰³ Off – texto gravado pelo repórter ou apresentador para ser editado junto com as imagens da reportagem. Vera Íris Paternostro : **O Texto na TV**. Rio de Janeiro:editora Campus.

Uma outra matéria negativa para o candidato do PT, no mesmo dia, foi sobre a *máfia dos vampiros* que condenou o ex-Ministro da saúde, Humberto Costa. No meio da matéria de quase dois minutos há apenas uma *fala* que diz que “há indícios de que o problema tenha começado no governo passado”, mas a frase ficou “pulverizada” e o telespectador não teve tempo para assimilar sobre “governo passado”..

Na caravana as matérias do dia focaram em dois pontos: a agricultura que movimenta a região, atingida pela aftosa e dólar baixo, atingindo exportadores de soja. “Nos últimos 15 anos, a área explorada com a agropecuária cresceu 110% na região. Mas há dois anos, a confiança do setor foi abalada. Focos de febre aftosa derrubaram as exportações de carne e a desvalorização do dólar colocou no chão os preços da soja”.

26-09

A primeira chamada do telejornal foi sobre o *dossiê* e o destaque foi a origem e a necessidade de mostrar o dinheiro. A primeira matéria revelou que os dólares que seriam usados na compra do dossiê entraram legalmente no País. A reportagem se concentrou em torno de “emissários” do PT e acusações ao Ministro da Justiça, Thomas Bastos, envolvendo o candidato do PT e o partido.

A segunda reportagem do mesmo dia sobre o dossiê falou de Abel Pereira ligado a Barjas Negri, mas não usou o nome do PSDB e nem de Fernando Henrique Cardoso disse apenas “Ministro da Saúde do governo anterior”.

Apresentador: Hoje a Polícia Federal abriu inquérito para investigar a participação **do empresário Abel Pereira** no escândalo.

Repórter: Segundo a Polícia Federal, **Abel é o empresário Abel Pereira, ligado a Barjas Negri, Ministro da Saúde do governo anterior.** O empresário Abel Pereira não quer gravar entrevistas. Ele é acusado por Vedoin de receber comissões para intermediar convênios entre o Ministério e a Planan para a venda de ambulâncias.

A Polícia Federal descobriu que Abel esteve num hotel em Cuiabá, dias antes de Vedoin ser preso, e investiga a hipótese de que o empresário tentou comprar o dossiê.

O procurador da república Mário Lúcio Avellar pediu hoje a quebra de sigilo bancário e fiscal de Abel Pereira e das empresas ligadas a ele.

O presidente da CPI das Sanguessugas, deputado Antônio Carlos Biscaia, do PT do Rio, disse hoje que há provas contundentes do envolvimento do ex-Ministro da Saúde, Barjas Negri, e do empresário Abel Pereira com a fraude das ambulâncias.

Ainda neste texto o repórter enfatizou e lembrou que as pessoas presas estavam envolvidas com o presidente Lula e tirou conclusões sem comprovação, dizendo: “**Provavelmente** no dia 14, dia em que foi preso, Valdebran mandou mensagem para Expedito”.

Repórter : A troca de mensagens, a que o Jornal Nacional teve acesso, é entre Valdebran Padilha, **ex-arrecadador de campanha do PT** em Mato Grosso, e Expedito Veloso, ex-diretor de gestão de risco do Banco do Brasil, que estava **licenciado para trabalhar na campanha à reeleição do presidente Lula.** Os celulares foram periciados pela Polícia Federal.

É possível observar como são persuasivas as palavras e o modo como o repórter utiliza as frases relacionando o candidato com os acusados. As palavras mais fortes são as que permanecem na memória do telespectador já que a característica da televisão é a instantaneidade¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Pela própria característica dos veículos - instantaneidade - o receptor deve “pegar” a informação de uma só vez. Vera Íris Paternostro : O texto na TV. Rio de Janeiro: editora Campus, p. 66. “A voz e a imagem são elementos básicos na vendagem das notícias”. Olga Curado: A notícia na TV. São Paulo: Alegro 2002,p.64

A matéria do dia dos candidatos foi como nos outros dias, chamando o escândalo do dossiê: “O escândalo da compra do dossiê e a proximidade das eleições elevaram o tom das declarações dos candidatos à presidência e dos aliados”.

Na reportagem do PSDB destaque para Fernando Henrique Cardoso dizendo que Lula é o demônio. Alckmin está dando entrevista para jornalistas estrangeiros, mas é estimulado a falar sobre o dossiê e repete que Lula não consegue saber de onde vem o dinheiro.

29 - 09

O telejornal do dia 29 foi o primeiro depois do término do horário eleitoral, portanto foi maior e pôde extrapolar o horário. Foram mais de 40 minutos *líquidos*¹⁰⁵ de jornal e mesmo assim a direção optou por não dar uma palavra sobre o maior acidente aéreo do Brasil.

As primeiras informações sobre o desaparecimento de um avião nos chegaram quando o *JN* já estava havia muito no ar (o telejornal teve início às 20h). Imediatamente, nossas equipes saíram à cata de informações, que eram escassas e sem confirmação. Seria um avião de passageiros que estava desaparecido ou atrasado? Ele era da Gol ou da Embraer? Ele sumiu em Mato Grosso, indo para Brasília, ou no Pará, indo para Manaus? Em nossas redações, foi aquela correria, mas todos tínhamos uma convicção: só poríamos a informação no ar quando tivéssemos certeza dela.¹⁰⁶

A alegação foi que a emissora não tinha informações confirmadas, mas no dia seguinte, a reportagem de Delis Ortiz contradisse: ela informou que por volta das 18 horas já se sabia que o avião tinha desaparecido.

¹⁰⁵ Palavra usada para designar o tempo do telejornal descontando os intervalos comerciais.

¹⁰⁶ Resposta do Diretor Executivo da Globo Ali Kamel. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403jdb010>. Acesso em 3/11/2006

Longa espera por respostas começou pouco depois das 18h de ontem, horário previsto para a chegada do voo 1907, a Brasília. O painel orientava os parentes a procurar a companhia aérea, que informou sobre o sumiço do avião. Drama que se repetiu nos aeroportos de Manaus e do Rio de Janeiro”.

Neste dia a maioria das reportagens foi em torno da própria emissora; foram matérias sobre o debate com os candidatos, promovido no dia anterior, e sobre a conquista da imagem dos dólares que seriam usados na compra do dossiê. Os principais candidatos tiveram em média 1 minuto de aparição. Para Lula foram mais de 7 minutos e sempre com citações em relação ao escândalo do dossiê.

O apresentador abriu o telejornal com um semblante amistoso ao falar do debate e depois, mais sisudo, disse que Lula não compareceu. As matérias sobre os candidatos mostraram flashes, sorrisos e uma cadeira vazia.

Mostrou também eleitores por todo o Brasil “atentos” - a *Globo* colocou TVs em bares e locais públicos e gravou nestes lugares. A ausência do candidato Lula foi criticada pelos presidentiáveis Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque em 27 segundos de entrevistas, embora dentro das regras do debate estivesse claro que trechos não poderiam ser usados em telejornais para que não se repetisse o que aconteceu em 1989 no debate entre Collor e Lula¹⁰⁷.

As fotos do dinheiro foram o destaque da edição. Os dólares e reais foram exibidos repetidas vezes em todas as matérias sobre o dossiê.

Apresentador: O retrato mais nítido do escândalo do dossiê foi divulgado hoje ao Brasil: São 23 fotos do dinheiro que seria usado para comprar material contra políticos. Em moeda nacional e em dólares, **o correspondente a R\$ 1,7 milhão.** O dinheiro foi fotografado em uma empresa que guarda valores em São Paulo. **É o equivalente a R\$ 1,7 milhão.** Os maços de reais e dólares foram apreendidos num hotel, no dia 15, uma sexta-feira.

¹⁰⁷ O assunto em torno do debate de 1989 foi discutido no 3º capítulo

A quantia **seria usada por petistas** para comprar um dossiê **contra políticos do PSDB**

Houve uma reportagem sobre a repercussão da imagem do dinheiro. Foram ouvidos o presidente do PFL, do PSDB, o coordenador da campanha do presidente Lula e o Ministro da Justiça.

A divulgação das fotos também foi repercutida com os candidatos.

Os repórteres estavam pautados para perguntarem sobre a exibição do dinheiro.

Geraldo Alckmin **voltou a cobrar** maior atividade na investigação sobre o dossiê e **falou sobre o dinheiro** apreendido com petistas. A candidata falou sobre as fotos do dinheiro que seria usado por petistas para a compra do dossiê. O candidato do PDT Cristovam Buarque passou a tarde fazendo campanha em Brasília. Andou de metrô. Em um shopping da cidade, percorreu lojas e cumprimentou eleitores. E também comentou a divulgação de fotos do dinheiro apreendido com petistas.

O *Jornal Nacional* utilizou, em suas edições gravações de denúncias. Utilizou também, no caso do dossiê, mas na revelação da liberação das fotos o telejornal se omitiu conforme Vianna:¹⁰⁸

O delegado chama os quatro jornalistas: *Estadão, Folha, Globo e rádio Jovem Pan* e fala: “eu estou aqui com as fotos” e aí tem toda aquela conversa que alguns desses quatro jornalistas gravaram e ele deixa claro “ eu vou fazer de conta que foi roubada da minha mesa, chegou a vocês , não se sabe como”. (...) a gravação do delegado não sai, as circunstâncias nas quais o delegado vazou as fotos, não sai. A *Globo* tinha essa gravação.

30- 09

No dia 30, o telejornal deu maior cobertura ao acidente aéreo do que ao dossiê, mesmo assim repetiu a imagem do dinheiro e informou que o delegado assumiu a responsabilidade por ter divulgado as imagens. A matéria foi repercutida com os candidatos .

¹⁰⁸ Rodrigo Vianna em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007.

O último telejornal antes da eleição enfatizou o resultado das últimas pesquisas do *IBOPE* e *Datafolha*, que informavam sobre a possibilidade de segundo turno.

Apresentador: O Ibope divulgou hoje a última rodada de pesquisa de intenção de voto, encomendada pela TV Globo, sobre a corrida presidencial. A pesquisa foi feita depois da realização do debate entre presidenciáveis da TV Globo, na quinta-feira.

Segundo o Ibope, pela primeira vez a soma dos demais candidatos supera o percentual atingido pelo presidente Lula, do PT - em um ponto percentual, tanto nos votos válidos quanto nos votos totais. O que, segundo o Ibope, aumenta a chance de um segundo turno.

Números da última pesquisa do Instituto Datafolha sobre a intenção de votos para presidente, encomendada pela TV Globo e pelo jornal "Folha de São Paulo". A pesquisa também foi feita depois do debate na TV Globo. Segundo o Datafolha, o presidente Lula tem o mesmo percentual de votos válidos que a soma de seus adversários. O que, segundo o Datafolha, aumenta a possibilidade de um segundo turno com Geraldo Alckmin, do PSDB.

Lula caiu, em duas semanas, de 51% das intenções de votos para 45, e Alckmin subiu de 27 para 34.

O resultado da análise de conteúdo neste período que antecede a eleição em primeiro turno confirma que o telejornal foi enfático na transformação do caso do dossiê em um escândalo político. Se antes a edição das matérias para o telejornal era feita nas emissoras afiliadas, logo depois da prisão dos suspeitos do caso, na segunda, dia 18, ela passou a ser centralizada.

a escolha do que vai entrar passou a ser feita muitas vezes pelo editor no Rio de Janeiro sob orientações imagino , do diretor, da direção de jornalismo . Então passou a haver um controle maior dos trechos do editor chefe . (...) Começa a haver o que a gente chama aqui em São Paulo de contrabando. Tem contrabando na matéria.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Rodrigo Vianna em entrevista, São Paulo, 28 de fevereiro de 2007

A amostra revela que a cobertura persuasiva com textos unilaterais contribuiu, como outras mídias, para o resultado da eleição em primeiro turno. Esses quinze dias mudaram não o eleitorado inteiro, mas o candidato do PT perdeu eleitores. O suficiente para levar a eleição para o segundo turno.

7. 1. 4 - 4º Período: 2º Turno – outubro

Na pesquisa em relação ao segundo turno foram estudados 17 telejornais, no período de 2 a 28 de outubro, com a análise de 53 matérias. Foi perceptível um maior equilíbrio entre os dois candidatos eleitos para o segundo turno: Lula e Alckmin.

A cobertura do *JN* foi fria se comparada aos últimos dias do primeiro turno. Foram poucas matérias de eleições, praticamente só a agenda dos candidatos, e o destaque político continuou sendo o dossiê. A abordagem do *JN* foi superficial e mesmo na véspera do segundo turno foram apenas 4 matérias sobre eleições, incluindo o dia dos candidatos e pesquisas.

A tabela 33 demonstra que mais uma vez o candidato à reeleição foi contemplado com mais matérias. No entanto, a diferença entre os dois não foi tão grande quanto em outros períodos, principalmente no final do primeiro turno.

Tabela 33 - Número e Tempo de Matérias por Candidato – 4º período

Candidato	Número de matérias	Percentual do Total	Tempo das Matérias
Alckmin	22	41,50	33m 32s
Lula	31	58,49	50m 54s
Total das matérias	53		84m 36s

Os números apontam que a diferença foi de 9 matérias e cerca de 17 minutos em favor de Lula. No período anterior o candidato do PT teve o dobro de matérias dos outros candidatos e cerca de uma hora a mais.

No entanto, em relação às sonoras, incluídas na tabela a seguir, a constatação é contrária, Luiz Inácio Lula da Silva teve 4 vezes menos sonoras que Alckmin e dos mais de 50 minutos de matéria, foram apenas 49 segundos de *fala*, representando menos de 2 % do tempo total das matérias.

Das 31 matérias que apresentaram qualquer referência à candidatura, somente em 4 ele deu entrevista. O candidato do PSDB falou em 16 das 22 matérias em que apareceu, ou seja em mais de 72 % dos casos.

Tabela 34 - Número e Tempo das Sonoras por Candidato

Candidato	Matérias	Sonoras	% do número total nas mat.	tempo das sonoras	% do tempo total nas mat.
Alckmin	22	16	72,72%	4m14s	12,62%
Lula	31	4	12,90%	49s	1,60 %
	53				

Estas informações mostram desequilíbrio no tratamento em relação às entrevistas. O candidato Lula só deu entrevista para o *JN* um dia depois do primeiro turno fazendo avaliação da votação, na antevéspera e véspera do segundo turno antes e depois do debate promovido pela *Globo*, no dia 27 de outubro.

Os dados sobre as valências das matérias demonstraram que Alckmin teve 59% das matérias com visibilidade positiva e Lula pouco mais de 51%. O mesmo equilíbrio aconteceu no percentual das matérias consideradas negativas. Alckmin teve 36% de matérias negativas em 17 telejornais e Lula pouco mais de 38%.

Alckmin, apesar de ter tido mais de 72% de VTs com sonoras, apresentou o maior índice de valências negativas de todos os períodos analisados,

comprovando mais uma vez que nem sempre depoimentos por meio de sonoras trazem visibilidade positiva, e evidenciando uma mudança no discurso do telejornal ao fazer a cobertura do candidato.

A tabela sobre as valências traz estas informações e assinala também que o segundo turno, apesar de mais equilibrado em relação aos outros períodos estudados, foi bem diferente de 2002, quando os dois candidatos tiveram exatamente a mesma cobertura com o mesmo número de matérias e sonoras.

Tabela 35 – Valência das Matérias por Candidatos – 4º Período

Candidato	Valência das matérias					
	Positiva		Negativa			Neutra
Alckmin	13	59,09%	8	36,36%	1	4,55%
Lula	16	51,61%	12	38,71%	3	9,68%

Neste período, praticamente não houve matérias consideradas neutras, que apenas mostravam o dia-a-dia do presidenciável. As reportagens que se referiam às eleições ou aos candidatos relacionavam assuntos do governo ou de denúncias contra pessoas dos partidos. Lula apareceu em 3 matérias consideradas neutras e Alckmin teve uma neutra das 22 apresentadas sobre ele.

Um dia depois da eleição em primeiro turno já começava a campanha do segundo. O candidato Lula apontado como presidente reeleito no primeiro turno, surpreendeu-se com o segundo turno. Foi exibido desabafando e a repórter enfatizou: “o candidato estava decepcionado”. “O presidente Lula acompanhou a contagem dos votos no Palácio da Alvorada ao lado do vice José Alencar e dos seus principais Ministros e assessores. Ficou decepcionado com resultado”.

Na seqüência a repórter deu outra *fala* de Lula contradizendo o que mostrou antes. “À tarde, no Palácio da Alvorada, e bem humorado, o candidato agradeceu aos eleitores que votaram nele e deu uma explicação bastante simples para a realização do segundo turno”:

Faltou voto para a gente ganhar no primeiro turno. Certamente não vai faltar para a gente ganhar no segundo, só isso. Vai demorar apenas um pouco mais para a vitória. Obviamente que todos os candidatos gostariam de ter ganho as eleições no primeiro turno, mas nem sempre a sabedoria popular permite que isso aconteça.

Minutos depois da entrevista já circulava na rede de computadores e nos endereços eletrônicos uma frase distorcida e negativa para o candidato: "é lógico que todos os candidatos gostariam de ganhar as eleições no 1º turno, mas infelizmente, pela falta de sabedoria dos eleitores isso nem sempre é possível".

O candidato do PSDB, logo no início da campanha do segundo turno (terça 3/10), foi exposto negativamente em função de um incidente envolvendo o apoio do casal “Garotinho”: “À tarde, o candidato do PSDB recebeu o apoio da governadora Rosinha Matheus do Rio de Janeiro e do ex-governador Anthony Garotinho. Os dois do PMDB do Rio de Janeiro, estado onde Geraldo Alckmin ficou em segundo lugar no primeiro turno”.

Na quarta feira (4/10), vieram as reações ao anúncio do apoio: “a candidata ao governo do Rio pelo PPS, Denise Frossard, desistiu de apoiar o candidato à presidência do PSDB. Ela mandou avisar a Alckmin que não é para ele usar mais a imagem dela”.

Repórter: O prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, que é do PFL, partido da coligação de Alckmin protestou. “Isso foi uma medida que absolutamente contrária os interesses da candidatura do Alckmin. Nós não podemos estar no miolo de uma campanha que começa completamente equivocada”.

Repórter: Em Brasília, uma reunião da executiva nacional do PFL decidiu escalar o vice de Alckmin, José Jorge, para tentar apagar o incêndio. O presidente do PFL, o senador Jorge Bornhausen, falou em conciliação.

“Nós estamos procurando ver se conseguimos manter um ritmo de campanha que permita a vitória do Alckmin e procurar um caminho de superação de obstáculos”, disse Bornhausen.

No dia 05 de outubro o encerramento da polêmica:

Repórter: No Rio de Janeiro, o presidente do PPS, Roberto Freire, teve um encontro com a candidata do partido ao governo do estado. Denise Frossard tinha se afastado da campanha do tucano depois que Alckmin recebeu o apoio do casal Garotinho. Mas depois de conversar com Freire, a candidata retomou o apoio a Alckmin.

Depois, no dia 12, dia da Padroeira do Brasil, houve outra cobertura negativa do noticiário para Alckmin. Durante visita ao Santuário de Aparecida, quase começou uma discussão com o senador Suplicy durante uma entrevista coletiva com outras autoridades.

Repórter - O senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo, cobrou dos candidatos à presidência respeito nos próximos debates. Suplicy também disse que o programa Bolsa-Família - do governo federal - exige sim contrapartidas, ao contrário do que afirmara o ex-governador de São Paulo.

Nas primeiras semanas do segundo turno, o *JN* ainda repercutia o caso do dossiê e tomava boa parte do telejornal. Entretanto o discurso era mais ameno sem os adjetivos pejorativos e de acusação. Falava-se em crime eleitoral, não em escândalos, tratava aqueles que antes eram chamados de simplesmente petistas, agora de empresários: “o empresário petista Valdebran Padilha voltou a depor hoje, em Cuiabá”; “Gedimar e mais cinco pessoas respondem à **representação que apura se houve crime eleitoral** no caso do dossiê contra políticos”.

Os VTs ainda repetiam imagens das fotos, do material apreendido e do dinheiro, mas corrigiam informações sem comprovações dadas no final de setembro. Afirmavam, por exemplo, que Gedimar Passos não era do PT.

Repórter: Gedimar Passos foi preso em um hotel em São Paulo com parte dos R\$ 1,7 milhão que comprariam o dossiê contra políticos tucanos. Na defesa, os advogados dele argumentam que ele não é, e nunca foi, filiado a nenhum partido político.

Gedimar Passos foi contratado para trabalhar no comitê de reeleição de Lula por Jorge Lorenzetti, ex-chefe do grupo de análise de risco e mídia da campanha do presidente. A missão dele no episódio do dossiê seria analisar e atestar a autenticidade dos documentos.

Mais um exemplo de como diferenciou o tratamento: no dia 26 de outubro, às vésperas do segundo turno, donos de casa de câmbio por onde passou o dinheiro que seria usado na compra do dossiê foram indiciados e a Polícia Federal disse suspeitar que o dinheiro tivesse origem em um *caixa dois* de campanhas do PT. Ao contrário de outras vezes, nem o fato nem a frase da PF foi explorada, nem usada na cabeça e chamadas das matérias - ela esteve diluída na narração do repórter.

Apresentador: A Polícia Federal identificou em Varginha, Minas Gerais, um homem apontado como responsável por levar reais aos emissários do PT que comprariam o dossiê contra políticos.

Repórter: No Rio, foram indiciados os donos da corretora Vicatur. (...) Hoje a polícia conseguiu uma pista importante: num depoimento em Varginha, Minas Gerais, descobriu que um laranja sacou R\$ 250 mil em Pouso Alegre e levou o dinheiro para o hotel Ibis, em São Paulo, onde estavam os emissários do PT prontos para comprar o dossiê.

A polícia acredita que a maior parte dos recursos tenha vindo de caixa dois, dinheiro de campanha do PT, não declarado.

Nas últimas duas semanas antes do segundo turno o telejornal voltou a ser espelhado normalmente com notas ou reportagens de assuntos internacionais, matérias não factuais, e a agenda dos candidatos. Os VTs sobre

política invariavelmente falaram do dossiê, mas eram apenas um ou dois por dia. Sobre eleições, diretamente, só a agenda dos candidatos, comprovando o total equilíbrio no número de matérias, como já foi apontado.

Os VTs sobre a denúncia no caso do dossiê também atingiram o candidato do PSDB. Apareceram novos episódios envolvendo pessoas ligadas ao partido e citavam inclusive o nome do ex-presidente *Fernando Henrique Cardoso*. Esta característica nas abordagens do segundo turno justifica o aumento das valências negativas para Alckmin.

Repórter: O empresário Abel Pereira depôs hoje à Polícia Federal em Cuiabá e disse que a família Vedoin ofereceu a ele um dossiê contra o candidato derrotado ao governo de São Paulo, Aluizio Mercadante, do PT.

Repórter: Abel Pereira é acusado de atuar na **liberação de emendas para a Máfia das Sanguessugas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso**. A acusação contra Abel foi feita pelos chefes do esquema Darci e Luiz Antônio Vedoin, os donos da Planam. Segundo eles, **o empresário atuava nos negócios entre a quadrilha e o Ministério da Saúde, na gestão de Barjas Negri do PSDB, no governo Fernando Henrique**.

Repórter: No depoimento, Abel Pereira negou que tivesse qualquer relação com Barjas Negri em 2002, período em que o tucano ocupou o Ministério da Saúde. Disse que não prestou assessoria para o ministério (20/10).

A Polícia Federal informou hoje que foi uma farsa o depoimento dado por um suposto laranja no escândalo do dossiê. O homem depôs ontem em Varginha, Minas Gerais, e disse que havia transportado R\$ 250 mil para os emissários petistas que comprariam o dossiê.

(...) Foi a secretária-executiva do PSDB de Pouso Alegre, Roseli Pantaleão que, segundo a polícia, levou Luiz Armando para depor. Roseli também está sendo investigada. Hoje se defendeu e disse que foi enganada por Luiz Armando.
"Quando eu liguei para a PF, eu não liguei por motivos políticos, eu liguei para não acobertar um crime" (27/10).

O crescimento das valências positivas para Lula em relação a outros momentos analisados ocorreu porque, o telejornal optou por mostrar o

candidato mais diretamente na campanha, em comícios, corpo-a-corpo, e também em ações positivas do governo. Também deu visibilidade ao seu discurso praticamente todos os dias.

Repórter: À tarde, o presidente Lula participou de uma cerimônia com a presença de catadores de papel e moradores de rua, no Palácio do Planalto.

Repórter: O presidente ouviu a experiência de quem tira do lixo o seu sustento. Recebeu o abraço de representantes dos moradores de rua e se emocionou. Lula ganhou uma miniatura feita de ferro velho. O presidente anunciou linha de crédito para cooperativas de catadores de lixo.

“Em que momento da história um catador de papel pôde usar a tribuna num palácio governamental? O Brasil aos poucos vai sedimentando práticas e exemplos que podem ajudar numa conquista da democracia no mundo. O preconceito não pode ser reciclado. Ele tem que ser exterminado” (25/10).

Repórter: O último comício de Lula foi no Largo São José, periferia de São Paulo. Lula voltou a dizer que, em um segundo mandato, vai dar prioridade aos pobres, à reforma agrária e à geração de empregos. E admitiu que houve erros no governo.

“Humildemente eu reconheço que nós erramos. Mas, humildemente, eu reconheço que com tudo de errado que nós fizemos, esse país melhorou de forma extraordinária se comparado aos oito ou dez anos do governo deles” (26/10).

Repórter: Em Brasília, os militantes chegaram cedo para a festa de aniversário. O presidente Lula caminhou até a calçada do Palácio da Alvorada. Ganhou cesta de produtos agrícolas e muitos abraços. Carregou crianças, posou para fotos, distribuiu autógrafos.

Na hora de soprar as velas, pediu ajuda. Lula afirmou que a eleição não está ganha e revelou que presente espera ganhar.

“Eu ficarei eternamente grato se o povo brasileiro mais uma vez for generoso e me der o seu voto de confiança. Obviamente é um presente, sabe, que eu só posso agradecer a Deus” (27/10).

Alckmin foi mostrado em comícios, encontros e já não aparecia tanto na rua. Nas entrevistas ainda enfatizava promessas e o discurso da não-privatização.

Repórter: O almoço, num clube da Zona Oeste de São Paulo, foi para arrecadar recursos para campanha do PSDB.

Depois, empresários, artistas, políticos e sindicalistas participaram de ato público em defesa da candidatura de Geraldo Alckmin.

Alckmin atacou os adversários que, segundo ele, apostam na divisão do país entre ricos e pobres. O candidato disse que nessa última semana de campanha vai insistir no tema da ética e do combate à corrupção.

“Esse é um dever de todo o brasileiro, é um dever da sociedade brasileira não permitir, não achar que é normal tudo isso. O que leva a corrupção, o crime do colarinho branco, é a impunidade. Saber que não vai dar em nada. Isso é que não pode acontecer” (23/10) .

Repórter: O candidato do PSDB participou de uma reunião com sindicalistas, empresários e trabalhadores do pólo industrial. Disse que pretende investir na área do turismo e segurança das fronteiras e se comprometeu com a manutenção dos incentivos fiscais das indústrias de Manaus. Ele entregou uma carta-compromisso aos empresários.

"Nós vamos manter o incentivo. Porque o pólo industrial de Manaus foi um modelo de sucesso. Ele ajudou a preservar a Floresta Amazônica e abriu uma oportunidade de emprego pra população. São 100 mil empregos diretos que são gerados fora os empregos indiretos. Então, nós temos que preservar a competitividade, a vocação da alta tecnologia para o Amazonas” (26/10).

No dia 18, ele apareceu com uma camiseta exibindo a logomarca de várias empresas estatais.

Alckmin voltou a dizer que não pretende privatizar empresas estatais. E defendeu a privatização feita no governo Fernando Henrique.

Com funcionários do Banco do Brasil colocou camiseta, boné e vestiu agasalho com os símbolos de empresas estatais.

A pesquisa apontou, por meio das valências, que a cobertura na eleição de 2006 teve tendências que variaram ao longo da campanha, desde o destaque nas matérias que contribuíram para a desistência da candidatura de Garotinho, a cobertura crítica do governo Lula, os quinze dias de campanha em torno do “escândalo dossiê” prejudicando a campanha do PT até a virada no

segundo turno com uma cobertura mais amena evitando privilégios e dando voz ao então candidato Lula.

Na opinião de Vianna a desconstrução da imagem do candidato à reeleição no final da campanha para o primeiro turno foi evidente.

(...) manipulação foi lá atrás no debate do Lula com o Collor, aquilo lá foi um dia e foi explícito. Desta vez foi algo muito mais tênue. Desconstrução de uma campanha, mais do que uma construção do Alckmin foi uma desconstrução do Lula, tanto é que aí vem o segundo turno e o Alckmin se desconstrói sozinho.¹¹⁰

A amostra do *JN* confirmou a sutileza da *Rede Globo* no processo. A emissora preparou uma cobertura movimentada, mas se destacou na autopromoção. Procurou uma abordagem quantitativamente equilibrada em nome da “ética e cidadania”, mas nem isso conseguiu como na cobertura das eleições de 2002 . Nesta eleição manteve a unilateralidade em vários momentos - confirmados pela pesquisa. Um candidato presidente fez a diferença e a ânsia por denunciar escândalos e mostrar a crise política provocou o desequilíbrio no discurso.

¹¹⁰ Rodrigo Vianna, em entrevista, São Paulo, 28 de fevereiro de 2007

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão é o meio de comunicação de maior impacto da sociedade. No Brasil ela predomina não só pela capacidade de penetração, mas por ser o veículo que mais recebe investimentos publicitários.

O telejornalismo tem por sua característica o dever de ser um dos programas mais importantes da televisão e o de maior credibilidade. Entretanto nem sempre as posições ideológicas da emissora e a falta de ética no processo de produção permitem que ele cumpra seu papel.

O *Jornal Nacional* é, além do telejornal mais antigo, o mais assistido do país e um dos programas de maior audiência da *Rede Globo*. Mesmo longe dos cerca de 80% de audiência que já teve em final dos anos 80, desde 2001 os índices giram em torno de 40 % na grande São Paulo¹¹¹, mantendo a soberania entre os telejornais brasileiros.

É comum, em todo o território nacional, as pessoas estarem em casa propositadamente no horário das 20h15 só para assistir no *JN* imagens de algum acontecimento que ouviram pelo rádio ou em conversa de rua. E é bem possível que às oito horas da manhã do dia seguinte milhões de pessoas estejam conversando e retransmitindo as versões de fatos apresentadas pelo *Jornal Nacional* do dia anterior.

O “agendamento”¹¹² da sociedade brasileira pela mídia ainda está presente de maneira muito forte em todo o Brasil, e se faz em grande parte pelo

¹¹¹ IBOPE. www.ibope.com.br. Acesso em 8 de mar. de 2007

¹¹² Teoria da *Agenda Setting* ou Agendamento – Teoria que defende que os temas midiáticos agendam a vida das pessoas e se tornam conversa do dia-a-dia. Leia mais em M. Wolf, *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Editorial Presença, 1995 e Hohlfeldt, A. Martino, L. França, V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

telejornal. É possível que em regiões mais desenvolvidas economicamente a penetração do maior telejornal do país esteja perdendo espaço para outros veículos, como a Internet, mas o *Jornal Nacional* está em 99,84% dos municípios brasileiros, por meio das 121 emissoras geradoras e afiliadas da *Rede Globo*, enquanto a Internet atinge pouco mais de 13% dos domicílios brasileiros¹¹³.

A abrangência do *Jornal Nacional*, a capacidade de persuasão do noticiário e a possibilidade de interferência em um processo eleitoral são temas discutidos nesta Tese e a motivação da pesquisa desenvolvida.

Os elementos e características próprias de um telejornal possibilitam ao apresentador ou editor a transmissão de mensagens com o enquadramento e/ou seleção de acordo com o ponto de vista do emissor. Ao selecionar uma *fala* de uma sonora ou entrevista é possível escolher palavras positivas ou negativas, enquadrar um ponto de vista simpático ou antipático e usar dois pesos e duas medidas inserindo o “corte” ideal.

Na pré-produção da matéria, quando é produzida a pauta, o pensamento e orientação da direção podem estar explícitos na cobertura. Em muitos casos, o próprio repórter informa o entrevistado sobre o fato que quer repercutir usando uma carga de intencionalidade nas perguntas, sendo determinante no objetivo de captar uma resposta negativa ou positiva.

A maneira como o texto é lido e as palavras utilizadas – com expressividade, ênfase, etc. – ou no uso de vocábulos com sentidos negativos ou positivos pode ser prejudicial ou desfavorecer fatos ou pessoas das quais esta se falando. Além disso, sabemos que a linguagem corporal do apresentador pode transmitir mensagens nem sempre coerentes com o texto ou com carga opinativa.

¹¹³ Informações nos sites: www.globo.com.br e www.ibge.gov.br

Se em um programa de entretenimento o objetivo é ter audiência, no telejornalismo existem outras demandas além desta: noticiar o inédito e divulgar o que é de interesse público¹¹⁴, por isso, os recursos técnicos da edição também podem selecionar falas, imagens e colocá-las de forma que tal objetivo seja alcançado.

As questões editoriais e os elementos que compõem a linguagem do telejornalismo são inúmeros e mereceriam maior destaque em nossa análise, no entanto os exemplos já citados foram inseridos no estudo durante a “amostra” das eleições de 2002 e 2006.

Os resultados da coleta de dados com valências negativas e positivas mostraram que algumas abordagens foram determinantes na mudança de quadros e nas campanhas eleitorais. Muitas matérias serviram como espaços de denúncias permitindo enquadramentos que contribuíram na negatividade das campanhas e/ou candidatos.

Nas eleições de 2002, por exemplo, o *Jornal Nacional* - ainda no período pré-eleitoral, no mês de março¹¹⁵ - usou palavras que desqualificaram a pré-candidata Roseana Sarney e mostraram insistentemente imagens do dinheiro apreendido no escritório de seu marido, relacionando a candidata às acusações de desvio sem a devida comprovação, fazendo julgamento antecipado. Depois que o partido desistiu oficialmente de lançar candidato próprio ao pleito, o caso praticamente desapareceu do noticiário.

No período anterior a entrada do Horário Eleitoral, em 2002, o noticiário usava matérias de economia com entrevistados e sonoras que enfatizavam

¹¹⁴ Estes são também alguns dos objetivos do *JN*, como afirmou William Bonner em entrevista aos alunos da UEL no dia 05 de abril de 2004 na redação do telejornal na *Rede Globo*.

¹¹⁵ Embora não tenhamos estudado especificamente o conteúdo do *JN* neste mês, acompanhamos o telejornal e estudos sobre o assunto.

o perigo da oposição para a desestabilidade econômica do país, levando o telespectador ao medo. O conteúdo dos textos e das entrevistas era opinativo, mesmo que de forma perspicaz. Insinuavam que a candidatura Lula fazia aumentar o *risco Brasil* e o País “poderia virar uma Argentina ou Venezuela”. Em 2006, o medo da mudança na economia foi substituído pelo “golpe e corrupção”.

Apesar de empregar tempos iguais nas matérias da agenda dos candidatos e levar a mesma pauta para as perguntas das entrevistas, em 2002, a ênfase foi para os dois principais candidatos: José Serra, indicado explicitamente por ministros como o melhor candidato; e Lula candidato associado à desestabilidade. Houve então uma surpresa: as cenas que enquadravam o candidato Serra, “sério” e representante da situação e as que mostravam um candidato oposicionista perigoso, também exibiam o candidato do Ciro Gomes forte, de discurso objetivo e opiniões contundentes e com grande visibilidade em meio à população.

O período coincidiu com o crescimento do candidato do PPS nas pesquisas e a possibilidade de um segundo turno sem o candidato do governo. Começaram a parecer em média três reportagens por dia com insinuações e denúncias. Uma série de matérias, seleções de respostas infelizes, ênfase na truculência e outros problemas do candidato em episódios levantados pela mídia.

O desfecho da cobertura da campanha de Ciro neste momento acompanhou o, já citado, caso de Roseana Sarney. No final do primeiro turno quando o candidato estagnou em quarto lugar, as denúncias pararam de aparecer no noticiário.

As matérias negativas e de uso do medo contra o candidato do PT também silenciaram, ficando para o final do primeiro turno e segundo turno a

manutenção de agendas. Apesar de ainda se destacarem matérias negativas para o candidato opositor, a estratégia do medo foi atenuada no segundo turno.

Na eleição de 2006, com uma cobertura menor do *JN*, foram usados os mesmos elementos de 2002 - só mudaram alguns atores políticos: no lugar de Roseana foi Garotinho e a desconstrução de uma possível candidatura no PMDB, antes das convenções, conforme o grupo aliado do governo queria. O *JN* passou a inserir diariamente reportagens de acusações, baseadas em suposições contra o pré-candidato do PMDB e sua esposa a ex-governadora do Rio de Janeiro Rosinha Matheus. Anthony Garotinho reagiu com uma greve de fome, estratégia, citada várias vezes, com deboche pelo noticiário. Da mesma forma que em 2002, quando o PMDB desistiu da candidatura própria, cessaram as matérias.

Com as candidaturas definidas a candidata Heloísa Helena foi apresentada com imagens positivas, sempre simpática e com uma seleção de falas contundentes contra o governo e o PSDB. Subiu nas pesquisas e chegou a ameaçar o candidato José Serra, segundo colocado, mas se mantivesse a mesma visibilidade que construiu sua imagem, em mais um mês poderia ser uma alternativa na disputa com o candidato à reeleição.

Mas em pouco tempo, Heloísa Helena começou perder espaço. Não apareceram denúncias, como aconteceu com Ciro Gomes em 2002, mas a simpatia da candidata e a credibilidade foram *danificadas* na única entrevista de estúdio apresentada no *JN*. A contundência dos apresentadores e a ênfase de que o programa de partido, não representa o programa de governo aliada a postura autoritária da candidata apresentada no noticiário, contribuíram para a queda e a manutenção de um terceiro lugar até o final do primeiro turno.

Faltando duas semanas para o primeiro turno, o *JN* explicitamente usou de vários recursos para atingir a campanha petista. Vianna¹¹⁶ afirmou que profissionais na redação da *Globo* em São Paulo não viam tamanha interferência em pautas e edições desde a ditadura militar e que a cobertura do *caso do dossiê* foi ainda pior que a interferência nas eleições de 1982 para o governo do Rio de Janeiro e 1989 para presidência.

Ao longo da análise de conteúdo do *Jornal Nacional*, nosso objeto de estudo, já demonstramos como os quesitos persuasão, destaque negativo, palavras pejorativas e imagens foram usadas contundentemente e conseguiram modificar uma situação em duas semanas.

Para quem fez a leitura de um simples espectador ficou a certeza de não entender o “caso dossiê”, mas de compreender que o presidente Lula estava envolvido em uma “sujeira” e não merecia credibilidade. A chefia do *JN* deixava transparecer toda sua expectativa em levar a eleição para o segundo turno para dissolver a força do presidente e mostrar o quanto o grau de dependência entre mídia e poder político ainda é grande. Esta afirmação pode ser confirmada na análise dia-a-dia do final do primeiro turno.

Na cobertura do segundo turno, o mesmo telejornal que chegou a dedicar mais de 80% do telejornal para o “caso” com palavras de acusação, reportagens denegrindo pessoas e a imagem do presidente, já não dava muito espaço e mudava totalmente o discurso na primeira semana de campanha, e a cobertura no segundo turno tornou-se rotineira com a negatividade se virando para o candidato do PSDB Geraldo Alckmin.

¹¹⁶ Rodrigo Vianna, em entrevista à autora. São Paulo, 28 de fevereiro de 2007

Quais seriam as razões para que a *Rede Globo* mudasse de postura em tão pouco tempo, contribuindo para a eleição de Lula em uma vitória tão expressiva no segundo turno, abocanhando votos de candidatos derrotados no primeiro turno e do próprio Alckmin, que teve menos votos que no primeiro turno? A resposta parece ser evidente quando se comprovou que no primeiro turno não houve um diálogo direto do presidente com a família Marinho, mas sim por meio da ministra Dilma, e que logo na primeira semana do segundo turno foi marcado um encontro entre o presidente Lula e o superintendente da *Rede Globo* João Roberto Marinho.

A forma como se exhibe as notícias pelo *Jornal Nacional*, maior telejornal da rede e de maior audiência do país, é um termômetro de como estão as relações entre mídia e governo no jornalismo brasileiro.

Os dados coletados na pesquisa indicam que a *Rede Globo*, por meio do *Jornal Nacional*, ainda mantém a mesma tendência unilateral em suas coberturas como fez em outros momentos políticos, desde o início de sua trajetória.

A pesquisa vem confirmar nas eleições de 2002 e 2006 o comportamento tendencioso da *Rede Globo* - já estudado por pesquisadores¹¹⁷ desde o fim da ditadura militar e em momentos políticos fortes, sobretudo eleitorais. Tal comportamento ainda privilegia e prejudica candidatos.

O equilíbrio na cobertura do *JN* apontado por Bucci¹¹⁸ na eleição de 2002 não redimiu a *Rede Globo*, e a análise dos dados i apresentada mostrou que ela continua impondo seu próprio poder e mais uma vez não foi isenta, nem nas eleições de 2002 e com mais evidência nas eleições de 2006.

¹¹⁷ Destacamos aqui Venício de Lima, Eugênio Bucci, Albino Rubim, Mauro Porto e César Bolanõ.

¹¹⁸ Bucci, em entrevista à autora, Londrina, março de 2006

Esperamos que a presente pesquisa contribua para o prosseguimento do trabalho de outros pesquisadores e dê suporte para que outros estudos e interpretações ainda possam ser realizados .

REFERÊNCIAS

A OPOSIÇÃO Na Hora de Falar. **Veja**, São Paulo: Abril, n. 319, 16 de out. de 1974. p.20-27.

ALMEIDA, Jorge. **Lula, Serra e a Disputa pelo Discurso da "Mudança" em 2002**. In: GT de Comunicação e Política do Encontro Anual da Compós, Recife, 2003.

_____. Serra e a mudança: um discurso fora do lugar de fala. In: RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

ALDÉ, Alessandra. **As eleições Presidenciais de 2002 nos Jornais**. In: III Encontro Internacional de Estudos de Mídia e Eleições. Salvador: FACOM/UFBA, 2002.

_____. As eleições Presidenciais de 2002 nos Jornais. In: RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

AMORIM, Paulo H. e PASSOS, Maria Helena. **Plim Plim: A Peleja de Brizola Contra a Fraude Eleitoral**. São Paulo: Conrad, 2005.

_____. Os 35 anos do Jornal Nacional. Disponível em < www.blogdo-paulohenrique.zip.neto > Acesso 31/08/2005

BERGAMO, Mônica. Lily e Roberto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 nov. 2004, Ilustrada, E2.

_____. **É a Vida**. Coluna Mônica Bergamo, *Folha de S. Paulo*, 19 de agosto de 2006.

BOLAÑO, César. Mercado Brasileiro de Televisão, 40 anos depois in: BOLAÑO, César R. S. e BRITTOS, Valério C. (orgs). **Rede Globo: 40 anos de poder e Hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BONNER E FÁTIMA: 31 Milhões de Espectadores. **Veja**, nº 1869. 1º de setembro de 2004.

BORGERTH, Luiz Eduardo. **Quem e Como fizemos a TV Globo**, São Paulo: Girafa, 2003.

BRENER, Jayme, COSTA Sylvio. **Dossiê das Concessões de TV**. Correio Brasiliense, Brasília: 1997. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mat2008d.htm>> acesso em 13.01.06.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. A metapublicidade e Roseana Sarney. **Folha de S. Paulo**, *TV Folha*, São Paulo, 18 nov. 2001.

_____. A Noite de Núpcias. **Folha de S. Paulo**: São Paulo, 03 de novembro de 2002, Ilustrada.

_____. KEHL, Maria R. **A Crítica de Televisão** in Videologias: São Paulo: Boitempo, 2004.

CABRAL, Luis Carlos. Rede de Intrigas. **O Nacional**, Rio de Janeiro, 26 nov.1986.

CAPPARELLI, Sérgio e LIMA, Venício A. **Comunicação e Televisão**: desafios da pós – globalização. São Paulo: Hacker, 2004.

CARVALHO, Elizabeth e outros. **Anos 70: Televisão**. Rio de Janeiro: Europa, 1979/1980.

CARVALHO, Rejane V. A. Como se faz e desfaz um “fenômeno eleitoral”. In RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

CHAIA, Vera. O medo como estratégia política. In RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

CIMINO, James. O Campeão da Notícia. **Agora SP**. São Paulo, 1º de setembro de 2004.

COLLING, Leandro. RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Cobertura Jornalística e Eleições Presidenciais de 2006 no Brasil**. In: ALAIC- 2006.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto: A Imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTA, Osmani F. **Rádio e Política**. Londrina: EDUEL, 2005.

DINES, Alberto. **Novas Cantinelas sobre a Mídia**. Disponível no site: <www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405jdb002> em 17/10/2006. Acesso em 25/01/2007.

FERNANDES, Hélio. **O Escândalo da Proconsult em 1982**. Tribuna da Imprensa Política. RJ. 08 ,dez. 2004. Disponível em www.tribuna.inf.br/anteriores. Acessado em 28/ 10/2005.

GARIMPO de audiência. **Veja**. São Paulo: Abril - televisão. 3 de jul.1991

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINDRE, Gustavo. **Discurso Nacionalista, Negócios Nem Tanto**. Disponível em <www.consciência.net/citaçoesmarinho>. Acesso em 30/03/2006

GUAZINA, Liziane. “Responsabilidade Social”: Nome Novo Para o Velho Oficialismo do “Jornal Nacional”. In: LIMA, Venício de. **Mídia , Crise Política e Poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

HERZ, Daniel. **A Historia Secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Ortiz, 1991.14ª edição.

IANNI, Octávio. *O Príncipe Eletrônico*. In **Enigmas da Modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JORNAL NACIONAL: A Notícia Faz História. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

KEHL, Maria Rita. Um Só Povo, Uma Só Cabeça, Uma Só Nação. In: **Anos 70: Televisão**. Rio de Janeiro: Europa, 1979/1980.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das Câmeras: Relação entre Cultura, Estado e Televisão**. São Paulo: Summus, 1988.

_____. Palanques Eletrônicos. **Revista Educação**. São Paulo: Segmento nº 64, ago., 2002.

_____. O legado do Poder. **Jornal do Brasil**. RJ, 10 de ago., 2003. Disponível em:
< www.observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp1208200392 >
Acesso em 22/11/05.

_____. Quarenta Anos Depois a TV Brasileira Ainda Guarda as Marcas da Ditadura. In: **Televisão. Revista USP**. São Paulo: USP, nº 61, mar. / mai. 2004.

LIMA, Venício A. **Globo e Política** : Tudo a Ver in: BOLAÑO, César.R. S. e BRITTOS, Valério. C. (orgs). **Rede Globo**: 40 anos de poder e Hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Mídia Crise Política e Poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2006.

_____. **Mídia Partidária e Interesse Público**. Disponível no site:
www.observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405jdb002 em 17/10/2006. Acesso em 24/01/2007.

_____. **A Mídia Está em Discussão**. Disponível no site:
www.observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405jdb003 em 30/10/2006a. Acesso em 24/01/2007.

LOPES, Genésio. **O super Poder – O Raio X da Rede Globo**. São Paulo: IBRASA, 2001.

LOPES, Vera de O.N. *A Lei da Selva*. In. BUCCI, Eugênio (org). **A TV Aos 50 – Criticando a TV Brasileira no seu Cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MACHADO, Romero da Costa. **Collor e Roberto Marinho**. Disponível em:
fazendomedia.com/Globo40/romero18htm. Acesso em 01/03/2006.

MAÍLSON DA NÓBREGA. **Revista Playboy**. São Paulo: Abril nº 284, mar. 1999.

MIGUEL, Luis Felipe. A Descoberta da Política. A Campanha de 2002 na Rede Globo. In: RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

MORAIS, Fernando. **Chatô o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Sônia Virgínia. A Legislação dos Meios Eletrônicos Nos Estados Unidos e Brasil. In **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Editora IMS, 1996.

MORTUORI, Carla. **O Que de Fato era a Caravana JN?** Um olhar sobre a estética de Produção. Disponível em www.pucsp.br/nemp/eleicoes-2006. Acesso em 25 de outubro de 2006.

NOVIS, Carlos Henrique. Simonsen: Um Império que Foi Pelos Ares. In: MOYA, Álvaro. **Gloria in Excelsior**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

O ESPETÁCULO do voto. **Veja**, São Paulo: Abril, 17 de nov.1982.

OLIVEIRA, Michele. Nanicos Ganham Segundos de Fama no Jornal Nacional. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 6 de agosto de 2006, p.A10.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1994, 5ª edição.

PORTO, Mauro. As Eleições Municipais em São Paulo. In **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Scritta, 1994

_____. A Televisão e o Primeiro Turno das Eleições Presidências de 2002: Análise do Jornal Nacional e do Horário Eleitoral. In: RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil**. São Paulo: Hacker, 2004.

RAMOS, Murilo Cesar. LIMA, Venício Artur de. Televisão no Brasil - Desinformação e Democracia. In: FLEISCHER, David (Org.) **Da Distensão à Abertura Política: as Eleições de 1982**, Brasília: UNB, 1988.

_____. A Força de Um Aparelho Privado de Hegemonia. In BOLAÑO, César.R.S. e BRITTOS, Valério Cruz (orgs). **Rede Globo: 40 anos de Poder e Hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

ROBERTO MARINHO o Comunicador do Século. **Isto É**. São Paulo: Três, Especial 8 - O Brasileiro do Século, 1992,

RUBIM, Antonio Albino Canelas. "**Media, Política e Eleições Brasileiras de 1989 e 1994**". In: III Reunião Anual da COMPÓS. Campinas, Unicamp, 1994. Disponível em www.facom.ufba.br/sentido/albino acesso em 04 mar. 2006.

_____. **Veja e a Construção do CRP nas Eleições Presidenciais de 1998**. COMPÓS. Belo Horizonte: jun. 1999. Disponível em www.facom.ufba.br/sentido/albino. Acesso em 04 mar. 2006.

SÁ, Nelson de. Outra História. **Folha de S. Paulo**, São Paulo: 16, mar.1994.

SASAKI, Daniel Leb. **Pouso Forçado**. São Paulo: Record, 2006.

SCOLESE, Eduardo. NOSSA, Leonencio. **Viagens com o Presidente – Dois Repórteres no Encalço de Lula do Planalto ao exterior**. São Paulo: Record, 2005.

SEM PREJUÍZOS. **Veja**, São Paulo: Abril, n. 324, 20 de nov. de 1974

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Televisão e Política na Virada do Século. In **Televisão. Revista USP**. São Paulo: n.61. Mar., abr., mai., 2004.

SILVA, Fernando de Barros e. Caravana JN Leva Circo para Dentro da TV. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 6 de agosto de 2006, p. A10

SILVA. Gonçalo, Jr. **País da TV – A História da Televisão Brasileira**. São Paulo: Conrad, 2001.

SIMÕES, Inimá. Nunca Fui Santa. In: BUCCI, Eugênio (org). **A TV Aos 50 – Criticando a TV Brasileira no seu Cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOUZA, Cláudio Mello e. **15 Anos de História**. Rio de Janeiro: TV *Globo*. 1984.

VITÓRIA da Notícia – aos Quinze anos o Jornal Nacional é o programa mais visto do país. **Veja** nº 845. São Paulo: 5, de setembro, 1984, p.54.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LIVROS

BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre Televisão**; tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTRO, Celso. D' ARAÚJO, Maria Celina (orgs). **Militares e Política na Nova República**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CHACON, Valmireh. **História Institucional do Senado do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1997.

CHAIA, Vera. CHAIA, Miguel. (orgs). **Mídia e Política**. Cadernos do Neamp. São Paulo: Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC, 2000.

CHAIA, Vera. **Jornalismo e Política. Escândalos e Relações de Poder na Câmara Municipal de São Paulo**. São Paulo:Hacker, 2004.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4ed. São Paulo: ATLAS, 1995

GOMES. Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2003.

HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera V. (org.) **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

IMMACOLATA, Maria V. de L. **Pesquisa em Comunicação**. 7º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. **A Síndrome da Antena Parabólica**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando, CARNEIRO, José Alan Dias e RAMOS, Plínio de Abreu (orgs.). **A Imprensa Faz e Desfaz um Presidente**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV Sob Controle – A Resposta da Sociedade ao Poder da televisão**. São Paulo: Summus, 2006.

LIMA, Fernando Barbosa. **Televisão e Vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MATTOS, Heloisa (org.). **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Scritta, 1994.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2ª. Edição, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Rubim, Antonio Albino Canelas (org.). **Mídia e eleições de 1998** Salvador: FACOM/UFBA, 2000

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

PERIÓDICOS E ARTIGOS

CABRAL, Otavio. SOARES, Lucila. A Encruzilhada. **Veja**, editora Abril, 1981, 08 de novembro de 2006.

CALDAS, Graça, GONÇALVES, Elisabeth Moraes, RUBBO, Daniela, SABBATINI, Juliana Nogueira e CAU, Idelazir Aparecida Souza. **O Discurso Político na Mídia: Eleições Presidenciais no Brasil em 2002**. In: Núcleo de Jornalismo do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 2 a 7 de setembro, 2003.

CARNEIRO, Marcelo. FRANÇA, Ronaldo. LIMA, Maurício. A Luta Para Ser o Anti-Lula. **Veja**, Abril, edição 1 760, 17 de julho de 2002.

DIAS, Maurício. A Tarefa ou Missão? **Carta Capital**, São Paulo, nº 417, 1º de novembro de 2006.

_____. O Fator HH Muda o Cenário Eleitoral. **Carta Capital**, São Paulo, nº 402, 19 de julho de 2006.

DUAILIBI, Julia. Ela Pode Decidir a Eleição. **Veja**, editora Abril, edição 1969, 16 de agosto 2006

_____. PICCININ, Renato. Tensão e Dinheiro na Chegada. **Veja**, Abril, 1976, 4 de outubro de 2006

EVELIN, Guilherme. FRIEDLANGER, David. LOYOLA, Leandro. Enfim, o Anti-Lula. **Época**, Globo, nº 409, 20 de março de 2006.

FERNANDES, Bob. LÍRIO, Sérgio. Óleo na Máquina. **Carta Capital**, São Paulo, nº 210, 9 de outubro de 2002.

JUNIOR, Policarpo. LIMA, Maurício. OLTRAMARI, Alexandre. A Candidata que virou pó. **Veja**, editora Abril, 1747, 17 de abril de 2002.

_____. As Pedreiras de Ciro. **Veja**, editora Abril, 1763, 7 de agosto de 2002.

LIMA, João Gabriel de. OYAMA, Thaís. A Rota de Lula para o Poder. **Veja**, editora Abril, 1772, 9 de outubro de 2002.

MIGUEL, Luis. Felipe. Mídia e Manipulação Política no Brasil – a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998. **Comunicação & Política**: Rio de Janeiro, 1999.

OYAMA, Thaís. **Eleições 2002: Vinte Anos na Oposição**. Veja, editora Abril, 1775, 30 de outubro de 2002.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Os Fatos Ocultos. **Carta Capital**. São Paulo:18 de out.2006.

PORTO, Mauro Pereira. Telenovelas e Política: o CR-P da Eleição Presidencial de 1994. **Comunicação & Política**. Rio de Janeiro, Nova Série, Volume I, Número 3. 1995.

RELAÇÕES ENTRE MÍDIA E POLÍTICA. **Cadernos do Ceam**: Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Brasília: UNB, nº 6, 2001.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. De Fernando a Fernando II: Caleidoscópio mediático-eleitoral 1994. **Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, nº 33. 1995.

_____. COLLING, Leandro. Mídia e Eleições Presidenciais no Brasil Pós-Ditadura. **Comunicação & Política**, Nova série, Volume 22, Número 3, set-dez. 2004.

VENCESLAU, Pedro. Lula, o Namoradinho da Mídia. **Revista Imprensa**, São Paulo, nº 177, 2002.

DISSERTAÇÕES E TESES

ALMEIDA, Edenilson de. **A Notícia Nacional**: Como o Jornal Nacional decide o que o telespectador assiste em casa. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (dissertação de mestrado). 2001.

ALMEIDA, Valéria Paz de. **Nas redes dos telejornais**: o Tecido Discursivo e a Formação de Memória Social. São Paulo, USP (tese de doutorado), 2006.

AGUIAR, Carli B. **Eleições 89**: A Razão e a Sedução das Elites. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (tese de doutorado). 1993.

ARRUDA, Lilian Rose. **O vôo das notícias**: o Jornal Nacional e as eleições 94. São Paulo, Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995. (dissertação de mestrado)

PORTO, Mauro P. A crise de confiança na política e suas instituições: os mídia e a legitimidade da democracia. In: Marcello Barquero. (Org.). **Condicionantes da Consolidação Democrática**: Ética, Mídia e Cultura Política. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996, v. , p. 41-64.

_____. **Enquadramentos da mídia e política**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2002, Salvador, 2002.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **A Linguagem Oral no Telejornalismo brasileiro**, São Paulo: USP (tese de doutorado), 2002.

SOUSA JUNIOR, Walter de. **O Jornal das Oito**: Noticiário e Melodrama do Jornal Nacional. São Paulo: USP (dissertação de mestrado). 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Notícias e serviços**: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. São Bernardo do Campo: UMESP (tese de doutorado). 2001.

ANEXOS

Anexo A _ Modelo de Ficha de Acompanhamento diário doTelejornal

1º Período – Pré-convenção
22 telejornais
Abril

1- Data: 23.04.2002 – quinta feira

Fita:1

candidato	Nº Mat.	Tempo	Formato das matérias				Enquadram.		Valência		
			VT	sonora	NV	NC	Notic	Interp.	Posit.	Negat	Neut.
Ciro -PPS	2	1m				X	X				X x
Garotinho-PSB	2	1m				X	X				X x
Lula - PT	2	1m				X	X				X x
Serra - PSDB	2	1m				X	X				X x
Enéas PRONA	1	1m				X	X				x

Obs.
Matéria na câmara dos deputados sobre a CPMF
Matéria de eleição aos 31 minutos do JN, durou 2m e 40s e foi só sobre pesquisas da Vox Populis e Ibope

2-Data:25 / 04 quinta feira

Fita:2

candidato	Nº Mat	Tempo	Formato das matérias				Enquadram.		Valência		
			VT	sonora	NV	NC	Notic	Interp.	Posit.	Negat	Neut.
Ciro -PPS	1	2m				x					x
Garotinho-PSB	1	2m				x				x	
Lula - PT	1	2m				x			x		
Serra - PSDB	1	2m				x					x

Obs.
A nota coberta apresentou uma matéria sobre os principais candidatos e fez questão de evidenciar o apoio do PFL a José Serra. O apoio foi citado duas vezes.
A matéria foi considerada negativa para Garotinho porque mostrou o apoio de Maluf, além disso o candidato não teve visibilidade como os outros. A imagem dele não aparece.
Visibilidade de Serra e Lula e Ciro, porém positiva para Lula que aparece abraçando as pessoas, ao contrário dos outros. A imagem reforça a relação da pessoa com o telespectador, ela se sente mais próxima. A imagem de Lula abraçando as pessoas reforça a simpatia da pessoa e demonstra como o candidato é amistoso.

3º Período - Entrada do Horário Eleitoral Gratuito na TV. até o final do primeiro turno
34 telejornais
Agosto

1- Data: 18.08.2006 – sexta feira

Candidato	Nº de mat	Tempo	Formato das matérias				Valência		
			VT	sonora	NV	NC	Posit.	Negat	Neut.
Alckmin- PSDB	1	41		14s			x		
Cristovan B. PDT	1	39	X	17s			x		
H.Helena -PSOL	1	39	X	14s			x		
José M. Eymael PSDC									
Lula – PT	2	46s + 39	X	16s			x	x	
Luciano Bivar PSL									

TSE impõe multa para Lula por propaganda irregular em um jornal de 2005 contra o PSDB .
 Negativa para ele. Heloisa Helena é mostrada abraçando num gesto bem popular, recebendo flores em carreta e é usada a frase “corpo a corpo ‘ com eleitores, mas em um tom simpático.
 Positiva para Lula sobre o trabalho e Alckmin sobre a redução das armas.

2- Data: 21.08.2006 – segunda feira

candidato	Nº de mat	Tempo	Formato das matérias				Valência		
			VT	sonora	NV	NC	Posit.	Negat	Neut.
Alckmin- PSDB	1	36	X	13				x	
Cristovan B. PDT	1	1m43	x	18s					x
H.Helena -PSOL	1	1m43	X	13s				x	
José M. Eymael PSDC									
Lula – PT	2	42 + 1m 58	X					x	x
Luciano Bivar PSL									

O repórter Tônico Ferreira disse que Alckmin esteve no Brás e disse que vai combater a informalidade. Combater é forte. O candidato disse que, se eleito, vai combater a informalidade. A economia que não recolhe impostos e que não cria emprego com carteira assinada. “Como é que você diminui a informalidade? O Brasil crescendo, reduzindo carga tributária, essas alíquotas altíssimas. Simplificando, desburocratizando e apoiando o pequeno, o micro e pequeno empresário. É isso que nós vamos fazer” . ficou negativista sem contar que Alckmin continua usando palavras vazias como apoiar.. O repórter chamou a “fala de Heloisa como “protecionista para a agricultura ”Os outros candidatos não aparecem. Lula pareceu de demagogo demais. Matéria da caravana falou das estradas no dia anterior e hoje do desemprego. Negativa para Lula. “Emprego, trabalho”, Morador. Negativa para Lula é como se ele tivesse criado esses problemas as estradas e a falta de emprego “ beneficia a classe pobre salário, nos não somos de esmola somos emprego _ uma alusão aos programas sociais do governo?

Anexo B - Vídeo - seleção de “falas” do telejornal